

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

José Ferreira Filho

**Redescobrimo “Gonzaga Duque” por meio de sua produção escrita:  
edição de cartas pessoais e descrição de traços paleográficos.**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

José Ferreira Filho

**Redescobrimo “Gonzaga Duque” por meio de sua produção escrita:  
edição de cartas pessoais e descrição de traços paleográficos.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva. Linha de Pesquisa: 1A - Estudo da Variação e Mudança Linguística. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Cristina de Brito Rumeu.

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2023

F383r      Ferreira Filho, José.  
Redescobrimo "Gonzaga Duque" por meio de sua produção escrita [manuscrito] : edição de cartas pessoais e descrição de traços paleográficos / José Ferreira Filho. – 2023.  
1 recurso online (201 f. : fot., tab., color., p&b.) : pdf.

Orientadora: Márcia Cristina de Brito Rumeu.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 199-200.  
Anexo: f. 201.  
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Duque, Gonzaga, 1863-1911. – Correspondência – Teses. 2. Cartas brasileiras – História e crítica – Teses. 3. Linguística histórica – Teses. 4. Paleografia brasileira – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Língua portuguesa – Brasil – História – Teses. I. Rumeu, Márcia Cristina de Brito. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.17



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**Redescobrimo “Gonzaga Duque” por meio de sua produção escrita: edição de cartas pessoais e descrição de traços paleográficos**

**JOSÉ FERREIRA FILHO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 15 de maio de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Marcia Cristina de Brito Rumeu - Orientadora

UFMG

Prof(a). Leonardo Lennertz Marcotulio

Universidade de Aveiro

Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra

UFMG

Belo Horizonte, 15 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Cristina de Brito Rumeu, Professora do Magistério Superior**, em 15/05/2023, às 16:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Candida Trindade Costa de Seabra, Professora do Magistério Superior**, em 15/05/2023, às 22:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Lennertz Marcotulio, Usuário Externo**, em 16/05/2023, às 09:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2203431** e o código CRC **08749B4D**.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, uno e trino, por ser a razão do meu existir e a quem me faltam palavras para definir, mas o bater forte de meu coração, ao tentar procurá-las, já diz tudo.

A Nossa Senhora de Lourdes, título mariano em que tenho grande devoção, que está sempre me acompanhando com proteção maternal.

À minha família, por me incentivar sempre a estudar cada vez mais. Agradeço por ter entendido a minha ausência em momentos preciosos e compreendido que (foi) é para um bem maior! Também agradeço as orações e o companheirismo em todos os momentos, principalmente naqueles em que me vi sem saída, sem forças.

Aos meus amigos Wagner Pizani, Solange Schreps, Paola Coelho, Nayara Matosinhos, Lucas Silva, Daniel Corrêa (Congonhas-MG), Wemerson Borges, Suelen, Maria Aparecida Reis (Mariana-MG), Dieime Almeida (Ressaquinha-MG), Gláucia P. Alves (Rio de Janeiro-RJ - colega de curso no mestrado), Matheus Toledo (Matipó-MG) por me ouvirem e permitirem que expusesse, por meios de palavras, as minhas ansiedades, a falta de compreensão, o medo, a insegurança. Vocês, meus amigos, me deram muitas forças neste caminhar. Que Deus abençoe vocês e possa retribuir-lhes com muitas graças!

Ao Professor Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral pelo incentivo, companheirismo em apresentação de trabalho e escrita de artigos.

À Professora Dra Márcia Cristina de Brito Rumeu, pelo companheirismo na orientação, por me mostrar que certas atitudes, escolhas, no fazer científico, dependem também de certa dose maturidade acadêmica. Muito obrigado por me propor um desafio muito diferente daquilo que já fazia parte de meus interesses na investigação linguística.

À Dra Suelen Cristina da Silva, em especial, pelo companheirismo na vida acadêmica. Desejo que, juntos, possamos nos enveredar pelos caminhos mais profundos da Linguística.

A toda equipe da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo trabalho em conjunto que vocês têm feito para oferecer à sociedade ensino, extensão e pesquisa de qualidade e, principalmente, durante o período pandêmico do Covid-19.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), por ter me proporcionado uma bolsa de mestrado, principalmente por ter sido em um momento em que os investimentos em Educação estavam tendo cortes frequentes. Espero que eu tenha sido um bolsista que atendeu às suas expectativas e não a tenha decepcionado!

À Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro-RJ) por contribuir com esta pesquisa permitindo-nos o acesso à imagens (fac-símiles) das cartas aqui editadas. Nós, linguistas-pesquisadores, sabemos que o trabalho com fontes históricas de outras épocas apenas é possível porque há o interesse e zelo de instituições como o da Fundação em resguardar documentos escritos que nos ajudam a conhecer nossa própria história, nossa identidade e, especial, nossa língua. Muito obrigado!

“Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
todo o sentido da vida  
principia à vossa porta”.

Cecília Meireles

FERREIRA FILHO, José. *Redescobrimo “Gonzaga Duque” por meio de sua produção escrita: edição de cartas pessoais e descrição de traços paleográficos*. 2023. 204 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

### RESUMO

Nesta Dissertação, trazemos à cena o redator “Luiz Gonzaga Duque Estrada”, que para além das suas atividades como crítico de arte, literato, jornalista e escritor, circulou pela Corte do Rio de Janeiro e por Portugal, deixando registradas, em suas correspondências, as suas impressões humanas mais íntimas, ao dialogar com noiva/esposa, familiares e amigos. Ao editarmos as suas cartas pessoais, foi possível não só descortinarmos a intimidade das relações sociais através das suas cartas de amor, familiares e de amizade, produzidas entre fins do século XIX e início do século XX, mas também vislumbrarmos aspectos linguísticos e paleográficos que singularizam a sua produção textual. Apresentamos vinte e seis cartas pessoais de Gonzaga Duque através de uma edição fac-similar e semidiplomática, conforme Spina (1977), Faria & Pericão (2008). A partir dessa edição, voltamo-nos especificamente à descrição de traços paleográficos da escrita do redator, tais como a *morfologia das letras*, o *ângulo*, o *ductus*, o *módulo* e o *peso* do traçado com base nas orientações de Núñez Contreras (1998). Conduzimo-nos pelos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística histórica com o intuito principal de apresentar as cartas oitocentistas e novecentistas de Gonzaga Duque à comunidade acadêmica à luz das questões da *autoria*, *autenticidade* e *validade social e histórica* de fontes manuscritas do português brasileiro (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012), conforme Rumeu *et alii* (2019), Lima, Marcotulio & Rumeu (2019). A descrição da *morfologia das letras* permite-nos identificar grafemas cujas formas são alógrafas, particularizando o traçado da escrita de Gonzaga Duque. Em termos linguísticos, identificamos aspectos morfossintáticos do vernáculo do português brasileiro tais como a convivência das formas pronominais *tu* e *você* (RUMEU, 2013) e o *futuro perifrástico* (OLIVEIRA, 2006). Em síntese, comprovamos, a partir da análise dos traços paleográficos analisados, que as cartas de Gonzaga Duque são fontes autógrafas do português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX, o que seguramente pode conferir confiabilidade às futuras análises linguísticas.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Histórica; Traços paleográficos; Cartas oitocentistas e novecentistas; Português Brasileiro; Gonzaga Duque.

FERREIRA FILHO, José. *Rediscovering “Gonzaga Duque” through his written production: editing personal letters and describing paleographic traces*. 2023. 204 fls. Dissertation (Master in Linguistic Studies) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

### ABSTRACT

In this Dissertation, we bring at scene the writer “Luiz Gonzaga Duque Estrada” besides his activity as art critical, literate, journalism and writer, walked in Corte of the Rio de Janeiro and Portugal, registering, in your correspondences, your more human impressions, when he dialogue with fiancée/wife, relatives and friends. When we edit your personal letters, not only we reveal the intimate of social relations thought of his love, family and friendship letters, produced between finishes of the 19th century and beginning of the 20th, but also we glimpse paleographic and linguistics features which singularize his textual production. We present twenty-six personal letters from Gonzaga Duque through of a semi-diplomatic and fac-similar edition, according to Spina (1977), Faria & Pericão (2008). From this edition, we turned specifically to description of paleographic traces, such as, morphology of the letters, *angle*, *ductus*, *module* and *weight* of the layout based in the orientations of Núñez Contreras (1998). We guided for theoretical and methodological assumptions of historical sociolinguistics with main goal of present the of Gonzaga Duque’ 19th and 20th century letters academic community in the light of the questions de *authorship*, *authenticity*, *social and historical validity* the manuscript sources of the Brazilian Portuguese (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012), according to Rumeu *et alii* (2019), Lima, Marcotulio & Rumeu (2019). The description of the morphology of the letters allow us identify graphemes whose forms are allographics, particularizing Gonzaga Duque’s writing. In linguistics terms, we identify morphosyntactic aspects of the vernacular of the Brazilian Portugueses such as the coexistence of the pronominal forms *tu* and *você* (RUMEU, 2013) and *periphrastic future* (OLIVEIRA, 2006). In synthesis, we proved from analysis of the analyzed paleographic traces, that the Gonzaga Duque’ letters are autograph sources of the Brazilian Portuguese write in 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centures, which can surely lend reliability to future linguistic analyses.

**Keywords:** Historical Sociolinguistics; Paleographic traces; 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> Century Letters; Brazilian Portuguese. Gonzaga Duque.

## LISTAS DE IMAGENS E QUADROS

Quadro 1: Ficha biográfica de Gonzaga Duque .....	17
Quadro 2: Síntese da produção intelectual de Gonzaga Duque .....	20
Imagem 1: <i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (Rio de Janeiro-RJ) .....	22
Imagem 2: Carta de GD. 13.11.1884. (C4) .....	25
Imagem 3: Carta de GD. 13.11.1884. (C4) .....	25
Imagem 4: Carta de GD à Julia (carta amorosa). Porto Grande, 04.01.1889. ....	25
Imagem 5: Carta de GD ao filho. RJ, 22.07.1906. (C23) .....	26
Quadro 3: Formas das assinaturas de GD correlacionadas aos subgêneros das cartas pessoais, local e data e relação interpessoal entre os missivistas (imagem 6 a imagem 16). .....	27-29
Imagem 17: Carta de GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3) .....	30
Imagem 18: Carta de GD. F. do Porto Grande, 05.02.1889. (C13) .....	31
Imagem 19: Carta de GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3) .....	31
Imagem 20: Carta de GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3) .....	32
Imagem 21: Carta de GD. Porto Grande, 04.01.1889. (C11) .....	32
Imagem 22: Carta de GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2) .....	33
Imagem 23: Carta de GD. Lisboa, 06.07.1889. (C16) .....	33
Imagem 24: Carta de GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2) .....	34
Imagem 25: Carta de GD. Lisboa, 09.08.1889. (C18) .....	34
Imagem 26: Carta de GD. S.l., 06.02.1887. (C8) .....	35
Imagem 27: Carta de GD. S.l., 06.02.1887. (C8) .....	35
Imagem 28: Carta de GD. Lisboa, 26.07.1889. (C17) .....	38
Imagem 29: Carta de GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2) .....	39
Imagem 30: Quadro-síntese com informações básicas da carta 21 de GD. ....	40
Imagem 31: Um exemplo de edição fac-similar e semidiplomática de uma carta de GD. Lisboa, 16.09.1889. (C21) .....	40
Quadro 4: Cartas pessoais de Gonzaga Duque (séculos XIX e XX) .....	44
Quadro 5: Relação das letras maiúsculas e minúsculas de Gonzaga Duque .....	48-62
Quadro 6: Alógrafos do <i>C</i> maiúsculo .....	62
Quadro 7: Alógrafos do <i>D</i> maiúsculo .....	63
Quadro 8: Alógrafos do <i>d</i> minúsculo .....	63
Quadro 9: Alógrafos do <i>E</i> maiúsculo .....	64

Quadro 10: Alógrafos do <i>F</i> maiúsculo .....	64
Quadro 11: Alógrafos do <i>F</i> minúsculo .....	65
Quadro 12: Alógrafos do do <i>H</i> maiúsculo .....	65
Quadro 13: Alógrafos do <i>I</i> maiúsculo .....	66
Quadro 14: Alógrafos do <i>J</i> maiúsculo .....	66
Quadro 15: Alógrafos do <i>j</i> minúsculo .....	67
Quadro 16: Alógrafos do <i>L</i> maiúsculo .....	68
Quadro 17: Alógrafos do <i>l</i> minúsculo .....	68
Quadro 18: Alógrafos do <i>M</i> maiúsculo .....	69
Quadro 19: Alógrafos do <i>m</i> minúsculo .....	70
Quadro 20: Alógrafos do <i>n</i> minúsculo .....	70
Quadro 21: Alógrafos do <i>o</i> minúsculo .....	71
Quadro 22: Alógrafos do <i>P</i> maiúsculo .....	71
Quadro 23: Alógrafos do <i>p</i> minúsculo .....	72
Quadro 24: Alógrafos do <i>Q</i> maiúsculo .....	73
Quadro 25: Alógrafos do <i>q</i> minúsculo .....	73
Quadro 26: Alógrafos do <i>R</i> maiúsculo .....	74
Quadro 27: Alógrafos do <i>r</i> minúsculo .....	74
Quadro 28: Alógrafos do <i>S</i> maiúsculo .....	75
Quadro 29: Alógrafos do <i>s</i> minúsculo .....	75
Quadro 30: Alógrafos do <i>T</i> maiúsculo .....	76
Quadro 31: Alógrafos do <i>t</i> minúsculo .....	76
Quadro 32: Alógrafos do <i>U</i> maiúsculo .....	77
Quadro 33: Alógrafos do <i>V</i> maiúsculo .....	77
Quadro 34: Alógrafos do <i>x</i> minúsculo .....	78
Quadro 35: Alógrafos do <i>z</i> minúsculo .....	79
Quadro 36: O <i>ângulo</i> das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade) .....	80
Quadro 37: O <i>ductus</i> das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade) .....	82-83
Quadro 38: Trechos de cartas de amizade: uma comparação em relação ao <i>ductus</i> e ao <i>ângulo</i> . .....	84
Imagem 32: Carta de GD. Lisboa, 16.09.1889. (C21) .....	85

Quadro 39: O <i>módulo</i> das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade) .....	86-87
Quadro 40: O <i>peso</i> das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade). .....	88-89

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Carta = C

fólio = fól.

Gonzaga Duque = GD

linha = l.

Português Brasileiro = PB

relação = rel.

Rio de Janeiro = RJ

s.l. = sem local

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	13
<b>1 GONZAGA DUQUE: O POTENCIAL HISTÓRICO DE UM MISSIVISTA CULTO BRASILEIRO.</b> .....	15
1.1 Gonzaga Duque: perfil social. ....	15
1.2 Gonzaga Duque: perfil profissional. ....	18
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA E A EDIÇÃO DAS CARTAS HISTÓRICAS DE GONZAGA DUQUE.</b> .....	22
2.1 O trabalho com fontes históricas .....	23
2.1.1 A autoria .....	24
2.1.2 A autenticidade .....	30
2.1.3 A validade social e histórica .....	34
2.2 A opção pela edição fac-similar e semidiplomática da escrita íntima de Gonzaga Duque: as cartas pessoais em cena. ....	36
<b>3 A PRODUÇÃO ESCRITA DE GONZAGA DUQUE: ASPECTOS PALEOGRÁFICOS EM CENA.</b> .....	45
3.1 A morfologia das letras de um missivista brasileiro em manuscritos oitocentistas e novecentistas .....	46
3.2 Ângulo .....	79
3.3 <i>Ductus</i> .....	81
3.4 Módulo .....	85
3.5 Peso .....	87
<b>4 A EDIÇÃO FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DAS CARTAS DE GONZAGA DUQUE</b> .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	199
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	201

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta Dissertação, apresentamos, à comunidade acadêmica, a edição fac-similar e semidiplomática de vinte e seis cartas pessoais de “Luiz Gonzaga Duque Estrada”, também conhecido como “Gonzaga Duque” (doravante GD). Em cena, temos a produção escrita de um redator brasileiro cujo perfil social nos evidencia um habilidoso crítico de arte, jornalista e escritor de sincronias passadas (séculos XIX e XX), o que permite interpretá-lo como um “homem de letras”, cf. também admitido por Fonseca (2015, p. 42).

No processo de levantamento e seleção das fontes históricas, deixamo-nos conduzir, em termos teórico-metodológicos, por questões da sociolinguística histórica tais como a *autoria*, a *autenticidade* e a *validade social e histórica* de fontes manuscritas do português brasileiro (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012), conforme Rumeu *et alii* (2019), Lima, Marcotulio & Rumeu (2019). Visto que buscamos trabalhar com fontes históricas representativas do português brasileiro escrito (doravante PB) de sincronias passadas, preocupamo-nos com o modo como editá-las. Nesse sentido, optamos por apresentá-las conservadoramente à comunidade acadêmica, no formato de uma edição fac-similar e semidiplomática. Entendemos que o fato de apresentarmos o fac-símile ao lado da sua transcrição (edição fac-similar) conduz o leitor não só a comparar a justalinear transcrição do código escrito (letra) em relação ao manuscrito em si (edição semidiplomática), mas também a acompanhar todas as opções linguístico-textuais de GD. A opção por produzir uma edição fac-similar e semidiplomática de cartas históricas (SPINA, 1977; FARIA & PERICÃO, 2008) está fundamentada no objetivo maior de embasar futuros estudos linguísticos acerca de fenômenos variáveis do PB em sua expressão escrita dos séculos XIX e XX.

Com base na edição fac-similar e semidiplomática das cartas pessoais de GD, voltamo-nos especificamente à descrição de alguns de seus traços paleográficos, passando pela *morfologia das letras*, *ângulo*, *ductus*, *módulo* e *peso* do traçado, à luz de Núñez Contreras (1998). Nesse sentido, comprometemo-nos com uma breve descrição desses traços paleográficos, amparando-nos na proposta de Núñez Contreras (1998) para a descrição do modelo de escrita das cartas pessoais de GD. Acreditamos que a edição de suas cartas pessoais nos leve a entrever aspectos paleográficos que singularizam um

punho legitimamente brasileiro, através da intimidade das relações amorosas, familiares e de amizade, construídas entre fins do século XIX e início do século XX.

Estruturalmente, esta Dissertação é composta por quatro capítulos. Nas considerações iniciais, apresentamos o objetivo principal, justificamos brevemente a opção pela edição fac-similar e semidiplomática e expomos os encaminhamentos teórico-metodológicos norteadores desta análise de caráter filológico. No capítulo 1, descrevemos os perfis social e profissional de GD, passando à sua história de vida e aos seus principais encaminhamentos profissionais. No capítulo 2, temos a descrição de algumas das questões que norteiam a formação de *corpora* confiáveis às análises no âmbito da sociolinguística histórica. Nesse capítulo, apresentamos as questões que envolvem o *labor* com fontes históricas, descrevemos o conjunto de cartas pessoais, passando também pela opção da edição fac-similar e semidiplomática e pelas suas normas de edição. No capítulo 3, apresentamos os traços paleográficos do traçado de GD em relação à morfologia das letras, ao ângulo, ao *ductus*, ao módulo e ao peso. No capítulo 4, expomos a edição fac-similar e semidiplomática das vinte e seis cartas pessoais de GD. Ao alcançarmos as considerações finais, tecemos algumas breves generalizações principalmente sobre os traços paleográficos do traçado de GD. Por fim, apresentamos as referências bibliográficas.

## 1 GONZAGA DUQUE: O POTENCIAL HISTÓRICO DE UM MISSIVISTA CULTO BRASILEIRO

As cartas pessoais de GD evidenciam o PB em sua expressão escrita, dos séculos XIX e XX (1884 e 1909). Ao afirmarmos que lidamos, nesta Dissertação, com a edição de fontes do PB, embasamo-nos no fato de que temos, em análise, cartas pessoais escritas e assinadas por um punho legitimamente brasileiro em suas eras oitocentista e novecentista, repercutindo em evidências que só podem estar escritas, uma vez que ilustram sincronias passadas. Assim sendo, passamos à descrição dos perfis social e profissional de GD.

### 1.1 Gonzaga Duque: perfil social.

Para GD, temos muito mais evidências das suas atuações profissionais como crítico de arte, jornalista e escritor, restando-nos poucas informações acerca da sua vida pessoal, como observado por Espindola (2009, p. 14). Trata-se de um redator nascido no Rio de Janeiro, no início da 2ª metade do século XIX (21.06.1863) e falecido também na cidade do Rio de Janeiro, no 1º quartel do século XX (08.03.1911), cf. exposto por (VERMEERSCH 2002, p.19). A história de vida de GD o revela como filho de “Luísa Duque Estrada” e de pai estrangeiro, tendo sido registrado pela sua mãe e pelo seu padrasto “Joaquim da Rosa”, cf. Fonseca (2015, p. 37), Pessanha (2008, p.15). Em relação ao seu nível de escolarização, temos, à luz de Iannone (1973), ao fazer referência à obra *Mocidade Morta* de GD, referências às instituições pelas quais passou no Rio de Janeiro (IANNONE 1973 *apud* FONSECA 2015, p. 37-38).

“Após os primeiros estudos, Gonzaga Duque ingressou no Colégio Abílio, um dos mais importantes estabelecimentos de ensino da época, no Rio de Janeiro. Mais tarde, transferiu-se para o Colégio Meneses Vieira, também em sua cidade natal. Concluiu, porém, o curso secundário em Petrópolis, no Colégio Paixão, e tudo indica que Gonzaga Duque não seguiu os estudos superiores.” (IANNONE 1973, p. 09)

Apesar de não haver comprovação da conclusão de Curso Superior, cf. explicitado por Fonseca (2015, p. 38), temos, em GD, um redator que parece mostrar amplo domínio dos modelos de escrita, considerando o seu envolvimento com a área do Jornalismo, o que está comprovado não só no fato de ter ele fundado, em 1880, o periódico *Guanabara*,

cf. Fonseca (2015, p. 38), mas também nas suas variadas contribuições para os periódicos brasileiros, chegando a redigir livros (cf. seção 2.2). Considerando que as análises no âmbito da sociolinguística histórica prezam por encaminhar a discussão também a partir do controle da variável extralinguística “escolarização”, entendemos tais informações como preciosas ao processo de reconstrução social do informante em questão.

Aos 22 anos, GD casou-se com Julia Torres Duque Estrada, mais precisamente, em 15 de agosto de 1885. Desse matrimônio, nasceram quatro filhos. São eles: Dinorah, Haroldo, Lygia e Oswaldo. Enquanto Dinorah veio a falecer vitimada pela febre amarela, cf. Fonseca (2015, p. 39), Lygia, por outro lado, teve a oportunidade de dar-lhe uma neta, Maryssol, que, anos depois, doou todo o acervo para a *Fundação Casa de Rui Barbosa* (VERMEERSCH 2002, p.19). Um outro acontecimento importante na vida de GD é o falecimento do seu filho Haroldo, aos onze anos, em 1902, “vítima de complicações devido a um ferimento ocorrido durante uma travessura”, cf. Fonseca (2015, p. 39).

A fragilidade da saúde do redator em questão é também relatada por Fonseca (2015, p. 45) que nos esclarece que GD “sofreu com vários problemas de saúde, dentre eles a catarata, que muito lhe atrapalhou a vida profissional”. No dia 08 de março de 1911, temos infelizmente o falecimento de GD, vítima de infarto fulminante, enquanto voltava da redação do *Fon-fon*. Segundo Vermeersch (2002, p. 20), GD está “enterrado no cemitério São João Batista, adornado com seu busto. Na ocasião, ocupava o posto de diretor da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro”.

Uma vez descrito o perfil social de GD, passamos à sua síntese na forma de uma ficha biográfica (cf. Quadro 1), ferramenta indispensável às análises no âmbito da Sociolinguística Histórica. Na sequência, passamos à uma breve descrição do seu perfil profissional (cf. Quadro 2).

---

## LUIZ GONZAGA DUQUE ESTRADA (GONZAGA DUQUE)

---



Imagem de Gonzaga Duque, 1888, óleo sobre tela, 50 x 40 cm,  
por Rodolpho Amoedo.

Fonte: ESPINDOLA, A. F. *Gonzaga Duque – Vida na Arte: uma concepção artístico-filosófica*. Santa Catarina: Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2009. (Tese de Doutorado).

Tese disponível em:

<[https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/3217/1/108749\\_Alexandra.pdf](https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/3217/1/108749_Alexandra.pdf)>

Imagem disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/319694462\\_Gonzaga\\_Duque\\_e\\_a\\_fotografia](https://www.researchgate.net/publication/319694462_Gonzaga_Duque_e_a_fotografia)>

Acesso em 11.03.23.

---

<b>Acervo</b>	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i>
<b>Filiação</b>	José Joaquim da Rosa (pai adotivo) e Luiza Duque-Estrada
<b>Nacionalidade</b>	Brasileiro
<b>Naturalidade</b>	Rio de Janeiro
<b>Nascimento</b>	Rio de Janeiro, 21 de junho de 1863
<b>Falecimento</b>	Rio de Janeiro, 08 de março de 1911
<b>Função pública</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segundo Oficial da Diretoria de Patrimônio Municipal do Rio de Janeiro</li> <li>• Primeiro Oficial da Secretaria da Fazenda da Prefeitura do Rio de Janeiro</li> <li>• Diretor da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro</li> </ul> Fontes: Vermeersch (2002, p. 20), Fonseca (2015, p. 42).
<b>Função social</b>	Crítico de artes plásticas, ficcionista, jornalista, escritor, abolicionista, cf. Fonseca (2015, p. 34-46; 118).
<b>Escolaridade</b>	Ensino secundário completo no Colégio Paixão (Petrópolis, RJ), tendo passado nos 1º e 2º segmentos do ensino fundamental, em termos mais atualizados, pelos Colégios <i>Abílio</i> e <i>Meneses Vieira</i> , ambos no Rio de Janeiro, cf. Fonseca (2015, p. 37-38).
<b>Cônjuge</b>	Casou-se, em 15.08.1885, aos 22 anos, com Julia Torres Duque-Estrada.
<b>Filhos</b>	Haroldo, Oswaldo, Dinorah e Lygia.

---

Quadro 1: ficha biográfica de Gonzaga Duque

## 1.2 Gonzaga Duque: perfil profissional.

Uma vez traçado um breve perfil sócio-histórico do nosso redator GD, passamos à exposição de um panorama das suas principais produções bibliográficas. Para isso, temos como fonte as próprias cartas editadas nesta Dissertação e os trabalhos acadêmicos que também se voltaram para o redator em questão e as suas obras. Na visão de Vermeersch (2002), GD tornou-se uma referência obrigatória para aqueles que pretendem compreender a História da Arte brasileira da virada do século XIX para o XX. (VERMEERSCH 2002, p.1). Assim sendo, utilizamo-nos dos trabalhos de Dias (2006); Pessanha (2008), Guimarães & Lins (2011), Espindola (2012), Fonseca (2015) como fontes importantes ao delineamento do perfil profissional de GD (cf. Quadro 2).

Comentamos brevemente a produção intelectual de GD, tendo em vista quatro relevantes títulos (VERMEERSCH 2002; DIAS 2006; ESPINDOLA 2009; ESPINDOLA 2012; FONSECA 2015). São eles:

a) *A Arte Brasileira* (1888): livro que aborda as artes plásticas no Brasil do final do século XIX e do início do XX. Trata-se de uma crítica de GD sobre a falta de nacionalidade brasileira. (ESPINDOLA 2009, p. 15) como evidência de “uma historiografia crítica sobre a pintura no Brasil” (ESPINDOLA 2012, p. 85).

Destacamos ainda que, em seu primeiro livro *A Arte Brasileira* (1888), GD analisa as artes plásticas não só a partir de uma reflexão sobre a Arte no Brasil, mas também criticando-a em virtude da “falta de nacionalidade” (ESPINDOLA 2009, p 15). Esse livro tornou-se uma das principais fontes de consulta e registro acerca da Arte no Brasil. Também foi neste livro que GD, sob o codinome de *Colônia Le Breton* e como crítico de arte, registrou a chegada dos franceses em terras brasileiras para a fundação da *Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios*, projeto ‘concebido’ por Dom João VI. No capítulo denominado *Manifestações*, o crítico carioca faz uma análise de como foram os anos iniciais dos franceses Jean-Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay no Rio de Janeiro, tendo em vista a *Missão Artística Francesa* de 1816 (DIAS 2006, p. 302);

b) *Mocidade Morta* (1894): romance simbolista brasileiro, cuja temática se volta à arte a partir da crítica à Academia Brasileira. (ESPINDOLA 2009, p. 15). Sobre o romance *Mocidade Morta* (1899), Vermeersch (2002), parafraseando Muricy (1987), nos esclarece

que este romance é composto por uma série de sobreposições de trechos de diversos matizes (naturalistas, realistas, simbolistas, parnasianos, até mesmo científicos), confirmando a ideia de que GD era extremamente bem-informado sobre as formas literárias disponíveis na última década do século XIX e sabia manejar diferentes registros narrativos com acuidade. (VERMEERSCH 2002, p. 23);

c) *Revoluções Brasileiras* (1899): livro de história com uma nuance literária, figurando como “resumos de grandes acontecimentos do país” (ESPINDOLA 2012, p. 85). Nessa obra, GD tinha como intuito escrever uma História não-oficial do Brasil, alcançando, por exemplo, a questão do Quilombo dos Palmares, cf. Vermeersch (2002, p. 21);

d) *Graves e Frívolos* (1910): coletânea dos últimos escritos de GD, produzidos entre 1904 e 1909, e obra publicada ainda pelo próprio autor como uma série de “ensaios sobre crítica de arte e crítica social” (ESPINDOLA 2012, p. 85).

<b>UMA BREVE SÍNTESE DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE GONZAGA DUQUE</b>	
<b>ANOS</b>	<b>PRODUÇÃO INTELECTUAL</b>
<b>1880</b>	Fundou o periódico <i>O Guanabara</i>
<b>1882</b>	Participou dos periódicos <i>A Gazetinha</i> e <i>Gazeta da Tarde</i>
<b>1885</b>	Iniciou um romance <i>O Tio Lotérico</i> , que não veio à publicação
<b>1887</b>	Atuou como crítico de arte no periódico <i>A Semana</i> como “Alfredo Palheta” (pseudônimo)
<b>1888</b>	Publicou o livro <i>A Arte Brasileira</i>
<b>1889</b>	Participou do periódico <i>Folha Popular</i>
<b>1894</b>	Participou do periódico <i>Os Novos</i> Publicou o livro <i>A dona de casa</i> “Sylvino Júnior” (pseudônimo)
<b>1895</b>	Fundou o periódico <i>Rio-Revista</i> , atuando nos periódicos <i>Thebaida</i> e <i>Decálogo dos Novos</i> .
<b>1897</b>	Fundou o periódico <i>Galáxia</i>
<b>1898</b>	Publicou o livro <i>Revoluções Brasileiras</i> Sob o apelido boêmio de <i>Insubmissos</i> , esteve vinculado aos Simbolistas no Rio de Janeiro, correspondendo-se também com Cruz e Souza, o que o fez seu amigo.
<b>1899</b>	Publicou o livro <i>Mocidade Morta</i>
<b>1900</b>	Publicou a obra <i>Marechal Niemeyer</i> (ensaio biográfico) Iniciou a redação da obra <i>Sangravidia</i> (romance) Iniciou <i>Meu jornal</i> (diário)
<b>1901</b>	Fundou o periódico <i>Mercurio</i>
<b>1904</b>	Iniciou a sua participação como crítico de arte e cronista do periódico <i>kosmos</i>
<b>1905</b>	Publicou a 2ª edição do livro <i>Revoluções Brasileiras</i>
<b>1907</b>	Fundou o periódico <i>Fon-Fon</i>
<b>1910</b>	Tornou-se Diretor da Biblioteca Municipal Publicou <i>Graves e Frívolos</i>
<b>1914</b>	Teve publicada postumamente a sua obra <i>Horto de Mágoas</i>
<b>1929</b>	Teve publicada postumamente a sua obra <i>Contemporâneos</i>

Quadro 2: Síntese da produção intelectual de Gonzaga Duque.

Enfim, ao darmos uma atenção especial ao histórico da vida profissional de GD, reconhecemos esse hábil crítico, escritor, jornalista, como um “homem de letras” cf. também admitido por Fonseca (2015, p. 42).

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA E A EDIÇÃO DAS CARTAS HISTÓRICAS DE GONZAGA DUQUE.

Neste segundo capítulo, estão em análise os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística histórica, as especificidades de um trabalho com fontes históricas (subseção 2.1) e o tipo de edição de texto escolhida (edição fac-similar e semidiplomática) para trazermos à cena as cartas de GD (subseção 2.2).

Abordamos também as questões específicas do levantamento, da seleção e da análise de fontes históricas, os encaminhamentos (as soluções), considerando o necessário processo de reorganização de uma metodologia específica para o trabalho com textos de sincronias passadas (LOPES & RUMEU, 2018). Nesse sentido, harmonizamo-nos com a perspectiva de Bergs (2005), ao entender que a “sociolinguística histórica é uma subdisciplina que tem potencial próprio e deveria desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias, divorciada da sociolinguística atual, por um lado, e da linguística histórica, por outro.” (BERGS 2005, p. 21)<sup>1</sup>.

Antes de adentrarmos na seção 2.1 reproduzimos, na imagem 1, a fachada da *Fundação Casa de Rui Barbosa*<sup>2</sup>, localizada no bairro de Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro-RJ, onde se encontram resguardadas as cartas de GD<sup>3</sup>.



Imagem 1: Fundação *Casa de Rui Barbosa* (Rio de Janeiro-RJ)

<sup>1</sup> “Instead, historical sociolinguistics must be bold enough to loosen its ties with present-day sociolinguistics and traditional historical linguistics, and to develop its own methodologies, aims and theories.” (BERGS 2005, p. 21.)

<sup>2</sup> Fachada achada do prédio da Fundação Casa de Rui Barbosa. Imagem disponível em <<https://agenciabrasil.etc.com.br/cultura/noticia/2015-01/bndes-apoia-revitalizacao-do-jardim-historico-da-casa-de-rui-barbosa>> Acesso em 12/02/2023. Destacamos que, neste ano de 2023, celebramos o primeiro centenário da morte de Rui Barbosa (\*1858 - †1923), importante personalidade da história do Brasil.

<sup>3</sup> <https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br#gsc.tab=0> Acesso em 14.06.23.

## 2.1 O trabalho com fontes históricas

O trabalho de reconstrução da história das línguas humanas é conduzido pelo recrutamento de amostras de língua escrita para as quais cabe voltarmos a atenção em relação à identificação das possíveis evidências de *hipercorreção*, *mistura dialetal* e “erros” do escriba (LABOV 1994, p. 11) que poderiam nos confundir com as evidências genuínas de um “retrato” fiel da língua em momentos passados. Assim sendo, ao nos interessarmos pelo processo de constituição de amostras linguísticas de sincronias passadas, deparamo-nos não só com o fato de as fontes se mostrarem “fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes”, cf. Conde Silvestre (2007, p. 35), mas também com o “problema dos filtros” (ROMAINE, 1982 [2010]).

O fato de as fontes históricas serem, em essência, escassas e fragmentárias é o que leva Labov a entender as análises linguísticas voltadas ao passado das línguas humanas como “a arte de fazer o melhor uso de maus dados.”<sup>4</sup> (LABOV 1994, p. 11). Na verdade, cabe ao linguista-pesquisador fazer bons usos dos dados linguísticos de sincronias passadas que lhes chegaram às mãos, através dos textos, até mesmo “incompletos” em algum grau, como evidência daquilo que sobreviveu, no interior dos acervos públicos e privados, à força do tempo. Acrescentemos ainda a discussão sobre o “problema dos filtros” que é justamente a cautela que temos de ter para dissociar traços da língua falada que podem se deixar evidenciar através da língua escrita (AGUILLAR, 1998).

Isso posto, entendemos não ser possível transferir diretamente o método de trabalho variacionista de orientação laboviana aplicado aos dados de sincronias recentes (língua falada) aos dados de sincronias passadas que, por sua vez, é necessariamente embasado em fontes escritas. Para isso, atentamos às questões específicas do trabalho com fontes históricas discutidas por Hernández-Campoy & Schilling (2012). Nesse sentido, passamos ao “conjunto de procedimentos para a reconstrução da língua em seu contexto social”, nos termos de Romaine (1988, p. 1453 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING 2012, p. 66<sup>5</sup>), tendo em vista a incompletude dos registros escritos levantados nos acervos que não são a expressão da língua falada (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012)<sup>6</sup>, mas podem nos revelar evidências do vernáculo de

<sup>4</sup> “Historical linguistics can then be thought of as the art of making the best use of bad data”. (LABOV 1994, p. 11.).

<sup>5</sup> Methodologically, “ the main task of socio - historical linguistics is to develop a set of procedures for the reconstruction of language in its social context, and to use the findings of sociolinguistics as controls on the process of reconstruction and as a means of informing theories of change ” (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING 2012, p. 66)

<sup>6</sup> The most important disadvantage of data sets of historical documents is that they very often lack representativeness and possibly also validity, since, as noted above, the historical record is incomplete, and written materials may or may

sincronias passadas. Considerando o desejo de nos voltarmos à pesquisa acerca de realidades linguísticas pretéritas, encaminhamo-nos especificamente pela descrição de questões teórico-metodológicas específicas da Sociolinguística Histórica tais como a *autoria*, a *autenticidade* e a *validade social e histórica* das amostras, à luz de Hernández-Campoy & Schilling (2012).

### 2.1.1 A autoria

Nos estudos linguísticos conduzidos por realidades linguísticas pretéritas, é indispensável atentarmos à questão da *autoria* das fontes históricas. É preciso que consideremos o fato de haver a possibilidade de os acervos históricos nos oferecerem amostras de textos autógrafos (o texto é redigido por quem efetivamente se responsabiliza por ele através de sua assinatura), apógrafos (o texto é redigido por um punho distinto daquele que o assina) e ideógrafos (o texto é escrito por alguém sob a inspeção de quem é o responsável pela sua semântica como um “autor intelectual”). No que se refere às cartas cujos traços paleográficos também são o foco desta Dissertação, certificamo-nos de que se trata de missivas pessoais autógrafas. Com base na comparação das letras do corpo da carta em relação à letra da assinatura do seu autor, é possível entendermos que temos cartas redigidas e assinadas por um mesmo punho, representando um conjunto de cartas pessoais autógrafas. Nesse sentido, passamos aos seguintes excertos de uma mesma missiva em que GD se despede da sogra e da noiva, respectivamente, através de formas distintas, cf. as imagens 2 e 3. Nas exemplificações, convém esclarecermos que, nas transcrições, a mudança de linhas é marcada a partir de uma barra na vertical “|” como um sinal gráfico responsável por evidenciar a mudança de linha no original manuscrito.

---

not be reflective of the spoken language of the time period under study. (HERNANDEZ-CAMPOY & SCHILLING 2012, p. 66)

Imagem 2: Carta de GD. 13.11.1884. (C4)

seu criado humilde e futuro genro  
L. Gonzaga Duque Estrada.

seu criado humilde e futuro genro |  
L. Gonzaga Duque Estrada.

Imagem 3: Carta de GD. 13.11.1884. (C4)

Abraços na Judith e saudades incu-  
raveis de teu noivo que te idolatra  
Luiz.

Abraços na Judith e saudades incu- | raveis de teu  
noivo que te idolatra  
Luiz.

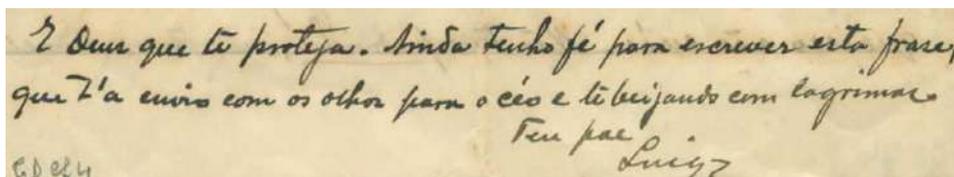
Ao comparar as evidências do antropônimo “Luiz”, em dois contextos de assinatura voltados, respectivamente, à sogra e à noiva em uma mesma carta (13.11.1884), temos a letra “L” cujos formatos são de uma letra pequena (*morfologia da letra*) com traçados ligeiramente inclinados para a direita (*ductus*), ainda que levemente distintos em relação aos seus formatos da haste superior. A letra “L” maiúscula mostra-se com uma forma mais estreita na parte superior da letra, na imagem 3, do que na imagem 2, em que temos uma haste superior mais arredondada, o que observamos em outras cartas à noiva e aos familiares (ao filho, por exemplo), cf. as imagens 4 e 5 a seguir expostas a partir das análises dos alógrafos em questão (cf. capítulo 3, seção 3.1).

Imagem 4: Carta de GD à Julia (carta amorosa).  
Porto Grande, 04.01.1889.

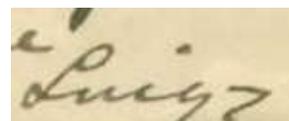
Branças suculas. Beija o Osvaldo e Diu-  
rahi e um beijo do teu  
Luiz

Luiz

Imagem 5: Carta de GD ao filho.  
RJ, 22.07.1906. (C23)

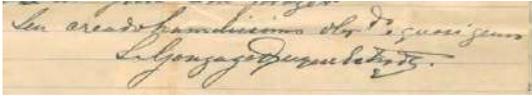
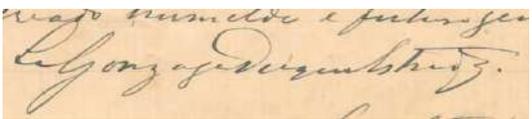
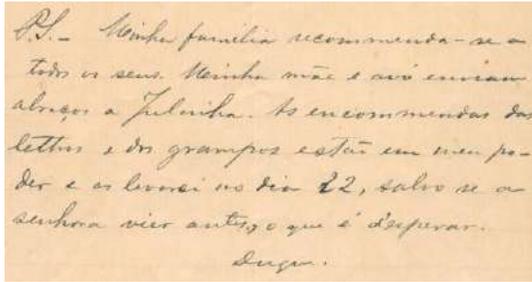
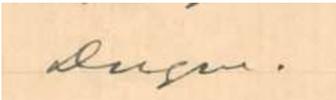
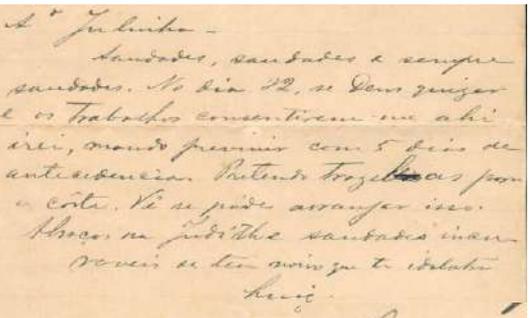
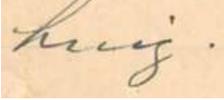
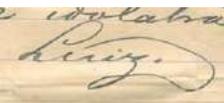


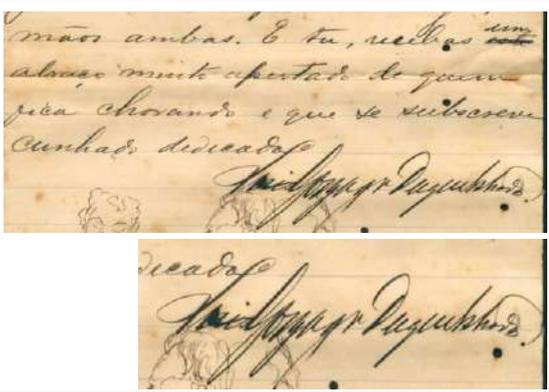
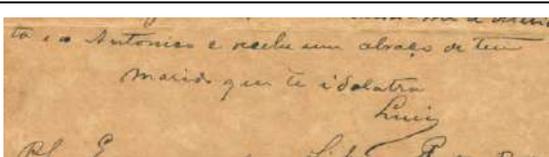
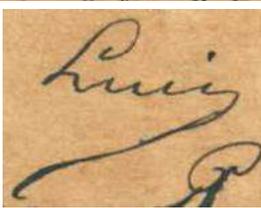
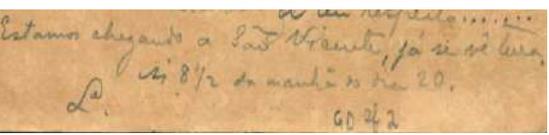
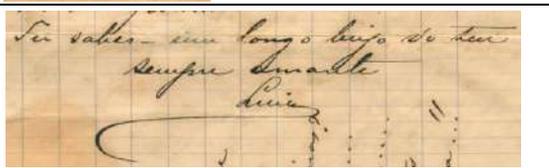
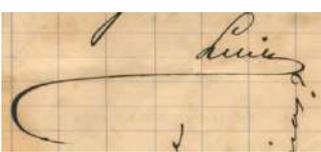
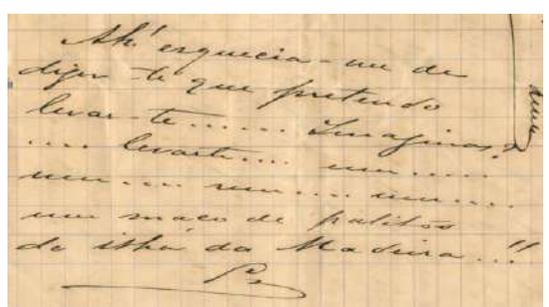
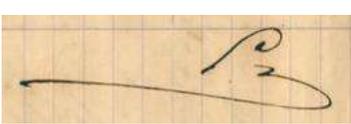
Ó Deus que te protejas. Ainda tenho fé para escrever esta frase,  
que T'a curio com os olhos para o céu e te beijando com lagrimas.  
Teu pae Luiz

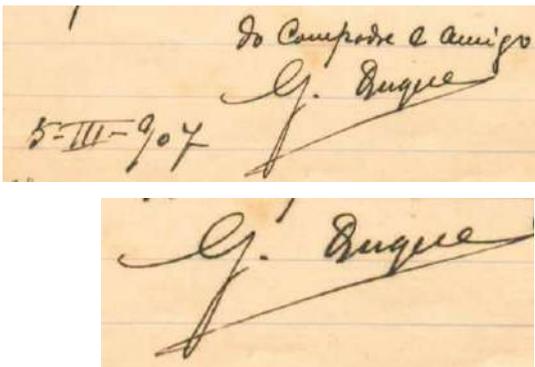


Luiz

Interessante é o fato de GD apresentar diversificadas formas de assinar as suas cartas pessoais. Organizamos, através do Quadro 3, as possibilidades de assinaturas levantadas nas cartas de GD em análise, buscando correlacioná-las aos seus destinatários (sogra, noiva/esposa, cunhada e amigo), cf. ilustramos da imagem 6 até a imagem 16. Para a sogra e a cunhada, prefere assinar como “LGonzagaDuqueEstrada” (imagens 6 e 9), havendo ainda, na seção *post scriptum*, em carta para a sogra, a sua assinatura como “Duque” (imagem 7). Verificamos, no interior das cartas 15 e 18, à esposa “Julia”, que GD as assina não só como “Luiz”, mas também com as forma abreviadas do seu nome “L.” (imagem 13) e “Lz” (imagem 15).

SUBGÊNERO DA CARTA PESSOAL/LOCAL E DATA/RELAÇÃO	FAC-SÍMILE COM O FECHAMENTO DA CARTA, RELAÇÃO ENTRE OS MISSIVISTAS E A ASSINATURA DE GONZAGA DUQUE	TRANSCRIÇÃO
<p>Imagem 6: Carta familiar s.l, 13.11.1884. (C4) (rel. genro - sogra)</p> <p>Imagem 7: Post Scriptum</p> <p>Imagem 8: S.l, 13.11.1884. (C4) (Trecho voltado à noiva “Julia” no fim da carta)</p>	     	<p>Seu creadohumilissimo obrigado e quasi genro   LuizGonzagaDuqueEstrada.</p> <p>P.S. _ Minha familia recommenda-se a   todos os seus. Minha mãe e avó enviam   abraços a Julinha. As encommendas das   lettras e dos grampos estão em meu po-   der e as levarei no dia 22, salvo se a   senhora vier antes, o que é d’esperar. Duque.</p> <p>A. Julinha _ Saudades, saudades e sempre   saudades. No dia 22, se Deus quiser   e os trabalhos consentirem-me ahi   irei, mando previnir com 5 dias de   antecedencia. Pretendo trazel as para   a Côrte. Vê se pôde arranjar isso.   Abraços na Judith e saudades incu-   ráveis de teu noivo que te idolatra Luiz.</p>
<p>Imagem 9: Carta familiar Botafogo, 10.11.1884. (C3) (rel. genro - sogra)</p> <p>Imagem 10 Carta familiar Botafogo, 10.11.1884. (C3) (rel. noivo - noiva)</p>	   	<p>Seu creadohumilissimo   obrigado e quasi genro LuizGonzagaDuqueEstrada.</p> <p>Saudades de teu noivo que te idolatra Luiz.</p>

<p>Imagem 11: Carta familiar Botafogo, 17.11.1886. (C7) (rel. cunhado - cunhada)</p>		<p>mãos ambas. E tu, recebeas &lt;↑um&gt;   este abraço muito apertado de quem   fica chorando e que se subscreeve cunhado dedicado LuizGonzaga Duqueestrada.</p>
<p>Imagem 12: Carta amorosa A bordo do Donau, 19.06.1889. (C15) (rel. marido - mulher)</p> <p>Imagem 13: Carta amorosa A bordo do Donau, 19.06.1889. (C15) (rel. marido - mulher) (fim da carta)</p>	   	<p>ta e o Antonico e recebe um abraço de teu marido que te idolatra Luiz</p> <p>Luiz</p> <p>[...]</p> <p>Estamos chegando a São Vicente, já   si vê terra. Ás 8 ½ da manhã de 20. L. &lt;GD cf 2&gt;</p>
<p>Imagem 14: Carta amorosa Lisboa, 09.08.1889. (C18) (rel. marido - mulher)</p> <p>Imagem 15: Carta amorosa Lisboa, 09.08.1889. (C18) (fim da carta)</p>	   	<p>Tu sabes _ um longo beijo do teu   sempre amante Luiz</p> <p>Ah! Esquecia-me de   dizer-te que pretendo   levar-te ... Imaginas?   ... levarte... um...   um... um... um...   um maço de palitos   da ilha de Madeira!! Lz</p>

<p>Imagem 16: Carta de amizade S.I, 05.03.1907. (C24) (carta entre amigos)</p>		<p>do Compadre e amigo   Gonzaga Duque</p> <p>5 - III - 907</p> <p>G. <u>Duque</u></p>
--	--	--

Quadro 3: Formas das assinaturas de GD correlacionadas aos subgêneros das cartas pessoais, local e data e relação interpessoal entre os missivistas (imagem 6 a imagem 16).

É possível prevermos que os distintos modos de assinar de GD podem, em alguma medida, estar relacionados aos destinatários das cartas, parecendo evidenciar que cada tipo de assinatura esteja associado aos seus distintos papéis sociais de genro, noivo/marido, cunhado, amigo/compadre. Nas cartas em análise, verificamos que, ao se despedir da sua futura sogra (D. Mariquinhas) e de sua cunhada (Judith), GD assina o nome completo (“LuizGonzagaDuqueEstrada” ou “LuizGonzaga Duqueestrada”). Somente encontramos a assinatura “Duque”, em carta enviada à sua sogra, no *Post Scriptum* (imagem 7), e a assinatura “G. Duque”, em carta enviada ao compadre e amigo (imagem 16). Por outro lado, em trechos voltados à noiva (imagem 8, imagem 10) e em carta direcionada à esposa (imagem 12), GD prefere o seu primeiro nome “Luiz” ou as suas formas abreviadas “L” e “Lz”, cf. as imagens 13 e 15, respectivamente.

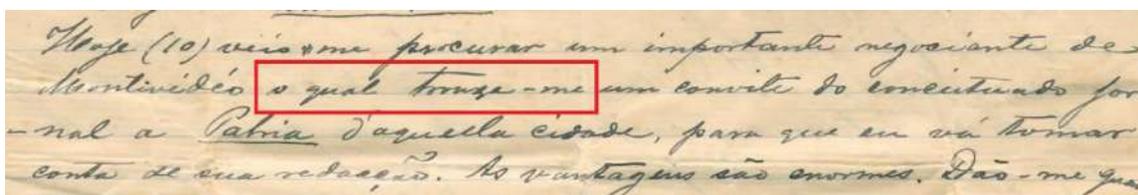
### 2.1.2 A autenticidade

A *autenticidade* das fontes históricas é uma outra questão relevante aos estudos linguísticos de sincronias passadas. É importante esclarecer que nos utilizamos do item “autenticidade” com o valor de sentido voltado à expressão vernacular de uma dada língua humana, o que está em consonância com as questões da sociolinguística histórica (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012). Nesta Dissertação, buscamos, através das cartas pessoais de GD, o vernáculo do PB através da sua expressão escrita, entre fins do século XIX e o início do século XX.

Na busca por fontes autênticas, buscamos entrever possíveis traços do vernáculo do redator GD através da sua produção escrita mais íntima, encaminhada não só pelas orientações da norma-padrão, mas também pela composição formulaica do gênero textual “carta pessoal”. Acrescentemos ainda o fato de que GD é um redator culto, engajado na dinâmica da leitura e da escrita, o que está consubstanciado na breve síntese da sua produção intelectual, exposta no Quadro 2, marcada pelas suas atuações como crítico de arte e jornalista.

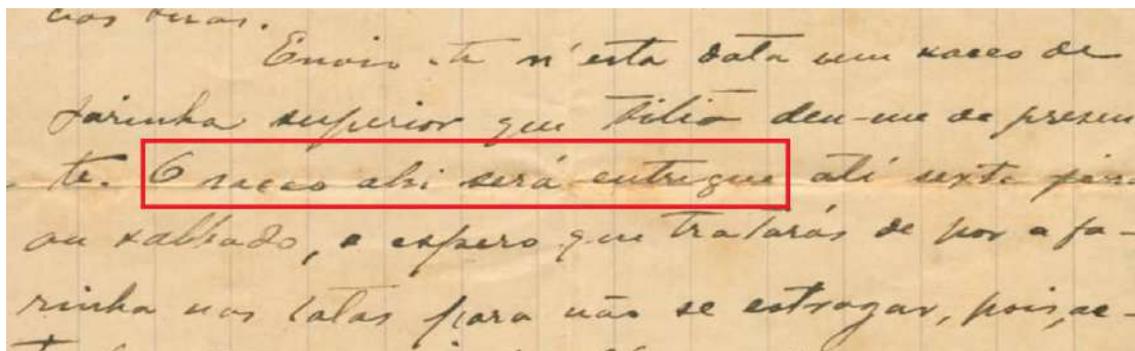
Para exemplificarmos a expressão da norma de uso (CUNHA, 1985), observemos, através das imagens 17 e 18, respectivamente, o uso da ênclise em contexto de partícula atrativa que sustenta a próclise (“o qual trouxe-me um convite” no lugar de “o qual me trouxe um convite”) e a ausência de concordância verbal (“6 sacos ahi será entregue até sexta feira” no lugar de “6 sacos ahi serão entregues até sexta feira”) em contexto de sentença passiva com um sujeito [+ afetado] e, portanto, [- agentivo].

Imagem 17: Carta de GD.  
Botafogo, 10.11.1884. (C3)



“Hoje (10) veio me procurar um importante negociante de | Montevidéo **o qual trouxe-me** um convite do conceiturado jor- | -nal a Patria d’aquella cidade, para que eu vá tomar | conta de sua redacção.”  
[Botafogo, 10.11.1884. (C3)]

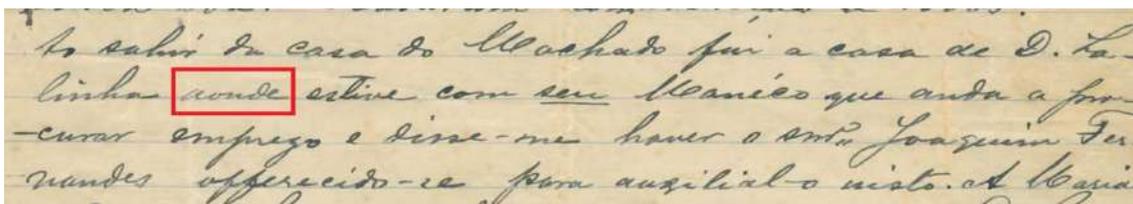
Imagem 18: Carta de GD.  
F. do Porto Grande, 05.02.1889. (C13)



“[...] **6 sacos** ahi **será entregue** até sexta feira ou sabbado, e espero que tratarás de por a farinha nas latas para não se estragar [...]” [F. do Porto Grande, 05.02.1889. (C13)]

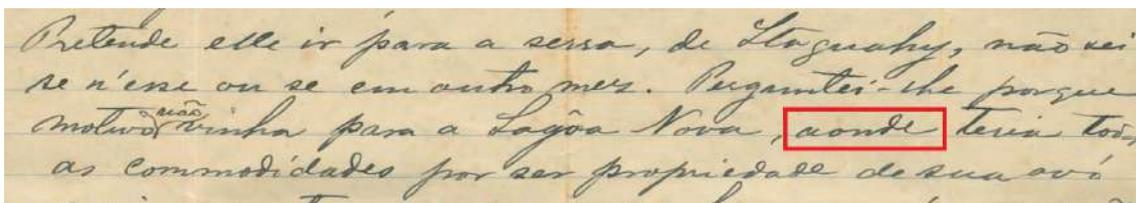
Observamos ainda, com base nas imagens 19 e 20, mais evidências da norma objetiva do PB (CUNHA, 1985) expressas a partir do uso de “aonde” no lugar de “onde” (advérbio relativo). No caso em análise, o “aonde” está na retomada de SNs locativos (“a casa de Dona Lalinha” e “a Lagoa Nôva”), o que dispensa a preposição “a” em função das regência dos verbos “estar” (“...a casa de Dona Lalinha onde estive”) e “ter” (“...porque motivo não vinha para a Lagôa Nova, onde teria todas as commodidades”).

Imagem 19: Carta de GD.  
Botafogo, 10.11.1884. (C3)



“Ao sahir da casa do Machado fui a casa de *Dona* La- | linha **aonde** estive com seu Manéco que anda a pro- | -curar emprego e disse-me haver o *senhor* Joaquim Fer- | nandes offerecido-se para auxiliar-o nisto.” [Botafogo, 10.11.1884. (C3)]

Imagem 20: Carta de GD.  
Botafogo, 10.11.1884. (C3)

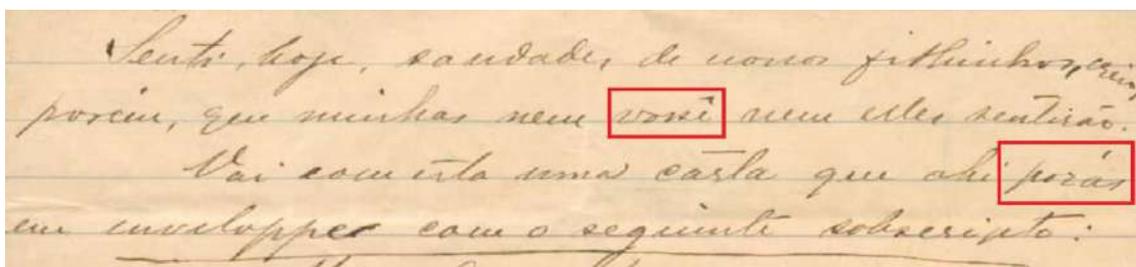


“[...] Pretende elle ir para a serra, de Itaguahy, não sei se n’esse ou se em outro mez. Perguntei-lhe porque motivo <↑não> vinha para a Lagôa Nova, **aonde** teria todas as commodidades por ser propriedade de sua avó [...]”

[Botafogo, 10.11.1884. (C3)]

Atentemos ainda aos usos não só de *tu* e *você* (imagem 21), mas também do futuro simples e do futuro perifrástico (imagens 21 e 22). Nesses casos, temos evidências do *você* em alternância com o *tu* e do futuro simples (“mandarei”) em variação com a perífrase verbal (“vou mandar”), ambos os traços linguísticos que se mostram (os usos do *você* e do futuro perifrástico (“ir + infinitivo”)), no século XIX, como expressão do PB atual, cf. discutido por Lopes & Machado (2005) e Oliveira & Olinda (2008).

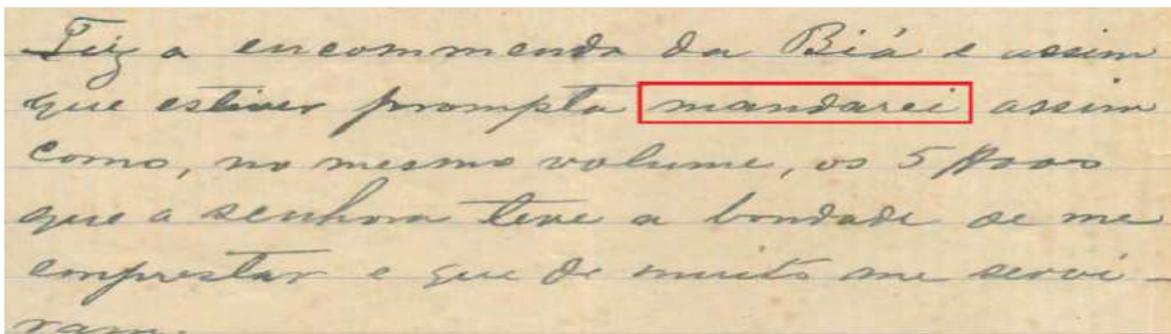
Imagem 21: Carta de GD. Porto Grande, 04.01.1889. (C11)



“[...] Senti, hoje, saudades de nossos filhinhos, creio, | porém, que minhas nem **vossê** nem eles sentirão. | Vai com esta uma carta que ahi **porás** | em enveloppes com o seguinte sobscripto [...]”

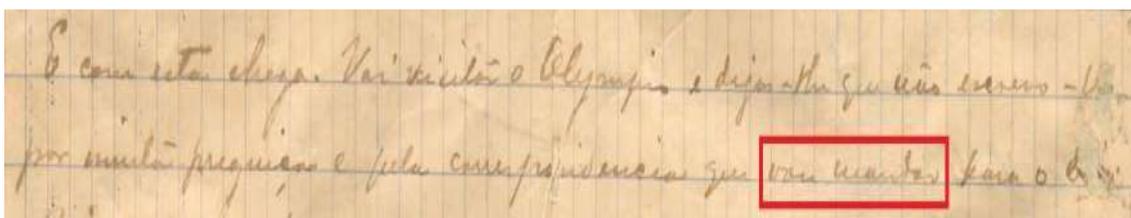
[GD. Porto Grande, 04.01.1889, (C11)]

Imagem 22: Carta de GD.  
Botafogo, 08.11.1884. (C2)



“[...] Fiz a encomenda da Biá e assim | que estiver prompta **mandarei** assim | como no mesmo volume, os 5\$000 | que a senhora teve a bondade de me | emprestar e que de muito me servi- | ram. [...]” [Botafogo, 08.11.1884. (C2)]

Imagem 23: Carta de GD.  
Lisboa, 06.07.1889. (C16)



“[...] E com esta chega. Vai visitar o Olympio e digas-lhe que não escrevo-[lhe] | por muita preguiça e pela correspondencia que **vou mandar** para o [ilegível].” [Lisboa, 06.07.1889. C16]

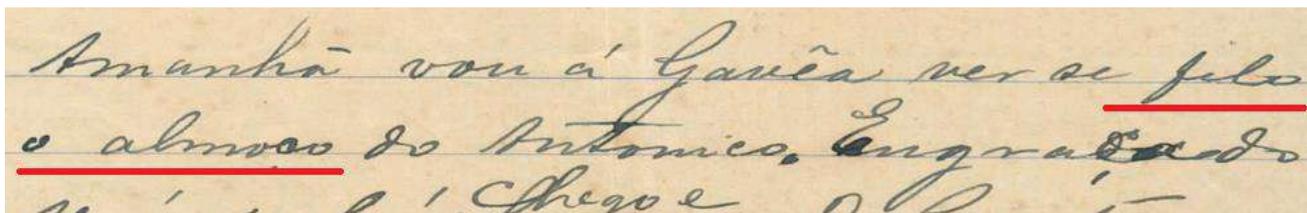
No âmbito semântico-lexical, observarmos “filar o almoço” (imagem 24) e “dar um pulo”<sup>7</sup> (imagem 25) como evidências da informalidade do colóquio na expressão escrita oitocentista de GD. A expressão “dar um pulo” está dicionarizada em (ROCHA & ROCHA 2012, p. 140), ao passo que “filar X” não está, mas temos a referência à expressão “pegar a boia”<sup>8</sup> que parafraseia a ideia de GD<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> “**dar um pulo** (a) Ir a (algum lugar), voltando logo em seguida; dar um salto a; dar um saltinho a. Var. “dar um pul(inh)o logo ali”. (ROCHA & ROCHA 2012, p. 140.)

<sup>8</sup> “**pegar a boia** Ir tomar a refeição.” (ROCHA & ROCHA 2012, p. 354.)

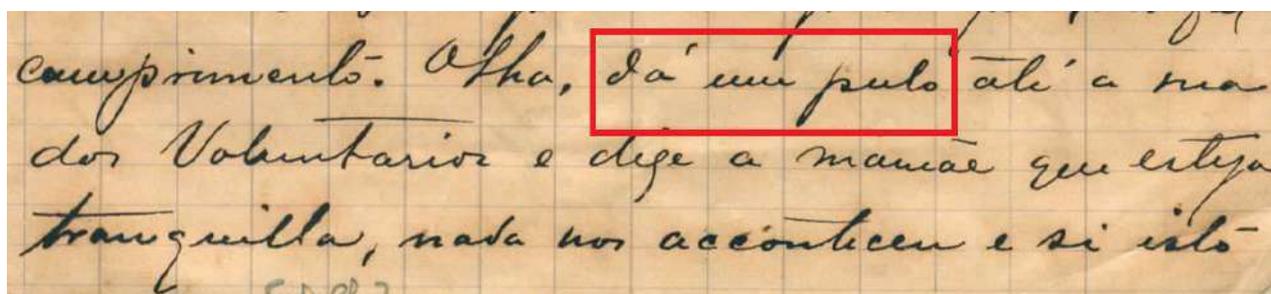
<sup>9</sup> Para a análise das unidades complexas do léxico, sugerimos a discussão proposta por Biderman (2005).

Imagem 24: Carta de GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2)



“[...] Amanhã vou á Gavêa ver se **filo** | **o almoço** do Antonico. [...]”  
[Botafogo, 08.11.1884. (C2)]

Imagem 25: Carta de GD. Lisboa, 09.08.1889. (C18)



“[...] Olha, **dá um pulo** até a rua | dos Voluntarios e dize a mããe que esteja | tranquilla,  
nada nos aconteceu e si isto [...]” [Lisboa, 09.08.1889. (C18)]

### 2.1.3 A validade social e histórica

A questão da *validade social e histórica* está relacionada ao fato de ser imprescindível a caracterização do perfil sócio-histórico dos redatores de sincronias passadas (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING 2012, p. 70). Nesse sentido, a tarefa de “reconstituir as informações sociais necessárias a fim de interpretar os padrões de variação de textos escritos nem sempre é simples” (MILROY, L. & GORDON 2003, p. 177 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING 2012, p. 70). Considerando a relevância de voltarmos esforços à reconstituição da história de vida dos redatores e do contexto social em que estavam inseridos no momento e no espaço da sua produção textual (LABOV, 1994), temos, neste trabalho, um redator cujo nível de habilidade em relação aos modelos de escrita é alto, tendo em vista as suas atuações como crítico de artes plásticas, ficcionista, jornalista, escritor e abolicionista (VERMEERSCH 2002; PESSANHA 2008; GONÇALVES 2010; ESPINDOLA, 2012; FONSECA 2015).

Há ainda a possibilidade de reconstituição do perfil sócio-histórico de um redator a partir das informações primárias produzidas pelo próprio redator como “pistas” sobre o seu envolvimento com a leitura. Em uma de suas cartas, GD comenta com a sua esposa (*Julia*) sobre a felicidade por ter encontrado um exemplar de “Os Miseráveis” de Victor Hugo, cf. ilustramos através das imagens 26 e 27.

Imagem 26: Carta de GD.  
S.l., 06.02.1887. (C8)

Arranjei afinal com  
o meu bom amigo Alfredo  
Pinheiro, o tão desejado ro-  
mance de Victor Hugo -  
Os Miseráveis.

“Arranjei afinal com | o meu bom amigo Alfredo | Pinheiro, o tão desejado ro- | mance de Victor Hugo  
\_ | Os Miseráveis.”

[s.l., 06.02.1887. (C8)]

Imagem 27: Carta de GD.  
S.l., 06.02.1887. (C8)

~~Julia~~ Vim, como sabes,  
dormir em casa de meu amigo,  
onde tive um tracto amabilissimo,  
sim, uma noite de conversas  
esplendidas, e imaginar tu que  
us ver a bibliotheca d'elle,  
deparei com os famigerados  
Miseráveis  
Sua alegria!

“~~Estive~~ Vim, como sabes, dormir em casa do meu amigo, | onde tive um tracto amabilisimo, uma noute de conversa | esplendida, e imaginas tu que | ao ver a bibliotheca d’elle, | deparei com os famigerados || Miseraveis || Que alegria!” [s.l., 06.02.1887. (C8)]

Entendemos que a opção pelo trabalho com cartas autógrafas assegura-nos a *autoria* das cartas produzidas por um brasileiro (carioca escolarizado) em situações discursivas mais íntimas (*autenticidade*) e, portanto, fontes passíveis de evidenciar o vernáculo do PB de fins do século XIX e do início do século XX e, conseqüentemente, a partir da *validade social e histórica* das amostras históricas.

## **2.2 A opção pela edição fac-similar e semidiplomática da escrita íntima de Gonzaga Duque: as cartas pessoais em cena.**

Entendemos que um criterioso trabalho de edição fac-similar e semidiplomática das cartas pessoais de GD é essencial aos futuros estudos linguísticos. Apesar de as cartas de GD já terem sido devidamente publicadas, acompanhadas de um exímio trabalho de divulgação de crônicas, textos de ficção, críticas de artes plásticas e correspondências como resultado de um projeto desenvolvido no Setor de Filologia do Centro de Pesquisa da *Fundação Casa de Rui Barbosa* por Júlio Castañon Guimarães e Vera Lins, observamos que a edição proposta, em 2011, passou por algumas atualizações principalmente de caráter ortográfico (GUIMARÃES & LINS, 2011). Assim sendo, voltamo-nos não só aos tipos de edição à luz das considerações de Spina (1977), mas também justificamos a opção escolhida neste trabalho, tendo sempre em vista o intuito principal de preparação de uma conservadora edição que se preste principalmente aos estudos linguísticos do PB escrito oitocentista e novecentista.

Na perspectiva de Spina (1977, p. 77), o labor da edição está voltado à reprodução de um texto histórico. Nesse sentido, o autor nos apresenta “formas de reprodução” do texto. A reprodução *mecânica* permite que evidências variadas sobre o suporte (papel), tamanho, marginação e ilustrações sejam vislumbradas, uma vez que traz à tona o documento em si numa espécie de “fotografia” que é o próprio fac-símile. Ainda que se trate de uma reprodução fidelíssima do texto original, tão somente é usufruída por especialistas na decodificação do código escrito em manuscritos históricos de sincronias

passadas. Assim sendo, esse tipo de edição *fac-similar* acaba, por outro lado, por dissipar um alcance mais amplo por parte daqueles que se voltam ao passado (mais recuado na linha do tempo) das línguas humanas.

A *transcrição diplomática* compatibiliza-se com a descrição interpretativa de traços paleográficos dos manuscritos históricos. A recomendação de Spina é a de que a transcrição diplomática seja nutrida pelo cotejo entre o fac-símile e a transcrição proposta pelo filólogo que passa, por sua vez, a interpretar traços paleográficos relacionados à grafia, às abreviações, às ligaduras entre as letras, os possíveis “erros” e às “passagens estropiadas” (SPINA 1977, p.78).

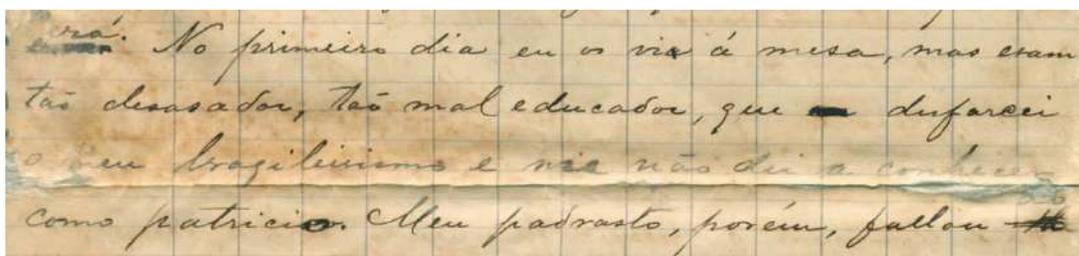
A *transcrição diplomático-interpretativa* ou *semidiplomática* supera-se em relação à transcrição tão somente diplomática. A ideia é a de que a *diplomático-interpretativa* (*semidiplomática*) passe não só pelo desenvolvimento de índices abreviativos, mas também possa atuar em relação à divisão das palavras e à pontuação como “tentativa de melhoramento do texto” nos termos de Spina (1977, p. 79).

Há ainda a *transcrição paleográfica* que é classificada como “mais perfeita que a própria reprodução fac-similar do manuscrito” (SPINA 1977, p. 79). Nesse trabalho de transcrição, temos em evidência particularidades do texto e da sua composição material depreendidos por um “hábil paleógrafo”, cf. Spina (1977, p. 79). A transcrição *paleográfica* consiste na descrição pormenorizada de traços caligráficos tais como correções, possíveis sobreposições de letras e retoques pelo punho do redator ou por outros punhos no decorrer do tempo.

A edição *crítica* se dá a partir de um trabalho metódico marcado pela reconstituição do texto em sua essência, tendo sempre em vista as suas distintas versões devidamente aproximadas pela análise crítica do editor. A reconstrução do texto em relação à sua origem passa por uni-lo “o mais possível da última vontade do seu autor” (SPINA 1977, p. 80), o que consiste na recomposição das possíveis rasuras, interpolações, lapsos espontâneos de escritura e “erros” tipográficos das várias versões do texto em reconstrução. Cabem esclarecimentos de vários tipos (linguísticos, etimológicos, históricos, geográficos, mitológicos) ao leitor, sugerindo não só o potencial do texto em si, mas também a habilidade do editor, ao depreender distintas áreas do conhecimento humano.

Uma vez expostas as possibilidades de edição de textos históricos, optamos, nesta Dissertação, por expor o fac-símile ao lado da transcrição diplomática das cartas pessoais de GD. Isso quer dizer que o fac-símile (imagem do manuscrito) está imediatamente acompanhado da sua transcrição em que preservamos todas as opções linguístico-textuais do redator. Optamos ainda por desenvolver os índices abreviativos e por confeccionar notas de rodapé com esclarecimentos que tendam a evidenciar traços destoantes da realidade atual do PB, principalmente, pelas escolhas lexicais do autor e por seus traços paleográficos (sobreposição de letras, retoques do autor, possíveis intervenções de outros punhos). Desejamos, pois, orientar a leitura de um leitor contemporâneo, sem, por outro lado, descaracterizar o vernáculo do PB escrito em fins do século XIX.

Imagem 28: Carta de GD.  
Lisboa, 26.07.1889. (C17)



“No primeiro dia eu os via á mesa, mas eram | tão desasados<sup>61</sup>, tão mal educados, que eu desfarcei | [m]eu brasileirismo e me não dei a conhecer | como patricio.” [[s.l., 06.02.1887. (C8)]]

<sup>61</sup> “DESASADO part. passado de “desásar”. § Pouco geitoso, pouco destro; descuidado, negligente.”, cf. Bluteau (1789, p. 391).

Tendo sempre em vista o fato de que o “filólogo toma uma série de decisões em função do público que deseja atingir” (MARCOTULIO *et alii* 2018, p. 89), que, no nosso caso, é o linguista-pesquisador, interessado por questões paleográficas, linguístico-textuais e semântico-lexicais, entendemos que conseguimos, com a edição fac-similar e semidiplomática, manter o baixo grau de intervenção do editor em relação ao texto, ainda que tenhamos feito as seguintes interferências pontuais:

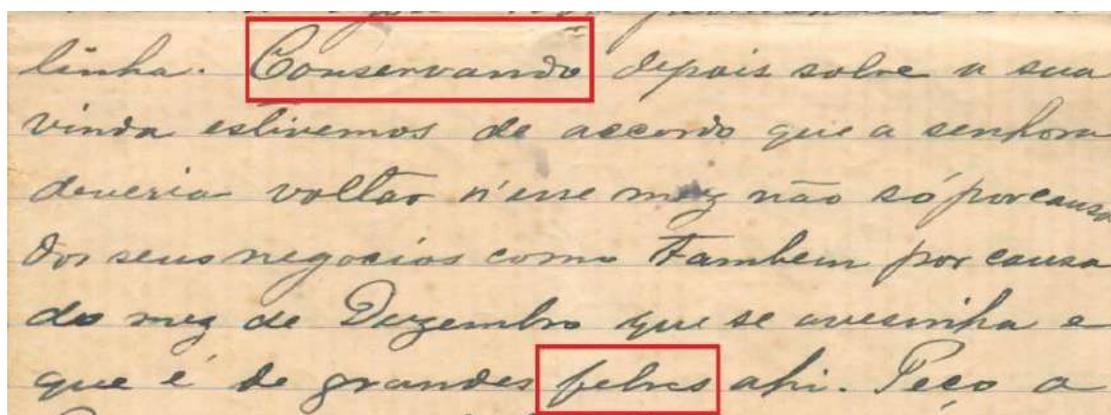
(a) o desenvolvimento das abreviaturas, trazendo à tona, em itálico, as letras abreviadas pelo redator;

(b) a interpretação das letras não potencialmente decodificadas (nível de compreensão literal do texto), mas inferidas, através do contexto, pelo editor, estão em itálico;

(c) a produção de notas de rodapé com comentários relacionados à grafia, aos possíveis lapsos de redação e às escolhas lexicais do redator.

Na imagem 29, por exemplo, ilustramos, através de duas notas de rodapés (24 e 25), esclarecimentos ao leitor acerca de lapsos de escritura do redator e de um uso lexical em sentido figurado para o item “febres”, respectivamente.

Imagem 29: Carta de GD.  
Botafogo, 08.11.1884. (C2)



“[...] Conservando<sup>24</sup> depois sobre a sua | vinda estivemos de accordo que a senhora | deveria voltar n’esse mez não só por causa | dos seus negocios como tambem por causa | do mez de Dezembro que se avessinha e | que é de grandes febres<sup>25</sup> ahi. [...]”

[Botafogo, 08.11.1884. (C2)]

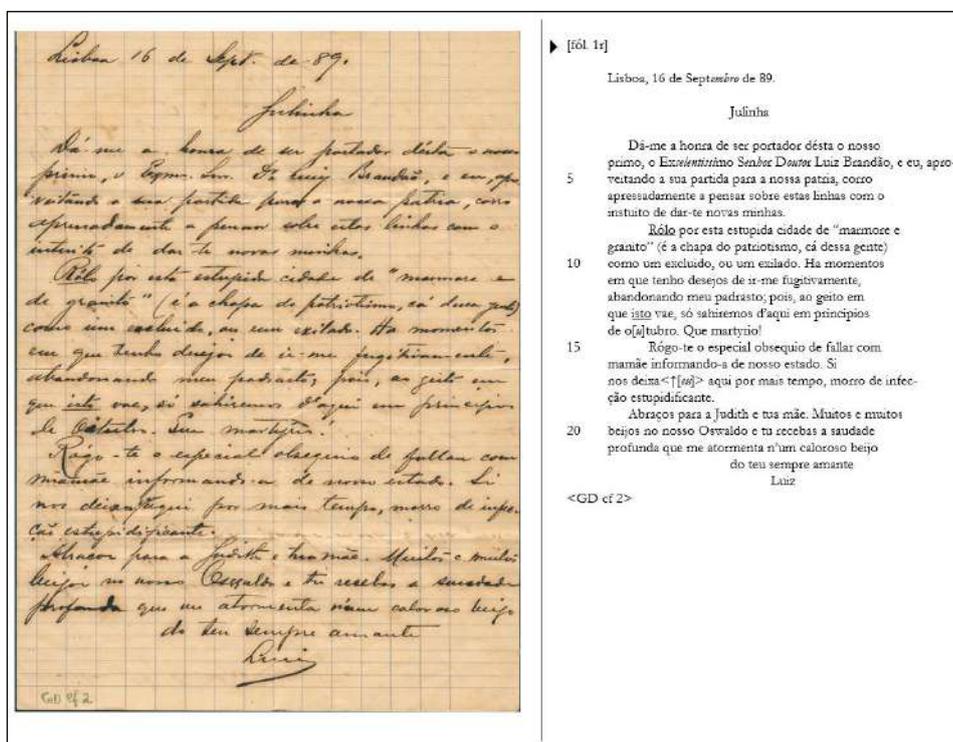
<sup>24</sup> Provavelmente “conversando”.

<sup>25</sup> O item lexical “febres” está no sentido figurado de “grande agitação”, como descrito por Houaiss (2009), ao elencar a quarta acepção para o verbete “febre”: “4 Derivação: sentido figurado. grande agitação; exaltação.” Parece que, na concepção do redator, o mês de dezembro é de grande agitação.

A título de exemplificação, apresentamos uma síntese-descritiva das cartas pessoais de GD (imagem 30) seguida da imagem do fac-símile ao lado da sua edição semidiplomática (imagem 31).

Imagem 30: Quadro-síntese com informações básicas da carta 21 de GD.

Acrervo:	Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 21
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Lisboa
Data:	16.09.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo:	Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe sobre o desejo intenso de regressar ao Brasil e pedindo auxílio financeiro a sua mãe sob a justificativa de morte por infecção caso permanecesse em Lisboa.

Imagem 31: Um exemplo de edição fac-similar e semidiplomática de uma carta de GD.  
Lisboa, 16.09.1889. (C21)

Apresentamos, a seguir, as normas de edição, inspiradas nas normas de edição do Projeto “Para uma História do Português Brasileiro” (RUMEU & SOUZA 2019, p. 369; SANTOS & RUMEU, 2019; RUMEU, 2013) que também orientam o processo de leitura e de edição das cartas pessoais de GD.

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas serão desenvolvidas na transcrição, revelando-se, em itálico, as letras omitidas, à luz dos seguintes critérios específicos:
  - (a) A norma se aplica também às abreviaturas hoje em uso corrente ou fixadas em dicionários. Exemplos: “etc.”, “Sr.”, “Sra.”, “Ltda.”, “Cia”, “V. Ex.” e “D.”;
  - (b) Respeitar, sempre que possível, a grafia do documento, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura “m.<sup>to</sup>” a ser transcrita “munto”.
3. Não será estabelecida fronteira vocabular entre palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “epor” “ser”; “aellas”; “daPiedade”; “omninino”; “dosertaõ”; “mostrandoselhe”; “achandose”; “sesegue”.
4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [espaço]. Serão observados dois casos especiais:
  - (a) Em relação a trechos que demandem maior esforço para decodificação, seja pela ausência de sinais de pontuação, seja por estarem sob sistema diverso, o editor incluirá, em nota de rodapé, uma possível interpretação;
  - (b) A sinalização [espaço] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.
5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração.
6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original.

7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção.

8. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:

(a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: <>; <↑>, se na entrelinha superior; <↓>, se na entrelinha inferior;

(b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais <>, na localização indicada.

9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas.

10. Intervenções de terceiros no documento original devem ser transcritos entre os sinais <>, podendo aparecer em nota de rodapé, informando-se a sua localização.

11. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes e em itálico.

12. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores.

13. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[?]r.”; “É assim [inint.] em Java”; “É assim [inint. + 2 linhas] em Havana.

14. Para a dúvida acerca da decifração de algum grafema ou segmento de um determinado vocábulo, deve-se apresentá-lo em itálico e entre colchetes. Exemplo: ent[re]gue ou [rapaz].

15. A mudança de fólio ou página receberá a marcação entre colchetes conforme o caso:

- (a) Em documentos manuscritos, com o respectivo número e indicação de frente ou verso. Exemplos: [fól. 1r]; [fól. 1v]; [fól. 2r]; [fól. 2v]; [fól. 3r]; [fól. 3v]; [fól. 16r];
- (b) Em documentos manuscritos, impressos ou datilografados, a indicação de página será expressa da seguinte forma: [p. 1]; [p. 2]; [p. 3]; [p. 19];

16. Na transcrição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta à margem direita da mancha, à esquerda do leitor.

17. Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples, Bernardo Jose de Lorena; sinal público, [Bernardo Jose de Lorena].

18. Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e layout do texto em impressos devem aparecer em nota de rodapé.

19. Os excertos que se fizerem acompanhar, no corpo desta Dissertação, das suas respectivas transcrições evidenciam, através de uma barra na vertical <|>, a mudança de linhas e duas barras, a mudança de parágrafo <||>.

Uma vez expostas as normas de edição das cartas pessoais em análise, passamos à uma síntese das missivas (cf. Quadro 4), vinculando-as ao local, à data de produção, à relação interpessoal mantida entre GD, ao seu destinatário e ao subgênero da carta pessoal (amorosa, familiar e de amizade).

Em análise, temos vinte e seis (26) cartas pessoais. Dentre elas, dezesseis (16) são cartas amorosas de GD para a sua esposa Julia (“Julia Guimarães Torres”<sup>10</sup>). Em oito (8) delas, o redator trava contato com os seus familiares. São seis missivas escritas à sogra (“Maria Amália Guimarães Torres” (D. Mariquinhas)), uma (1) voltada para a cunhada Judith e mais uma (1) direcionada ao seu filho Oswaldo. Em relação às cartas de amizade, temos tão somente duas (2): uma (1) a um compadre e amigo não identificado e outra, ao amigo Castello.

---

<sup>10</sup> GD e Julia casam-se em 15 de agosto de 1885, cf. Fonseca (2015, p. 38)

**RELAÇÃO DAS CARTAS PESSOAIS DE GONZAGA DUQUE (SÉCULOS XIX E XX)**

Nº	SUBGÊNERO DA CARTA	LOCAL	DATA	DESTINATÁRIO (A)	RELAÇÃO INTERPESSOAL
1	familiar	Botafogo (RJ)	06.11.1884	Sogra (D. Mariquinhas)	genro - sogra
2	familiar	Botafogo (RJ)	08.11.1884	Sogra (D. Mariquinhas)	genro - sogra
3	familiar	Botafogo (RJ)	10.11.1884	Sogra (D. Mariquinhas)	genro - sogra
4	familiar	Sem local	13.11.1884	Sogra (D. Mariquinhas)	genro - sogra
5	familiar	Sem local	17.11.1884	Sogra (D. Mariquinhas)	genro - sogra
6	familiar	Aldeia de São Pedro, Cabo Frio, (RJ)	11.10.1885	Sogra (D. Mariquinhas)	genro - sogra
7	familiar	Botafogo (RJ)	17.11.1886	Cunhada (Judith)	cunhado-cunhada
8	amorosa	Sem local	06.02.1887	Esposa (Julia)	esposo-esposa
9	amorosa	Volta Redonda <sup>11</sup> (RJ)	08.02.1887	Esposa (Julia)	esposo-esposa
10	amorosa	Volta Redonda (RJ)	16.02.1887	Esposa (Julia)	esposo-esposa
11	amorosa	Porto Grande, Teresópolis, Rio de Janeiro (RJ)	04.01.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
12	amorosa	Porto Grande, Teresópolis, Rio de Janeiro (RJ)	18.01.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
13	amorosa	Porto Grande, Teresópolis, Rio de Janeiro (RJ)	05.02.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
14	amorosa	A Bordo do Donau	10.06.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
15	amorosa	A Bordo do Donau	19.06.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
16	amorosa	Lisboa (Portugal)	06.07.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
17	amorosa	Lisboa (Portugal)	26.07.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
18	amorosa	Lisboa (Portugal)	09.08.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
19	amorosa	Lisboa (Portugal)	11.08.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
20	amorosa	Lisboa (Portugal)	27.08.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
21	amorosa	Lisboa (Portugal)	16.09.1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
22	amorosa	Sem local	27 (a noite) 1889	Esposa (Julia)	esposo-esposa
23	familiar	Rio de Janeiro	22.07.1906	Filho (Oswaldo)	pai-filho
24	amizade	Sem local	05.03.1907	Amigo	amigo-amigo
25	amizade	Sem local	09.11.1909	Amigo (Castello)	amigo-amigo
26	amorosa	Lisboa	10.09. <sup>12</sup>	Esposa (Julia)	esposo-esposa

Quadro 4: Cartas pessoais de Gonzaga Duque (séculos XIX e XX)

<sup>11</sup> Por inferência, através da leitura da carta, chegamos à conclusão de que esta missiva provavelmente tenha sido escrita em Volta Redonda (RJ).

<sup>12</sup> Nesta carta, temos, no manuscrito, tão somente as menções completas ao dia (10), ao mês (setembro “9”) e, na sequência, temos mais um “9” que pode nos levar a fins do século XIX, momento em que GD mais se comunicou, através de cartas, de Portugal, com a esposa, no Brasil.

### 3 A PRODUÇÃO ESCRITA DE GONZAGA DUQUE: ASPECTOS PALEOGRÁFICOS EM CENA.

A estrutura interna da palavra “Paleografia”<sup>13</sup> nos evidencia os itens lexicais do grego “palaiós” (*antiga*) e “-graph(o)-” (*escrita*) como uma formação morfológicamente transparente em relação à sua semântica. Considerando também o seu significado etimológico, direcionamo-nos, antes de atentarmos especificamente à discussão de alguns traços paleográficos da escrita de GD, ao conceito de Paleografia, que é norteador desta Dissertação.

Núñez Contreras (1994, p. 19)<sup>14</sup> assume, à princípio, a Paleografia “como um meio de leitura de escritas em desuso; como um meio para a crítica histórica em geral e mais concretamente para a crítica textual como uma ciência autônoma que tem por objeto de estudo a escrita (...)”. Amparado por essa definição de Paleografia ancorada em três eixos, Núñez Contreras (1994, p. 19) remete, com base em Gilissen (1973),<sup>15</sup> às três potencialidades de análises dessa área do conhecimento humano. São elas: (I) a Paleografia de leitura, (II) a Paleografia de análise e (III) a Paleografia voltada à história da escrita. No que se refere à Paleografia de leitura, temos a ideia de se tratar do mais antigo conceito de Paleografia a que se tem acesso, cf. Núñez Contreras (1994, p. 19)<sup>16</sup>. Em relação à Paleografia de análise (crítico-analítica), temos, ancorados em Núñez Contreras (1994, p. 20)<sup>17</sup>, a sua definição como um avanço da Paleografia de leitura, uma vez que passa pela análise de distintas formas de escrita voltadas às questões de identificação, autentificação e reorganização em relação ao período histórico a que pertencem. No âmbito da Paleografia voltada à história da escrita, temos a sua definição equiparada ao âmbito da história da escrita, à luz de Núñez Contreras (1994, p. 21).<sup>18</sup>

Assim sendo, Núñez Contreras (1994, p. 23) chega à definição de “Paleografia”, através de Petrucci (1985), como “Ciência que com método próprio estuda o desenvolvimento do processo gráfico, considerando a escrita como faculdade própria e

<sup>13</sup> Na palavra “paleografia”, temos “pale(o)-”, elem. comp., do lat. cient. *palaeo-*, (deriv. do gr. *palaio-*, de *palaiós*) **antigo** e “-graf(o)-”, elem. comp., deriv. do gr. *-graph(o)-*, de *gráphein* **escrever, descrever, desenh**ar”, cf. CUNHA (2012 [1982], págs. 470 e 322).

<sup>14</sup> “[...] Paleografia como un medio de lectura de escrituras en desuso; como un medio para la crítica histórica en general y más concretamente para la crítica textual y como una ciencia autónoma que tiene por objeto el estudio de la escritura [...]”, cf. (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 19)

<sup>15</sup> GILISSEN, L. «Analyse des écritures».

<sup>16</sup> “[...] Responde al más antiguo concepto que de la Paleografía se tuvo”. (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 19)

<sup>17</sup> “Constituye un avance científico, una más alta especialización respecto a la Paleografía de lectura. Su objeto no es proporcionar lecturas de escrituras en desuso, sino sobre todo - y supuesta una lectura correcta - someter a las distintas escrituras a un riguroso examen relativo a «todos los problemas de identificación, autentificación y realgrupamiento de las escrituras sea cual fuere el periodo al que pertenecen»”. (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 20)

<sup>18</sup> “La tercera consideración de la Paleografía, la que la identifica con la historia de la escritura, no es tan reciente como puede parecer.” (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 21)

exclusiva do homem”, assumindo ainda, à luz de Petrucci (1985), que o seu objeto de estudo perpassa pela análise dos testemunhos manuscritos que se mostraram na história da escrita (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 24)<sup>19</sup>.

Considerando, pois, a “Paleografia” como a “Ciência que com método próprio estuda o desenvolvimento do processo gráfico, considerando a escrita como faculdade própria e exclusiva do homem”, cf. Petrucci (1985 *apud* NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 23-24), passamos à descrição dos traços da letra de GD, atentando especificamente à *morfologia das letras*, ao *ângulo*, ao *ductus*, ao *modulo* e ao *peso* como elementos constitutivos da morfologia do seu traçado (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 38). Assumimos, nesta Dissertação, tais traços paleográficos como categorias de análise paleográfica da escrita de um redator brasileiro nas eras oitocentista e novecentista do PB escrito.

### **3.1 A morfologia das letras de um missivista brasileiro em manuscritos oitocentistas e novecentistas**

Ao voltarmos-nos aos traços paleográficos, iniciamos pela configuração externa das letras no suporte. Para isso, apoiamo-nos na concepção de Núñez Contreras (1994, p. 38)<sup>20</sup> que, ao descrever os elementos constitutivos da escrita, entende que a *morfologia* da letra diz respeito ao seu aspecto exterior em um determinado sistema gráfico, de modo a ser reconhecido por todo e qualquer leitor. Acrescenta o autor o fato de a *morfologia* das letras poder assumir traços (*sinais de abreviação*, *grafia do ditongo “ae”*, *sinais de pontuação* etc.) que tendem a cair em desuso no decorrer do tempo.<sup>21</sup>

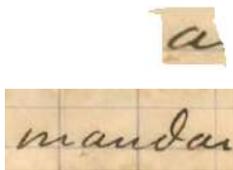
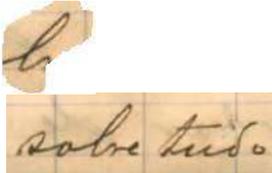
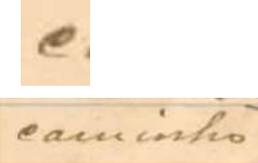
Ao apresentarmos a morfologia das letras, voltamos-nos também às formas alógrafas. Isso quer dizer que assumimos, em conformidade com Marcotulio *et alii* (2018, p. 313), as “distintas possibilidades de grafar o mesmo vocábulo” a partir das formas das letras. Assim sendo, apresentamos, no quadro 5, um breve mapeamento das formas das letras maiúsculas e minúsculas (nas posições iniciais, medial e final) de GD em suas cartas

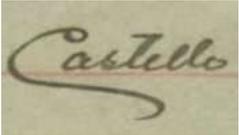
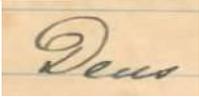
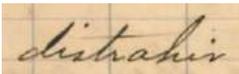
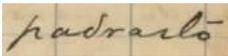
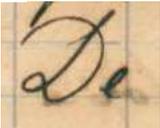
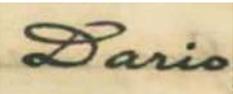
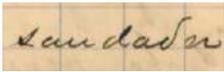
<sup>19</sup> «El objeto de estudio de la Paleografía es todo testimonio escrito a mano desde los orígenes de la escritura hasta la difusión de la imprenta» (PETRUCCI 1985 *apud* NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 24)

<sup>20</sup> “Morfología Es el aspecto exterior de los signos convencionales desprovistos de toda individualización, que permite conocer la letra significada. Se trata, pues, de formas comunes en todo el que escribe en un mismo sistema gráfico y que por serlo pueden ser reconocidas por cualquier lector.” (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 38)

<sup>21</sup> “En oposición a la morfología esencial, la escritura ofrece signos nuevos que han sido incorporados en una época determinada y que las más de las veces caen en desuso; no pueden, por lo tanto, ser interpretados sin un conocimiento de la historia de la escritura: signos de abreviatura, grafías del diptongo ae, signos de puntuación, etc.” (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 38)

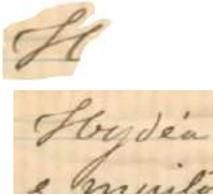
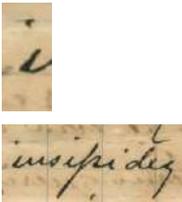
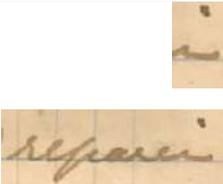
personais, expondo ainda as evidências captadas pelo nosso olhar em relação às formas alométricas.

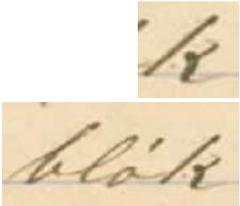
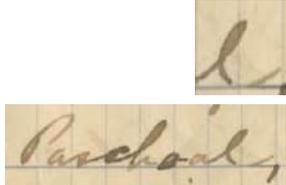
Relação das letras maiúsculas e minúsculas de Gonzaga Duque				
Letra	Maiúsculas	Minúsculas		
		Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final
A - a	 <p>“Ahi” (C26, fól. 1v, l. 37)</p>	 <p>“afflige” (C26, fól. 1r, l.4)</p>	 <p>“mandar” (C22, fól. 2r, l. 67)</p>	 <p>“penna” (C21, fól. 1r, l.6)</p>
B - b	 <p>“Brasil” (C20, fól. 1v, l. 41)</p>  <p>“Botafogo” (C7 fól. 1r, l.1)</p>	 <p>“borboletas” (C22, fól. 1v, l. 37)</p>	 <p>“sobre tudo” (C17, fól. 1r, l. 26)</p>	 <p>“<u>snob</u>” (C23, fól. 24 l. 1v)</p>
C - c	 <p>“Christo” (C26, fól. 2v, l. 104)</p>	 <p>“caminho” (C11, fól. 1r)</p>	 <p>“inconsciente” (C1, fól. 1r, l. 19)</p>	

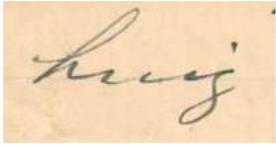
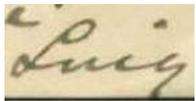
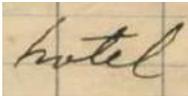
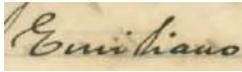
	  <p>“Castello” (C25, fól. 1r, l. 2)</p>   <p>“Como” (C17, fól. 2v., l. 82)</p>			<p>“infec-ção” (C21, fól. 1r, l. 17)</p>
<p><b>D - d</b></p>	  <p>“Deus” (C1, fól. 1v, l. 32)</p>	  <p>“distrahir” (C17 fól. 2r, l. 82)</p>	  <p>“padrasto” (C17, fól. 2r, l. 55)</p>	<p>-</p>
	  <p>“De” (C22, fól. 1r, l. 23)</p>   <p>“Dario” (C23, fól. 2r, l. 61)</p>		   <p>“saudades” (C17 fól. 2r, l. 82)</p>	

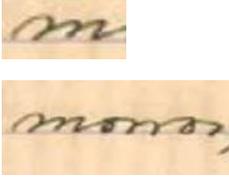
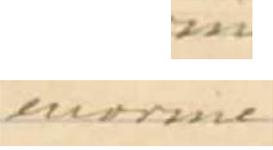
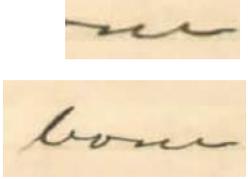
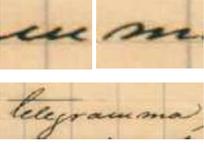
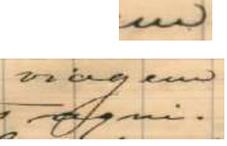
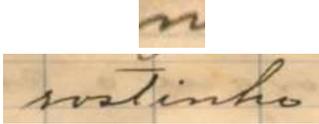
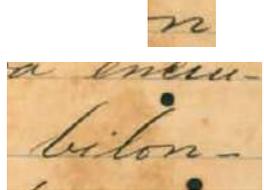
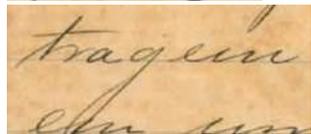
<p><b>E - e</b></p>	  <p>“E, Santos Deus!” (C1 fól. 1v, l. 45)</p>	  <p>“exigencia” (C26, fól. 1v, l. 30)</p>	  <p>“respeitavel” (C7, fól. 1r, l. 26)</p>	  <p>“breve” (C2 fól. 4v, l. 85)</p>
	  <p>“Elisa” (C1 fól. 2r, l. 64)</p>			
	  <p>“Exaspero-me” (C18, fól. 1r, l. 3)</p>			
<p><b>F - f</b></p>	  <p>“França” (C26, fól. 1v, l. 48)</p>  <p>“Figueira” (C. 16, fól. 1v, l. 43)</p>	  <p>“fizeres” (C23, fól. 2v, l. 82)</p>  <p>“facilidades” (C23, fól. 2v, l. 84)</p>	  <p>“Afinal” (C25, fól. 1r, l. 18)</p>	  <p>“sof-frer” (C20, fól. 1r, l. 5)</p>

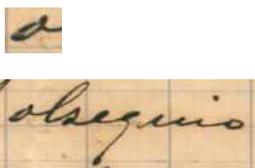
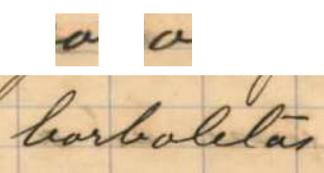
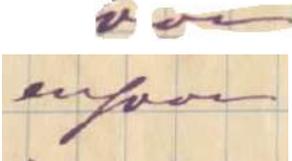
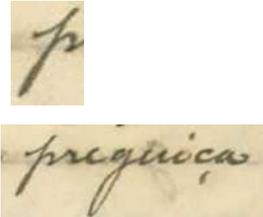
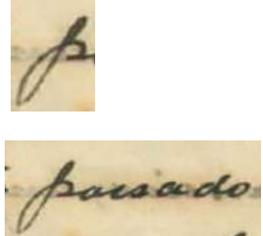
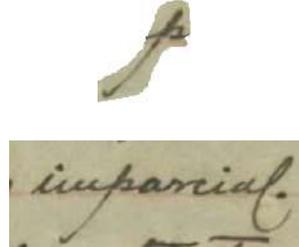
	 <p>“Cabo Frio” (C6, fól. 1r, l. 18)</p>			
G - g	 <p>“Porto Grande” (C11, fól. 1r, l. 1)</p>	 <p>“gotta” (C20, fól. 2r, l. 58)</p>	 <p>“engano” (C17, fól. 1r, l. 3)</p>	-
	 <p>“Guy” (C26, fól. 1v, l. 45)</p>	 <p>“geito” (C21, fól. 1r, l. 12)</p>	-	-
H - h	 <p>“Hoje” (C24, fól. 1r, l. 4)</p>	 <p>“honesta” (C26, fól. 2v, l. 92)</p>	 <p>“pachorra” (C23, fól. 2v, l. 72)</p>	 <p>“Judith” (C1, fól. 1r, l. 9)</p>

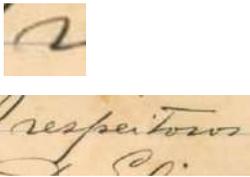
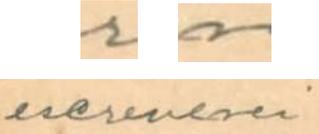
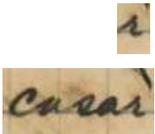
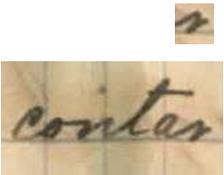
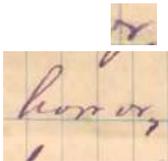
	 <p>“Hydèa” (C10, fól. 2r, l. 62)</p>  <p>“Ha” (C26, fól. 1r, l. 3)</p>			
I - i	 <p>“Irribus!” (C25, fól. 1r, l. 17)</p>  <p>“Itaguahy” (C2, fól. 1v, l. 45)</p>	 <p>“insipidez” (C19, fól. 1r, l. 12)</p>	 <p>“mei ados” (C20, fól. 1r, l. 25)</p>	 <p>“reparei” (C16, fól. 1r, l. 23)</p>
J - j	 <p>“Justianna” (C14, fól. 2v, l. 69)</p>	 <p>“jornaes” (C15 fól. 1v, l. 45)</p>	 <p>“ensejo” (C15, fól. 1r, l. 24)</p>	-

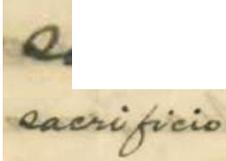
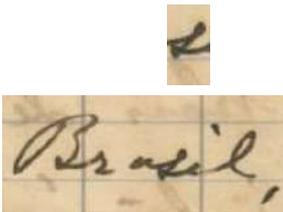
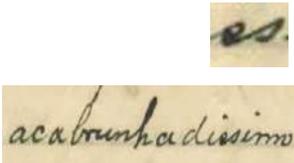
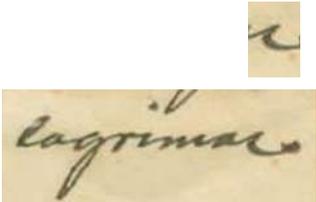
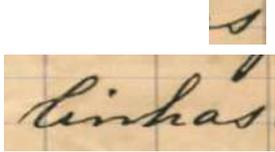
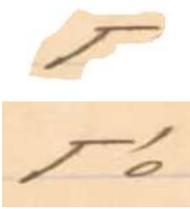
	 <p>“Julgas-te” (C18, fól. 1r, l. 8)</p>	-	 <p>“ginga” (C17, fól. 2r, l. 74)</p>	-
<b>K - k</b>	-	-	-	 <p>“blók” (C11, fól. 1v, l. 22)</p>
<b>L - l</b>	 <p>“Leal” (C22, fól. 1v, l. 28)</p>  <p>“Lembranças” (C19, fól. 1v, l. 32)</p>  <p>“Luiz” (C4. 13.11.1884, fól.1r, l. 22)</p>	 <p>“lentamente” (C26, fól. 1v, l. 35)</p>	 <p>“culpa” (C19, fól. 1r, l. 9)</p>	 <p>“Paschoal” (C16, fól. 1v, l. 37)</p>

	  <p>“Luiz” (C4. 13.11.1884, fól. 1v, l. 39)</p>   <p>“Luiz” (C23. RJ, 22.07.1906. fól. 2v, l. 98)</p>			
-	-	-	  <p>“mulher” (C22, fól. 1v, l. 42)</p>	  <p>“hotel” (C17, fól. 1v, l. 33)</p>
-	-	-	  <p>“Emiliano” (C23, fól. 1r, l. 5)</p>	-

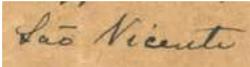
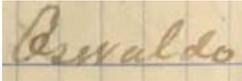
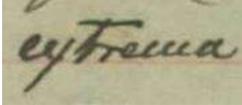
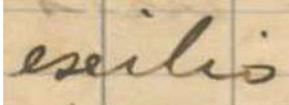
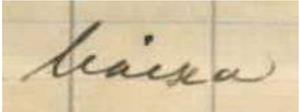
<p><b>M - m</b></p>	 <p>“Manéco” (C7, fól. 1v, l. 32)</p>  <p>“Meu” (C22, fól. 1r, l. 13)</p>	 <p>“morros” (C9, fól. 1r, l. 14)</p>	 <p>“enorme” (C11, fól. 1v, l. 19)</p>	 <p>“bom” (C14, fól. 2r, l. 61)</p>
			 <p>“telegramma” (C18, fól. 1v, l. 26)</p>	 <p>“viagem” (C18, fól. 1v, l. 28)</p>
<p><b>N - n</b></p>	 <p>“Nada” (C26, fól. 1r, l. 6)</p>	 <p>“noiva” (C3, fól. 1r, l. 9)</p>	 <p>“rostinho” (C17, fól. 1r, l. 15)</p>  <p>“lembranças” (C18, fól. 1v, l. 36)</p>	 <p>“o Gran-   de” (C5, fól. 2r, l. 45)</p>   <p>“bilon-   tragem” (C7, fól. 2r, l. 62)</p>

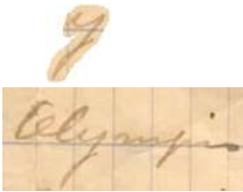
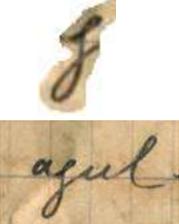
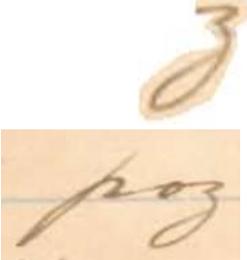
<p>O - o</p>	 <p>“Olivaes” (C26, fól. 1r, l. 12)</p>	 <p>“obsequio” (C21 fól. 1r, l. 15)</p>	 <p>“borboletas” (C22, fól. 1v, l. 37)</p>	 <p>“creado e futuro genro” (C5, fól. 2v, l. 76)</p>  <p>“enjoo” (C6, fól. 1v, l. 39)</p>
<p>P - p</p>	 <p>“Paris” (C22, fól. 1r, l.11)</p>	 <p>“preguiça” (C23, fól. 1v, l. 47)</p>	 <p>“compadre” (C24, fól. 1r., l. 6)</p>	<p>-</p>
	 <p>“Passagem” (C2, fól. 3r, l. 107)</p>	 <p>“passado” (C23, fól. 1v, l. 46)</p>	 <p>“imparcial” (C25, fól. 1r, l. 23)</p>	<p>-</p>
<p>Q - q</p>	 <p>“Quando” (C19, fól. 1r, l. 21)</p>	 <p>“querida!” (C7, fól. 1r, l. 15)</p>	 <p>“ataque” (C1, fól. 1r, l. 6)</p>	<p>-</p>

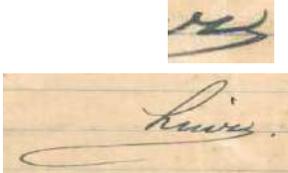
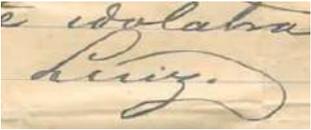
	 <p>“<b>Quatro</b>” (C16, fól. 1r, l. 9)</p>			
R - r	 <p>“<b>Rólo</b>” (C21, fól. 1r, l. 8)</p>  <p>“<b>Rógo-te</b>” (C21 fól. 1r, l. 15)</p>  <p>“<b>Volta-Redonda</b>” (C10, fól. 1r, l. 1)</p>	 <p>“<b>respeitosos</b>” (C7, fól. 2r, l. 77)</p>  <p>“<b>romance</b>” (C8, fól. 1r, l. 4-5)</p>	 <p>“<b>escreverei</b>” (C5, fól. 2v, l. 71)</p>	 <p>“<b>casar</b>” (C26, fól. 2r l. 71)</p>  <p>“<b>contar</b>” (C26, fól. 2r l. 69)</p>  <p>“<b>horror</b>” (C6, fól. 1r, l. 13)</p>

<p>S - s</p>	 <p>“Sou” (C. 9, fól. 1r, l. 18)</p>  <p>“Sempre” (C. 22, fól. 1v, l. 31)</p>  <p>“Separaste” (C. 23, fól. 1v, l. 24)</p>	 <p>“sacrificio” (C. 26, fól. 1r, l. 20)</p>	 <p>“Brasil” (C. 20, fól. 1v, l. 20)</p>  <p>“acabrunhadissimo” (C. 26, fól. 1r, l. 8)</p>	 <p>“ocios” (C. 23, fól. 1v, l. 25)</p>  <p>“lagrimas” (C. 23, fól. 2v, l. 96)</p>  <p>“linhas” (C. 18, fól. 1v, l. 33)</p>
<p>T - t</p>	 <p>“Thomé” (C. 1, fól. 2r, l. 80)</p>  <p>“Torres” (C. 2, fól. 1r, l. 14)</p>	 <p>“terreno” (C. 14, fól. 2v, l. 73)</p>  <p>“<u>vale telegráfico</u>” (C. 19, fól. 1r, l. 22)</p>	 <p>“latas” (C. 13, fól. 1r, l. 13)</p>	 <p>“t'o” (C. 8, fól. 1r, l. 18)</p>

U - u	<p>“Uruguay” (C. 3, fól. 1r, l. 28)</p>	<p>“um” (C. 23, fól. 2r, l. 51)</p>	<p>“rua da Uruguayanna” (C. 15, fól. 2v, l. 86)</p>	<p>“tu” (C. 26, fól. 2v, l. 99)</p>
	<p>(C. 7, fól. 1v, l. 43)</p>			
	<p>“rua da Uruguayanna” (C. 15, fól. 2v, l. 86)</p>			
V - v	<p>“Vês” (C. 22, fól. 1v, l. 21)</p>	<p>“vastidão” (C. 15, fól. 1r, l. 5)</p>	<p>“viuvinha” (C. 18, fól. 1r, l. 9)</p>	-
	<p>“Visconde” (C. 10, fól. 1v, l. 30)-</p>	<p>“viagem” (C. 22, fól. 2r, l. 68)</p>	-	-

	 <p>“Vicente” (C. 15, fól. 1v, l. 48)</p>			
W - w	-	-	 <p>“Oswaldo” (C. 16, fól. 1v, l. 53)</p>	-
X - x	-	-	 <p>“extrema” (C. 25, fól. 1r., l. 19)</p>  <p>“exilio” (C. 20, fól. 1v, l. 29)</p>  <p>“vexame” (C. 1, fól. 1v, l. 43)</p>  <p>“baixa” (C. 17, fól. 2r, l. 78)</p>	-

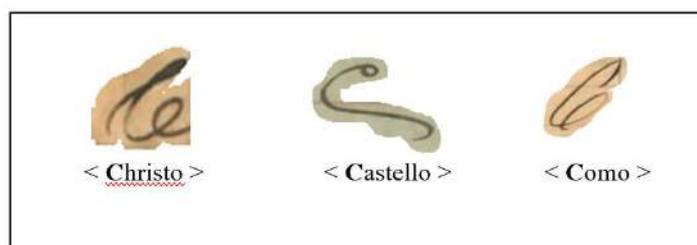
Y - y	-	-	 <p>“Olympio” (C. 16, fól. 2v, l. 111)</p>	 <p>“Suruhy” (C. 13, fól. 1r, l. 15)</p>
Z - z	-	 <p>“zangado” (C. 5, fól. 2r, l. 66)</p>	 <p>“Brazil” (C. 18, fól. 1v, l. 27)</p>  <p>“tristeza” (C. 26, fól. 1r, l. 6)</p>  <p>“tristeza” (C. 5, fól. 1r, l. 3)</p>  <p>“azul” (C.26, fól. 2v, l. 101)</p>	 <p>“atrivez” (C. 23, fól. 2r, l. 53)</p>  <p>“não poz” (C. 8, fól. 1r, l. 20)</p>  <p>“infeliz” (C. 2, fól. 1r, l. 19)</p>  <p>“traz” (C.26, fól. 2v, l. 101)</p>

			 <p>“Fazes” (C.26, fól. 2v, l. 104)</p>	 <p>“Luiz” (C.2, fól. 4v, l. 177)</p>  <p>“Luiz” (C3. fól., 3r l. 153)</p>
--	--	--	---	--

Quadro 5: Relação das letras maiúsculas e minúsculas de Gonzaga Duque.

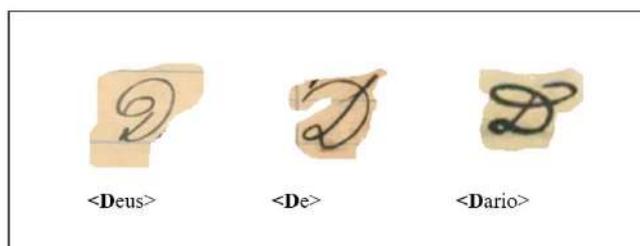
Uma vez expostas as formas das letras, passamos a uma descrição minuciosa das formas das letras que se mostraram alográficas, expondo-as lado a lado, a fim de facilitar a visualização e a descrição das formas variáveis de GD.

Em relação ao grafema *C* maiúsculo (cf. Quadro 6), observamos três evidências distintas da sua forma. Em duas delas, temos a sua haste com curvatura arredondada e mais inclinada para a direita, como observamos nos itens <Christo> e <Como>, ao passo que, em <Castello>, a forma do *C* maiúsculo mostra-se com a sua haste principal um pouco mais recuada, sendo finalizada com uma cauda.



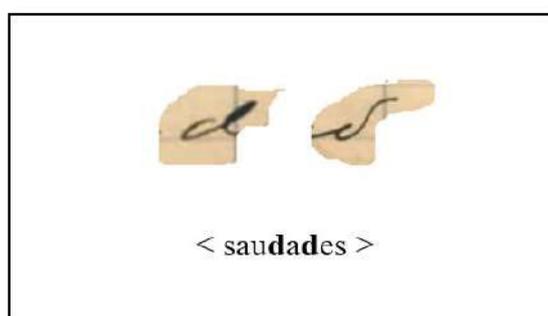
Quadro 6: Alógrafos do *C* maiúsculo.

O *D* maiúsculo é feito a partir de uma haste vertical que, ao tocar a base, sobe no formato de um arco em único lance do traçado, cf. Quadro 7. A distinção entre os grafemas *D* maiúsculo em análise se dá na presença de um arco horizontal que se intercepta com a outra haste vertical a partir de uma única laçada, em <Dario>, com o desenho de um arco simétrico, em <De>, e com um arco que conduz um outro círculo no interior da letra, em <Deus>.



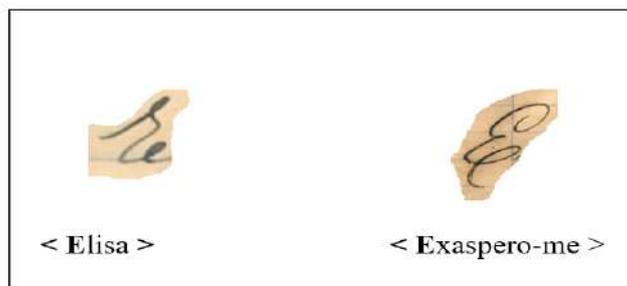
Quadro 7: Alógrafos do *D* maiúsculo.

O grafema minúsculo *d* mostrou-se, em posição medial, distinto em relação às suas demais evidências, cf. Quadro 8. Em contexto medial, temos duas ocorrências do *d*. Na primeira, observamos o arredondamento do contorno da sua base arredondada praticamente completa em direção à haste vertical (<sau**d**ades>), ao passo que, na segunda, temos o *d* minúsculo, com um traço arredondado da base bem incompleto (<sau**d**ades>). Além disso, observamos a haste da 1ª ocorrência do *d* medial mais grossa em relação à sua 2ª ocorrência que se mostra mais afilada (peso).



Quadro 8: Alógrafos do *d* minúsculo

A letra *E* maiúscula distingue-se pelo contorno da sua forma que se apresenta, em seu arco, não só com um único movimento mais longilíneo <Elisa>, mas também com um duplo movimento, em seu arcos, o que expõe a letra em análise mais arredondada no item lexical <Exaspero-me>, cf. exposto no Quadro 9.



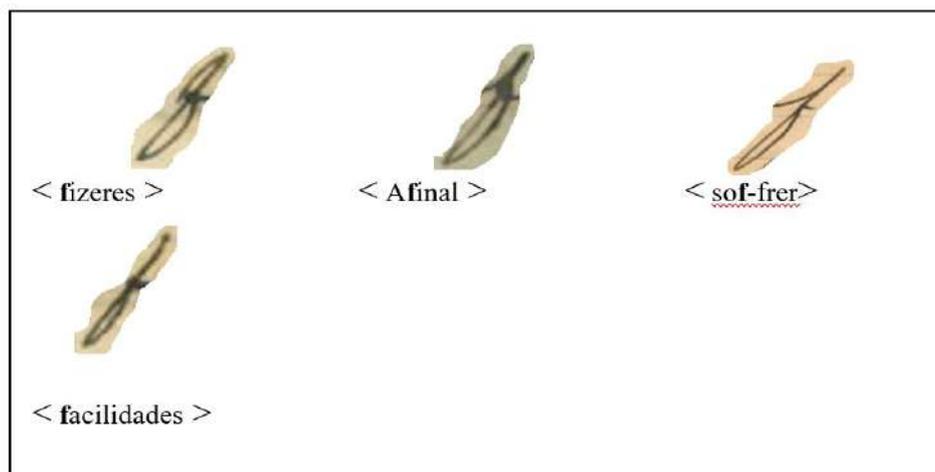
Quadro 9: Alógrafos do *E* maiúsculo.

As possibilidades de realização do *F* maiúsculo distinguem-se em virtude de dois aspectos específicos, cf. Quadro 10. O traço vertical menos longilíneo, mais inclinado para a direita com uma leve curvatura, ao tocar o suporte, apresentando também um traço superior mais ondulado acima da haste vertical da letra, como observamos nos itens <França> e <Figueira>. Por outro lado, o *F* maiúsculo, no item <Frio>, evidencia uma haste vertical completamente longilínea e, portanto, mais alongada, marcada ainda por um traço superior levemente arredondado para baixo na sua extremidade direita. Nessas três possibilidades de realização do grafema *F* maiúsculo, temos um traço horizontal que corta a sua haste vertical.



Quadro 10: Alógrafos do *F* maiúsculo.

O *f* minúsculo mostra-se uma especificidade restrita ao contexto final que, no caso em análise, é o final de sílaba (não da palavra), em que temos uma haste mais fina em relação ao peso da letra no item <sof- | frer> do que em contexto medial (<Afinal>). Em início de palavra, também foi possível observarmos essa mesma especificidade da haste mais fina da letra *f* minúscula, como verificamos em <facilidades> (cf. Quadro 11).



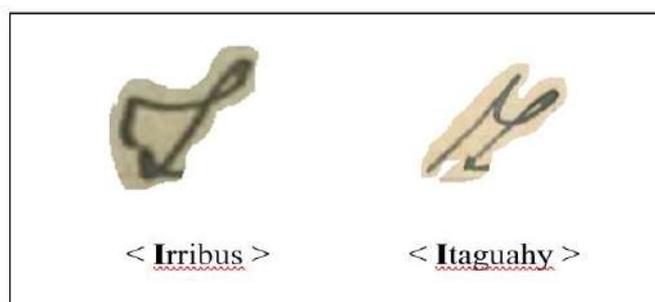
Quadro 11: Alógrafos do *f* minúsculo.

A letra *H* maiúscula é feita a partir de suas duas hastes verticais cortadas por um traço horizontal no corpo da letra, cf. ilustramos no Quadro 12. A distinção entre os alógrafos em análise dá-se em relação à espessura do traçado que se mostra mais espesso, no item <Hoje>, e menos espesso, nos itens <Hydée> e <Há>. Temos ainda evidências de duas hastes verticais com um adorno na sua parte inferior, apontando para a sua finalização através de uma haste mais arredondada, como ilustramos nas palavras <Hoje> e <Ha>.



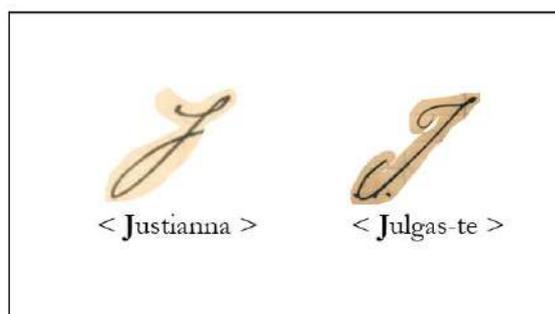
Quadro 12: Alógrafos do *H* maiúsculo.

O *I* maiúsculo apresenta duas representações distintas, cf. verificamos no Quadro 13. De um modo geral, o *I* maiúsculo é feito a partir de um único lance de escrita através do qual o traçado da 1ª haste ascendente sobe, contornando o corpo da letra até delinear a 2ª haste vertical. Em uma das possibilidades de realizações do *I* maiúsculo, observamos que o redator optou por manter o arco da letra mais arredondado como ilustramos através da palavra latina <Iribus>. Por outro lado, no item lexical <Itaguahy>, verificamos que as duas hastes (verticais) se mostram longilíneas.



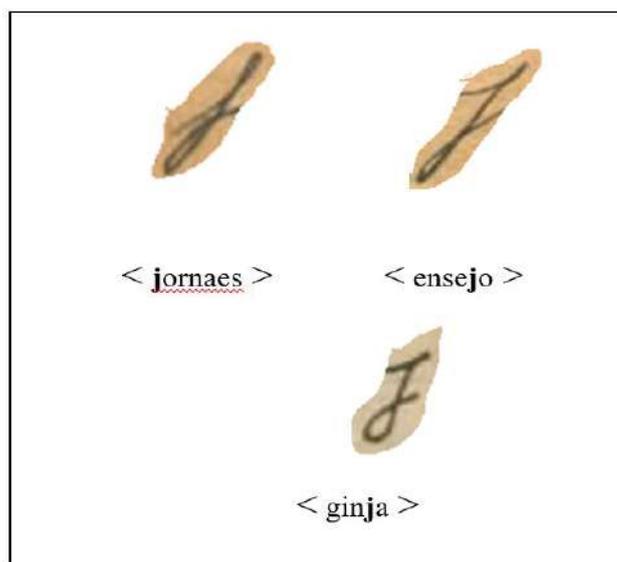
Quadro 13: Alógrafos do *I* maiúsculo.

A letra *J* maiúscula é feita também a partir de um único lance de escrita que se inicia na pequena haste superior, horizontal que segue em ascendência para puxar uma haste vertical (cf. Quadro 14). A distinção entre os alógrafos do *J* maiúsculo deixa-se evidenciar em relação ao formato do traço vertical mais longilíneo, delineando um arco, em <Justianna>, e mais encurtado na forma verbal <Julgas-te>. Além disso, observamos que as hastes horizontais que parecem representar o ponto de partida do *J* maiúsculo mostraram-se, em <Justianna>, mais retilínea e, em <Julgas-te>, mais arredondada, em virtude de um leve movimento circular de dentro para fora como ponto de partida de confecção desta letra.



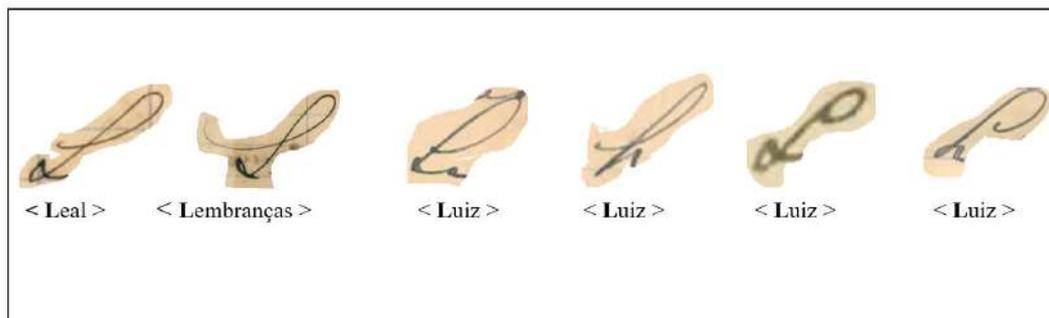
Quadro 14: Alógrafos do *J* maiúsculo.

A letra *j* minúscula apresenta alógrafos não só em relação à posição (inicial e medial), mas também dentre as suas formas de realização em posição medial. Em contexto inicial, observamos um *j* minúsculo mais afilado, ao passo que, em posição medial, temos um *j* com um traço vertical mais longilíneo, em <ensejo>, e mais arredondado, ao conduzir o movimento circular na haste vertical, em <ginja>.



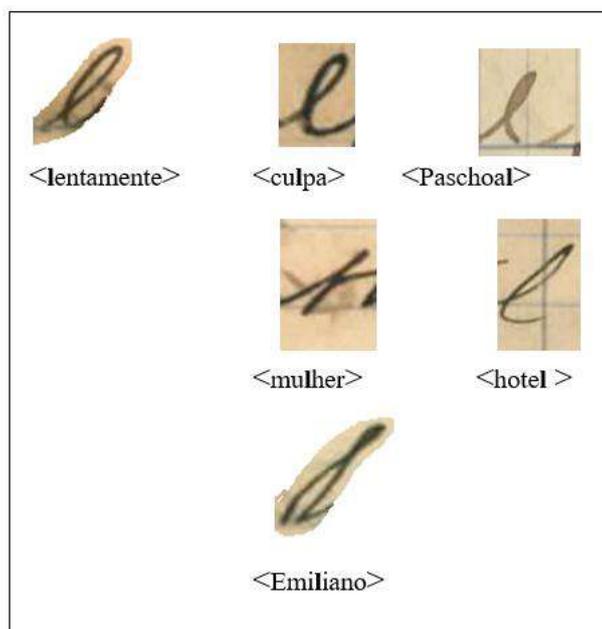
Quadro 15: Alógrafos do *j* minúsculo.

As evidências de *L* maiúsculo mostram-se assemelhadas (Quadro 16). A distinção entre elas está no tamanho da haste superior que é mais alongada, em <Lembranças>, e menos alongada, em <Leal>. Na assinatura de GD, observamos, na mesma carta 4, evidências do *L* maiúsculo que se distinguem especificamente em relação aos traços verticais que entrelaçados se mostram arredondado e afilado, respectivamente, também na C3 (l. 153). Além dessas variações do *L* maiúsculo (<Luiz>) em uma mesma missiva, observamos que, em carta destinada ao filho, a haste vertical parece ter sido partido de um círculo na parte superior da letra em um único lance de escrita.



Quadro 16: Alógrafos do *L* maiúsculo.

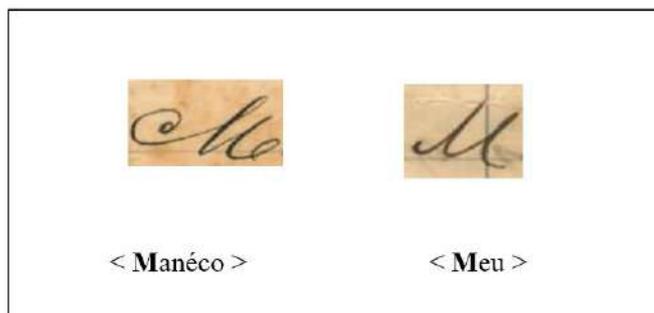
O *l* minúsculo parece ter sido feito a partir de um único lance através de duas hastes que se interpenetram em um movimento de baixo para cima em relação ao curso do traçado, conforme ilustramos em <lentamente>, <culpa> e <Paschoal>, no Quadro 17. Em posição medial, observamos duas evidências do *l* minúsculo mais afiladas em suas hastes verticais a partir das quais é menos perceptível o seu entrelaçamento na forma de um laço no item <mulher>, e mais perceptível, no item <Emiliano>.



Quadro 17: Alógrafos do *l* minúsculo.

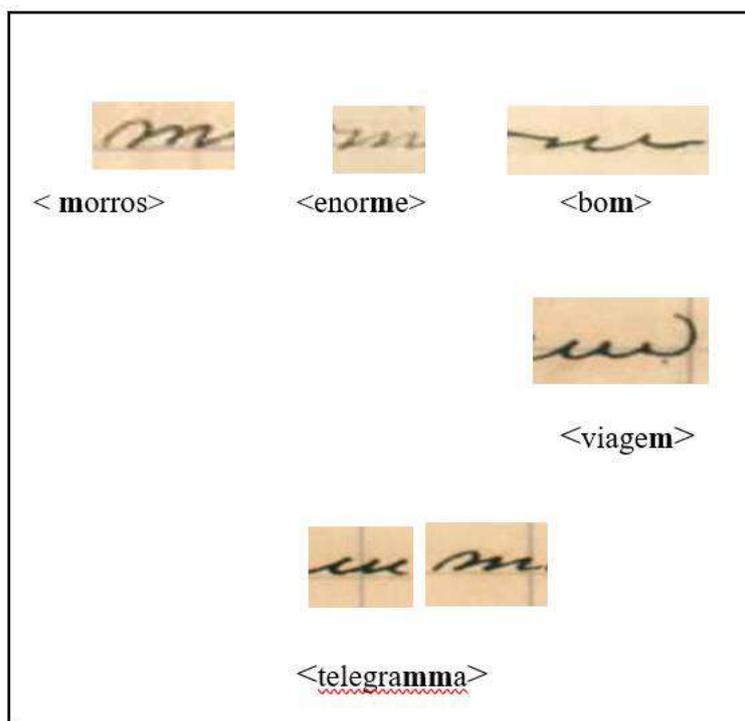
O *M* maiúsculo é marcado por um adorno inicial na sua borda esquerda, estendendo-se através de um traçado composto por três movimentos de baixo para cima que repercutem em mais um adorno na parte inferior da letra como verificamos em

<Manéco>. Por outro lado, temos também evidências de *M* maiúsculo cujo traçado é construído tão somente através dos mesmos três movimentos de baixo para cima característicos, abstendo-se de adornamentos inicial e final, como verificamos em <Meu>, cf. ilustramos no Quadro 18.



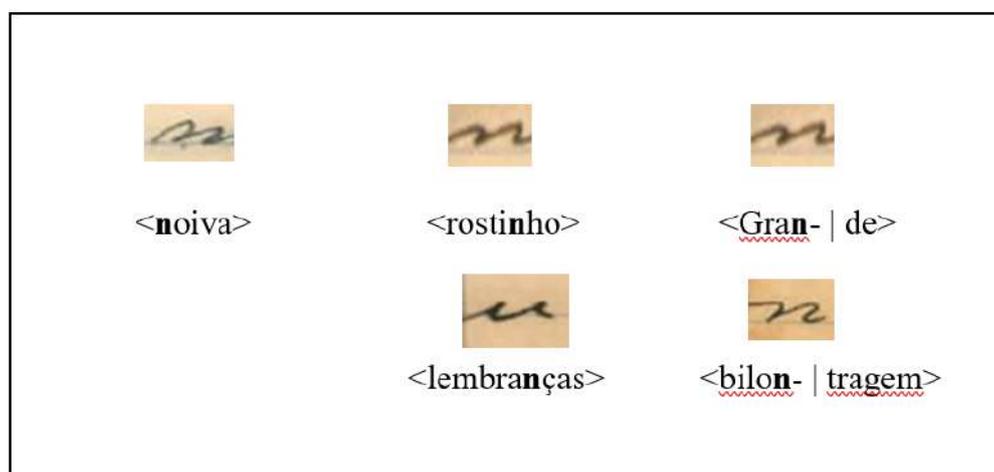
Quadro 18: Alógrafos do *M* maiúsculo.

A letra *m* minúscula apresenta, de um modo geral, três contornos de baixo para cima no formato de semicírculos (Quadro 19). Por outro lado, observamos que, nas posições medial e final de sílaba ou da palavra, o *m* minúsculo foi produzido através de traçados de cima para baixo, cf. ilustramos em <viagem> e <telegramma>. É interessante atentar ao fato de que o curso do traçado é pausado entre o primeiro *m* (<telegram>) e a conclusão da sílaba <ma>, o que nos permite entender que, de fato, a posição final (já que há um espaço entre parte da sílaba da palavra em análise) quer de sílaba etimologizada, quer de fim de palavra inteira, parece ser o contexto do alógrafo em questão. Convém esclarecermos que na palavra “telegrama”, forma manuscrita em que o *m* está duplicado (“telegramma”), temos uma verdadeira grafia etimologizada, uma vez que se trata de um item originado por composição de outros itens lexicais do grego (“*tel(e)-*” elem. comp., do gr. *tēle-*, de *tele* ‘longe, ao longe, longe de’ e “*-gramma*” elem. comp., do gr. *grámma* - atos ‘letra, sinal, marca’, que se documenta em alguns compostos portugueses eruditos: *acrograma*, *aerograma*, *telegrama* etc.), cf. descrito por CUNHA (2012 [1982], p. 627 e 332).



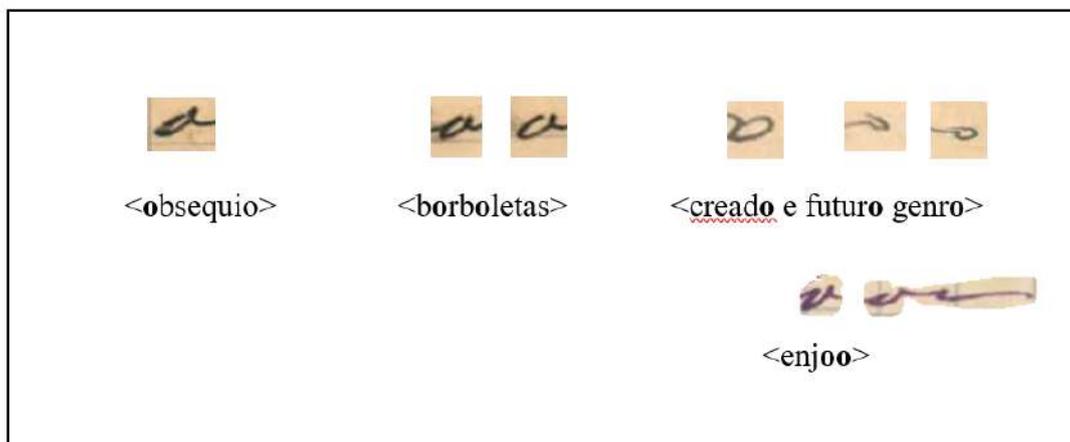
Quadro 19: Alógrafos do *m* minúsculo.

A letra *n* minúscula se deixa evidenciar a partir de dois semicírculos cujos contornos parecem ter se dado de baixo para cima, ao passo que o único alógrafo identificado, em contexto medial (final de sílaba para sermos mais precisos), tem seu traçado orientado de cima para baixo, como observamos nos itens lexicais <Gran- | de> e <bilon- | tragem> (Quadro 20).



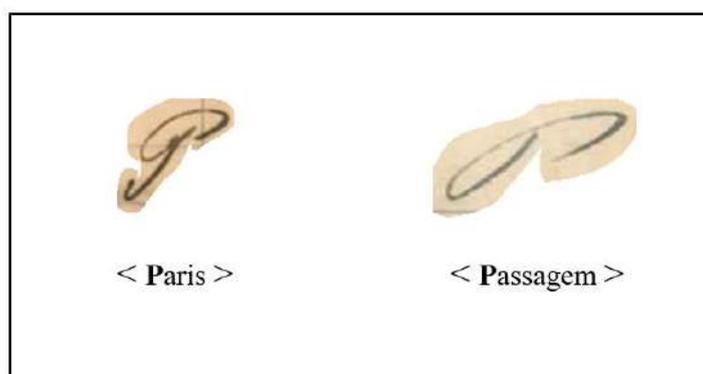
Quadro 20: Alógrafos do *n* minúsculo.

O *o* minúsculo mostra-se regular, ainda que, em contexto de final de palavra, tenha variado em suas formas gráficas (Quadro 21). Em contexto final, os alógrafos do *o* minúsculo dão-se não só a partir de uma leve incompletude do círculo, nos itens <futuro> e <genro>, mas também por sua extensão caudal, como observamos em <enjoo>.



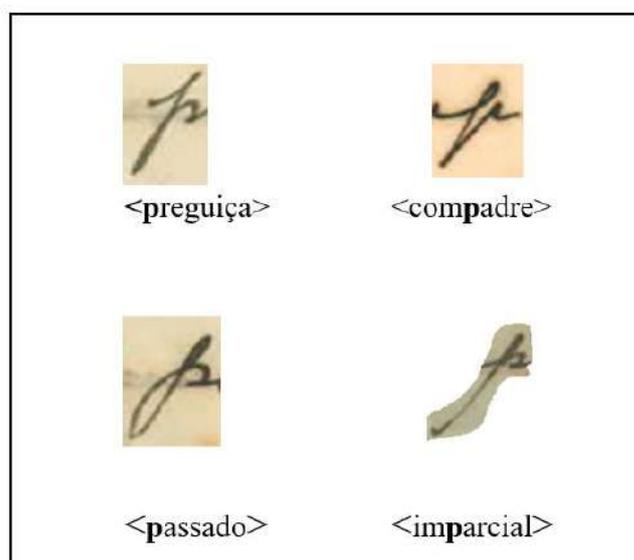
Quadro 21: Alógrafos do *o* minúsculo.

O *P* maiúsculo evidencia formas distintas (Quadro 22). Em uma delas, temos a sua haste vertical mais afilada, iniciada por uma leve curvatura do traçado em um movimento inicial de cima para baixo até a sua finalização como uma haste vertical que está envolvida por um semicírculo, conforme ilustramos em <Paris>. A outra possibilidade é a de composição da haste vertical que já puxa, em um único lance do traçado, o semicírculo superior mais aberto e maior, cf. <Passagem>.



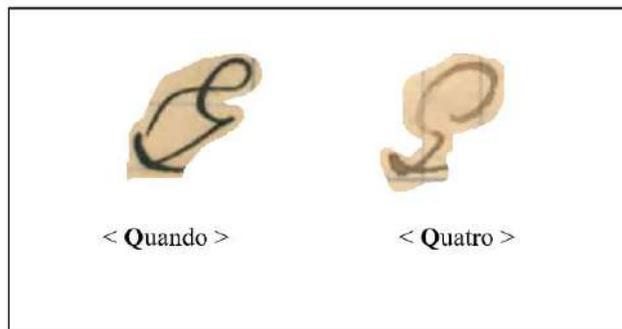
Quadro 22: Alógrafos do *P* maiúsculo.

O *p* minúsculo é feito a partir de um traço menor superior, que se segue na composição da haste vertical que, por sua vez, é interceptada por um pequeno semicírculo uniforme na parte superior da letra (Quadro 23). Em contexto inicial, a haste vertical mostra-se afilada, como ilustramos em <preguiça>, podendo também assumir um leve arredondamento na sua parte inferior como no item <passado>. Em contexto medial, observamos que, dentre as evidências do *p* minúsculo, a distinção entre eles está principalmente no semicírculo da parte superior da letra que se mostra mais irregular e, portanto, menos arredondado, como temos no item <compadre>, ao passo que é possível que, nessa mesma posição medial, tenhamos um *p* minúsculo cuja haste vertical é alongada e longilínea e o semicírculo, em sua parte superior, mostra-se meticulosamente arredondado.



Quadro 23: Alógrafos do *p* minúsculo.

A diferença entre as realizações do *Q* maiúsculo está não só no alongamento da haste vertical mais acentuada, em <Quando>, e mais encurtada, em <Quatro>, mas também no quão arredondado e regular está o semicírculo da parte superior do grafema que, em <Quatro>, se inicia a partir de uma única laçada para o traço vertical (Quadro 24). Já, em <Quando>, observamos que o semicírculo mais irregular segue a partir de um único movimento para a composição do traço vertical, de modo a tocar o suporte na composição de uma linha horizontal, aplicada às duas evidências do *Q* maiúsculo em análise.



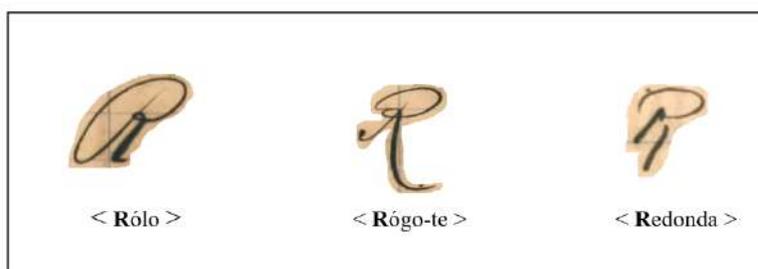
Quadro 24: Alógrafos do *Q* maiúsculo.

A distinção entre as evidências do *q* minúsculo está no fato de que, em posição inicial, temos um círculo superior simétrico e uma haste inferior longilínea, cf. a análise do item <querida>, ao passo que, em posição medial, a parte superior em forma de arco é irregular e a sua haste vertical inferior é bem menor como ilustramos através da análise do item lexical <ataque> (Quadro 25).



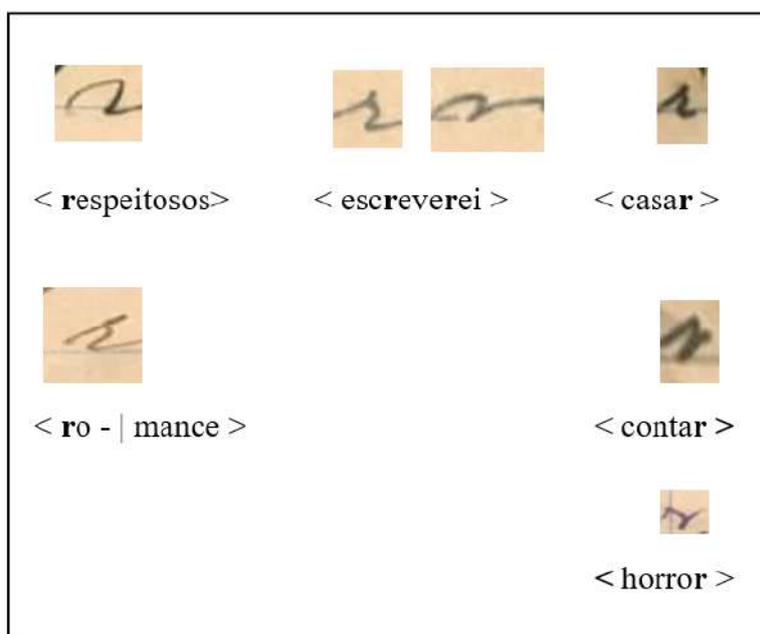
Quadro 25: Alógrafos do *q* minúsculo.

Em relação ao *R* maiúsculo, temos distintas formas (Quadro 26). Em uma delas, o curso desse grafema parece ter sido conduzido através de um único lance de escrita iniciado de dentro para fora com uma pequena laçada, como observamos na forma verbal <Rólo>. Por outro lado, na forma verbal <Rógo-te>, observamos o desenvolvimento do *R* maiúsculo a partir de uma haste vertical, sobreposta por um círculo que puxa uma pequena laçada a partir da qual segue uma cauda, marcando assim a principal distinção entre as evidências do *R* maiúsculo. Temos ainda o *R* basicamente também sustentado por uma haste vertical envolvido por um círculo e um pequeno traço na vertical que ultrapassa a linha do suporte, desconectado da haste vertical e do círculo, como ilustramos em <Redonda>.

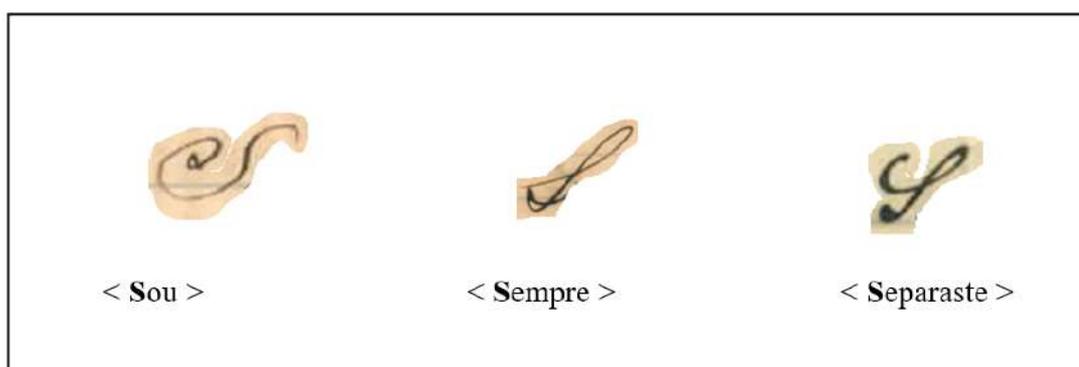


Quadro 26: Alógrafos do R maiúsculo.

A distinção entre as evidências do *r* minúsculo está basicamente consubstanciada no número de hastes (duas verticais e uma horizontal). De um modo geral, o *r* com três hastes mostrou-se distribuído pelas três posições: início (<romance>), meio (<escreverei>) e fim de palavra (<casar>), cf. Quadro 27. Em posição inicial, observamos ainda a possibilidade de um traçado mais arredondado do *r* minúsculo como está ilustrado em <respeitosos>. Em contexto medial e final, temos evidências do *r* produzidos a partir de duas hastes, sendo uma delas vertical, que tende a puxar haste mais curvada, cf. evidenciamos através das palavras <escreverei>, <contar> e <horror>.

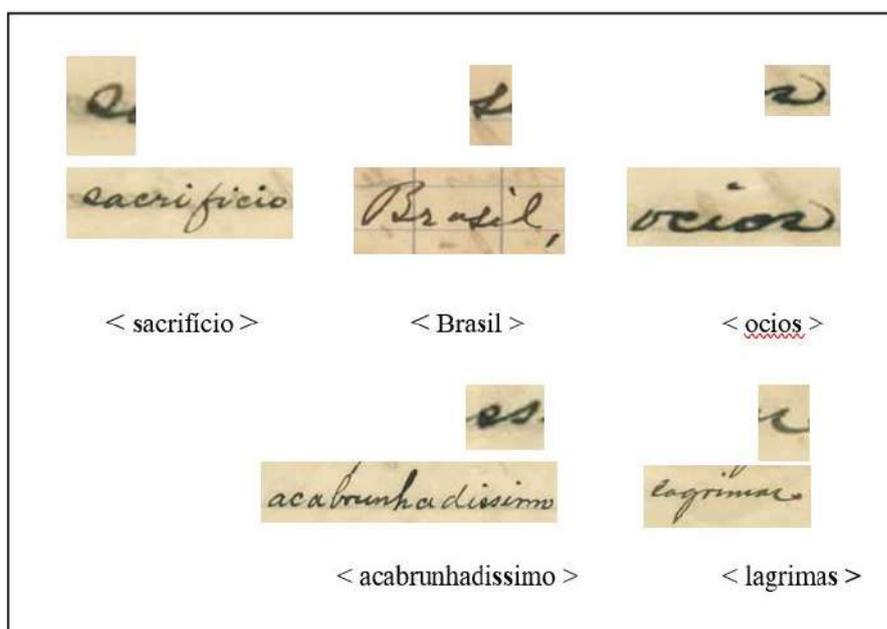
Quadro 27: Alógrafos do *r* minúsculo.

Para o *S* maiúsculo, temos uma evidência feita com uma maior ornamentação em contexto de letra capital, como verificamos na forma verbal <Sou>. Levantamos ainda evidências de *S* maiúsculo cujo traçado é iniciado a partir da haste superior através de um movimento de fora para dentro que desce para uma haste vertical a partir de uma laçada superior, cf. observamos em <Sempre> e <Separaste>, distinguindo-se entre si não só em função do peso do traçado (escrita mais leve e mais pesada), mas também em função de hastes superiores mais longilínea e mais arredondada, respectivamente (Quadro 28).



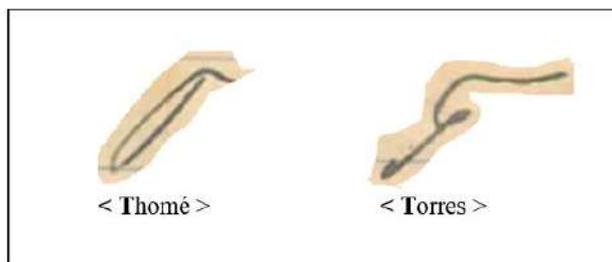
Quadro 28: Alógrafos do *S* maiúsculo.

De um modo geral, o *s* minúsculo é feito a partir de um movimento de baixo para cima, o que repercute na haste mais retilínea, em posição medial (<Brasil>, <acabrunhadissimo>), em posição final (<lagrimas>), ou mais arredondada, nas posições inicial (<sacrificio>) e final <ocios>, cf. Quadro 29.



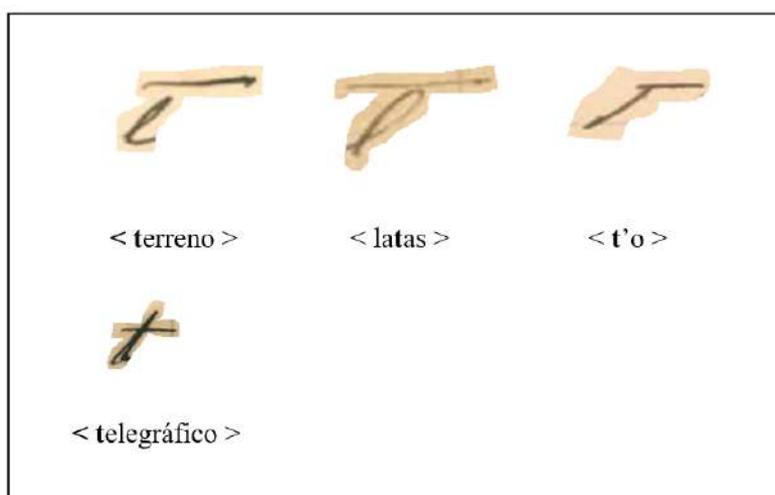
Quadro 29: Alógrafos do *s* minúsculo.

As evidências do *T* maiúsculo distinguem-se não só em virtude da haste horizontal mais alongada, em <Torres>, mas também em função da haste vertical duplamente marcada, em <Thomé>, já que, em <Torres>, por outro lado, observamos um entrelaçamento entre as hastes vertical e horizontal (superior) também em um único movimento, cf. Quadro 30.



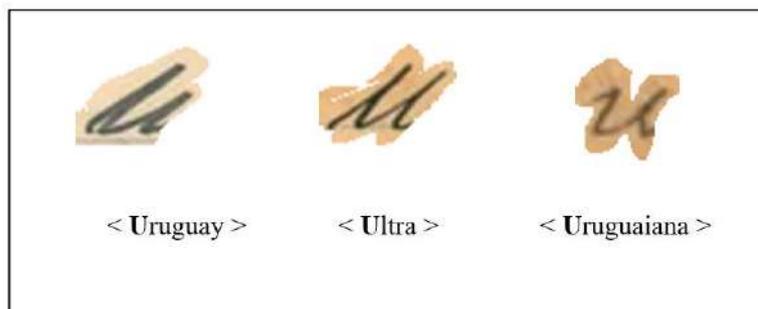
Quadro 30: Alógrafos do *T* maiúsculo.

As evidências do *t* minúsculo apresentam-se assemelhadas (Quadro 31). A diferença está basicamente na haste vertical que se mostra a partir de um contorno tal qual a do *l* minúsculo, feito com duas hastes que se envolvem através de uma única laçada, como observamos em <latas>, em contexto de início de palavra. Outro aspecto que diferencia os alógrafos em análise é o fato de os traços horizontais figurarem acima da letra, cf. ilustramos em <terreno>, <latas>, <t'o>, ao passo que, em <telegráfico>, esse traço horizontal corta a haste vertical do *l* minúsculo.



Quadro 31: Alógrafos do *t* minúsculo.

O *U* maiúsculo apresenta-se através de realizações concretas muito semelhantes (Quadro 32). A distinção está não só em relação ao peso do traçado que se apresenta mais pesado no item <Uruguay>, mas também no que se refere ao tamanho das hastes verticais ascendentes e descendentes em todos, já que se mostram mais alongadas em <Uruguay> e <Ultra> e mais encurtadas e, portanto, menos alongadas, em <Uruguaiana>.



Quadro 32: Alógrafos do *U* maiúsculo.

Apesar de os itens <Vês> e <Vicente> assemelharem-se em função da verticalidade dos três traços, feitos em movimentos de cima para baixo, distinguem-se entre si em virtude da forma dos traçados verticais (Quadro 33). Enquanto, na forma verbal <Vês>, os traços são arredondados, por outro lado, em <Vicente>, os traços são retilíneos, ainda que, em ambas as palavras, as letras estejam inclinadas para a direita. No item <Visconde>, observamos que as duas primeiras hastes verticais e arredondadas do *V* maiúsculo repercutem em uma laçada na terceira haste horizontal que já implementa o curso da próxima letra.



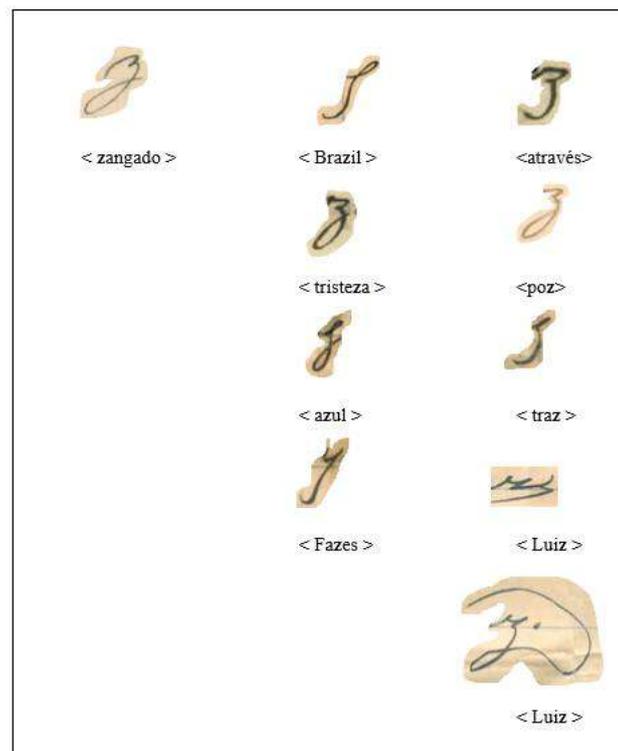
Quadro 33: Alógrafos do *V* maiúsculo.

Em relação ao *x* minúsculo, levantamos quatro alógrafos no meio da palavra, ainda que, em sílabas distintas (Quadro 34). Em <extrema>, observamos que o *x* minúsculo é feito a partir de dois traços que se inter cruzam e ultrapassam a linha. Nos itens <exílio> e <baixa>, temos dois arcos que se distanciam e se aproximam, respectivamente, de modo mais simétrico. Em <vexame>, temos pequenas hastes retilíneas que se interceptam assimetricamente, chegando a ultrapassar a linha no suporte.



Quadro 34: Alógrafos do *x* minúsculo

O *z* minúsculo apresenta variações principalmente nas posições medial e final (Quadro 35). Temos uma forma iniciada a partir de dois semicírculos no corpo do letra, configurando uma haste vertical que se entrelaça com outra, conforme observamos nos itens <zangado> (posição inicial), <tristeza> (posição medial), <atravez> e <poz> (posição final). Em posição medial, verificamos duas outras variações do *z* minúsculo com uma haste vertical mais alongada como nos itens <Brazil>, <azul> e <Fazes>. Em posição final, temos não só evidência do *z* minúsculo com uma única haste vertical alongada (<traz>), mas também do *z* minúsculo com dois semicírculos que se interceptam na vertical, conforme observamos em <atravez> e <poz>. Ainda em posição final, observamos o *z* minúsculo na assinatura do redator <Luiz> que se mostra a partir de um traço zigzagueado a partir de uma haste superior horizontal que evolui para um traço na diagonal, finalizando com uma haste horizontal na base (parte inferior) da letra sobre a linha do suporte. Além dessa possibilidade de assinatura, temos mais uma evidência do item <Luiz> cujo grafema *z* minúsculo assemelha-se ao traçado do *z* final no item <atravéz>, distinguindo-se ainda em virtude de uma longa cauda lançada acima da letra.

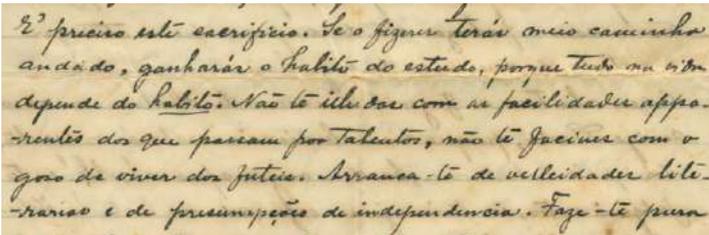
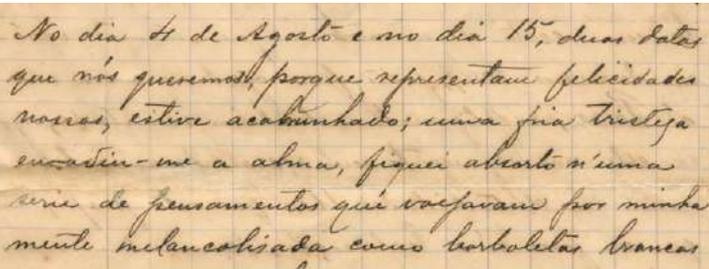
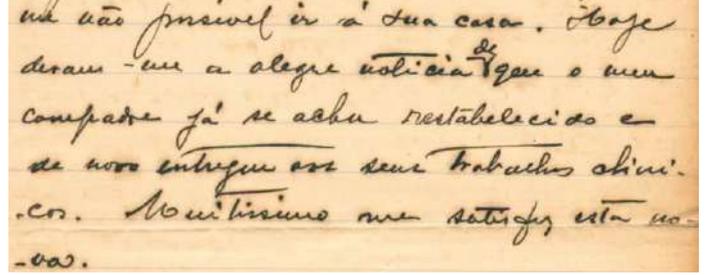
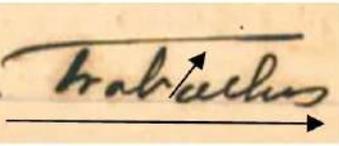


Quadro 35: Alógrafos do z minúsculo.

### 3.2 O ângulo

O ângulo da escrita é depreendido a partir da posição do instrumento da escrita em relação à linha no suporte. É possível que o *ângulo* mais ou menos inclinado da escrita seja influenciado pela postura física do redator, ao escrever, cf. Núñez Contreras (1994, p. 38-39)<sup>22</sup>. Por outro lado, uma vez que estamos conscientes da impossibilidade de captura da postura de GD, ao segurar a pena, para redigir as suas cartas oitocentistas e novecentistas, passamos à uma breve descrição do ângulo do seu traçado em relação à linha base, correlacionando-o aos subgêneros das suas cartas pessoais em análise à luz de Núñez Contreras (1994), cf. ilustramos no Quadro 36.

<sup>22</sup> “La definición más simplificada de ángulo de escritura es la que la contempla desde la posición del instrumento con que se escribe en relación con la línea de escritura. En él influye la postura de la persona que escribe en la mesa, en el pupitre, etc., y que habitualmente es la misma porque responde a un hábito adquirido, si bien puede ser modificada sobre todo por los efectos del cansancio que le lleva a cambiar de postura; influye también la posición más o menos inclinada de la materia en que se escribe respecto de la persona que escribe.” (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 38-39.)

Fac-símile	Descrição do ângulo
 <p>“[...] É preciso este sacrificio. Se o fizeres terás meio caminho   andado, ganharás o habito do estudo, porque tudo na vida   depende do <u>habito</u>. Não te illudas com as facilidades appa-   rentes dos que passam por talentos, não te facines com o   gozo de viver dos fúteis. Arranca-te de veleidades lite-   rarias e de presunções de independência. Faze-te pura</p> <p>(Carta familiar entre pai e filho. RJ, 22.07.1906. (C23))</p>	<p>O ângulo da escrita mostra-se levemente inclinado para a direita nas letras das cartas familiares, amorosas e de amizade, tomando-se como parâmetro a linha (real ou imaginária) no suporte.</p> 
 <p>“[...] No dia 4 de Agosto e no dia 15, duas datas   que nós queremos, porque representam felicidades   nossas, estive acobrunhado; uma fria tristeza   envadiu-me a alma, fiquei absorto n'uma   serie de pensamentos que vojavam por minha   mente melancolizada como borboletas brancas [...]</p> <p>(Carta amorosa. Lisboa, 27 (à noite) de 1889. (C22))</p>	
 <p>“[...] Hoje   deram-me a alegre noticia &lt; ↑de &gt; que o meu   compadre já se acha restabelecido e   de novo entregue aos seus trabalhos clini-   -cos. Muitissimo me satisfez esta no-   va.</p> <p>(Carta de amizade. S.I, 05.03.1907. (C24))</p>	

Quadro 36: O ângulo das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade).

De um modo geral, constatamos que o ângulo do traçado de GD mostra-se levemente inclinado para a direita, ainda que tenhamos características paleográficas que as especificam também em relação ao *ductus*, ao *módulo* e ao *peso*.

### 3.3 O *ductus*

Em termos gerais, a análise do *ductus* está movida pela apreensão não só da sequência, mas também da sucessão e do sentido (da esquerda para direita, de cima para baixo) das letras no suporte<sup>23</sup>. A ideia é observarmos ainda se os lances de tinta no suporte dão-se em único ensejo ou em vários, podendo a extensão do traçado da letra repercutir nas letras acima e abaixo, se tomarmos as linhas superior e inferior como parâmetros, em virtude do movimento do instrumento de escrita, na perspectiva de Núñez Contreras (1994, p. 40).

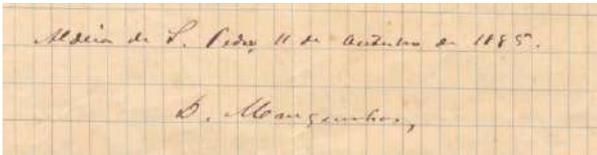
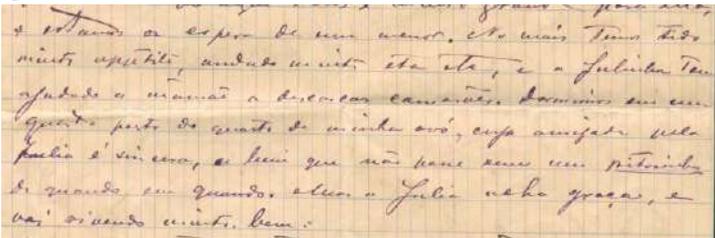
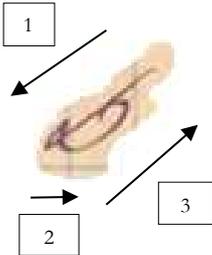
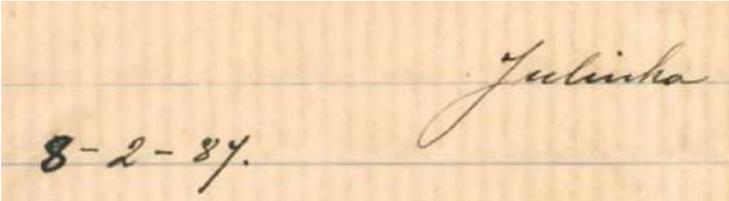
À luz da escola italiana de Giorgio Cencetti, é possível distinguirmos o conceito de *ductus* em relação ao de *traçado*<sup>24</sup>. O *ductus* é apreendido a partir da maneira mais ou menos rápida de confecção da letra em si, sendo-nos possível identificar uma dinâmica de execução marcada pela rapidez como expressão de um *ductus* cursivo que se distingue, por sua vez, de um *ductus* cadenciado, ou seja, executado pausadamente. Ao voltarmos ao *traçado*, o foco está na rapidez da execução das letras, na sua exatidão em relação ao modelo correspondente, na sua expressão através de ligaduras, o que tende a reverberar em uma letra mais ou menos inclinada. Na concepção da escola italiana, o *traçado* evidencia o *número*, a *ordem* e a *direção* através dos quais o redator efetivamente escreve a letra em si. Segundo a descrição de Núñez Contreras (1994, p. 41), a relevância do estudo do *traçado* está na possibilidade de resgatarmos as possíveis mudanças em relação às formas das letras em relação ao tempo, ao lugar, à aproximação e ao contato com outras formas de escrever na história da língua em si.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> “Es el orden de sucesión y el sentido (de izquierda a derecha, de arriba hacia abajo, etc.) en que el escriba ejecuta los trazos que componen cada una de las letras. Los trazos se ejecutan en uno o en varios tiempos. Cada uno de esos tiempos comporta uno o varios trazos y el final de cada tempo viene marcado por el hecho de que después de concluido un trazo, el instrumento con que se escribe es levantado y vuelve a incidir en la materia en que se escribe al comenzar otro trazo. Formas muy diferentes pueden tener el mismo ductus; es decir, un mismo ductus puede producir formas diferentes.” (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 40)

<sup>24</sup> “La actual escuela italiana, de la mano de Giorgio Cencetti, desglosa el concepto malloniano de *ductus* y distingue *ductus* y *trazado*. El primero es aplicable a la escritura en su conjunto: es el modo más o menos rápido de trazar las letras y está en relación con la rapidez en la ejecución de la escritura; por eso distingue un *ductus* posado y un *ductus* cursivo.” (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 41.)

<sup>25</sup> “En el segundo caso, por el contrario, prima la rapidez en la ejecución de los signos; a la rapidez se sacrifican en el límite de lo posible su exactitud y su correspondencia con el modelo; la escritura es rica en ligaduras y resulta más o menos inclinada. El trazado, para la escuela italiana, expresa el número, el orden de sucesión y la dirección en que se ejecutan los trazos que constituyen las letras. El estudio del trazado de una escritura es de gran importancia porque de

Em relação ao *ductus* de GD, acreditamos que seja possível observar traços relacionados à sequência, à sucessão e ao sentido das letras no suporte a partir da correlação entre as cartas amorosas, de amizade e familiares em análise. Para tal, passamos, no quadro 37, à uma descrição-analítica e panorâmica do *ductus* do redator em trechos das suas cartas pessoais, mais especificamente no núcleo da carta, tendo em vista a sua estrutura interna em que é precedido pela seção de *contato inicial* e sucedido pela seção de *despedida*, acrescidos ainda do *cabeçalho*, espaço resguardado às menções ao local e à data, cf. Paredes Silva (1988, p. 77 *apud* RUMEU 2013, p. 60).

Fac-símile	Descrição do <i>ductus</i>
 <p>[...]</p>  <p>“[...] e estamos a esperar de um menor. No mais temos tido   muito appetite, andado muito etc etc, e a Julinha tem   ajudado a mamãe a descascar camarões. Dormimos em um   quarto perto do quarto de minha avó, cuja amizade pela   Julia é sincera, e bem que não passe sem um <u>pitosinho</u>   de quando em quando. Mas a Julia acha graça, e   vai vivendo muito bem. [...].”</p> <p>(Carta familiar entre genro e nora. S.I, 11.10.1885. (C6))</p>	<p><i>Ductus</i> cursivo orientado da esquerda para a direita com lances (ângulo) fortemente marcados por uma dinâmica de rapidez na escrita.</p> 
	<p><i>Ductus</i> cursivo, produzido da esquerda para a direita (ângulo), com lances também orientados por rapidez.</p>

<p>[...]</p> <p>“[...] Se eu contasse com esse resultado nem   teria feito esta longa viagem em que   a gente respira pó, pó, pó, e mais pó, e   mais pó, e somente pó! [...]”</p> <p>(Carta amorosa entre marido e mulher. S.l., 08.02.1887. (C9))</p>	<p><i>Ductus</i> cadenciado, delineado da esquerda para a direita (ângulo), de um modo geral.</p>
<p>[...]</p> <p>“[...] Não sei o que fazer!   _Os &lt;↑dias&gt; correm, a minha ausencia já vae   [<i>declivando</i>] para o escandalo, tenho ahi   interesses da repartição a tratar... e estou   prisioneiro desses dois espantalhos! [...]”</p> <p>(Carta ao amigo Castello. S.l., 09.11.1909. (C25))</p>	

Quadro 37: O *ductus* das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade).

De um modo geral, verificamos que as cartas familiares e amorosas mostram-se muito assemelhadas em relação à prevalência do *ductus* cursivo, ainda que, em uma das cartas de amizade (C25), tenhamos evidenciado um possível traço de *ductus* mais cadenciado. Assim sendo, passemos a uma breve comparação entre o traçado de GD, nas duas cartas de amizade levantadas, em relação ao ângulo e ao *ductus* a partir do cotejo entre os seguintes excertos das cartas 24 (05.03.1907) e 25 (09.11.1909).



Quadro 38: Trechos de cartas de amizade: uma comparação em relação ao e ao ângulo.

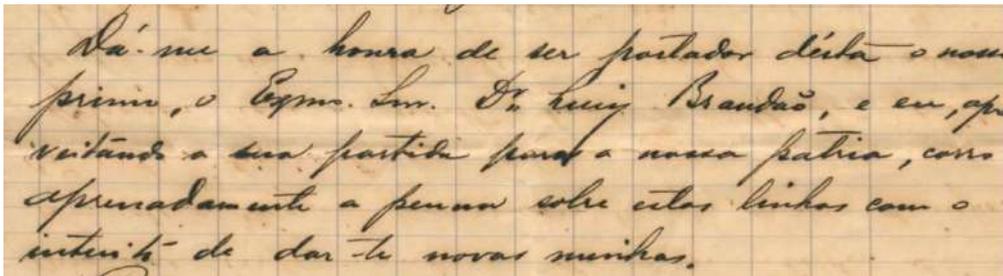
Ao compararmos o traçado de GD em suas cartas de amizade, é possível observar uma especificidade (Quadro 38). Para as Cartas 24 e 25, a escrita de GD (*ductus*) mostra-se, de um modo geral, cursiva e inclinada para a direita (ângulo). Por outro lado, é possível ainda entrever uma leve distinção no *ductus* de GD, ao compararmos o item lexical “caro” que, na carta 24, parece evidenciar uma escrita cursiva, ao passo que, na carta 25, a mesma palavra “caro” parece expor um *ductus* mais cadenciado tendo em vista a grafia da letra “r” especificamente. Trazemos, pois, uma possível evidência de distinção entre os *ductus* que merece ser mais bem avaliada e discutida, se considerarmos a possibilidade de ampliação das amostras de cartas pessoais de GD.

### 3.4 Módulo

Na perspectiva de Núñez Contreras<sup>26</sup> (1994, p. 42), o *módulo* é descrito como o tamanho das letras. Com base não só em Gilissen (1973), mas também em Ornato (1975 p. 201 *apud* NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 42), temos a ideia de que é importante a distinção entre a altura e a largura média das letras. Nesse sentido, a *altura* e a *largura* das letras permitem a mensuração da “relação modular da letras” e da “relação modular da escrita”<sup>27</sup>, o que evidencia as irregularidades entre as letras de um dado escriba.

Na escrita cursiva, “as letras são corridas, traçadas de um só lance e sem descanso da mão”, identificada como “littera epistolaria”, cf. Acioli (1994, p. 13). Assim sendo, convém atentarmos ao fato de o próprio GD assumir uma “escrita apressada”, conforme excerto de uma carta enviada à sua esposa, em fins do século XIX (imagem 32), o que vai, pois, ao encontro da nossa interpretação acerca da escrita de GD como cursiva.

Imagem 32: Carta de GD. Lisboa, 16.09.1889. (C21)



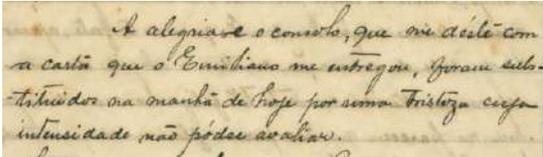
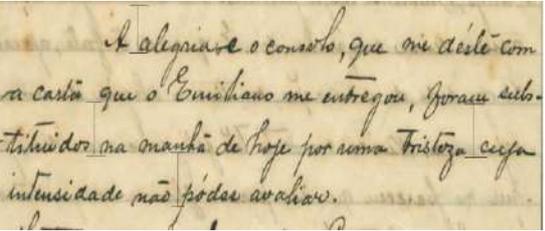
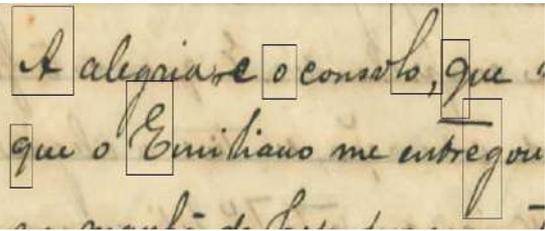
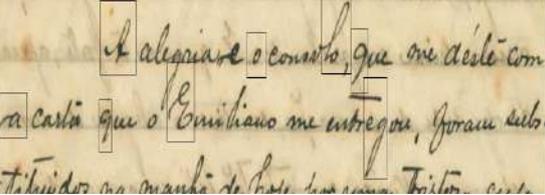
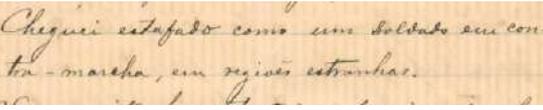
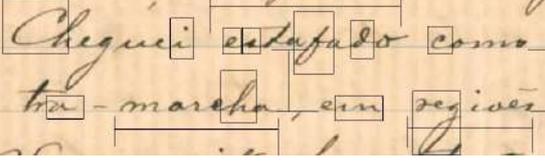
“Dá-me a honra de ser portador desta o nosso | primo, o Excelentissimo Senhor Doutor  
Luiz Brandão, e eu, apro- | veitando a sua partida para a nossa patria, **corro** |  
**apressadamente a penna sobre estas linhas** com o | intuito de dar-te novas minhas.”

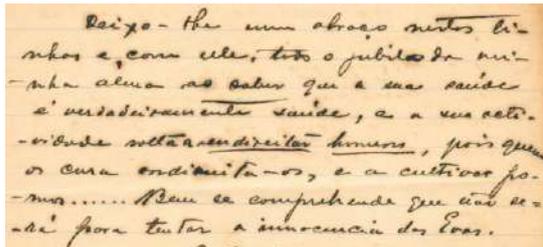
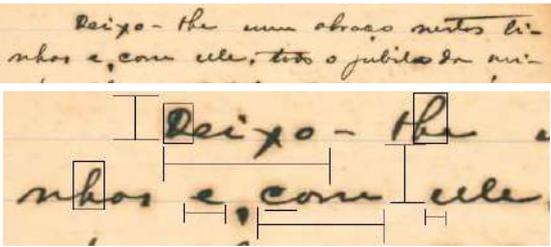
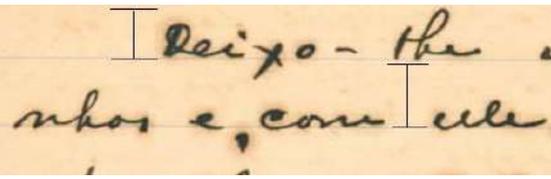
(Carta amorosa. Lisboa, 16.09.1889. (C21))

<sup>26</sup> “Es la dimensión de las formas de las letras. Pero León Gilissen precisa en el sentido de que se ha de distinguir la **altura** y la **anchura** de las letras; la altura media y la anchura media de las letras; la altura y la anchura media de la escritura; **la relación modular de la letra y la relación modular**; la proporción entre altura y anchura.” (NÚÑEZ CONTRERAS 1994, p. 41)

<sup>27</sup> “Altura y anchura determinan, en definitiva, la «**relación modular de la letra**» y la «relación modular de la escritura». En ambas, el trabajo del que escribe acusa **irregularidades y refleja diferencias de proporción entre las letras**.”, cf. NÚÑEZ CONTRERAS (1994, p. 41) à luz de Ornato (1975, p. 201).

Passemos à uma breve descrição do módulo de GD, tendo em vista as suas cartas pessoais representativas de cada um dos subgêneros em análise: familiar, amorosa e amizade (Quadro 39).

Fac-símile	Descrição do Módulo
 <p data-bbox="240 618 783 741">“[...] A alegria e o consolo, que me deste com a carta que o Emiliano me entregou, foram substituídos na manhã de hoje por uma tristeza cuja intensidade não podes avaliar. [...]”</p> <p data-bbox="240 770 783 831">(Carta familiar entre pai e filho. RJ, 22.07.1906. (C23))</p>	   <p data-bbox="810 1173 1355 1357">Na carta familiar em análise, temos as letras devidamente mantidas entre as linhas. As letras maiúsculas (<i>A, E</i>) são de maior módulo do que as minúsculas (<i>o, l, q, g</i>), ainda que as hastes verticais das letras <i>g</i> e <i>q</i> avancem a linha, o que está compatível com os formatos de tais letras em si.</p>
 <p data-bbox="240 1543 783 1603">“[...] Cheguei estafado como um soldado em contra-marcha, em regiões estranhas. [...]”</p> <p data-bbox="240 1632 783 1693">(Carta amorosa entre esposo e esposa, S.I., 08.02.1887C9))</p>	  <p data-bbox="810 1727 1355 1939">O módulo da letra maiúscula é naturalmente maior (<i>C</i>), se comparado aos módulos das minúsculas (<i>i, e, s, f, d, o, c, h, m, g</i>), também nas cartas amorosas. As palavras mantêm-se entre as linhas no suporte, cabendo às letras <i>g</i> e <i>f</i>, no trecho em análise, o seu espriamento abaixo da linha em virtude das hastes verticais que lhe são características.</p>

	
<p>“[...] Deixo-lhe um abraço nestas li-   nhas e, com ele, todo o jubilo da mi-   nha alma ao saber que a sua saúde   é verdadeiramente saúde, e a sua acti-   -vidade volta a <u>endireitar homens</u>, pois quem   os cura endireita-os, e a cultivar fo-   -mos ... Bem se compreende que não se-   -rá para tentar a inocência das Evas.”</p> <p>(Carta de amizade. S.I, 05.03.1907. (C24))</p>	 <p>Na carta de amizade em análise, os grafemas estão dispostos entre as linhas do suporte pautado. As letras maiúsculas são de maior dimensão (módulo grande), como observamos com o <i>D</i> maiúsculo, ao passo que as letras minúsculas são de dimensão pequena (módulo pequeno), cf. ilustrado com as letras <i>h</i>, <i>e</i>, <i>c</i>.</p>

Quadro 39: O *módulo* das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade)

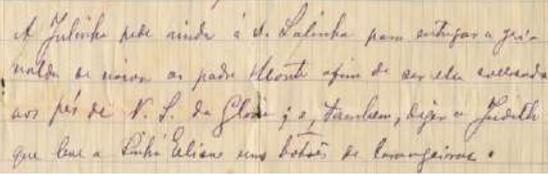
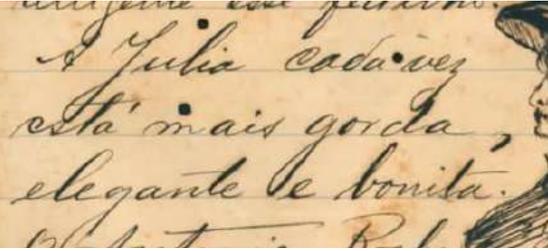
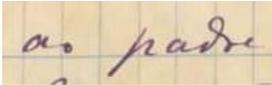
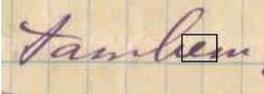
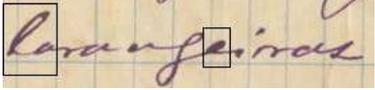
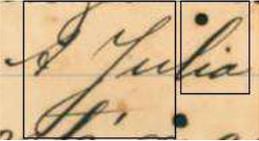
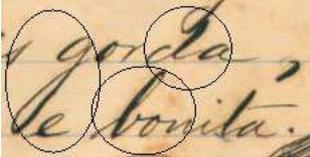
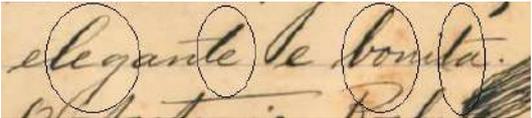
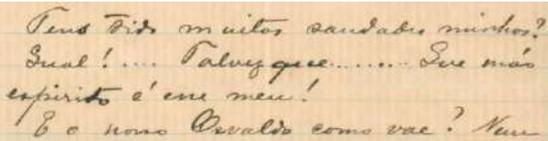
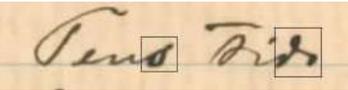
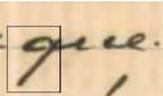
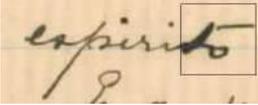
De um modo geral, constatamos que os módulos das letras maiúsculas e minúsculas se mostram homogêneas, evidenciando o seguro traçado que marca a escrita de GD e o potencializa como o redator habilidoso em relação aos modelos de escrita.

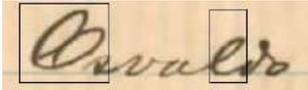
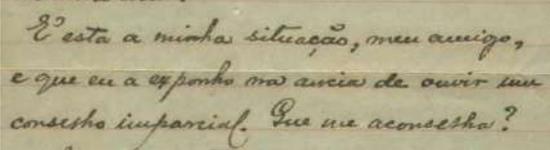
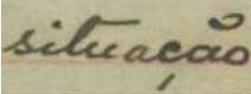
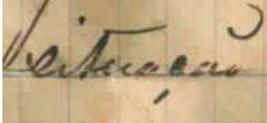
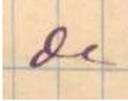
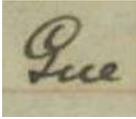
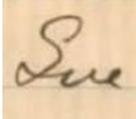
### 3.5 Peso

O peso das letras se deixa evidenciar através de traços espessos ou grossos, caracterizando o traçado como “escrita leve” ou “escrita pesada” em consequência da ferramenta através da qual se escreve com um instrumento macio ou duro, respectivamente. Com base em León Gilissen (1973, p. 33)<sup>28</sup>, o *peso* é entendido “não só como o peso ou a leveza da linha traçada pela pena, o estilo [...] mas também a intenção e a habilidade do redator”. Passemos à descrição panorâmica do peso das letras de GD

<sup>28</sup> León Gilissen (1973, p. 33) entendeu, em relação ao conceito de peso na escrita, que “Não há risco de erro se o peso da escrita for entendido não só como o peso ou a leveza da linha traçada pela pena, o estilo ou a palheta, mas também a intenção e a habilidade do escritor.”, cf. Núñez Contreras (1994, p. 43).

(Quadro 40), tendo em vista a sua produção escrita em cartas familiares, amorosas e de amizade.

Fac-símile	Descrição do peso
 <p>“[...] A Julinha pede ainda á Dona Lalinha para entregar a gri-   nalda de noiva ao padre Monte afim de ser ella colocada   aos pés de Nossa Senhora da Gloria; e, tambem, dizer a Judith   que leve a Sinhá Elisa uns botões de lorangeiras. [...]”</p> <p>(Carta familiar entre genro e sogra. Aldeia de São Pedro, Cabo Frio, RJ, 11.10.1885. (C6)).</p> 	   <p>De um modo geral, observamos, na carta familiar em análise (C6), traços finos (“padre”), com algumas evidências de traços mais grossos como observamos as letras <i>e</i> (“tambem”, “lorangeiras”) e <i>l</i> (“lorangeiras”).</p>    <p>Os traços mostram-se finos em essência, na carta familiar em análise (C7), o que contraste com as letras <i>g</i> e <i>d</i> (“gorda”, “bonita”), <i>l</i> e <i>t</i> (“elegante”), <i>b</i> e <i>t</i> (“bonita”), que se mostram mais intensos (grossos).</p>
 <p>“[...] Tens tido muitas saudades minhas?   Qual!... Talvez que... Que máo   espirito é esse meu!    E o   nosso Osvaldo como vae? Mau...”</p> <p>(Carta amorosa entre esposo e esposa. Volta Redonda, RJ, 16.02.1887. (C10))</p>	  

	 <p>Na carta amorosa em análise, observamos a prevalência de traços finos, ainda que tenhamos verificado algumas evidências de letras cujos pesos se mostram mais grossos. São eles: <i>s</i> (“tens”), <i>d</i> (“tido”), <i>q</i> (“que”), <i>t</i>, <i>o</i> (“espírito”), <i>O</i>, <i>l</i>, <i>d</i> (“Oswaldo”).</p>
 <p>(Carta ao amigo Castello. S.I., 09.11.1909. (C25))</p>	  <p>(C25) (C26)</p>   <p>(C25) (C6)</p>   <p>(C25) (C10)</p> <p>Na carta de amizade em análise, temos evidências de traços pesados mais fortes, cf. ilustramos, através dos itens “situação”, “de” e “Que”, que estão na C25, C26, C6, C10, respectivamente.</p>

Quadro 40: O *peso* das letras de GD em suas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade).

Constatamos que, de um modo geral, o *peso* das letras de GD mostrou-se com traços espessos, evidenciando traços mais grossos dispersos por algumas de suas cartas pessoais, o que está marcado principalmente na carta direcionada ao amigo Castello (C26).

Uma vez descritos, ainda que forma panorâmica, traços paleográficos da produção escrita de GD, passamos à edição fac-similar e semidiplomática das suas cartas pessoais em análise.

#### 4 A EDIÇÃO FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DAS CARTAS DE GONZAGA DUQUE

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 1
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Botafogo (RJ)
Data:	06.11.1884
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	21 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Mariquinhas
Relação social entre remetente e destinatário:	Genro e sogra (rel. familiar)
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf5
Número de fólios:	3 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve a D. Mariquinhas (futura sogra) enfatizando a falta que faz a sua noiva Julia e solicitando-lhe que a trouxesse à Côrte, de modo a minimizar a infinda saudade. Ao final da carta, dirige-se à sua amada noiva Julia.</p>	

Botafogo 6 de Novembro de 1884.

D. Mariquinhas,

Às tres e meia horas da tarde cheguei  
 eu a nossa casa aonde encontrei os meus em gozo de feliz  
 saúde, posto que minha avó, ha seis dias, fosse acom-  
 metida de um ataque.

Não pode nem sequer imaginar a esta hora quanto dolorosa  
 até agora (11 horas da noite) me tem sido a ausencia de  
 Julinha assim como da senhora e da D. Judith. Nunca  
 na minha pequena e trabalhada existencia senti golpe  
 mais profundo do que este: Dir-se-hia que a minha alma,  
 o meu coração inteiro, fôra roubado, e nunca <sup>mais</sup> me poderiam  
 restituil-os. Enxutos os olhos de lagrimas, mais ardentes  
 prantos me inundavam o peito; as fibras da amizade, do  
 amor, da gratidão, temiam decair em mim como as hastes  
 flexiveis do vime ao sopro cruel da tempestade. Nem sei  
 como exprimir o que sentia! Julia era todo o meu sangue,  
 todo o meu ser, a minha esperanza, o meu futuro que  
 se afastavam de mim, deixando-me inconsciente atirado  
 á vida como um corpo sem movimento. Horas cruéis  
 e negras são estas que se escoam deante de meus olhos!  
 Os seculos custam menos a passarem do que ellas.

A minha familia não me dá consolo porque não o pode,  
 é pequenina e impotente para encher o enorme vacuo  
 que ha em mim. O mundo, completo em os seus estupendos  
 complementos <sup>desgraçados</sup>; o proprio mundo, não poderia occultar  
 esse vacuo! Ah! desgraçados d'aquelles que nunca sou-  
 beram amar ardentemente, apaixonadamente, á um  
 anjo! Desgraçados d'elles porque nunca saberam<sup>29</sup> o que  
 ter cuidado<sup>30</sup>, o que é ter carinhos!...

Eu não quero ar, não quero vida. O que peço á Deus,

60 of 5

[fól. 1r]

Botafogo, 6 de Novembro de 1884

Dona Mariquinhas

Às tres e meia horas da tarde cheguei

eu a nossa casa aonde encontrei os meus em gozo de feliz  
 5 saúde, posto que minha avó, ha seis dias, fosse acom-  
 methida de um ataque  
 Não pode nem sequer imaginar a senhora quanto dolorosa  
 até agora (11 horas da noite) me tem sido a ausencia de  
 10 Julinha assim como da senhora e da Dona Judith. Nunca  
 na minha pequena e trabalhada existencia senti golpe  
 mais profundo do que este: Dir-se-hia que a minha alma,  
 o meu coração inteiro, fôra roubado, e nunca <↑mais> me poderiam  
 restituil-os. Enxutos os olhos de lagrimas, mais ardentes  
 prantos me inundavam o peito; os filhos da amizade, do  
 15 amor, da gratidão, temiam dentro em mim como as hastes  
 flexiveis do vime ao sopro cruel da tempestade. Nem sei  
 como exprimir o que sentia! Julia era todo o meu sangue,  
 todo o meu ser, a minha esperanza, o meu futuro que  
 se afastavam de mim, deixando-me inconsciente atirado  
 20 á vida como um corpo sem movimento. Horas cruéis  
 e negras são estas que se escoam deante de meus olhos!  
 Os seculos custam menos a passarem do que ellas.  
 A minha familia não me dá consolo porque não o pode,  
 é pequenina e impotente para encher o enorme vacuo  
 25 que ha em mim. O mundo, completo em os seus estupendos  
 Complementos <↑desvarios>; o proprio mundo não poderia occultar  
 esse vacuo! Ah! desgraçados d'aquelles que nunca sou-  
 beram amar ardentemente, apaixonadamente, á um  
 anjo! Desgraçados d'elles porque nunca saberam<sup>29</sup> o que  
 30 ter cuidado<sup>30</sup>, o que é ter carinhos!...

Eu não quero ar, não quero vida. O que peço á Deus,  
 <GD cf5>

<sup>29</sup> Provavelmente, “saberão”.

<sup>30</sup> Provavelmente, “o que <é (de)> ter cuidado”.

a esse grande Deus Bondoso, é a minha Julia. Dei-me ella  
e nada mais me falta. Terei tudo: felicidade, alegria,  
esperança; tudo, tudo o que o peito humano póde con-  
ter de mais santo e puro.

Se entanto em respeito de um incuravel soffrimento, dirá  
a senhora: Porque partis? Quem foi que o chamou para  
longe de nós? Porque afastou-se tão depressa?

Ah! Se a senhora soubesse quanto luto para ter um  
nome, para ser alguma coisa na vida, certamente  
jamais pensaria assim. Afastei-me é verdade, mas  
afastei para ganhar o que mais tarde eu e ella ha-  
veremos de precisar sem que o vexame <sup>caia</sup> <↑caia> sobre  
nós. Afastei-me é verdade, mas porque os deveres, as  
obrigações, o trabalho chamavam-me. E, Santo Deus!  
o que não me custa isso? De um <sup>lado</sup> <↑lado> a noiva, a minha  
noiva em que eu consento tudo o que possuo de sublime,  
e a sua familia que eu estimo tanto quanto á minha;  
de outro estas duas senhoras enfraquecidas no trabalho,  
honestas, puras e [rzi]gnadas que são minha mãe e  
minha avó. De um lado o amor de outro o pão do futuro,  
a necessidade! Lucta terrivel do destino. Eu preciso ser  
honrado, ter um nome, possuir haveres para livrar a Juli-  
-nha dos negros prantos da escacez e da desventura, e por  
isso, com o coração partido, deixei-a. Bem ella é boa  
e santa para me perdoar, reconhecendo a verdade.

Agora o que eu peço a senhora, de mãos postas, de joelhos,  
como se pedisse á Deus a salvação de minha propria  
mãe é que traga Julia o mais breve possivel. Se  
senhor procedendo assim me salvará dessa tristeza em  
que estou, entregará a sua filha á felicidade, seré  
ainda mais boa do que é. Será tão boa que eu me  
escravizarei em gratidão eterna. Bem sei que Sinhá

GD cf5

[fól. 1v]

a esse grande Deus Bondoso, é a minha Julia. Dei-me ella  
e nada mais me falta. Terei tudo: felicidade, alegria  
esperança; tudo, tudo o que o peito humano póde con-  
ter de mais santo e puro.

35

No entanto, em resposta desse incuravel soffrimento, dirá  
a senhora: Porque partis? Quem foi que o chamou para  
longe de nós? Porque afastou-se depressa?

40

Ah! Se a senhora soubesse quanto luto para ter um  
nome, para ser alguma coisa na vida, certamente  
jamais pensaria assim. Afastei-me é verdade, mas  
afastei para ganhar o que mais tarde eu e ella ha-  
veremos de precisar sem que o vexame <sup>caia</sup> <↑caia> sobre  
nós. Afastei-me é verdade, mas porque os deveres, as

45

obrigações, o trabalho chamavam-me. E, Santo Deus!  
o que não me custa isso? De um <↑lado> a noiva, a minha  
noiva em que eu consento tudo o que possuo de sublime,  
e a sua familia que eu estimo tanto quanto á minha;

50

de outro estas duas senhoras enfraquecidas no trabalho,  
honestas, puras e [rzi]gnadas que são minha mãe e  
minha avó. De um lado o amor de outro o pão do futuro,  
a necessidade! Lucta terrivel do destino. Eu preciso ser  
honrado, ter um nome, possuir haveres para livrar a Juli-  
-nha dos negros prantos da escacez e da desventura, e por  
isso, com o coração partido, deixei-a. Bem ella é boa  
e santa para me perdoar, reconhecendo a verdade.

55

Agora o que eu peço a senhora, de mãos postas, de joelhos,  
como se pedisse á Deus a salvação de minha propria  
mãe é que traga Julia o mais breve possivel. A

60

senhora procedendo assim me salvará dessa tristeza em  
que estou, entregará a sua filha á felicidade, seré  
ainda mais boa do que é. Será tão boa que eu me  
escravizarei em gratidão eterna. Bem sei que Sinhá

&lt;GD cf5&gt;

Elisa é o maior estorvo que ha nisso, mas pode a senhora escre-  
 ver a sua <sup>Excelltissima</sup> mãe dizendo que precisa partir desde que Si-  
 nhá Elisa não queira vir á Côrte. Se quizer eu escrevo, posto  
 que não seja causa licita, mas tomo a mim toda a respon-  
 sabilidade que d'ahi vier, contanto que tenha eu perto  
 de mim a minha Julia. Pode também pedir a Dona Eugenia  
 para fazer ver a seu seu irmão e a D. Fausta em necessi-  
 dade. Ah! Dona Mariquinhas, se a senhora isso fizesse!...  
 Meu Deus como eu lhe seria grato!...  
 Aqui faço ponto. O cansaço e a tristeza vencem-me,  
 e peço-lhe que recommende-me a Sinhá Elisa, abraça  
 a D. Judith e dê muitos, muitos, mil, dois mil abraços  
 e beijos na Julia accitando a senhora as saudades  
 de ~~que~~ <sup>quem</sup> se assigna seu criado humilissimo,  
 obrigado e quasi genro  
 Luiz Gonzaga Duque Estrada.

P.B. Não escrevo ao Thomé porque é tarde, amanhã  
 escreverei. Far-me-há o obsequio de recommendar-me a  
 elle e ao Joaquim. Amanha vou ter com a Dona Lalinha e depois de  
 amanhã vou a Gavêa e tratar das encomendas da Biá e quem  
 envio lembranças.

Seu criado e sincero presador  
 Duque que pede  
 Licença para escrever estas linhas  
 - Á Julia -  
 Julinha, vê se consegue <sup>de</sup> tua mããe a volta breve para a côrte.  
 Faz nisto todo o empenho, Une-te com a Judith para triumpho  
 da causa. Hei de preparar-me para ir ahi brevemente; pede á  
 Deus que seja eu feliz nos meus negocios que partirei com brevi-  
 dade. Pense em mim. Adeus; infinitas saudades de teu  
 noivo e eterno amado  
 Luiz

Estou arrependido de ter voltado. Minha avó chamou-me de ingrato  
 e disse que teve medo de morrer sem que me visse. Volta breve, nesse  
 mez. Vem até o dia 20. Faz tudo o que te for possível para vir.  
 Não podes - <sup>de</sup> as minhas em duas linhas.

[fól. 2r]

65 Elisa é o maior estorvo que ha nisso, mas pode a senhora escre-  
 ver a sua Excelltissima mãe dizendo que precisa partir desde que Si-  
 nhá Elisa não queira vir á Côrte. Se quizer eu escrevo, posto  
 que não seja causa licita, mas tomo a mim toda a respon-  
 sabilidade que d'ahi vier, contanto que tenha eu perto  
 de mim a minha Julia. Pode também pedir a Dona Eugenia  
 70 para fazer ver o senhor seu irmão e Dona Fausta em necessi-  
 dade. Ah! Dona Mariquinhas, se a senhora isso fizesse!...  
 Meu Deus como eu lhe seria grato!...

Aqui faço ponto. O cansaço e a tristeza vencem-me,  
 e peço-lhe que recommende-me a Sinhá Elisa, abraça  
 75 a Dona Judith e dê muitos, muitos, mil, dois mil abraços  
 e beijos na Julia accitando a senhora as saudades  
 de ~~que~~ <sup>quem</sup> se assigna seu criado humilissimo<sup>31</sup>  
 Obrigado e quase genro.

Luiz Gonzaga Duque-Estrada.

80 Note Bem. Não escrevo ao Thomé porque é tarde, amanhã  
 escreverei: Far-me-há o obsequio de recommendar-me a  
 elle e ao Joaquim. Amanha vou ter com a Dona Lalinha e depois de  
 amanhã vou a Gavêa e tratar das encomendas da Biá a quem  
 envio lembranças.

85 Teu criado e sincero presador  
 Duque que pede  
 Licença para escrever estas linhas á  
 - Á Julia -

90 Julinha vê se consegue <sup>de</sup> tua mããe a volta breve para a côrte.  
 Faz nisto todo o empenho, Une-te com a Judith para triumpho  
 da causa. Hei de preparar-me para ir ahi brevemente; pede á  
 Deus que seja eu feliz nos meus negocios que partirei com brevi-  
 dade. Pense em mim. Adeus; infinitas saudades de teu  
 noivo e eterno amado

95 Luiz

Estou arrependido de ter voltado. Minha avó chamou-me de ingrato  
 e disse que teve medo de morrer sem que me visse. Volta breve, nesse  
 mez. Vem até o dia 20. Faz tudo o que te for possível para vir.  
 Responde-me ao menos em duas linhas.

<sup>31</sup> Provavelmente, "humilíssimo".

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 2
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Botafogo (RJ)
Data:	08.11.1884
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	21 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Mariquinhas
Relação social entre remetente e destinatário:	Genro e sogra (rel. familiar)
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf5
Número de fólios:	4 fólios.
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve a D. Mariquinhas (futura sogra) relatando-lhe sobre a saúde de D. Lalinha, a sua ida à casa de D. Elvina Torres Machado (nos mínimos detalhes em termos de decoração), além do relato de várias notícias pessoais relacionadas ao seu círculo de contatos. Ao final da carta, dirige-se à sua amada noiva Julia.</p>	

1

8 de Novembro de 1884

D. Mariquinhas

Em data de 6 expedi uma carta para a senhora, carta enorme, traçada em papel almaço de grande formato, porem que era pequeno para exprimir as minhas saudades. Esta é menor e me trará indizível alegria se encontrar á senhora, Julinha e D. Judith em perfeita saude.

Estive hontem (7) com a D. Lalinha, as 2 1/2 da tarde. Encontrei so com as meninas que vão gosando saude. D. Lalinha desde que chegou não tem andado boa, tem tossido muito e andado apprehensiva com o Antonio Torres que, segundo contou o capitão Torres á ella, não vae bem; está muito magro e desfigurado. O mesmo me disse o Olympio de Niemeyer e accressentou que havia notado n'elle umas phrases desconexas. Isto foi-me dicto como noticia sem que eu desse a conhecer estar sciente da doença de seu infeliz filho. Segunda-feira sem falta irei ter com elle e a esse respeito escreverei minuciosamente o que hei de ver e saber. Por ora voltemos a fallar de D. Lalinha a quem ape-

GD 245

[fól. 1r]

&lt;1&gt;

8 de Novembro de 1884.

Dona Mariquinhas

Em data de 6 expedi uma carta para a senhora, carta enorme, traçada em papel almaço de grande formato, porem que era pequeno para exprimir as minhas saudades. Esta é menor e me trará indizível alegria se encontrar á senhora, Julinha e Dona Judith em perfeita saude.

5

Estive hontem (7) com a Dona Lalinha, as 2 1/2 da tarde. Encontrei só com as meninas que vão gosando saude. Dona Lalinha desde que chegou não tem andado boa, tem tossido muito o andado apprehensiva com o Antonio Torres que, segundo contou o capitão Torres á ella, não vae bem; está muito magro e desfigurado. O mesmo me disse o Olympio de Niemeyer e accressentou que havia notado n'elle umas phrases desconexas. Isto foi-me dicto como noticia sem que eu desse a conhecer estar sciente da doença de seu infeliz filho. Segunda-feira sem falta irei ter com elle e a esse respeito escreverei minuciosamente o que hei de ver e saber. Por ora voltemos a fallar de Dona Lalinha a quem ape-

10

15

20

&lt;GD cf5&gt;

2  
 -sar de nossas pequeninas contrariedades, tributo o  
 amor sincero de um irmão. Como dizia: fui rece-  
 bido como dantes na qualidade de amigo e  
 quasi parente da casa, manifestando-me  
 ella immensas e incuraveis saudades da senho-  
 -ra e das meninas. Por diversas vezes perguntou  
 -me quando veria a senhora e queixou-se de  
 que tem escripto duas cartas das quaes não  
 tem tido resposta. Disse eu que a primeira  
 veio resposta assignada pelo seu proprio punho  
 porque a D. Judith que fôra encumbida de  
 respondel-a, depois de ter <sup>feito</sup> a carta, rasgou-a,  
 vendo-se a senhora obrigada a escrevel-a, mas  
 esta resposta não chegou ás mãos da D. Lali-  
 nha que accressenta serem as cartas envia-  
 -das assumpto de maxima gravidade. Pe-  
 dio-me que lhe dissesse para escrevel-a por-  
 que encontrou os seus negocios em caminho  
 diverso do que aquelle em que haviam con-  
 -versado.  
 Em o correr da conversação tivemos ensejo de  
 fallar sobre Itaguahy e são phrases  
 d'ella "se vivesse mais cem annos não  
 GD cf 5

[fól. 1v]

&lt;2&gt;

25 -sar de nossas pequeninas contrariedades, tributo o  
 amor sincero de um irmão. Como dizia: fui rece-  
 bido como dantes na qualidade de amigo e  
 quasi parente da casa, manifestando-me  
 ella immensas e incuraveis saudades da senho-  
 -ra e das meninas. Por diversas vezes perguntou  
 30 -me quando veria a senhora e queixou-se de  
 que tem escripto duas cartas das quaes não tem  
 tido resposta. Disse eu que á primeira  
 veio resposta assignada pelo seu proprio punho  
 para que Dona Judith que fôra encumbida de  
 35 respondel-a, depois de ter <↑feito> a carta, rasgou-a,  
 vendo-se a senhora obrigada a escrevel-a, mas  
 esta resposta não chegou ás mãos de Dona Lali-  
 nha que accressenta serem as cartas envia-  
 -das assumpto de maxima gravidade. Pe-  
 40 dio-me que lhe dissesse para escrevel-a por-  
 que encontrou os seus negocios em caminho  
 diverso do que aquelle com que haviam con-  
 -versado.  
 Em o correr da conversação tivemos ensejo de  
 45 fallar sobre Itaguahy e são phrases  
 d'ella "se vivesse mais cem annos não  
 <GD cf 5>

3  
 poria em <sup>um</sup> só minuto os pés em Itagua-  
 -hy." Tehei rasão pois fui sabedor do quanto  
 Contrariada foi ella ali n'esse lugar mal-  
 -dicto em que a minha Julia está. A D. Mari-  
 cotta contou-lhe que em Barra Mansa  
 mostraram-lhe com carta (não sabe a D.  
 Lalinha se do Thomé se de Sinhá Elisa)  
 em que se pedia ao D. Guimarães toda  
 a brevidade em ir buscar Sinhá Elisa. Es-  
 ta carta chegou a Barra-Mansa quando  
 ainda na Lagoa Nova permanecia D. La-  
 linha. Conservando depois sobre a sua  
 vinda estivemos de accordo que a senhora  
 deveria voltar n'esse mez não só por causa  
 dos seus negocios como tambem por causa  
 do mez de Dezembro que se avésinha e  
 que é de grandes febres ahi. Peço a  
 Deus que a minha Julia succeda,  
 desejando o mesmo a senhora e a D. Judi-  
 th.  
 Às três horas e um quarto fui obrigado  
 a abandonar a amabilissima conversa-  
 ção porque tinha que vir para casa.  
 Gb of 5

[fól. 2r]

&lt;3&gt;

poria em <↑um> só minuto os pés em Itagua-  
 -hy". Achei rasão pois fui sabedor do quanto  
 50 contrariada foi ella ahi n'esse lugar mal-  
 -dicto em que minha Julia está. A Dona Mari-  
 cotta contou-lhe que em Barra Mansa  
 mostraram-lhe com carta (não sabe a Dona  
 Lalinha se do Thomé se de Sinhá Elisa)  
 55 em que se pedia ao Doutor Guimarães toda  
 a brevidade em ir buscar Sinhá Elisa. Es-  
 ta carta chegou a Barra-Mansa quando  
 ainda na Lagoa Nova permanecia Dona La-  
 linha. <sup>32</sup>Conservando depois sobre a sua  
 vinda estivemos de accordo que a senhora  
 60 deveria voltar n'esse mez não só por causa  
 dos seus negocios como tambem por causa  
 do mez de Dezembro que se avésinha e  
 que é de grandes febres<sup>33</sup> ahi. Peço a  
 Deus que á minha Julia succeda,  
 65 desejando o mesmo a senhora e a Dona Judi-  
 th.  
 Às três horas e um quarto fui obrigado  
 a abandonar a amabilissima conversa-  
 ção porque tinha que vir para casa.  
 <CD cf5>

<sup>32</sup> Provavelmente, "conversando".

<sup>33</sup> O item lexical "febres" está no sentido figurado de "grande agitação", como descrito por Houaiss (2009), ao elencar a quarta acepção para o verbete "febre": "4 Derivação: sentido

figurado. grande agitação; exaltação." Parece que, na concepção do redator, o mês de dezembro é de grande agitação.

4

afim de esperar dois amigos que ficaram  
de jantar commigo.  
Não procurei ainda o Jordão e por isso  
não lhe entreguei a touca para a irmã,  
mas amanhã ou depois entregarei pes-  
soalmente a ella em nome de minha  
Julinha que ahí está soffrendo a inci-  
pidez da roça.  
Desde que cheguei tenho estado e conti-  
nuarei a estar melancolico. Não tenho  
passado pela rua do Ouvidor, não fui  
nem pretendo ir a theatros. Trabalhei  
hontem de noite e hoje toda a ma-  
nhã no meu livro que um livreiro pre-  
tende comprar. Se o dinheiro for bom  
no dia seguinte de o receber vou bus-  
car a senhora e as meninas.  
Fiz a encommenda da Biá e assim  
que estiver prompta mandarei assim  
como, no mesmo volume, os 5 \$000  
que a senhora teve a bondade de me  
emprestar e que de muito me servi-  
ram.

GB of 5

[fól. 2v]

&lt;4&gt;

- 70 afim de esperar dois amigos que ficaram  
de Jantar commigo.  
Não procurei ainda o Jordão e por isso  
não lhe entreguei a touca para a irmã,  
75 mas amanhã ou depois entregarei pes-  
soalmente a ella em nome de minha  
Julinha que ahí está soffrendo a insi-  
pidez da roça.  
Desde que cheguei tenho estado e conti-  
nuarei a estar melancolico. Não tenho  
80 passado pela rua do Ouvidor, não fui  
nem pretendo ir a theatros. Trabalhei  
hontem de noite e hoje toda a ma-  
nhã no meu livro que um livreiro pre-  
tende comprar. Se o dinheiro for bom  
85 no dia seguinte de o receber vou bus-  
car a senhora e as meninas.  
Fiz a encommenda da Biá e assim  
que estiver prompta mandarei assim  
90 como, no mesmo volume, os 5 \$000  
que a senhora teve a bondade de me  
emprestar e que de muito me servi-  
ram.

&lt;CD cf5&gt;

5

Amanhã vou á Gavêa ver se filo  
o almoço do Antonico. Engraçado  
será se lá ~~chegou~~ <sup>chegou e</sup> D. Caetana  
já tenha almoçado. Depois vou á  
casa da Ex<sup>ma</sup> Sr<sup>ta</sup> D. Elvina Torres  
Machado (devia ser fouce) afim  
de dizer o que Sinhá Elisa me  
pedio.  
Achei a rua da Passagem mudada  
a ~~velha~~ e feia casa que havia  
na esquina da rua General Polydo-  
ro e que era notavel pelo deleixo  
da chacara ou do jardim, está um  
palacete de truz. Actualmente pos-  
sue oito janellas de frente, dois  
andares e uns lamberquins pin-  
talgados que a pozeram chic. Na  
sua casa notei na sala de jantar  
um étagère novo. O sufá<sup>35</sup> fez-me  
saudades mais dolorosas ainda da  
minha Julia. Vi a caminha em que  
ella dormia... lá estava com o colchão  
descoberto, tristonha, isolada como

GD cf 5

<sup>34</sup> O item “étagère” é um substantivo feminino do francês (plural: étagères) cujos significados podem ser “prateleira”, “estante” [...], cf. <<https://www.linguee.com/francais-portugues/traducao/%C3%A9tag%C3%A8re.html>>

[fól. 3r]

<5>

- 100 Amanhã vou á Gavêa ver se filo  
o almoço do Antonico. Engraçado  
será se lá ~~chegou~~ <↑chegou e> Dona Caetana  
já tenha almoçado. Depois, vou á  
casa do Excelentíssima Senhora Dona Elvina Torres  
Machado (devia ser fouce) afim  
105 de dizer o que Sinhá Elisa me  
pedio.  
Achei a rua da Passagem mudada.  
A velha e feia casa que havia  
na esquina da rua General Polydo-  
110 -ro e que era notavel pelo deleixo  
da chacara ou do jardim, está um  
palacete de truz. Actualmente pos-  
sue oito janellas de frente, dois  
andares e uns lamberquins pin-  
115 talgados que a pozeram chic. Na  
sua casa notei na sala de jantar  
um étagère<sup>34</sup> novo. O sufá<sup>35</sup> fez-me  
saudades mais dolorosas ainda da  
minha Julia. Vi a caminha em que  
120 ella dormia... lá estava com o colchão  
descoberto, tristonha, isolada como  
<GD cf5>

<sup>35</sup> Provavelmente, “sofá”.

16

se me perguntasse por que era que Julia  
 não tinha vindo. A sala de jantar,  
 o relógio ao lado do armário; a cadei-  
 ra de vime em <sup>que</sup> a senhora sentava-se  
 à noite; a mesa grande perto da ja-  
 nella; o aparador com os moringues;  
 tudo isto passava na minha imagi-  
 nação como acusadores terríveis porque  
 havia sido eu o principal causador  
 d'essa tão longa e tão triste ausência.  
 As roseiras do jardim cumprimentaram-  
 me tristemente e, balaicando-se nos  
 seus hostis, pareciam-me dizer: Oh!  
 tolo, acelerado, bandido! aonde estão  
 minhas senhoras? O que é feito dessas  
 alegres criaturas que o teu espirito a-  
 parvalhado arrancou do pé de nós  
 que ha tres mezes choramos sem des-  
 canso? E o Caramanchão como um  
 inquisidor-mór me disse: Estou vin-  
 gado, peralvilho, has de chorar como  
 em a ausencia destas duas creanças  
 amorosas e puras <sup>que</sup> eu vi crescer

GB of 5

[fól. 3v]

&lt;6&gt;

se me perguntasse por que era que Julia  
 não tinha vindo. A sala de jantar,  
 o relógio ao lado do armário; a cadei-  
 ra de vime em <↑que> a senhora sentava-se  
 125 à noite; a mesa grande perto da ja-  
 nella; o aparador com os moringues;  
 tudo isto passava na minha imagi-  
 nação como acusadores terríveis porque  
 130 havia sido eu o principal causador  
 d'essa tão longa e triste ausência.  
 As roseiras do jardim cumprimentaram  
 -me tristemente e, balaicando-se nos  
 seus hostis, pareciam-me dizer: Oh!  
 135 tolo, acelerado, bandido! aonde estão  
 minhas senhoras? O que é feito dessas  
 alegres criaturas que o teu espirito a-  
 parvalhado arrancou do pé de nós  
 que ha tres mezes choramos sem des-  
 canso? E o caramanchão como um  
 140 inquisidor-mór me disse: Estou vin-  
 gado, peralvilho,<sup>36</sup> has de chorar como  
 eu a ausencia destas duas creanças  
 amorosas e puras <↑que> eu vi crescer ~~sem~~

&lt;GD cf5&gt;

<sup>36</sup> peralvilho **adjetivo e substantivo masculino** diz-se de ou indivíduo afetado nas maneiras e no traje; casquilho, janota, peralta, cf. Houaiss (2009).

4

minha sombra! Oh! isto tudo creado pela  
 minha imaginação foi horrível! Sali de casa  
 de D. Lalinha como um condemnado. Fel-  
 -do em mim era tristesa, era amargura.  
 Olhe D. Mariquinhas, em nome desses obje-  
 tos caros em que a senhora vio comer os  
 seus mais risinhos tempos, em nome d'essa  
 casa que representa tudo quanto lhe é do-  
 -ce recordar, em nome das memorias mais  
 sagradas que a senhora conserva, eu  
 peço-lhe que volte esse mez. Não sou só  
 eu que lhe hei de ficar agradecido, serão  
 tambem as suas filhas, serão todos os que  
 lhe estimam.

Agora abraços na D. Judith, recommenda-  
 ções á Sinha Elisa e á Biá, abraços  
 sem contas e beijos sem fim em Ju-  
 -linha e a senhora receba a humilha-  
 ção de quem <sup>lhe</sup> quer como filho ~~se~~ <sup>que</sup> tem hon-  
 ra em se assignar eterno respeitador e  
 criado muito agradecido

LuzGonzaga Duque Estrada

Consinta-me estas linhas a Julia

GD45 (continua)

[fól. 4r]

&lt;7&gt;

- 145 minha sombra!.. Oh! isto tudo creado pela  
 minha imaginação foi horrível! Sali de casa  
 de Dona Lalinha como um condemnado. Tu-  
 -do<sup>37</sup> em mim era tristesa, era amargura.  
 Olhe Dona Mariquinhas, em nome desses objec-  
 tos caros em que a senhora vio correr os  
 seus mais risinhos tempos, em nome d'essa  
 casa que representa tudo quanto lhe é do-  
 ce recordar, em nome das memorias mais  
 sagradas que a senhora conserva, eu  
 150 peço-lhe que volte esse mez. Não sou só  
 eu que lhe hei de ficar agradecido, serão  
 tambem as suas filhas, serão todos os que  
 lhe estimam.
- 155 Agora abraços na Dona Judith, recommenda-  
 ções á Sinha Elisa e á Biá, abraços  
 sem contas e beijos sem fim em Ju-  
 -linha e a senhora receba a humilha-  
 ção de quem <↑lhe> quer como filho ~~se~~ <↑e>tem hon-  
 ra em se assignar eterno respeitador e  
 160 criado muito agradecido
- LuzGonzaga Duque Estrada.
- Consinta-me estas linhas a Julia
- (continua)

&lt;GD cf5&gt;

<sup>37</sup> Em “tudo”, observamos que a letra “u” parece estar sobrescrita em relação à outra letra, em uma espécie de letra de rasura.

18

Julia -  
 Saudades tuas são inconsoláveis  
 em mim. Volta. Une-te com a Judith  
 e faz tudo o que te for possível para vol-  
 tarem n'esse mez. Adeus. Conserva  
 -me sempre o teu amor -  
 Teu noivo que te idola-  
 tou  
 Luiz.

PS. - Sou esquecido para lembran-  
 ças como não ha segundo no  
 mundo. Minha familia e D. La-  
 linha recommendaram-se a todos.  
 Vóvo manda-te beijos em agrade-  
 cimentos pela tua lembrança. Todos  
 aqui querem te abraçar n'esse  
 mez. Volta breve.  
 Vai pelo mesmo correio com a carta  
 ao Thomé.  
 Escrevam-me.

Botafogo, 8 de Novembro de 84.

GD cf 5

[fól. 4v]

&lt;8&gt;

Julia -  
 170 Saudades tuas são inconsoláveis  
 em mim. Volta. Une-te com a Judith  
 e faz tudo o que te for possível para vol-  
 tarem n'esse mez. Adeus. Conserva  
 -me sempre o teu amor.  
 175 Teu noivo que te idola-  
 tra.  
 Luiz.  
 Post Scriptum - Sou esquecido para lembran-  
 ças como não ha segundo no  
 180 mundo. Minha familia e Dona La-  
 linha recommendaram-se a todos.  
 Vóvo manda-te beijos em agrade-  
 cimentos pela tua lembrança. Todos  
 aqui querem te abraçar n'esse  
 185 mez. Volta breve.  
 Vai pelo mesmo correio uma carta  
 ao Thomé.  
 Escrevam-me.

Botafogo, 8 de novembro de 84.

&lt;GD cf5&gt;

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 3
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Botafogo (RJ)
Data:	10.11.1884
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	21 anos
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Mariquinhas
Relação social entre remetente e destinatário:	Genro e sogra (rel. familiar)
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 5
Número de fólios:	3 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque Estrada escreve a sua futura sogra, Dona Mariquinhas, tratando de assuntos do cotidiano, relatando-lhe sobre o seu refluxo e dores reumáticas, sobre o convite recebido para tomar conta da redação de um importante Jornal de Montevideu (<u>Pátria</u>), sobre a sua ida às casas do Machado e da D. Lalinha, além do relato de várias notícias pessoais relacionada ao seu círculo de contatos. Ao final da carta, dirige-se à sua amada noiva Julia.</p>	

Botafogo, 10 de Novembro de 1884.

D. e Mariquinhas

Escrevo estas linhas em um estado indissolvel de subexcitação  
 do espirito. Julgo que a senhora e as meninas estão em gozo de saúde  
 feliz e peço á Deus que assim as conserve. Eu pela minha parte  
 não posso dizer o mesmo, desde o dia 8 ando endefluxado a mais  
 valer; tenho tussido algumas vezes e as dores rheumaticas que d'antes  
 sentia no peito parecem querer voltar.

As saudades que sinto de minha noiva, da senhora e de D. Judith  
 são inextinguíveis, cada vez mais augmentam e mais males me  
 causam. O estado de minha profissão é actualmente desanimador.  
 No dia 8 o Barão de Caninde mandou-me chamar afim de tomar  
 conta do meu lugar, objectei-lhe a urgente necessidade de augmentar  
 -me o ordenado e elle disse-me que pelo contrario pretendia redu-  
 zilo assim como havia reduzido os de outros redactores, alguns dos  
 quaes já abandonaram o Brasil; retorqui que nessa época me  
 seria de todo impossivel trabalhar por menos de 200\$000<sup>reis</sup> e assim  
 estou de firme protesto o que amanhã me obrigará despedir-me  
 d'esse jornal sem dinheiro! Também não tenho trabalhado lá.

Hoje (10) veio-me procurar um importante negociante de  
 Montevideo o qual trouxe-me um convite do conceituado jor-  
 nal a Patria d'aquella cidade, para que eu vá tomar  
 conta de sua redacção. As vantagens são enormes. Dão-me quan-  
 tia correspondentes a 300\$000<sup>reis</sup> e casa para morar, além  
 do que a vida em Montevideo é baratissima e á  
 moda da Europa. Estou pelo aceitar; amanhã (11) é que  
 feicharei o contrato. Minha familia, posto que ha de sen-  
 tir a separação porque do Brasil ao Uruguay são 10 dias  
 de viagem por mar, acho que devo aceitar a proposta.

Se tal succeder vou a Itaguahy do dia 22 até 27, o mais  
 tardar, volto e sigo depois para a Republica do Uruguay  
 afim de ver o que devo fazer e no mez de dezembro ahí esta-  
 rei afim de casar-me. A Julia quererá isto? Enfim o que

GD of 5

[fól. 1r]

Botafogo, 10 de Novembro de 1884.

Dona Mariquinhas,

Escrevo estas linhas em um estado indissolvel de subexcitação<sup>38</sup>  
 d' espirito. Julgo que a senhora e as meninas estão em gozo de saúde  
 5 feliz e peço á Deus que assim as conserve. Eu pela minha parte  
 não posso dizer o mesmo, desde o dia 8 ando endefluxado a mais  
 valer; tenho tussido algumas vezes e as dores rheumaticas que d'antes  
 sentia no peito parecem querer voltar.

As saudades que sinto de minha noiva, da senhora e de Dona Judith  
 10 são inextinguíveis, cada vez mais augmentam e mais males me  
 causam. O estado de minha profissão é actualmente desanimador.  
 No dia 8 o Barão de Caninde mandou-me chamar afim de tomar  
 conta do meu lugar, objectei-lhe a urgente necessidade de augmentar  
 -me o ordenado e elle disse-me que pelo contrario pretendia redu-  
 15 zilo assim como havia reduzido os de outros redactores, alguns dos  
 quaes já abandonaram o Brasil; retorqui que nessa época me  
 seria de todo impossivel trabalhar por menos de 200\$000 <↑reis> e assim  
 estou de firme protesto o que amanhã me obrigará despedir-me  
 d'esse jornal sem dinheiro! Também não tenho trabalhado lá.

20 Hoje (10) veio me procurar um importante negociante de  
 Montevideo o qual trouxe-me um convite do conceituado jor-  
 nal a Patria d'aquella cidade, para que eu vá tomar  
 conta de sua redacção. As vantagens são enormes. Dão-me quan-  
 25 tia correspondentes a 300\$000<sup>reis</sup> e casa para morar, além  
 do que a vida em Montevideo é baratissima e á  
 moda da Europa. Estou pelo aceitar; amanhã (11) é que  
 feicharei o contrato. Minha familia, posto que ha de sen-  
 tir a separação porque do Brasil ao Uruguay são 10 dias  
 de viagem por mar, acho que devo aceitar a proposta.

30 Se tal succeder vou a Itaguahy do dia 22 até 27, o mais  
 tardar, volto e sigo depois para a Republica do Uruguay  
 afim de ver o que devo fazer e no mez de dezembro ahí esta-  
 rei afim de casar-me. A Julia quererá isto? Enfim o que

<GD cf 5>

<sup>38</sup> Provavelmente, "sobre-excitação".

acontecer mandarei dizer por carta, ou para melhor ser,  
ahi irei conversar com a senhora.

Não procuro emprego nos Jornaes da côrte porque todos  
estão cheios de radactores e mais empregados. Andei a  
ver se arranjava um lugar no Paiz, o jornal novo que  
apareceu no dia 8 de Outubro, mas foi impossivel. Elle  
está que parece formigueiro. Tem mais redactores e re-  
porters do <sup>que</sup> estrellas no Ceu e arêas no mar. Fallemos de cá:  
Fui hontem (9) á Gavêa. D. Maricotta e o Antonico estão  
muito gordos e queimados. A familia do sr. Joaquim Fernan-  
des está boa e se recommenda a senhora. D. Maricotta  
disse-me que havia gostado muito de Caldas, até chegou  
a chorar quando de lá veio. Contou-me cousas imponentes,  
luxo, palestras, grande *[tom]* e tudo isto que forma o alto  
attractivo das sociedades elevadas. Ficou de me entregar a  
guarda-pó por esses dias. Sahi muito cedo de lá, apenas  
me demorei 15 minutos, porque haviam muitas visitas e  
eu por causa do pé estava com uns botins velhos e lasca-  
dos no lado de fóra. A Joaninha estava lá, achei mais bonita  
do que da primeira vez que a vi. Vi tambem uma moça, que  
não é a Mariquinhas Dillon, mas irmã do sr. Augusto Pinto;  
esta moça estava em companhia da mãe que é uma velha  
bem pazada nos annos porem todo de requebros e dengues.  
No dia 8 estive com o Machado e a Elvina, e depois com D.  
Lalinha. A casa de Machado é a do n.º 99 (e não 49  
como me disseram ahi na roça); a casa de que só vi a  
sala de visitas é no mesmo lado que a da Bijuca (ou Bejóca?)  
e parece ser boa. A sala que vi é forrada de papel nacional  
azul com pequenos florões cinzentos; tem cortinas nas janellas  
e portas; a mobilia que é a mesma estava coberta de pannos  
de chrocet e linhagem. O Machado estava em casa e es-  
teve conversando commigo, instantes depois chegou a D.  
Elvira com papelótas na testa, vestindo um peignoir.

65 of 6

[fól. 1v]

acontecer mandarei dizer por carta, ou para melhor ser,  
ahi irei conversar com a senhora.

35 Não procuro emprego nos Jornaes da côrte porque todos  
estão cheios de radactores e mais empregados. Andei a  
ver se arranjava um lugar no Paiz, o Jornal novo que  
apareceu no dia 8 de Outubro, mas foi impossivel. Elle  
está que parece formigueiro. Tem mais redactores e re-  
40 porters do <↑que> estrellas no Ceu e arêas no mar. Fallemos de cá:  
Fui hontem (9) á Gavêa. Dona Maricotta e o Antonico estão  
muito gordos e queimados. A familia do senhor Joaquim Fernan-  
des está boa e se recommenda a senhora. Dona Maricotta  
45 disse-me que havia gostado muito de Caldas, até chegou  
a chorar quando de lá veio. Contou-me cousas imponentes,  
luxo, palestras, grande *[tom]* e tudo isto que forma o alto  
attractivo das sociedades elevadas. Ficou de me entregar o  
guarda-pó por esses dias. Sahi muito cedo de lá, apenas  
50 me demorei 15 minutos, porque haviam muitas visitas e  
eu por causa do pé estava com uns botins velhos e lasca-  
dos no lado de fóra. A Joaninha estava lá, achei mais bonita  
do que da primeira vez que a vi. Vi tambem uma moça, que  
não é a Mariquinhas Dillon, mas irmã do senhor Augusto Pinto;  
55 esta moça estava em companhia da mãe que é uma velha  
bem pazada<sup>39</sup> nos annos porem todo de requebros e dengues.  
No dia 8 estive com o Machado e a Elvina, e depois com Dona  
Lalinha. A casa do Machado é a do n.º 99 (e não 49  
como me disseram ahi na roça); a casa de que só vi a  
60 sala de visitas é no mesmo lado que a da Bijuca (ou Bejóca?)  
e parece ser boa. A [S]alla que vi é forrada de papel nacional  
azul com pequenos florões cinzentos; tem cortinas nas janellas  
e portas; a mobilia que é a mesma estava coberta de pannos  
de chrocet e linhagem. O Machado estava em casa e es-  
65 -teve conversando commigo, instantes depois chegou a Dona  
Elvira com papelótas na testa, vestindo um peignoir  
<GD cf 5>

<sup>39</sup> Provavelmente, "passada".

3

branco, enfeitado de rendas e grande cauda; na cintura  
 prendia-o um grande laço de fita cor de rosa esmo-  
 recida com as pontas pendentes á linha das pernas. Lem-  
 brame mais que trazia um fio de coral ao pescoço,  
 n'uma só volta. Parecia ter muito somno por que  
 durante os seis minutos que lá estive bocejou desfarça-  
 damente duas vezes, e os olhos mergulhados em olhei-  
 ras escuras, tinham a humidade brilhante do ~~deitar-se~~  
 de deitar-se. Estava como sempre foi. Nem mais boni-  
 ta nem mais feia.

Sobre os negocios de Sinhá Elisa disse-me ella que  
 ainda não recebeu o dinheiro nem a ~~paçoca~~. Esta ul-  
 tima porque ainda não mandou buscar por faltar quem  
 fosse a estação. Não vi D. Palmyra porem soube que  
 estava boa. Mandaram lembranças á todos.

Ao sahir da casa do Machado fui a casa de D. La-  
 linha aonde estive com seu Maneco que anda a pro-  
 curar emprego e disse-me haver o senhor Joaquim Fer-  
 nandes offercido-se para auxiliar-o nisto. A Maria  
 desde que chegou cahio gravemente doente e D. Lalinha  
 a enviou para o Hospital da Misericordia.

As meninas vão passando bem e estão muito ale-  
 gres. Perguntei a ambas se tinham desejos de voltar  
 á roça e me disseram que não. D. Lalinha manda  
 dizer a senhora que ha necessidade em vir para côr-  
 te pois que os seus negocios não vão bem, embora  
 a casa do n.º 61 já esteja alugada. D. Maricotta pede  
 de mãos postas á senhora que volte n'esse mez  
 e' um pedido feito a todo o transe.

Hoje (10) estive com o Antonico Torres. Está muito  
 magro, immensamente magro e deixou a barba crescer.  
 Disse que tinha arranjado um emprego mas os me-  
 dicos o disseram que era forçoso partir em quanto

gb of 5

[fól. 2r]

3

branco, enfeitado de rendas e grande cauda; na cintura  
 prendia-o um grande laço de fita cor de rosa esmo-  
 recida com as pontas pendentes á linha das pernas. Lem-  
 70 -bro me mais que trazia um fio de coral no pescoço<sup>40</sup>,  
 n'uma só volta. Parecia ter muito somno porque  
 durante os seis minutos que lá estive bocejou desfarça-  
 damente duas vezes, e os olhos mergulhados em olhei-  
 ras escuras, tinham a humidade brilhante do [↑desejo]  
 75 de deitar-se. Estava como sempre foi. Nem mais boni-  
 ta nem mais feia.

Sobre os negocios de Sinhá Elisa disse-me ella que  
 ainda não recebeu o dinheiro nem a [paçoca]. Esta ul-  
 tima porque ainda não mandou buscar por faltar quem  
 fosse a estação. Não vi Dona Palmyra porem soube que  
 80 estava boa. Mandaram lembranças á todos.

Ao sahir da casa do Machado fui a casa de Dona La-  
 linha aonde estive com seu Maneco que anda a pro-  
 curar emprego e disse-me haver o senhor Joaquim Fer-  
 nandes offercido-se para auxiliar-o nisto. A Maria  
 85 desde que chegou cahio gravemente doente e Dona Lalinha  
 a enviou para o Hospital da Misericordia.

As meninas vão passando bem e estão muito ale-  
 gres. Perguntei a ambas se tinham desejos de voltar  
 á roça e me disseram que não. Dona Lalinha manda  
 dizer a senhora que ha necessidade em vir para côr-  
 90 te pois que os seus negocios não vão bem, embora  
 a casa do n.º 61 já esteja alugada. Dona Maricotta pede  
 de mãos postas á senhora que volte n'esse mez,  
 95 é um pedido feito a todo o transe.

Hoje (10) estive com o Antonico Torres. Está muito  
 magro, immensamente magro e deixou a barba crescer.  
 Disse que tinha arranjado um emprego mas os me-  
 dicos o disseram que era forçoso partir em quanto

<GD cf 5>

<sup>40</sup> Provavelmente, "pescoço".

4

antes para a roça.  
 Pretende elle ir para a serra, de Itaguahy, não sei se n'esse ou se em outro mez. Perguntei-lhe porque motivo <sup>que</sup> vinha para a Lagoa Nova, aonde teria todas as commodidades por ser propriedade de sua avó e vir encontrar-se com a senhora que é sua mãe e que muito o estima.  
 Disse-me que não e não <sup>me</sup> deu os motivos. Pelo que o Niemeyer me dizia e o Capitão Torres disse a D. Lalinha julgava-o em piores condições, mas pelo que eu vi achei-o, é verdade, muito magro e pallido, mas não no derradeiro e irremediavel estado em que o pintaram. Desconfio que todo o mal d'elle <sup>seja</sup> uma curavel fraqueza pulmonar reunida a uma impressão fortemente nervosa que -tambem pode ceder á lucta da medicina e a uma vida mais tranquilla, e menos necessitada do que elle passa.  
 Estive com o Alberto e o Capitão Torres. Com o Capitão estive em uma viagem de bonde e muito reparei em elle não perguntar pela senhora nem pela meninas. Contudo... ha tanta cousa por esse mundo!  
 A D. Angelica Athayde Jordão, irmã do Polydoro Jordão meu amigo, agradece penhoradissima a touca que minha noiva a enviou e ella assim como o irmão e a Ex<sup>ma</sup> mãe mandam a senhora, á minha Julia e á D. Judithinha muitas recommendações. O mesmo fazer o Niemeyer e a familia.  
 Tambem estive com o Tota que se acha empregado em uma casa de café á rua da Prainha n.º 11, conversando com elle tive occasião de o censurar sobre aquelles factos do "Homo Grande". Com o Barros ainda não pode estar por me faltar tempo, porem bre-

6,5 2/5

[fól. 2v]

4

- 100 antes para a roça.  
 Pretende elle ir para a serra, de Itaguahy, não sei se n'esse ou se em outro mez. Perguntei-lhe porque motivo <↑não> vinha para a Lagoa Nova, aonde teria todas as commodidades por ser propriedade de sua avó e vir encontrar-se com a senhora que é sua mãe e que muito o estima.  
 105 Disse-me que não e não <↑me> deu os motivos. Pelo que o Niemeyer me dizia e o capitão Torres disse a Dona Lalinha julgava-o em piores condições, mas  
 110 pelo que eu vi achei-o, é verdade, muito magro e pallido, mas não no derradeiro e irremediavel estado em que o pintaram. Desconfio que todo o mal d'elle <↑seja> uma curavel fraqueza pulmonar reunida a uma impressão fortemente nervosa que  
 115 -tambem pode ceder á lucta da medicina e a uma vida mais tranquilla e menos necessitada do que elle passa.  
 Estive com o Alberto e o Capitão Torres. Com o Capitão estive em uma viagem de bonde e muito reparei em  
 120 elle não perguntar pela senhora nem pela meninas. Contudo... ha tanta cousa por esse mundo!  
 A Dona Angelica Athayde Jordão, irmã do Polydoro Jordão meu amigo, agradece penhoradissima a touca que  
 125 minha noiva a enviou e ella assim como o irmão e a Exce<sup>l</sup>entissima mãe mandam a senhora, á minha Julia e á Dona Judithinha muitas recommendações. O mesmo fazer o Niemeyer e a familia.  
 Tambem estive com o Tota que se acha empregado em uma casa de café á rua da Prainha n.º 11, con-  
 130 -versando com elle tive occasião de o censurar sobre aquelles factos do "Homo Grande". Com o Barros ainda não pode estar por me faltar tempo, porem bre-  
 <GD cf 5>

5

vemente pretendo procural-o.

Agora termino esta carta enorme pedindo-lhe para  
me recomendar a Sinha Eliza, á Biá (as encomen-  
dadas d'ella estão feitas e ou mandarei ou levarei a  
ahi for) ao Thomé e ao Joaquim. E em o mais muito  
abraços na D. Judithinha e na minha Juliasinha  
accitando a senhora saudades e protestos de fidelissima  
estima de quem se assigna com prazer  
Seu creado humilissimo o Sr. Gonzaga  
Luiz Gonzaga Duque Estrada.

A' Julinha:

Julia  
Como sempre <sup>ansio</sup> pela tua volta. Pede á mamãe  
me saudades, une-te com a Judith para ezito com-  
pleto do pedido. Emprega todos os esforços. Recebe  
abraços de nossas avó e mãe e saudades das mesmas  
á tua mamãe e a Judith. Meu padrasto se recomen-  
da á todos. Vem com brevidade e responde-me  
as menos duas linhas. Adeus. Abraços e eternas  
saudades de teu noivo que te idolatra  
Luiz.

Rua dos Voluntarios da Patria n.º 159.

P.S. - Escreverei brevemente ao Thomé. Quando  
quizerem voltar mandem-me dizer para ir buscal-as.

90 245

[fól.3r]

5

vemente pretendo procural-o.

135 Agora termino esta carta enorme pedindo-lhe para  
me recommendar a Sinha Elisa, á Biá (as encomen-  
dadas d'ella estão feitas e ou mandarei ou levarei se  
ahi for) ao Thomé e ao Joaquim. E em o mais muitos  
abraços na Dona Judithsinha e na minha Juliasinha  
140 accitando a senhora saudades e protestos de fidelissima  
estima de quem se assigna com prazer

Seu creado humilissimo obrigado e quasi genro

Luiz Gonzaga Duque Estrada.

Á Julinha:

Julia

145 Como sempre <↑anceio> pela tua volta. Pede á mamãe  
esse sacrificio, une-te com a Judith para ezito com-  
pleto do pedido. Emprega todos os esforços. Recebe  
abraços de nossas avó e mãe e saudades das mesmas  
á tua mamãe e a Judith. Meu padrasto se recomen-  
150 menda á todos. Vem com brevidade e responde-me  
ao menos duas linhas. Adeus. Abraços e eternas  
saudades de teu noivo que te idolatra.

Luiz.

Rua dos Voluntarios da Patria n.º 159

155 *Post Scriptum* \_ Escreverei brevemente ao Thomé. Quando  
quizerem voltar mandem-me dizer para ir buscal-as.

<GD cf 5>

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 4
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Sem local
Data:	13.11.1884
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	21 anos
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Mariquinhas
Relação social entre remetente e destinatário:	Genro e sogra (rel. familiar)
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 5
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à D. Mariquinhas (futura sogra) relatando-lhe as saudades imensas, a visita à casa de D. Lalinha, além de algumas linhas dedicadas à sua noiva Julinha em relação à sua ida a Itaguahy para trazê-la, acompanhada da sua mãe, à Corte.</p>	

13 de Novembro de 1884.

D. Mariquinhas,

Chuva, chuva e mais chuva é o que ha por aqui em abundancia. Enquanto o tempo despeja torrentes d'agua, meus olhos despejam lagrimas de saudades.

Apesar da chuva (se Itaguahy tem o mesmo mal que a côrte) creio que a senhora, minha Julinha e D. Judith estão de perfeita saude.

A Julinha tem tido saudades?

E a D. Judith?

Falta me assumpto e o que é mais tempo, agora mesmo vou a cidade e logo quando voltar irei a casa de D. Lalinha.

Far-me-ha o obsequio de dar lembranças a Sinhá Elisa e a Biá. Abraços na D. Judith, na Julinha e a senhora accite mil saudades e muitas provas de consideração de quem se subscreve seu creado humilde e futuro genro

LuzGonzagaDuqueEstrada.

(volte)

GD 5

[fól.1r]

13 de Novembro de 1884.

Dona Mariquinhas

5 Chuva, chuva e mais chuva é o que ha por aqui em abundancia. Enquanto o tempo despeja torrentes d'agua, meus olhos despejam lagrimas de saudades.

10 Apesar da chuva (se Itaguahy tem o mesmo mal que a côrte) creio que a senhora, minha Julinha e Dona Judith estão de perfeita saude.

A Julinha tem tido saudades?

E a Dona Judith?

15 Falta me assumpto e o que <↑é> mais tempo, agora mesmo vou a cidade e logo quando voltar irei a casa de Dona Lalinha.

Far-me-ha o obsequio de dar lembranças a Sinhá Elisa e a Biá. Abraços na Dona Judith, na Julinha e a senhora accite mil saudades e muitas provas

20 de consideração de quem se subscreve

Seu creado humilde e futuro genro

LuzGonzagaDuqueEstrada.

(volte)

<GD cf 5>

P.S. - Minha familia recommenda-se a todos os seus. Minha mãe e avó enviam abraços a Julinha. As encomendas das lettras e dos grampos estão em meu poder e os levarei no dia 22, salvo se a senhora vier antes, o que é d'esperar.

Duque.

A<sup>o</sup> Julinha -

Saudades, saudades e sempre saudades. No dia 22, se Deus quizer e os trabalhos consentirem-me ahi irei, mando previnir com 5 dias de antecedencia. Pretendo trazer as para a Côrte. Vê se pôde arranjar isso. Abraços na Judith e saudades incu-raveis de teu noivo que te idolatra  
Luiz.

Entrega essa carta ao Thomé.

[fól.1v]

25 *Post Scriptum* - Minha familia recommenda-se a todos os seus. Minha mãe e avó enviam abraços a Julinha. As encomendas das lettras e dos grampos estão em meu poder e as levarei no dia 22, salvo se a senhora vier antes, o que é d'esperar.

30 Duque.

Á Julinha

Saudades, saudades e sempre saudades. No dia 22, se Deus quizer e os trabalhos consentirem-me ahi irei, mando previnir com 5 dias de antecedencia. Pretendo trazer as para a Côrte. Vê se pôde arranjar isso. Abraços na Judith e saudades incu-raveis de teu noivo que te idolatra

Luiz.

40 Entrega essa carta ao Thomé.

<GD cf 5>

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 5
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Sem local
Data:	17.11.1884
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	21 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Mariquinhas
Relação social entre remetente e destinatário:	Genro e sogra (rel. familiar)
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 5
Número de fólios:	2 fólios.
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à Dona Mariquinhas (sua futura sogra) relatando-lhe a visita da Dona Maricotta e do Antonico com pormenorizações sobre o jantar rápido em termos de cardápio (carne assada, canja, pão e bifés) e a redação de uma carta à Dona Fausta através da qual estimulava a sogra (Dona Mariquinhas) a vir para a Côrte. Para a sua noiva Julia escreve, ao final da carta, algumas linhas considerando-a “ingrata” em virtude da ausência de notícias ao noivo através da redação de cartas.</p>	

Sen 17 de Novembro de 1884.

D. Mariquinhas -

Continuo no mesmo estado de tristeza e de saudades. Creio que a senhora, a minha Julinha e a D. Judith devem estar boas.

È as saudades de Julinha? Quem sabe se são tão grandes como as minhas? Duvido que sejam maiores.

No dia 15 a D. Maricotta e o Antonio Rocha jantaram connosco. Isto é, jantaram é uma maneira de dizer, porque elles aqui chegaram tarde, e se bem que houvesse mais pessoas para o jantar foi n'esse dia mais cedo do é costume nosso.

Entretanto arranjou-se ás pressas uma carne assada, canja, pão e bifés e foi com essa parca refeição que a minha futura cunhada vio-se obrigada a passar.

Muita conversa tivemos, na qual a D. Maricotta disse estar admirada da senhora ainda ter desejos de voltar.

GD cf 5

[fól. 1r]

Em 17 de Novembro de 1884.

Dona Mariquinhas \_

Continuo no mesmo estado de tristeza e de saudades. Creio que a senhora, a minha Julinha e a Dona Judith devem estar boas.

E as saudades de Julinha? Quem sabe se são tão grandes como as minhas?

Duvido que sejam maiores.

No dia 15 a Dona Maricotta e o Antonio Rocha jantaram connosco. Isto é, jantaram é uma maneira de dizer, porque elles aqui chegaram tarde, e se bem que houvesse mais pessoas para o jantar foi n'esse dia mais cedo do é costume nosso.

Entretanto arranjou-se ás pressas uma carne assada, canja, pão e bifés e foi com essa parca refeição que a minha futura cunhada vio-se obrigada a passar.

Muita conversa tivemos, na qual a Dona Maricotta disse estar admirada da senhora ainda ter desejos de voltar.

<GD cf 5>

Tratei, então, com ella fazer uma carta  
para D. Fausta em que explicaria a grande  
necessidade da senhora se achar actualmente  
na côrte. Esta carta ahi vai e senhora  
depois de a ler poderá enviar-a á  
Barra-Mansa com o seguinte subscripto

- Ex<sup>ma</sup> <sup>ma</sup> <sup>ra</sup> <sup>m</sup> "  
D. Fausta de Andrade Guimarães.

(Na casa do Dr. Antonio Guimarães)  
Barra-Mansa  
Estação da E. de Ferro do Pedro 2.<sup>o</sup>

É uma carta attenciosa e que perfeita-  
mente pôde dar á senhora ensejo de  
voltar sem desagrado de sua Ex<sup>ma</sup> e  
boa mãe.

D. Maricotta trouxe o guarda-pó para  
que eu o leve assim que for a Itagua  
hy.

Hontem (16) o Barros almoçou e jan-  
tou em nossa casa. Está sempre ale-  
gre e falla com saudades do bom

GD 045

[fól. 1v]

Tratei, então, com ella fazer uma carta  
para Dona Fausta em que explicaria a grande  
25 necessidade da senhora se achar actualmente  
na côrte: Esta carta ahi vai e senhora  
depois de a ler poderá enviar-a á  
Barra-Mansa com o seguinte subscripto

- Excelentissima Senhora  
30 Dona Fausta de Andrade Guimarães.  
  
(Na casa do Doutor Antonio Guimarães)  
Barra-Mansa  
Estação da Estrada de Ferro do Pedro 2.<sup>o</sup>

35 É uma carta attenciosa e que perfeita-  
mente pôde dar á senhora ensejo de  
voltar sem desagrado de sua Excelentissima e  
boa mãe.

40 Dona Maricotta trouxe o guarda-pó para  
que eu o leve assim que for a Itagua  
hy.

Hontem (16) o Barros almoçou e jan-  
tou em nossa casa. Está sempre ale-  
gre e falla com saudades do bom

<GD cf 5>

Tempo que todos nós passamos no Morro Grande. Disse-me que quando eu fosse se  
também pudesse iria em minha compa-  
nhia.

Desejava ser muito longo n'esta carta mais  
sou obrigado a suspendel-a por que o Niemeyer  
veio almoçar commigo e está aqui no  
meu quarto e me atormentar com historias  
de amores e paixões. Peço a senhora  
encarecidamente que envie a carta  
de seu Ex<sup>ma</sup> mãe afim de quando eu ahi  
chegar ter a alegria immensa de trazel-  
as em minha companhia. O moreninho  
por mais que o Niemeyer instasse não quer  
vir á roça não só por causa do exame que  
não fez como também da ordem expressa do  
ministro em não dar licença de ausentar-  
se aos militares por que estamos em pé-  
de guerra com a Republica Argentina como  
devem saber pelas Gazetas de Noticias.  
Estou muito zangado com a Julinha  
porque até hoje ainda não me es-  
creveu uma linha. Isto para

GD of 5

[fól. 2r]

45 tempo que todos nós passamos no [Morro] Gran-  
de. Disse-me que quando eu fosse se  
também pudesse iria em minha compa-  
nhia.

Desejava ser muito longo n'esta carta mais  
sou obrigado a suspendel-a por que o Niemeyer  
veio almoçar commigo e está aqui no  
meu quarto e me atormentar com historias  
de amores e paixões. Peço a senhora

50 encarecidamente que envie a carta  
de sua Excelentissima mãe afim de quando eu ahi  
chegar ter a alegria immensa de trazel-  
as em minha companhia. O moreninho  
por mais que o Niemeyer instasse não quer

55 vir á roça não só por causa do exame que  
não fez como também da ordem expressa do  
ministro em não dar licença de ausentar-  
se aos militares por que estamos em pé-  
de guerra com a Republica Argentina como  
devem saber pelas Gazetas de Noticias.

60 Estou muito zangado com a Julinha  
porque até hoje ainda não me es-  
creveu uma linha. Isto para

&lt;GD cf 5&gt;

um noivo é desconsolador. A senhora  
 me fará o obsequio de dizer ao Joaquim  
 e ao Thomé que os escreverei depois  
 de amanhã. Recommendações a Sinhá  
 Elisa, abraços em D. Judith e Julinha  
 e a senhora acceta as sinceras provas  
 de enorme estima e consideração de  
 seu humilde creado e futuro genro  
 Luiz Gonzaga Duque Estrada.

A' Julinha.

Pense em mim, sinhórá ingrata. Mi-  
 nha mãe e avó mandam lembranças  
 a D. Mariquinhas, á D. Judith e abraços  
 e beijos em você. Escreve-me duas li-  
 nhas ao menos. Diz a Judith para unir-  
 se contigo a fim de fazer a mããe  
 enviar esta carta que ahi vae a  
 D. Fausta. Até breve. Saudades  
 eternas de teu noivo que te idolatra  
 Luiz

50 285

[fól. 2v]

70 um noivo é desconsolador. A senhora  
 me fará o obsequio de dizer ao Joaquim  
 e ao Thomé que os escreverei depois  
 de amanhã. Recommendações a Sinhá  
 Elisa, abraços em Dona Judith e Julinha  
 e a senhora acceta as sinceras provas  
 75 de enorme estima e consideração de  
 seu humilde creado e futuro genro  
 Luiz Gonzaga Duque Estrada

Á Julinha.

80 Pense em mim, sinhórá ingrata. Mi-  
 nha mãe e avó mandam lembranças  
 a Dona Mariquinhas, á Dona Judith e abraços  
 e beijos em você. Escreve-me duas li-  
 nhas ao menos. Diz a Judith para unir-  
 se contigo a fim de fazer a mããe  
 85 enviar esta carta que ahi vae a  
 Dona Fausta. Até breve. Saudades  
 eternas de teu noivo que te idolatra  
 Luiz.

&lt;GD cf 5&gt;

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 6
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Aldeia de São Pedro, Cabo Frio, Rio de Janeiro (RJ)
Data:	11.10.1885
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	22 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Mariquinhas
Relação social entre remetente e destinatário:	Genro e sogra (rel. familiar)
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 5
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo:	Gonzaga Duque escreve à Dona Mariquinhas (sua sogra) relatando-lhe minuciosamente a viagem feita à Aldeia de São Pedro e os incômodos de uma viagem marítima. Além disso, o autor faz vários pedidos à sua sogra tais como envio de coletes e papel fino.

Aldeia de S. Pedro 11 de Outubro de 1885.

D. Mariquinhas,

É para mim prazer imenso si esta  
ahi chegar como uma ave meiga, cuja presença é por todos esti-  
mada. Ha quatro dias que eu e a Julinha nos achamos  
5 n'Aldeia, e, felizmente, temos passado bem.  
A viagem não foi boa para nós. A Julinha enjoou d'esde  
que o vapor passou pela fortaleza da Lage até chegar ao Ca-  
bo, e eu não deixei, tambem, de despejar um pouco de  
10 bilis no animalzinho de bordo. Praquejei contra o navio, por muita  
vezes, por <↑que> o demonio saltava como um cabrito montez,  
e a pobre Julinha quasi que punha as tripas pela bocca!  
Um horror, a viagem.  
15 Ás 8 horas da noite chegamos a Cabo Frio, onde nos esperava  
a conducção, e ás 10 horas estavamos em casa, sãos e  
salvos, graças a pre[s]teza dos cavallos e a nossa resolução que  
foi inabalavel deante dos reteirados convites que tivemos  
para ficar na cidade de Cabo Frio.  
20 Julinha está satisfeita... podéra, si está ao meo lado! ...  
mas só poderá pausar a passear d'amanhã em deante por [o]  
que o selim que aqui temos é muito grande para ella,  
e estamos a esperar de um menor. No mais temos tido  
muito appetite, andado muito etc etc, e a Julinha tem  
25 ajudado a mamãe a descascar camarões. Dormimos em um  
quarto perto do quarto de minha avó, cuja amizade pela  
Paula é sincera, e bem que não passe sem um pitosinho<sup>41</sup>  
de quando em quando. Mas a Julia acha graça, e  
vai vivendo muito bem.  
30 As saudades que tens tido do nosso bom tempo ahi  
passado são infinitas.  
Não podemos nunca esquecer a Judith, a Dona Lalinha  
o Manéco e a senhora. De todo o mom ento lem-  
<GD cf 5>

[fól. 1r]

Aldeia de S. Pedro, 11 de Outubro de 1885.

Dona Mariquinhas,

É para mim prazer imenso si esta  
ahi chegar como uma ave meiga, cuja presença é por todos esti-  
5 mada. Ha quatro dias que eu e a Julinha nos achamos  
n'Aldeia, e, felizmente, temos passado bem.  
A viagem não foi boa para nós. A Julinha enjoou d'esde  
que o vapor passou pela fortaleza da Lage até chegar ao ca-  
bo, e eu não deixei, tambem, de despejar um pouco de  
10 bilis no animalzinho de bordo. Praquejei contra o navio, por muita  
vezes, por <↑que> o demonio saltava como um cabrito montez,  
e a pobre Julinha quasi que punha as tripas pela bocca!  
Um horror, a viagem.  
15 Ás 8 horas da noite chegamos a Cabo Frio, onde nos esperava  
a conducção, e ás 10 horas estavamos em casa, sãos e  
salvos, graças a pre[s]teza dos cavallos e a nossa resolução que  
foi inabalavel deante dos reteirados convites que tivemos  
para ficar na cidade de Cabo Frio.  
20 Julinha está satisfeita... podéra, si está ao meo lado! ...  
mas só poderá pausar a passear d'amanhã em deante por [o]  
que o selim que aqui temos é muito grande para ella,  
e estamos a esperar de um menor. No mais temos tido  
muito appetite, andado muito etc etc, e a Julinha tem  
25 ajudado a mamãe a descascar camarões. Dormimos em um  
quarto perto do quarto de minha avó, cuja amizade pela  
Paula é sincera, e bem que não passe sem um pitosinho<sup>41</sup>  
de quando em quando. Mas a Julia acha graça, e  
vai vivendo muito bem.  
30 As saudades que tens tido do nosso bom tempo ahi  
passado são infinitas.  
Não podemos nunca esquecer a Judith, a Dona Lalinha  
o Manéco e a senhora. De todo o mom ento lem-  
<GD cf 5>

<sup>41</sup> O item **pito**: substantivo masculino **Regionalismo: Brasil. Uso: informal.** repreensão, reprimenda, descompostura, cf. Houaiss (2009).

- Louco nos da nossa pulcritude, da nossa paucis ali feitas;  
 da nossa vaidade, da nossa avidez ali paradas!  
 No principio arrependi-me muito de ter vindo para Cabo  
 -Frio por causa do estado em que Julinha se achou durante  
 a viagem. Cheguei a ter medo que ella podesse ficar doente  
 com tamanho encommodo a pobrezinha não fazia mais  
 do que dictar bilis e chorar, chorar a grande. O enjoo  
 do mar é terrivel, é medonho. Só podemos avaliar bem  
 do quanto é elle insupportavel as pessoas que tenham embar-  
 cado e soffrido os seus tormentos. Agora estou descançado;  
 Julia vai tomando bonitas côres; já está mais côrada, mais  
 fortesinha e se dispõe a passar aqui até ... O que provera  
 a Deus? ... até a Dona Theodorinha arranjar o prometido, ou  
 eu me enfasiar da Aldeia.  
 Passemos ao peor da carta, isto é, aos pedidos.  
 Julia pede-lhe que mande o coethe acho que ficou  
 no guarda-roupa, o collarinho que está tambem no guarda-  
 roupa; papel fino para papelotes, e a Dona Lalinha fará o  
 favor de ver a matinée que ficou com a Justina costurei-  
 ra. Tendo tudo isto reunido, farão um embrulho bem  
 amarrado, sobre o qual será collocado o seguinte endereço:  
 Ao Illustríssimo Senhor Luiz Gonzaga Duque Estrada  
 (Para a casa do Doutor Joaquim da Rosa)  
Aldeia de São Pedro  
Cabo Frio  
 P. E. F. do Senhor. — Joaquim Gomes —  
 E isto feito, o Maneco fará o especial obsequio de  
 ir ao trapiche Mendes (à rua da Saude n.º ...) e  
 perguntar entregar o embrulho ao commandante do  
 paquete Ceres. Si por acaso este navio já tiver

[fól. 1v]

bramo-nos das nossas palestras, dos nossos passeios ahi feitos;  
 das nossas noites, dos nossos verões ahi passados!

35 Ao principio arrependi-me muito de ter vindo para Cabo  
 -Frio por causa do estado em que Julinha se achou durante  
 a viagem. Cheguei a ter medo que ella podesse ficar doente  
 com tamanho encommodo a pobrezinha não fazia mais  
 do que dictar bilis e chorar, chorar a grande. O enjoo  
 40 do mar é terrivel, é medonho. Só podemos avaliar bem  
 do quanto é elle insupportavel as pessoas que tenham embar-  
 cado e soffrido os seus tormentos. Agora estou descançado;  
 Julia vai tomando bonitas côres; já está mais côrada, mais  
 fortesinha e se dispõe a passar aqui até ... O que provera  
 45 a Deus? ... até a Dona Theodorinha arranjar o prometido, ou  
 eu me enfasiar da Aldeia.

Passemos ao peor da carta, isto é, aos pedidos.

Julia pede-lhe que mande o coethe acho que ficou  
 no guarda-roupa, o collarinho que está tambem no guarda-  
 50 roupa; papel fino para papelotes, e a Dona Lalinha fará o  
 favor de ver a matinée que ficou com a Justina costurei-  
 ra. Tendo tudo isto reunido, farão um embrulho bem  
 amarrado, sobre o qual será collocado o seguinte endereço:

Ao Illustríssimo Senhor Luiz Gonzaga Duque Estrada

(Para a casa do Doutor Joaquim da Rosa)

55

Aldeia de São Pedro

Cabo Frio

P. E. F. do Senhor. — Joaquim Gomes —

60 E isto feito, o Maneco fará o especial obsequio de  
 ir ao trapiche Mendes (à rua da Saude n.º ...) e  
~~perguntar~~ entregar o embrulho ao commandante do  
 paquete Ceres. Si por acaso este navio já tiver

&lt;GD cf 5&gt;

sahido, terá o cuidado de mudar no sobrescripto o P.E.F.  
 do Senhor J. Gomes para - P. E. F. do Senhor Cotta e entre-  
 gar no Sr. Palmér, no trapiche Novo Carvalho (a  
 Rua da Saude n.º...)

A Julinha pede ainda á D. Lalinha para entregar a gri-  
 nalda de noiva ao padre Monte afim de ser ella collocada  
 aos pés de N. S. da Gloria; e, tambem, dizer a Judith  
 que leve a Sinhá Elisa uns botões de laranjeiras.

Até ahí são as encomendas de minha mulher. Tes-  
 -ra os meus: Muiitos abraços ao Judith, ao D. Lalinha,  
 ao Maneco ao S. Maricota Rocha e ao Antonico, e  
 lembranças a D. Bijuca, D. Cecilia, ao Henrique e  
 a todos que por mim perguntarem.

Julinha manda muitos beijos e abraços a todas as  
 suas irmãs e a senhora, assim como toda a minha  
 familia se faz recomendar.

Finalizo, pedindo-lhe que accete  
 saudades e votos de eterna estima de  
 seu genro dedicado, creado e obediente  
 Luiz Gonzaga Duque Estada.

P.S. Julinha e eu mandamos lembranças a D. Maria  
 cota e a pequenina.

Mande nos prevenir quando partam para a roça.  
 D. Lalinha está fazendo as malas? Tem tido sau-  
 dades nossas? E a Judith? Está prompta para  
 ir á Lagôa Nova? Não se esqueça da matinée.

Eu tenho tido muitas saudades. Escrevam-me  
 com brevidade. Não se esqueça de pedir a D. Maricota Ro-  
 cha moldes de matinées que podem vir com as outras encomendas,  
 e pedir a Emilia a Morte de Dom Joao, de Guerra Junqueira.

Luiz.

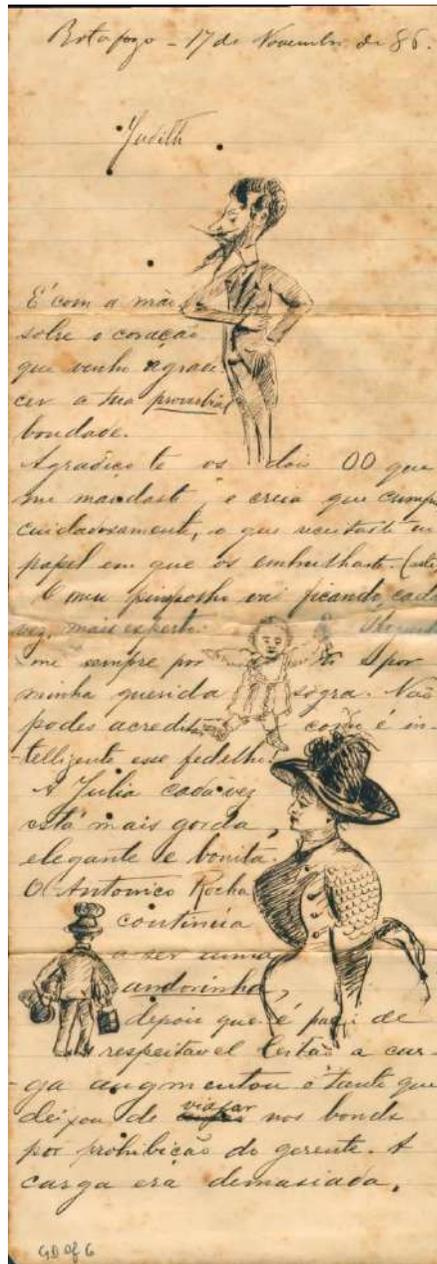
GB 025

[fól. 2r]

- 65 sahido, terá o cuidado de mudar no sobrescripto o P.E.F. do Senhor Joaquim Gomes para \_ P. E. F. do Senhor Cotta e entre-  
 65 gar ao Senhor Palmér, no trapiche Novo Carvalho (á  
 rua da Saude n.º...)
- 70 A Julinha pede ainda á D. Lalinha para entregar a gri-  
 70 nalda de noiva ao padre Monte afim de ser ella collocada  
 aos pés de Nossa Senhora da Gloria; e, tambem, dizer a Judith  
 que leve a Sinhá Elisa uns botões de laranjeiras.
- 75 Até ahí são as encomendas de minha mulher. Ago-  
 75 -ra as minhas: Muitos abraços na Judith, na Dona Lalinha,  
 no Maneco na Dona Maricota Rocha e ao Antonico, e  
 lembranças a Dona Bijuca, Dona Cecilia, ao Henrique e  
 a todos que por mim perguntarem.
- 80 Julinha manda muitos beijos e abraços a todos as  
 80 suas irmãs e a senhora, assim como toda a minha  
 familia se faz recomendar.
- 85 Finalizo, pedindo-lhe que accete  
 85 saudades e votos de eterna estima de  
 seu genro dedicado, creado e obediente.  
 Luiz Gonzaga Duque Estada.
- 90 *Post Scriptum* Julinha e eu mandamos lembranças a Dona Maria  
 90 cota e a pequenina.  
 Mande nos prevenir quando partam para a roça.  
 Dona Lalinha está fazendo as malas? Tem tido sau-  
 dades nossas? E a Judith? Está prompta para  
 ir á Lagôa Nova? Não se esqueça da matinée.
- Eu tenho tido muitas saudades. Escrevam-me  
 com brevidade. Não se esqueça de pedir a Dona Maricota Ro-  
 cha moldes de matinées que podem vir com as outras encomendas,  
 e pedir a Emilia a Morte de Dom Joao, de Guerra Junqueira.

&lt;GD cf5&gt;

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 7
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Botafogo, Rio de Janeiro (RJ)
Data:	17.11.1886
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	23 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Judith
Relação social entre remetente e destinatário:	cunhado-cunhada (relação familiar)
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 6
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua cunhada Judith relatando-lhe sobre o crescimento do filho (sobrinho de Judith), íntimas notícias sobre a esposa Julia, Antonico Rocha, Maneco, Lalinha a partir da representação de alguns de seus traços por desenhos no decorrer da carta.	



[fól. 1r]

Botafogo - 17 de Novembro de 86.<sup>42</sup>

Judith

É com a mão  
sobre o coração  
que venho agrade-  
cer a tua proverbial  
bondade.

Agradeço te os dois 00 que  
me mandaste, e creia que cumpri,  
cuidadosamente, o que receitaste no  
papel em que os embrulhaste. (aste!)  
O meu pimpolho vai ficando cada  
vez, mais esperto. Pergunta  
me sempre por ti e por  
minha querida sogra. Não  
podes acreditar como é in-  
telligente esse fedelho!

A Julia cada vez  
está mais gorda,  
elegante e bonita.  
O Antonico Rocha  
continúa  
a ser uma  
andorinha,

depois que é pae de  
respeitavel leitão a car-  
ga augmentou e tanto que  
deixou de <viajar> nos bonds<sup>43</sup>  
por prohibição do gerente. A  
carga era demasiada.

&lt;GD cf 6&gt;

<sup>42</sup> Nesta carta, o redator fez uso de vários desenhos para ilustrar algumas de suas ideias.

<sup>43</sup> Provavelmente “bonds”.



[fól. 1v]

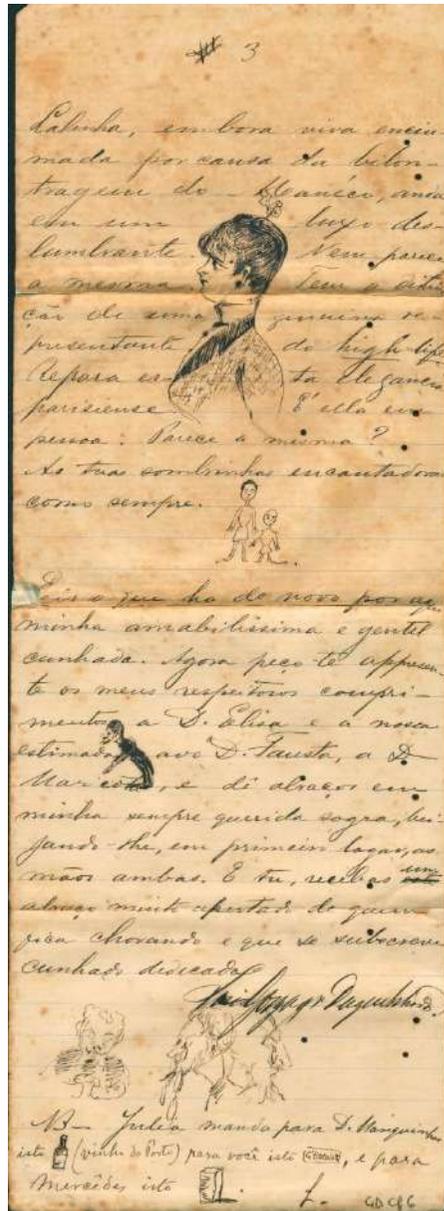
2

O nosso bom e incommensuravel  
 Maneco desviou-se da vida  
 do lar para frequentar bastidores  
 de theatros. Deu para  
 elegante.  
 É este chic  
 que vês \_ chapéo  
 alto côr de  
 cinza, bigode retorcido, bus-  
 to altivo, paletós claro, rosa  
 na lapella, cal-ças de casimi-  
 ra escura, bengala a Mascotte  
 e luvas barro-cosido. Ultra elegante;  
 figurino a Raunier... Já não dá  
 o cava -quinho pelo trinta e  
um e pelo tolo como  
 antigamente. Hoje  
 a sua unica preocu-  
 pação e esta:  
 Isto aconteceu depois  
 que passou-se da secretaria da Policia  
 para a casa Commercial dos  
 Senhores Philippes & Commercio. Agora  
 mette a mão no bolço e tira  
 deslumbramentos como este:  
 A providencia prote-  
 geu de mais.  
 Ha bens que vêm para  
 <↑mal><sup>44</sup>; diz o adagio, e  
 d'esta vez acertou.

<GD cf 6>

<sup>44</sup> O item “mal” está sobrescrito em relação à uma outra palavra riscada pelo redator:





[fól. 2r]

3

Lalinha, embora viva enciu-  
mada por causa da bilon-  
tagem do Manéco, anda  
em um luxo des-

65 lumbrante. Nem parece  
a mesma. Tem a distin-  
ção de uma genuina re-  
presentante do high-life.

70 Repara es- ta elegancia  
parisiense. É ella em  
pessoa: Parece a mesma?

As tuas sombrinhas encantadoras  
como sempre.

75 Eis o que ha de novo por aqui  
minha amabilissima e gentil  
cunhada. Agora peço-te appresen-  
te os meus respeitosos compri-  
mentos a Dona Elisa e a nossa  
estimada avó Dona Fausta, a D.

80 Maricota, e dê abraços em  
minha sempre querida sogra, bei-  
jando-lhe, em primeiro lugar, as  
mãos ambas. E tu, recebeas <↑um> este  
abraço muito apertado de quem  
85 fica chorando e que se subscreeve  
cunhado dedicado

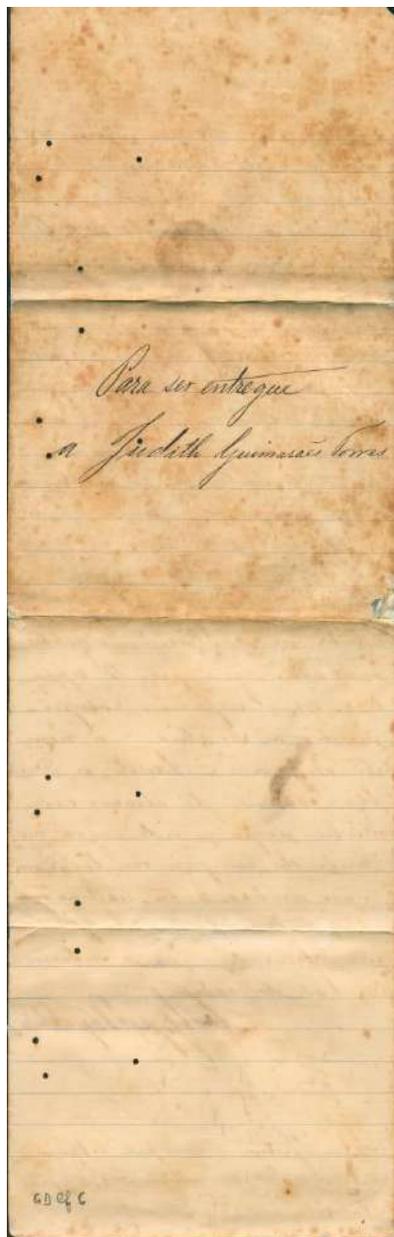
Luiz Gonzaga Duquestrada

90 Note Bem<sup>45</sup> - Julia manda para D. Mariquinhas  
isto (vinho do Porto) para você isto (chocolate), e para  
Mercedes isto.

Luiz

<GD cf 6>

<sup>45</sup> Entre a assinatura do redator e os seus comentários na seção do *post scriptum* (Note Bem), temos uma série de desenhos.



[fól. 2v]

Para ser entregue  
a Judith Guimarães Torres  
<GD cf 6>

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 8
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Sem local
Data:	06.02.1887.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	24 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia não só versando sobre a felicidade ao encontrar o Livro <i>Os miseráveis</i> , mas também tratando do seu envio à esposa.	

Julia  
 Arranjei afinal com  
 o meu bom amigo Alfredo  
 Pinheiro, o tão desejado ro-  
 manço de Victor Hugo -  
 Os Miseraveis.  
 A Judith é quem ha de  
 exultar de contentamento.  
~~Estive~~ Vim, como sabes,  
 dormir em casa do meu amigo,  
 onde tive um tracto amabilis-  
 simo, uma noute de conversa  
 esplendida, e imaginas tu que  
 ao ver a bibliotheca d'elle,  
 deparei com os famigerados  
 Miseraveis  
 Que alegria!  
 Pedi ao meu amigo que t'ou-  
 viasse amanhã, a sua bondade  
 não poz embargo ao meu pedido  
 e eil-o que o tens em casa.  
 Agora, adeus que é tarde.  
 Pensa em mim. Beijos no  
 nosso Osvaldo. Saudades á  
 Judith, Lalinha, Dona Mariquinhas  
 e as meninas.  
 Muitos beijos no Osvaldo,  
 e saudades a ti.  
 Teu marido  
 Luiz.  
 Ás - 11 horas da noute; 6 de Fevereiro  
 1887 -  
 GD cf 2

[fól. 1r]

Julia

Arranjei afinal com  
 o meu bom amigo Alfredo  
 Pinheiro, o tão desejado ro-  
 manço de Victor Hugo -  
 5 Os Miseraveis.

A Judith é quem ha de  
 exultar de contentamento.

~~Estive~~<sup>46</sup> Vim, como sabes,  
 10 dormir em casa do meu amigo,  
 onde tive um tracto amabilis-  
 simo, uma noute de conversa  
 esplendida, e imaginas tu que  
 ao ver a bibliotheca d'elle,  
 15 deparei com os famigerados

Miseraveis

Que alegria!

Pedi ao amigo que t'ou-  
 viasse amanhã, a sua bondade  
 20 não poz embargo ao meu pedido  
 e eil-o que o tens em casa.

Agora, adeus que é tarde.

Pensa em mim. Beijos no  
 nosso Osvaldo. Saudades á  
 25 Judith, Lalinha, Dona Mariquinhas  
 e as meninas.

Muitos beijos no Osvaldo,  
 e saudades a ti.

Teu marido

30 Luiz.

Ás - 11 horas da noute; 6 de Fevereiro  
 1887 - .

<GD cf 2>

<sup>46</sup> GD optou por riscar a forma verbal “Estive” e substituí-la pela forma verbal “Vim”.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 9
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Sem local explícito, mas possivelmente foi redigida em Volta Redonda (Rio de Janeiro – RJ)
Data:	08.02.1887.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	24 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	3 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia relatando-lhe a viagem à fazenda de seu amigo Visconde, em Volta Redonda-RJ, apresentando-lhe, pormenorizadamente, as acomodações da casa e ressaltando que, apesar muito luxuosa, há pouca arte.</p>	

Julinha

8-2-87.

Cheguei à Volta-Redonda às  
 8 1/2 da manhã e à Fazenda do Visconde  
 às 11 1/2 horas.

A viagem, pela estrada de ferro, até a  
 Barra do Pyrahy é esplendida, porem  
 da Barra para aqui e horrivelmente  
 insipida, e ainda mais insipida, mais  
 estúpida, mais insuportavel é a jornada  
 de quatro leguas á cavallo que se faz  
 da Volta Redonda a fazenda do Viscon-  
 de. Nem imaginar; é um horror! Sob-  
 se e desce-se tantos morros, tantos, que de  
 tantos que foram até já perdi a conta!  
 Cheguei estafado como um soldado em con-  
 tra-marcha, em regiões estranhas.

Sou muito bem tratado pelo visconde. As-  
 sim que cheguei elle acolheu-me com  
 immensa alegria, mandou dar-me um  
 magnifico salão, forrado de papel verde  
 desmaiado com flores rosa-saumont; este

GD 42

[fól. 1r]

Julinha

8 - 2 - 87.

Cheguei á Volta-Redonda ás  
 8 1/2 da manhã e á Fazenda do Visconde  
 5 ás 11 1/2 horas.

A viagem, pela estrada de ferro, até a  
 Barra do Pyrahy é esplendida, porem  
 da Barra para aqui e horrivelmente  
 10 insipida, e ainda mais insipida, mais  
 estúpida, mais insuportavel é a jornada  
 de quatro leguas á cavallo que se faz  
 da Volta Redonda a fazenda do Viscon-  
 de. Nem imaginas; é um horror! Sob-  
 se e desce-se tantos morros, tantos, que de  
 15 tantos que foram até já perdi a conta!  
 Cheguei estafado como um soldado em con-  
 tra-marcha, em regiões estranhas.

Sou muito bem tratado pelo visconde. As-  
 20 sim que cheguei este acolheu-me com  
 immensa alegria, mandou dar-me um  
 magnifico salão, forrado de papel verde  
 desmaiado com flores rosa-saumont; este

2

quarto tem uma mobilia de faia (completa) dois fautuils de jacarandá, duas cadeiras de balanço, sendo uma pertencente a mobilia de faia, e outra de mogno, estufada de lã carmesim, uma mesa - escrevaninha de peróba, um cabide de pé da mesma madeira, e cama de casado, toucador e mesa de cabeceira de mogno. No toucador tenho um serviço completo de porcelana encarnada. As paredes estão enfeitadas de grande numero de quadros, entre os quaes figuram duas gravuras hollandezas de grande valor. Por este lado estou muito bem servido. A casa do Visconde está montada com muito luxo, porem pouca arte. Tem um bello salão de visitas, uma bonita ~~sala~~ sala de jantar, sala de fumar, sala de leitura, ~~frateo~~ frateo para café, sala para palestra, salão de entrada, dois quartos bem mobiliados (um é o meu) e dois arranjados para hospedes de somenos importancia, alem dos aposentos d'elle que ainda não vi, uma sala de escripturação (elle tem guarda-livro)

GD cf 2

<sup>47</sup> Provavelmente, “fauteuil” (francês), na sentença “dois fautuils de jacarandá” (“duas cadeiras de jacarandá”).

<sup>48</sup> Em “hollandezas”, observamos que a sílaba “ho” foi reescrita como uma espécie de rasura.

[fól. 1v]

2

quarto tem uma mobilia de faia (completa) dois fautuils<sup>47</sup> de Jacarandá, duas cadeiras de balanço, sendo uma pertencente a mobilia de faia, e outra de mogno, estufada de lã carmesim, uma mesa-escrevaninha de peróba, um cabide de pé da mesma madeira, e cama de casado, toucador e mesa de cabeceira de mogno. No toucador tenho um serviço completo de porcelana encarnada. As paredes estão enfeitadas de grande numero de quadros, entre os quaes figuram duas gravuras hollandezas<sup>48</sup> de grande valor. Por este lado estou muito bem servido. A casa do Visconde está montada com muito luxo, porem pouca arte. Tem um bello salão de visitas, uma bonita sala de jantar, sala de fumar, sala de leitura, potes para café, sala para palestra<sup>49</sup>, salão de entrada, dois quartos bem mobiliados (um é o meu) e dois arranjados para hospedes de somenos importancia, alem dos aposentos d'elle que ainda não vi, uma sala de escripturação (elle tem guarda-livro)

<GD cf 2>

<sup>49</sup> O item lexical “sala” foi escrito sobre outro como uma espécie de rasura.

3

Cosinha, dispensas, etc.

Esta manhã Tomei leite ás 6 horas, depois café e sahimos a cavallo para ver as plantações. A fazenda é enorme, porém por aqui não ha planices, é tudo montanhoso, d'onde provém e chamar-lhe serra-acima.

Exceptuando-se essas vantagens que devem ser muito boas para quem tem o espirito menos des preocupado do que eu, nada mais existe.

Creio que nada posso arranjar por aqui, ou se arranjar será muito pouco; amanhã é que verei, porque hoje ainda estou muito cansado.

D'aqui a Barra-Mansa são 5 leguas á cavallo e para ir a casa do teu tio é preciso que eu tome a estrada de ferro, depois de viajar tres léguas. Esta passagem custa-me 500<sup>rs</sup>. Vês que não posso fazer o que pretendia, isto é, ficar em casa do visconde, e ir á passeio até Barra-Mansa (ir de manhã e voltar

GD cf 2

[fól. 2r]

3

cosinha, dispensas, etc.

Esta manhã tomei leite ás 6 horas, depois café e sahimos a cavallo para ver as plantações. A fazenda é enorme, porém por aqui não ha planices, é tudo montanhoso d'onde provém chamar-lhe serra-acima.

Exceptuando-se essas vantagens que devem ser muito boas para quem tem o espirito menos des preocupado do que eu, nada mais existe.

Creio que nada posso arranjar por aqui, ou se arranjar será muito pouco; amanhã é que verei, porque hoje ainda estou muito cansado.

D'aqui a Barra-Mansa são 5 leguas á cavallo e para ir a casa do teu tio é preciso que eu tome a estrada de ferro, depois de viajar tres léguas. Esta passagem custa-me 500<sup>rs</sup>. Vês que não posso fazer o que pretendia, isto é, ficar em casa do visconde, e ir á passeio até Barra-Mansa (ir de manhã e voltar

&lt;GD cf 2&gt;

a tarde) para arranjar assignates para  
 o meu jornal. É uma espiga! Por mim  
 ainda não é nada, mas pelo Pinheiro, o  
 dono do jornal, é tudo.  
 Amanhã falarei francamente com o  
 visconde afim de me apresentar a gente  
 do logar, se elle negar-se, depois d'amanhã  
 (10) sigo para a casa do teu tio. Assim  
 pois, não me escrevas para a fazenda do  
 visconde sem ter recebido segunda carta  
 minha, porque, se elle coadjuvar-me  
 no que pretendo fazer por mais alguns  
 dias, se não coadjuvar-me irei para  
 a cidade de Barra-Mansa, e a carta póde-se  
 estraviar, nem o visconde dar-se-á ao  
 trabalho de enviar á cidade um pagem  
 afim de levar-me a carta.  
 Estou, por isso, um pouco aborrecido, mas  
 se voltar sem assignantes tenho que pagar  
 á casa o dinheiro da passagem, e, em  
 vista de tão penosa despeza, armar-me-  
 hei de coragem para seguir o itinerario  
 da viagem.

GD cf 2

<sup>50</sup> Provavelmente, “assignantes” (“assinantes”).

[fól. 2v]

4

70 a tarde) para arranjar assignates<sup>50</sup> para  
 o meu jornal. É uma espiga<sup>51</sup>! Por mim  
 ainda não é nada, mas pelo Pinheiro, o  
 dono do jornal, é tudo.

75 Amanhã falarei francamente com o  
 visconde afim de me apresentar a gente  
 do logar, se elles negar-se, depois d'amanhã  
 (10) sigo para a casa do teu tio. Assim  
 pois, não me escrevas para a fazenda do  
 visconde sem ter recebido segunda carta  
 minha, porque, se elle coadjuvar-me  
 80 [não] que pretendo ficarei por mais alguns  
 dias, se não coadjuvar-me irei para  
 [↑ a cidade de] Barra-Mansa, e a carta póde-se  
 estraviar, nem o visconde dar-se-á ao  
 trabalho de enviar á cidade um pagem  
 85 afim de levar-me a carta.

Estou, por isso, um pouco aborrecido, mas  
 se voltar sem assignantes tenho que pagar  
 á casa o dinheiro da passagem, e, em  
 vista de tão penosa despeza, armar-me-  
 90 hei de coragem para seguir o itinerario  
 da viagem.

<GD cf 2>

<sup>51</sup> Provavelmente, o item lexical “espiga” foi usado com o sentido de “aborrecimento”, cf. descrito por Houaiss (2009): “4. Derivação: sentido figurado. Uso: informal; aborrecimento, maçada. 5. Derivação: sentido figurado. Uso: informal. contratempo, prejuízo.”

5

Se eu contasse com esse resultado nem  
teria feito esta longa viagem em que  
a gente respira pó, pó, pó, e mais pó, e  
mais pó, e somente pó!

Escrevo-te meu socio Alfredo Pinheiro intei-  
rando-te o que ha.

Por hoje basta, se bem que esteja com  
muitas saudades tuas. Dá lembranças  
e saudades a D. Mariquinhas, Judith,  
Lalinha, ao Maneco e os meninos. Bei-  
ja muito o Osvaldo e recebe um  
Turbilhão de beijos, saudades e abra-  
ços de seu marido  
Luiz.

[fól. 3r]

5

Se eu contasse com esse resultado nem  
teria feito esta longa viagem em que  
a gente respira pó, pó, pó, e mais pó, e  
95 mais pó, e somente pó!  
Escreve[↑rei] ao meu socio Alfredo Pinheiro intei-  
rando-[↑o]/do que ha.  
Por hoje basta, se bem que esteja com  
muitas saudades tuas. Dá lembranças  
100 e saudades a Dona Mariquinhas, Judith,  
Lalinha, ao Maneco e os meninos. Bei-  
ja muito o Osvaldo e recebe um  
turbilhão de beijos, saudades e abra-  
ços de teu marido.  
105 Luiz.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 10
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Volta Redonda, Rio de Janeiro, RJ.
Data:	16.02.1887.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	24 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia relatando-lhe saudades infindas da esposa e do filho Oswaldo. Além disso, relata-lhe sobre a amizade com o Visconde de Barra Mansa, sobre uma viagem para a Conservatória para angariar assinantes, tendo em vista as cartas de recomendação recebidas.</p>	

16 de Fevereiro de 87. Volta - Redonda.

Julinha

Todo o temor que eu tinha do insucesso  
vae-se dissipando lentamente, e agora  
só me restam muitas saudades ~~tuas~~<sup>de ti</sup>,  
do Osvaldo e de todos os nossos que ali  
estão, ai! tão longos, de mim!

O sr. Visconde tem sido para mim  
um verdadeiro amigo, mas o que se  
póde desejar em amigo. Obtive aqui,  
n'esta localidade cinco assignaturas  
das quaes cobrei apenas uma por ter  
o assignante partido hoje para a Côrte.  
Admirar-te-á o numero de assigna-  
-turas grangeadas em tão longo  
espaço, mas has de convir que foi  
hontem que expuz ao sr. Visconde  
o meu intuito e que por esta redonda-  
-za todos são, como elle perfeitamente  
o diz, uns parpans, uns rusticos de  
quatro costados. Amanhã (17) par-

GD cf 2

[fól. 1r]

16 de Fevereiro de 87. Volta - Redonda.

Julinha

5 Todo o temor que eu tinha do insucesso  
vae-se dissipando lentamente, e agora  
só me restam muitas saudades [↑de ti]<sup>52</sup>,  
do Osvaldo e de todos os nossos que ali  
estão, ai! Tão longos de mim!

10 O *senhor* Visconde tem sido para mim  
um verdadeiro amigo, mas o que se  
póde desejar em amigo. Obtive aqui,  
n'esta localidade cinco assignaturas  
das quaes cobrei apenas uma por ter  
o assignante partido hoje para a Côrte.  
Admirar-te-á o numero de assigna-  
-turas grangeadas em tão longo  
15 espaço, mas has de convir que foi  
hontem que expuz ao *senhor*: Visconde  
o meu intuito e que por esta redonde-  
-za todos são, como elle perfeitamente  
o diz, uns parpans<sup>53</sup>, uns rusticos de  
20 quatro costados. Amanhã (17) par-  
<GD cf 2>

<sup>52</sup> O sintagma preposicionado “de ti” foi escrito sobre o pronome possessivo “tuas” que foi rasurado. Parece que o autor titubeou entre os sintagmas “saudades tuas” e “saudades de ti”.

<sup>53</sup> Provavelmente, “uns paysans” no sentido de “uns camponeses”.

to para a Conservatoria, localidade distante d'onde estou cinco léguas, e espero em poucos dias arranjar um bonito numero de assignates, em vista das boas cartas de recommendação com que vou fundar.

Tenho, portanto, antes de ir a Barra - Mansa, de voltar a fazenda do sr. Visconde em que não me demorarei mais do que algumas horas, e assim se me quiseres escrever endereça a carta para

L. Gonzaga Duque Estrada

Fazenda do Ex<sup>mo</sup> Sr. Visconde de Barra - Mansa.  
E. da Volta Redonda  
(Freguezia do Amparo)  
E. F. Dom Pedro 2<sup>o</sup>

porque quando aqui chegar e receberei. Aviso-te que não sejas

6642

<sup>54</sup> Provavelmente, "assignantes".

<sup>55</sup> Provavelmente, "algumas".

[fól. 1v]

to para a Conservatoria, localidade distante d'onde estou cinco léguas, e espero em poucos dias arranjar um bonito numero de assignates<sup>54</sup>, em vista das boas cartas de recommendação com que vou fundar.

Tenho, portanto, antes de ir a Barra - Mansa, de voltar a fazenda do sr. Visconde em que não me demorarei mais do que algumas<sup>55</sup> horas, e assim se me quiseres escrever endereça<sup>56</sup> a carta para

Luiç Gonzaga Duque Estrada

Fazenda do Ex<sup>lentíssimo</sup> Senhor. Visconde de Barra - Mansa.  
E. da Volta Redonda  
(Freguezia do Amparo)  
E. F. Dom Pedro 2<sup>o</sup>

porque quando aqui chegar e receberei. Aviso-te que não sejas

escrever endereça<sup>57</sup> a carta para Luiç Gonzaga Duque Estrada

Fazenda do Ex<sup>lentíssimo</sup> Senhor. Visconde de Barra - Mansa.  
E. da Volta Redonda  
(Freguezia do Amparo)  
E. F. Dom Pedro 2<sup>o</sup>

porque quando aqui chegar e receberei. Aviso-te que não sejas

<GD cf 2>

<sup>56</sup> Provavelmente, "endereça" com "ç".

<sup>57</sup> Provavelmente, "endereça" com "ç".

indiscreta na carta. Vês que não  
 posso jantar contigo no dia de teus  
 annos, nem tam pouco assistir ao  
 Carnaval, mas que fazer? Preciso  
 ganhar a vida e não será sem  
 coragem e cansaço que tal consigui-  
 rei.

Tens tido muitas saudades minhas?  
 Qual!... Talvez que... Que máo  
 espirito é' esse meu!

E o nosso Osvaldo como vae? Nem  
 posso imaginar as saudades que  
 hei tido d'esse pecurrucho.

Bem. Estou muito cansado e vou  
 deitar-me porque já são dez horas.

Beija o Osvaldo muitas e muitas  
 vezes, saudades e abraços a Judith,  
 Lalinha, Dona Mariquinhas, a Vivi, a  
 Hydéa e seu Maneco e recebe muitos  
 e muitos abraços e saudades de teu  
 amigo, idolatra e marido  
 Luiz.

P.S. Escreve-me. Como passam a Maria,  
 a Avelina e o Abilio?

GD cf 2

[fól. 2r]

- indiscreta na carta. Vês que não  
 55 posso jantar contigo no dia de teus  
 annos, nem tam pouco assistir ao  
 Carnaval, mas que fazer? Preciso  
 ganhar a vida e não será sem  
 coragem e cansaços que tal consigui-  
 60 rei.
- Tens tido muitas saudades minhas?  
 Quall!... Talvez que... Que máo  
 espirito é esse meu!  
 E o nosso Osvaldo como vae? Nem  
 65 podes imaginar as saudades que  
 hei tido d'esse pecurrucho.
- Bem. Estou muito cansado e vou  
 deitar-me porque já são dez horas.
- Beija o Osvaldo muitas e muitas  
 70 vezes, saudades e abraços a Judith,  
 Lalinha, Dona Mariquinhas, a Vivi, a  
 Hydéa e seu Maneco e recebe muitos  
 e muitos abraços e saudades de teu  
 amigo, idolatra e marido
- 75 Luiz.
- Post scriptum Escreve-me. Como passam a Maria,  
 a Avelina e o Abilio?  
 <GD cf 2>

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 11
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Porto Grande, Teresópolis, Rio de Janeiro (RJ).
Data:	04.01.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	3 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia relatando-lhe a sua chegada de uma boa viagem à Teresópolis, ainda que em contexto de calor intenso, contou-lhe sobre o tio adoecido, as saudades dos filhos, a solicitação do envio de cartas, de dinheiro para a compra de telas pequenas a serem enviadas a um amigo e sobre a devolução das provas de um artigo a sair na revista “13 de Maio”.</p>	

Porto Grande, 4 de Janeiro de 89.

Julinha

Aqui chegamos hontem á meia noite;  
 felizmente a viagem foi boa, apesar do enorme  
 calor que sentimos e, se não fosse minha tia  
~~ter chegado~~ estar desprevenida, pois a carta em  
 que titio mandou pedir conducção chegou hoje,  
 nós estaríamos em casa ás 9 horas.

Titio sentiu hoje aquellas cólicas que o atacou  
 hontem e ante-hontem, mas eu creio que  
 com uns banhos e algum medicamento despa-  
 recerão de todo.

Senti, hoje, saudades de nossos filhinhos, prin-  
 cipal, que minhas nem vomê nem elles sentirão.

Vai com esta uma carta que ahi porás  
 em enveloppes com o seguinte subscripto:

Ilma Cyana Siva.

D. Francisca do Carmo Rosa

de frente do caminho do Novo Matadouro.

Nictheroy.

GD 42

[fól. 1r]

Porto Grande, 4 de Janeiro de 89.

Julinha

Aqui chegamos hontem á meia noite;  
 felizmente a viagem foi boa, apesar do enorme  
 calor que sentimos e, se não fosse minha tia  
 5 ~~ter chegado~~ estar desprevenida, pois a carta em  
 que titio mandou pedir conducção chegou hoje,  
 nós estaríamos em casa ás 9 horas.

10 Titio sentiu hoje aquellas cólicas que o atacou  
 hontem e ante-hontem, mas eu creio que  
 com uns banhos e algum medicamento desapa-  
 recerão de todo.

Senti, hoje, saudades de nossos filhinhos, creio,  
 porém, que minhas nem vossê nem elles sentirão.

15 Vai com esta uma carta que ahi porás  
 em enveloppes com o seguinte subscripto:

Illustrissima Excelentissima Senhora  
 Dona Francisca do Carmo Rosa

Marahy

de frente do caminho do Novo Matadouro.  
Nictheroy.

&lt;GD cf 2&gt;

Peço-te que pagues o sello e mandes deposital-a  
na caixa do Correio.

Seria enorme favor que prestarias se arran-  
jasse dinheiro com tua mãe para me comprar  
na rua do Theatro – Casa Cavallier, ou na rua  
Sete de Setembro n.º 100, um blók (blo-  
que) de telas pequenas, um palmo de comprimen-  
to sobre um de largura, e m<sup>do</sup> mandasses por  
intermedio do Procopio. Eu pagarei a tua mãe  
esse dinheiro, que é pouco. Se me fizeres es-  
te favor, embrulha a encomenda em um  
papel em que escreverás o seguinte:

Illustrissimo Sr. Major  
João Escocia Duque Estrada de Vasconcellos

P. E. F. do Sr. Procopio José dos Reis  
Em Magé

e mandará entregal-o na rua Fresca n.º 3  
armazem do Sr. Procopio.

Se não fores comprar pede ao Olympio ou  
ao Araujo, mas não te demores nem te es-  
queças, do contrario não te levarei uns

GD cf 2

[fól. 1v]

Peço-te que pagues o sello e mandes deposital-a  
na caixa do Correio.

20 Seria enorme favor que prestarias se arran-  
jasse dinheiro com tua mãe para me comprar  
na rua do Theatro – Casa Cavallier, ou na rua  
Sete de Setembro n.º 100, um blók (blo-  
que) de telas pequenas, um palmo de comprimen-  
to sobre um de largura, e um m' <↑o> mandasses por  
25 intermedio do Procopio. Eu pagarei a tua mãe  
esse dinheiro, que é pouco. Se me fizeres es-  
te favor, embrulha a encomenda em um  
papel em que escreverás o seguinte:

Illustrissimo Senhor Major  
João Escocia Duque Estrada de Vasconcellos

P. E. F. do Senhor Procopio José dos Reis  
Em Magé

30 e mandarás entregal-o na rua Fresca n.º 3  
armazem do Senhor Procopio.

Se não fores comprar pede ao Olympio ou  
ao Araujo, mas não te demores nem te es-  
queças, do contrario não te levarei uns  
<GD cf 2>

[fól. 2r]

bonitos presentes. Se não encontrares o blók de  
 telas, compra alguns cartões pequenos para  
 pintura a óleo. Os cartões devem ter pelo menos  
 um palmo.  
 Se ahí levarem umas provas do <sup>meu</sup> artigo que  
 ha de sahir no proximo numero da revista  
 "13 de Maio", não fiques com as provas, de-  
 volue-as ao portador e dil-o que eu estou  
 em Theresopolis. Se por acaso deixarem ahí  
 as provas sem vossê ter tempo de falar com  
 o portador, vae immediatamente ao Olympio  
 e pede-lhe para ir entregal-as na redacção  
 e dizer que eu não estou na côrte.  
 Não te esquece do que te estou pedindo.  
 Abraços em tua mãe e Judith.  
 A Maricotta como passa? Dá-lhe lem-  
 branças minhas. Beija o Oswaldo e Dino-  
 rah e um beijo do teu  
 Luiz  
 NB - Não te esqueças. Escreve-me com bre-  
 vidade. Muitos beijos em Oswaldo e Dinorah. Dá-  
 ha alguns dias mando-te uma carta bonita.  
 L.

6b ef 2

35 bonitos presentes. Se não encontrares o blók de  
 35 telas, compra alguns cartões pequenos para  
 pintura a óleo. Os cartões devem ter pelo menos  
 um palmo.

Se ahí levarem umas provas do <↑meu> artigo que  
 ha de sahir no proximo numero da revista  
 "13 de Maio", não fiques com as provas, de-  
 40 volue-as ao portador e dil-o que eu estou  
 em Theresopolis. Se por acaso deixarem ahí  
 as provas sem vossê ter tempo de falar com  
 o portador, vae imediatamente ao Olympio  
 45 e pede-lhe para ir entregal-as na redacção  
 e dizer que eu não estou na côrte.

Não te esquece do que te estou pedindo.  
 Abraços em tua mãe e Judith.  
 A Maricotta como passa? Dá-lhe lem-  
 50 branças minhas. Beija o Oswaldo e Dino-  
 rah e um beijo do teu

Luiz

Note Bem - Não te esqueças<sup>58</sup>. Escreve-me com bre-  
 vidade. Muitos beijos em Oswaldo e Dinorah. D'aqui  
 55 ha alguns dias mando-te uma carta bonita.

Luiz.

&lt;GD cf 2&gt;

<sup>58</sup> Provavelmente, "esqueças".

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 12
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Porto Grande, Teresópolis, Rio de Janeiro (RJ).
Data:	18.01.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) mostrando-se preocupado em função do adoecimento do filho Oswaldo e o contexto de febre amarela, relatando-lhe ainda sobre questões variadas relacionadas à sua saúde, ao tempo (calor intenso às noites e manhãs mais agradáveis) e seu ao trabalho com a pintura.</p>	

Porto Grande, 18 de Janeiro de 89.

Julinha,

Tenho em mãos a tua carta de 17 do corrente.

Sei que vás gozando saúde assim como tua mãe, Ju-

5 dith e Dona Maricotta, mas dizes-me que o nosso Oswal-

do está um pouco adoentado. Peço-te o máximo cuida-

do com elle porque o tempo não está para graças. Segun-

do acaba de lêr na Gazeta de Noticias a febre ama-

10 rella ahí está intensa e as condições hygienicas da

nossa moradia não é das melhores.

Dizes que [ilegível] não me lembro de ti quando estou com

os pinceis; como te illudes. Deves ficar certa de que uma cou-

sa: eu me recordo mais de ti que tu te recordas de mim.

Penso sempre em ti e nos meus filhos. Á proposito: con-

15 tas-me que elles perguntam por mim, e na ultima

carta dizias-me que Dinorah já se havia esquecido

de chamar papae. Como hei de acreditar? Comprehen-

do que é para me consolar que isto escreves, e fazes

20 bem porque tenho sentido muitas saudades da Dinorah

e do Oswaldo. Recommendo-te por mais uma vez

toda a precaução com elles: Não os deixe apanhar

humidade e muito sol, areja os quartos em que

dormirem; todas as manhãs deves desinfectar es-

GD 2

[fól. 1r]

Porto Grande, 18 de Janeiro de 89.

Julinha,

Tenho em mãos a tua carta de 17 do corrente.

Sei que vás gozando saúde assim como tua mãe, Ju-

5 dith e Dona Maricotta, mas dizes-me que o nosso Oswal-

do está um pouco adoentado. Peço-te o máximo cuida-

do com elle porque o tempo não está para graças. Segun-

do acaba de lêr na Gazeta de Noticias a febre ama-

10 rella ahí está intensa e as condições hygienicas da

nossa moradia não é das melhores.

Dizes que [ilegível] não me lembro de ti quando estou com

os pinceis; como te illudes. Deves ficar certa de que uma cou-

sa: eu me recordo mais de ti que tu te recordas de mim.

Penso sempre em ti e nos meus filhos. Á proposito: con-

15 tas-me que elles perguntam por mim, e na ultima

carta dizias-me que Dinorah já se havia esquecido

de chamar papae. Como hei de acreditar? Comprehen-

do que é para me consolar que isto escreves, e fazes

20 bem porque tenho sentido muitas saudades da Dinorah

e do Oswaldo. Recommendo-te por mais uma vez

toda a precaução com elles: Não os deixe apanhar

humidade e muito sol, areja os quartos em que

dormirem; todas as manhãs deves desinfectar es-

&lt;GD cf 2&gt;

-ses aposentos com uma preparação, de cujo nome não me lembro agora, mas que o Olympio sabe e não só te poderá informar como dar-te um pouco ensinando-te a maneira de usal-a.

Li a carta do Amoedo e hoje ou amanhã responderei. A respeito do encontro com o Edmundo, creio que a atrapalhação que lhe notar-te é devida ao tempo que elle tem levado para nos apparecer.

A respeito do Pinto, não sei como comprehender o que elle pede. Os vossês estão em erro quanto ao ultimo recibo que passaram ou é elle quem está. Em todo o caso vossês - devem procurar, tirar o limpo esta questão, e, se elle tiver razão, como é possível que a tenha, devem satisfazel-o no que pede.

O Araujo ainda não perguntou por mim? Contrariou-me um pouco ás voltas que destes com a revista Treze de Maio. Pede ao Olympio para ir buscá-la e dizer na redacção o que houve. Estimarei se me mandar dizer se sahio (nella) o meu artigo sobre bellas-arts.

Tenho passado um pouco melhor da tosse, mas durante o dia de hoje tive muita preguiça e falta de appetite. Titio, felizmente, já está restabelecido da febre que teve. Passeio pouco por causa do

GD 42

[fól. 1v]

25 -ses aposentos com uma preparação, de cujo nome não me lembro agora, mas que o Olympio sabe e não só te poderá informar como dar-te um pouco ensinando-te a maneira de usal-a.

Li a carta do Amoedo e hoje ou amanhã responderei. A respeito do encontro com o Edmundo, creio que a atrapalhação que lhe notar-te é devida ao tempo que elle tem levado para nos apparecer.

30 A respeito do Pinto, não sei como comprehender o que elle pede. Os vossês estão em erro quanto ao ultimo recibo que passaram ou é elle quem está. Em todo o caso vossês - devem procurar-o, e tirar a limpo esta questão, e, se elle tiver razão, como é possível que a tenha, devem satisfazel-o no que pede.

35 O Araujo ainda não perguntou por mim? Contrariou-me um pouco ás voltas que destes com a revista Treze de Maio. Pede ao Olympio para ir buscá-la e dizer na redacção o que houve. Estimarei se me mandar dizer se sahio (nella) o meu artigo sobre bellas-arts.

50 Tenho passado um pouco melhor da tosse, mas durante o dia de hoje tive muita preguiça e falta de appetite. Titio, felizmente, já está restabelecido da febre que teve. Passeio pouco por causa do

<GD cf 2>



Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa</i> (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 13
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Porto Grande, Teresópolis, Rio de Janeiro (RJ).
Data:	05.02.1889
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) sobre o envio de farinha de 1ª qualidade e sobre o seu devido armazenamento em latas para não as estragar.	

F. do Porto Grande, 5 de Fevereiro de 89.

Julinha,

Eu todos ahi e, particularmente, nossos filhinhos, estejam gosando saude, é o meu maior desejo.

Em data de 31 do mez passado escrevi-te <sup>carta</sup> uma ~~que~~ qual ainda não recebi resposta, mas conto que o correio de hoje traga-me noticias tuas.

Envio-te n'esta data um sacco de farinha superior que titia deu-me de presente. O sacco ahi será entregue até sexta feira ou sabbado, e espero que tratarás de por a farinha nos latas para não se estragar, pois, actualmente, a farinha d'aqui (que é e sempre foi vendida como farinha de Suruhj de 1.<sup>a</sup> qualidade) está carissima. Esta que hoje vae é magnifica.

Conto estar na côrte até iniciados da proxima semana.

Lembranças a Judith, a tua mãã, a D. Maricota. Beijos e abraços em nossos filhos.

Um beijo do teu

Luiz

GD cf 2

[fól. 1r]

Fazenda do Porto Grande, 5 de Fevereiro de 89.

Julinha,

Que todos ahi e, particularmente, nossos filhinhos, estejam gosando saude, é o meu maior desejo.

5 Em data de 31 do mez passado escrevi-te uma <↑carta>, da qual ainda não recebi resposta, mas conto que o correio de hoje traga-me noticias tuas.

10 Envio-te n'esta data um sacco de farinha superior que titia deu-me de presente. 6 sacos ahi será entregue até sexta feira ou sabbado, e espero que tratarás de por a farinha nas latas para não se estragar, pois, actualmente, a farinha d'aqui (que é e sempre foi vendida como farinha de Suruhj de 1.<sup>a</sup> qualidade) está carissima. Esta que hoje vae é magnifica.

Conto estar na Côrte até iniciados da próxima semana.

20 Lembranças a Judith, a tua mãã, a Dona Maricota. Beijos e abraços em nossos filhos.

Um beijo do teu

Luiz

<GD cf 2>

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 14
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Bordo do Donau
Data:	10.06.1889
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) sobre as suas preocupações com a esposa Julia e o filho Oswaldo, relatando-lhe ainda sobre os que estão a bordo, alguns em enjoos, sobre a saúde do padraço, o calor medonho no camarote do navio, a sua falta de apetite, pedindo-lhe ainda que lhe escreva com notícias sobre o que os jornais noticiaram acerca dele, perguntando-lhe sobre o envio de dinheiro ao Araújo pela mamãe-vovó, à Justianna e sobre a venda do terreno pela sua sogra que, segundo ele, deve ser tratado pelo Olympio.</p>	

Bordo do Donau, 10 de junho de 1889

Julinha.

Verde que te deixei, nem pôdes avaliar com sentimento, que eu levo a pensar em ti e em nosso Oswaldo. É tão triste esta vida em alto mar! Céu e água, sempre e sempre: ceu e água. Demais não temos quasi companhias. Uma senhora que vem á bordo tem enjoado muito; tres companheiros de viagem são allemães, não sabem o francez; ha dois brasileiros da Bahia, um delles tem passado a viagem deitado por causa do enjão, o outro é um bello companheiro mais muito mettido consigo proprio, e ainda temos um messio-nario italiano que é o mais alegre de todos, mas é passageiro da 2<sup>a</sup> classe e só o vemos no tombadilho ou no camarote. A viagem tem sido esplendida porque o mar tem-se conservado calmo e o céu puro. Eu, felizmente até

[fól. 1r]

Bordo do Donau<sup>60</sup>, 10 de junho de 1889

Julinha.

Desde que te deixei, nem pôdes avaliar com sentimento, que eu levo a pensar em ti e em nosso Oswaldo. É tão triste esta vida em alto mar! Céu e água, sempre e sempre: ceu e água. Demais não temos quasi companhias. Uma senhora que vem á bordo tem enjoado muito; tres companheiros de viagem são allemães, não não disem uma palavra de portuguez e mal sabem o francez; ha dois brasileiros da Bahia, um delles tem passado a viagem deitado por causa do enjão, o outro é um bello companheiro mais muito mettido consigo proprio, e ainda temos um messio-nario italiano que é o mais alegre de todos, mas é passageiro da 2<sup>a</sup> classe e só o vemos no tombadilho ou no camarote. A viagem tem sido esplendida porque o mar tem-se conservado calmo e o céu puro. Eu, felizmente até

<sup>60</sup> Referência ao nome do navio que conduziu GD, que acompanhado do seu padrasto "José Joaquim da Rosa", viajou para Portugal.

hoje ainda não enjoiei. Meu padra-  
 sto passou muito bem o primeiro dia  
 mas o 2º, o de domingo, não pôde  
 sair do camarote, esteve muito incom-  
 modado com appontações no peito e o  
 rosto muito inchado. Hoje de manhã  
 fil-o levantar-se e vimos para o tom-  
 badilho, espero que passe o dia muito  
 bem, porque o acho mais disposto.

Ah! minha mulher, não pôdes avaliar  
 com isto é aborrecido. Os allemães são  
 honres que não dão uma palavra,  
 fazem a viagem com uma seriedade  
 inacreditavel. Apenas nos comprimen-  
 tam e nada mais. Aqui abordo, no  
 camarote, tem feito um calor me  
 donho. Só se pôde estar no toldo,  
 mas ainda assim é preciso cuida-  
 do por causa do vento. Devemos  
 chegar amanhã á tarde á Bahia

GDcf 2

[fól. 1v]

hoje ainda não enjoiei. Meu padras-  
 to passou muito bem o primeiro dia  
 mas o 2º... o de domingo, não pôde  
 sair do camarote, estava muito encom-  
 modado com appontações no peito e o  
 rosto muito inchado. Hoje de manhã  
 fil-o levantar-se e vimos para o tom-  
 badilho, espero que passe o dia muito  
 bem, porque o acho mais disposto.

Ah! Minha mulher, não pôdes avaliar  
 com[Ø] isto é aborrecido. Os allemães são  
 homens que não dão uma palavra,  
 fazem a viagem com uma seriedade  
 inacreditavel. Apenas nos comprimen-  
 tam e nada mais. Aqui abordo, no  
 camarote, tem feito um calor me  
 donho. Só se pôde estar no toldo,  
 mas ainda assim é preciso cuida-  
 do por causa do vento. Devemos  
 chegar amanhã á tarde á Bahia

&lt;GD cf 2&gt;

e, é por isso, que escrevo-te esta para  
 ter tempo de levar ao correio, pois o  
 vapor demora-se pouco nesta provincia.  
 Sabes de uma cousa? Nunca vi gente  
 para comer tanto, de duas em duas horas  
 ha refeições, comida a todo o momento;  
 eu, porém, tenho tido falta de appetite  
 e estou emmagrecendo. Caso de pasmal,  
 aqui a bordo só ha um passageiro  
 que não tosse e' o Italiano. Quando  
 um começa a tossir, ai santo Deus!  
 e' uma escala em todos os tons e sons.  
 Desde o hum! hum! até o có-có-có!  
 Assim que receberes a minha carta  
 responde-me endereçando-me a carta  
 para Luiz Gonzaga Duque Estrada  
Lisboa. Posta-restante  
 Manda-me o Antonico fazer o en-  
 veloppe e aviso-te que será bom  
 especificar o navio em que ella  
 vem. Consulta com o Antonico  
 que elle deve saber como isso se  
 faz. Manda-me contar novidades  
 d'ahi e não te esquece de informa

[fól. 2r]

e, é por isso, que escrevo-te esta para  
 ter tempo de levar ao correio, pois o  
 vapor demora-se pouco nesta provincia.  
 Sabes de uma cousa? Nunca vi gente  
 para comer tanto, de duas em duas horas  
 há refeições, comida a todo o momento;  
 eu, porém, tenho tido falta de appetite  
 e estou emmagrecendo. Caso de pasmal,  
 aqui á bordo só ha um passageiro  
 que não tosse é o italiano. Quando  
 um começa a tossir, ai santo Deus!  
 é uma escala em todos os tons e sons.  
 Desde o hum! Hum! Até o có-có-có!  
 Assim que receberes a minha carta  
 responde-me endereçando-me a carta  
 para Luiz Gonzaga Duque Estrada  
Lisboa Posta-restante  
 Manda-me o Antonico fazer o en-  
 veloppe e aviso-te que será bom  
 especificar o navio em que ella  
 vem. Consulta com o Antonico  
 que elle deve saber como isso se  
 faz. Manda-me contar novidades  
 d'ahi e não te esquece de informa

Si mamãe-vóvó mandou dar algum  
 dinheiro ao Araujo, si mamãe deu o  
 dinheiro da Justina. Peço-te tambem  
 para mandar-me dizer quaes os jornaes que  
 deram noticias a meu respeito. Não te  
 esqueças disto. Quero saber tambem se tua  
 mãe vendeu o terreno e acho bom que  
 procures o Olympio para, caso ~~o~~ D. Ma-  
 rinquinhos tem realizado o negocio, tratar  
 do pagamento dos decimos. Acho melhor  
 o Olympio do que o Araujo.  
 Adeus, minha Julinha. Beija sempre  
 o nosso Oswaldo e falla-lhe em mim.  
 Abraça a Judith e tua mãe, lembran-  
 ças a Maricotta e ao Antonico.  
 Espero ~~me~~ approximar-me da Bahia  
 para fechar esta carta. Talvez tenhas<sup>62</sup> mais  
 cousa a dizer-te. 11 de Junho. Ainda não  
 avistamos terra mas antes do meio-dia devemos  
 estar na Bahia. Adeus, minha querida Juli-  
 nha, beija o Oswaldo. Lembranças a todos. De  
 Lisboa escrever-te-hei. Adeus.  
 Um beijo longo do teu marido  
 Luiz

Mando-te  
 uma carta  
 para entre-  
 gares a mã-  
 mãe, assim  
 que a rece-  
 beres. Si ella  
 não estiver  
 na rua dos  
 Voluntarios  
 está em Maruhy  
 Nichtheroy<sup>63</sup>

Luiz

GD cf2

[fól. 2v]

si mamãe-vóvó mandou dar algum  
 dinheiro ao Araujo, si mamãe deu o  
 dinheiro da Jus ti anna. Peço-te tambem  
 70 para mandar-me dizer quaes os jornaes que  
 deram noticias a meu respeito. Não te  
 esqueças disto. Desejo saber tambem se tua  
 mãe vendeu o terreno e acho bom que  
 procures o Olympio para, caso [ilegível]<sup>61</sup> Dona Ma-  
 75 rinquinhos tem realizado o negocio, tratar  
 do pagamento dos decimos. Acho melhor  
 o Olympio do que o Araujo.  
 Adeus, minha Julinha, Beija sempre  
 o nosso Oswaldo e falla-lhe em mim.  
 80 Abraça a Judith e tua mãe, lembran-  
 ças a Maricotta e ao Antonico.  
 Espero ~~me~~ approximar-me da Bahia  
 para fechar esta carta. Talvez tenhas<sup>62</sup> mais  
 85 cousa a dizer-te. 11 de Junho. Ainda não  
 avistamos terra mas antes do meio-dia devemos  
 estar na Bahia. Adeus, minha querida Juli-  
 nha, beija o Oswaldo. Lembranças a todos. De  
 Lisboa escrever-te-hei. Adeus.  
 Um beijo longo do teu marido

90 Luiz

Mando-te  
 uma carta  
 para entre-  
 gares a mã-  
 mãe, assim  
 95 que a rece-  
 beres. Si ella  
 não estiver  
 na rua dos  
 Voluntarios  
 100 está em Maruhy  
 Nichtheroy<sup>63</sup>

&lt;GD cf2&gt;

<sup>61</sup> Item rasurado pelo autor.<sup>62</sup> Provavelmente, "tenha".<sup>63</sup> Trecho escrito pelo punho do autor (Gonzaga Duque) no canto inferior direito do eixo horizontal do suporte.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 15
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Bordo do Donau
Data:	19.06.1889
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	3 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe a sua viagem a bordo do Donau, as suas saudades da esposa, do filho (Oswaldo), demais familiares, o calor intenso, ao se aproximar da costa da África (calor semelhante ao do Rio de Janeiro), a pouca saúde do padraсто também em viagem (com “apontações” e insônias) e solicitando-lhe ainda o envio à Lisboa dos Jornais (<i>Gazeta e Paiz</i>).</p>	

A bordo do Donau, 19 de Junho de 89

Julinha -

Ha sete dias que deixamos a Bahia e ha sete dias que não temos senão o consolo do mar e a vastidão do ceu - dois infinitos quasi sempre azues... e, de terra, nem um vislumbre, nem uma linha azul, lá ao fundo do horisonte. O azul, uma cõr tão linda, que nós tanto amamos, é aqui monotona. Muitas vezes, quando os meus pequenos camaradas, que embarcaram na Bahia para Bremen, consentem-me, eu debruço-me a encosta do navio e fico - vou a pensar durante horas e horas, em ti, no nosso Oswaldo, em os teus que também são meus e que eu os estimo. Talvez não acredites, mas eu te juro (e penso que ainda depositas confiança nos meus juramentos) que muitas e muitas saudades hei tido da nossa vida ahi no Rio de Janeiro.

Da Bahia para cá tivemos mais quatro companheiros de viagem que, felizmente, fallam o portuguez.

Amanhã, ao meio-dia, devemos chegar a São Vicente, ilha africana, onde o Donau vai tomar carvão. Aproveito o ensejo para te escrever esta pedindo-te novas tuas, do nosso Oswaldo, da Judith, de tua mãe. Com a aproximação da Africa temos sentido um calor

[fól. 1r]

A bordo do Donau, 19 de Junho de 89

Julinha -

Ha sete dias que deixamos a Bahia e

Ha sete dias que não temos senão o consolo do mar e a vastidão do ceu - dois infinitos quase sempre azues e..., de terra, nem um vislumbre, nem uma linha azul, lá ao fundo do horisonte. O azul, uma cõr tão linda, que nós tanto amamos, é aqui monotona. Muitas vezes, quando os meus pequenos camarada, que embarcaram na Bahia para Bremen, consentem-me, eu debruço-me a encosta do navio e fico-me a pensar durante horas e horas em ti, no nosso Oswaldo, em os teus que também são meus e que os estimo. Talvez não acredites, mas eu te juro (e penso que ainda depositas confiança nos meus juramentos) que muitas e muitas saudades hei tido da nossa vida ahi no Rio de Janeiro.

Da Bahia para cá tivemos mais quatro companheiros de viagem que, felizmente, fallam o portuguez.

Amanhã, ao meio-dia, devemos chegar a São Vicente, ilha africana, onde o Donau vai tomar carvão. Aproveito o ensejo para te escrever esta carta pedindo-te novas tuas, do nosso Oswaldo, da Judith, de tua mãe. Com a aproximação da Africa temos sentido um calor



por gestos, elles não entendem nenhuma palavra de portuguez. Ha dois allemães, um delle veio do Rio e quasi nada falla de portuguez, o outro veio da Bahia onde vive ha 36 annos, ~~falle~~ <sup>fala</sup> muito bem a nossa lingua mas é velho e está sempre a lêr ou a dormir. Temos tambem um padre italiano mas com o qual eu estou mal ~~com ele~~ porque é um malcriado de primeira ordem, malcriado e burro. Felizmente é passageiro de 2ª classe e não o temos na nossa mesa.

Pretendo, se nos demorar ~~na~~ <sup>na</sup> Europa, comprar (se tiver dinheiro) uma grinalda muito bonita para o tumulo da nossa Dinorah. ~~E tambem se não me faltarem cobres~~ <sup>levar-te-hei alguns presentes.</sup>

Beija muito e muito o nosso Osvaldo, abraça tua mãe e Judith, recommenda-me a Maricotta e ao Antonico e recebe um abraço de teu marido que te idolatra

Luiz

P.S. - Escreve-me para Lisboa, Posta-Restante. Não te esqueças dos nossos quadros que estão na Rua 7 de Setembro n.º 96. Falla com o Sr. Rezende, um moço Moreno e alto, sem barba, pois foi com elle que eu tratei, mas neste tempo a casa era na rua da Urugayanna. ~~Colloques em~~

Compramos na Bahia uma moringa para termos agua fresca no camarote. Da Europa mandar-te-hei dizer como achei a Bahia. Vamos ter quarentena em Lisboa, o que é uma espiga terrivel. Nesta noite de 19 para 20 tive um sonho terrivel a teu respeito... Estamos chegando a São Vicente, já si vê terra.

As 8 1/2 da manhã de dia 20.

L.

GD cf 2

<sup>65</sup> Provavelmente, “faltar cobres” com a semântica de “faltar dinheiro”.

[fól. 2r]

por gestos, elles não entendem nenhuma palavra de portuguez. Ha dois alemães, um deles veio do Rio e quasi nada fala de portuguez, o outro veio da Bahia onde vive ha 36 annos, fala muito bem a nossa lingua mas é velho e está sempre a lêr ou a dormir. Temos também um padre italiano mas com o qual estou mal ~~com ele~~ porque é um malcriado de primeira ordem, malcriado e burro. Felizmente é passageiro de 2ª classe e não o temos em nossa mesa.

Pretendo, se nos demorar ~~na~~ <↑na> Europa, comprar (se tiver dinheiro) uma grinalda muito bonita para o tumulo da nossa Dinorah. ~~E com esta~~ <↑também se não> me faltar cobres<sup>65</sup> levar-te-hei alguns presentes.

Beija muito e muito o nosso Osvaldo, abraça tua mãe e Judith, recommenda-me a Maricotta e ao Antonico e recebe um abraço de teu marido que te idolatra.

Luiz

Post Scriptum - Escreve-me para Lisboa, Posta-Restante Não te esqueças dos nossos quadros que estão na Rua 7 de Setembro n.º 96. Falla com o Senhor Rezende, um moço Moreno e alto, sem barba, pois foi com elle que eu tratei mas nesse tempo a casa era na rua da Urugayanna. ~~Colloques em~~

Compramos<sup>66</sup> na Bahia uma moringa para termos agua fresca no camarote. Da Europa mandar-te-hei dizer como achei a Bahia. Vamos ter quarentena em Lisboa, o que é uma espiga terrivel. Nesta noite de 19 para 20 tive um sonho terrivel a teu respeito... Estamos chegando a São Vicente, já si vê terra.

As 8 1/2 da manhã de dia 20.

Luiz

<GD cf 2>

<sup>66</sup> A partir daqui, temos um trecho escrito pelo punho de Gonzaga Duque, mas à lápis.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 16
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Lisboa
Data:	06.07.1889
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe sobre a sua estadia em Portugal (Lisboa) em comparação ao custo de vida no Rio de Janeiro (Brasil), sobre o encontro com patricios e solicitando-lhe ainda notícias do seu filho Oswaldo.</p>	

Lisboa, 6 de julho de 1889.

Julinha,

Sahimos hontem do Lazareto e estamos actualmente em um aposento de Hotel  
 [Sliannee] no Chiado, mesmo por cima da celebre Casa Havaneza. No Laza-  
 -reto quasi deixamos toda a fortuna; os oito dias que lá estivemos importavam-nos  
 em perto de 150\$000 (cento e cinquenta mil reis). Aqui, ao contrario do  
 5 que nos diziam e crenga ahi no Rio de Janeiro, a vida é muito cara. Os  
 aposentos que occupamos custam 4 mil reis diarios, não incluindo vinho, ba-  
 nhos etc. Quatro mil reis em Portugal valem por mais de oito no Bra-  
 10 -zil, pois uma libra que no Rio de Janeiro apresenta o valor de Rs 7\$000,  
 em Lisboa vale 4,500! Esperamos carta de mãmae para decidirmos ao que  
 faremos. Meu padrasto está quasi bom. A inchação desapareceu de  
 todo, não cansa, dorme bem e tem bom appetite. Mas ficou muito magro,  
 está como um palito.

Falamos um pouco de Lisboa. Por hoje ainda nada te posso dizer, mas a im-  
 pressão que por enquanto recebi não foi das melhores. Estou como te disse  
 no Chiado, e quis isto dizer — era o mesmo que morasse ahi na rua D'OUVIDOR,  
 do nosso querido Rio de Janeiro. Durante o dia achei pouco o movimento  
 de transeuntes, mas a todo o instante passam caupés, [caleches], landaus e mais  
 20 carruagens; algumas muito bonitas, outras muito feias. Fui á rua para com-  
 prar papel e cigarros e fiquei no humo porque estava muito cansado com a  
 viagem do Lazareto para cá, mas das janellas da nossa sala (os nossos apo-  
 sentos constam de uma sala e um quarto com frente para a rua) reparei  
 25 que ha em Lisboa um grande sentimento pelo do luxo, particularmente nas  
 senhoras, algumas das quaes são verdadeiramente bonitas. Ao contrario do  
 do nosso costume as mulheres de Lisboa, isto é, da boa sociedade, não fixam os  
 transeuntes, affectam ou teem por elles o maximo desprezo, salvo si lhes  
 são conhecidos ou familiares; para esses ultimos mandam parar a carru-  
 30 gem e dignam-se a dar-lhes, da carroça sua, dois dedos de animada palestra.  
 A noite o movimento ~~ahi~~ augmenta e é realmente agradável ver essa

90 of 2

[fól. 1r]

Lisboa, 6 de julho de 1889.

Julinha

Sahimos hontem do Lazareto e estamos actualmente em um aposento do Hotel  
 [Sliannee], ao Chiado, mesmo por cima da celebre Casa Havaneza. No Laza-  
 -reto quasi deixamos toda a fortuna; os oito dias que lá estivemos importavam-nos  
 5 em perto de 150\$000 (cento e cinquenta mil reis). Aqui, ao contrario do  
 que nos diziam é crenga ahi no Rio de Janeiro, a vida é muito cara. Os  
 aposentos que occupamos custam 4 mil reis diarios, não incluindo vinho, ba-  
 nhos etc. Quatro mil reis em Portugal valem por mais de oito no Bra-  
 10 -zil, pois uma libra que no Rio de Janeiro apresenta o valor de Reis 9\$000,  
 em Lisboa vale 4.500! Esperamos carta de mãmae para decidirmos ao que  
 faremos. Meu padrasto está quasi bom. A inchação desapareceu de  
 de todo, não cansa, dorme bem e tem b[o]m appetite. Mas ficou muito magro,  
 está como um palito.

15 Falemos um pouco de Lisboa. Por hoje ainda nada te posso dizer, mas a im-  
 pressão que por enquanto recebi não foi das melhores. Estou como te disse  
 no Chiado, e quis isto dizer \_ era o mesmo que morasse ahi na rua D'OUVIDOR,  
 do nosso querido Rio de Janeiro. Durante o dia achei pouco o movimento  
 de transeuntes, mas a todo o instante passam caupés, [caleches], landaus e mais  
 20 carruagens; algumas muito bonitas, outras muito feias. Fui á rua para com-  
 prar papel e cigarros e pouco me demorei porque estava muito cansado com a  
 viagem do Lazareto para cá, mas das janellas da nossa sala (os nossos apo-  
 sentos constam de uma sala e um quarto com frente para a rua) reparei  
 25 que ha em Lisboa um grande sentimento pelo do luxo, particularmente nas  
 senhoras, algumas das quaes são verdadeiramente bonitas. Ao contrario do  
 do nosso costume as mulheres de Lisboa, isto é, da boa sociedade, não fixam os  
 transeuntes, affectam ou teem por elles o maximo desprezo, salvo si lhes  
 são conhecidos ou familiares; para esses ultimos mandam parar a carru-  
 30 gem e dignam-se a dar-lhes, da carroça sua, dois dedos de animada palestra.  
 A noite o movimento ~~ahi~~ augmenta e é realmente agradável ver essa

67 Provavelmente, "carruagem".



[fól. 2r]

genio desabrido, com as minhas exigencias, mas tenho-te dentro da minha alma, sagradamente guardada e cada vez estimo-te mais. E tu? Agora é que hei de conhecer o teu amor. Não sabes que sei os passos que ahi dás, ignoras que eu te conheço a vida! Enganas-te. Sei tudo porque <↑ de> tudo sabe quem é zeloso. Agora é que vou saber si o amor que <↑ por mim> tiveste não foi uma phantasia de moça, uma paixão de creança.

Sabes? Tenho pensado muito em nosso filho. Que saudades me atormentam! No entanto nenhuma carta tua, nenhuma noticia. É horrivel isto. Mas quando penso em voltar ao Rio de Janeiro onde tantas contas deixei, onde tantas ingratições soffri, tremo ao mesmo tempo que desejo sahir desta cidade. É um verdadeiro supplicio porque estou passando.

Creio que me não podes responder á esta carta porque deves recebela no dia 1 ou 2 de Agosto, e [nós] por esse tempo devemos estar em viagem para o Rio de Janeiro. Si a demora fôr maior mandar-te-hei dizer com brevidade.

Saudades minhas a Judith e tua mãe, e as mesmas a Mari-cotta e ao Antonico. Beija muito o nosso Oswaldo e recebe outros tantos beijos do teu marido

Luiz

1[0] de Julho \_

Estive hontem com o Nunes, o filho da viuva Nunes Leal, ahi da rua do General Polydoro. Foi o primeiro brasileiro que encontrei em Lisboa. Disse-me elle que está tratando de uma herança de parentes d'elle fallecidos em Portugal e que segue no dia 13 do corrente para Paris. Quem [fôr] [esta] seguiu <↑ cidade> ante-hontem foi o Godofredo Teixeira de Mello, que deves conhecer.

Hoje de manhã encontrei no Rocio uma das Judias, ahi de Botafogo. É casada e creio que está de passeio n[es]ta cidade pois o marido dela é portuguez. Como vês, pouco a pouco vou vendo patricios nossos; infelizmente não nos damos com as jud[eu]s e por isso de nada valeu o nosso

&lt;GD cf 2&gt;

genio desabrido, com as minhas exigencias, mas tenho-te dentro da minha alma, sagradamente guardada e cada vez estimo-te mais. E tu? Agora é que hei de conhecer o teu amor. Não sabes que sei os passos que ahi dás, ignoras que eu te conheço a vida! Enganas-te. Sei tudo porque <↑ de> tudo sabe quem é zeloso. Agora é que vou saber si o amor que <↑ por mim> tiveste não foi uma phantasia de moça, uma paixão de creança.

Sabes? Tenho pensado muito em nosso filho. Que saudades me atormentam! No entanto nenhuma carta tua, nenhuma noticia. É horrivel isto. Mas quando penso em voltar ao Rio de Janeiro onde tantas contas deixei, onde tantas ingratições soffri, tremo ao mesmo tempo que desejo sahir desta cidade. É um verdadeiro supplicio porque estou passando.

Creio que me não podes responder á esta carta porque deves recebela no dia 1 ou 2 de Agosto, e nós por esse tempo devemos estar em viagem para o Rio de Janeiro. Si a demora fôr maior mandar-te-hei dizer com brevidade.

Saudades minhas a Judith e tua mãe, e as mesmas a Mari-cotta e ao Antonico. Beija muito o nosso Oswaldo e recebe outros tantos beijos do teu marido

Luiz

1[0] de Julho \_

Estive hontem com o Nunes, o filho da viuva Nunes Leal, ahi da rua do General Polydoro. Foi o primeiro brasileiro que encontrei em Lisboa. Disse-me elle que está tratando de uma herança de parentes d'elle fallecidos em Portugal e que segue no dia 13 do corrente para Paris. Quem [fôr] [esta] seguiu <↑ cidade> ante-hontem foi o Godofredo Teixeira de Mello, que deves conhecer.

Hoje de manhã encontrei no Rocio uma das Judias, ahi de Botafogo. É casada e creio que está de passeio n[es]ta cidade pois o marido dela é portuguez. Como vês, pouco a pouco vou vendo patricios nossos; infelizmente não nos damos com as jud[eu]s e por isso de nada valeu o nosso

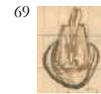
902

[fól. 2v]

encontro. Creias que lastimo muito não encontrar patricios com os quaes eu tenha intimidade, porque com a gente de Lisboa só se pôde fazer amizade tendo muito dinheiro para gastar... e eu... estou que é uma desgraça.

- 95 Ha oito dias que imagino um meio de mandar fazer um terno porque a roupa que eu trouxe parece ter vindo de Matto-Grosso, chego a ter vergonha de passear... Ahi no Rio de Janeiro eu passei, muitas vezes, por pedante e orgulhoso por causa do meu andar ...Ah! si<sup>68</sup>, esses que me chamavam pedante e não sei que mais viessem a Lisboa!... Cada sujeitinho aqui, todo enluvado, parece filho do sol e netto da lua.

Esboço, para veres, os chapéos mais modernos, já que isso te pôde agradar:



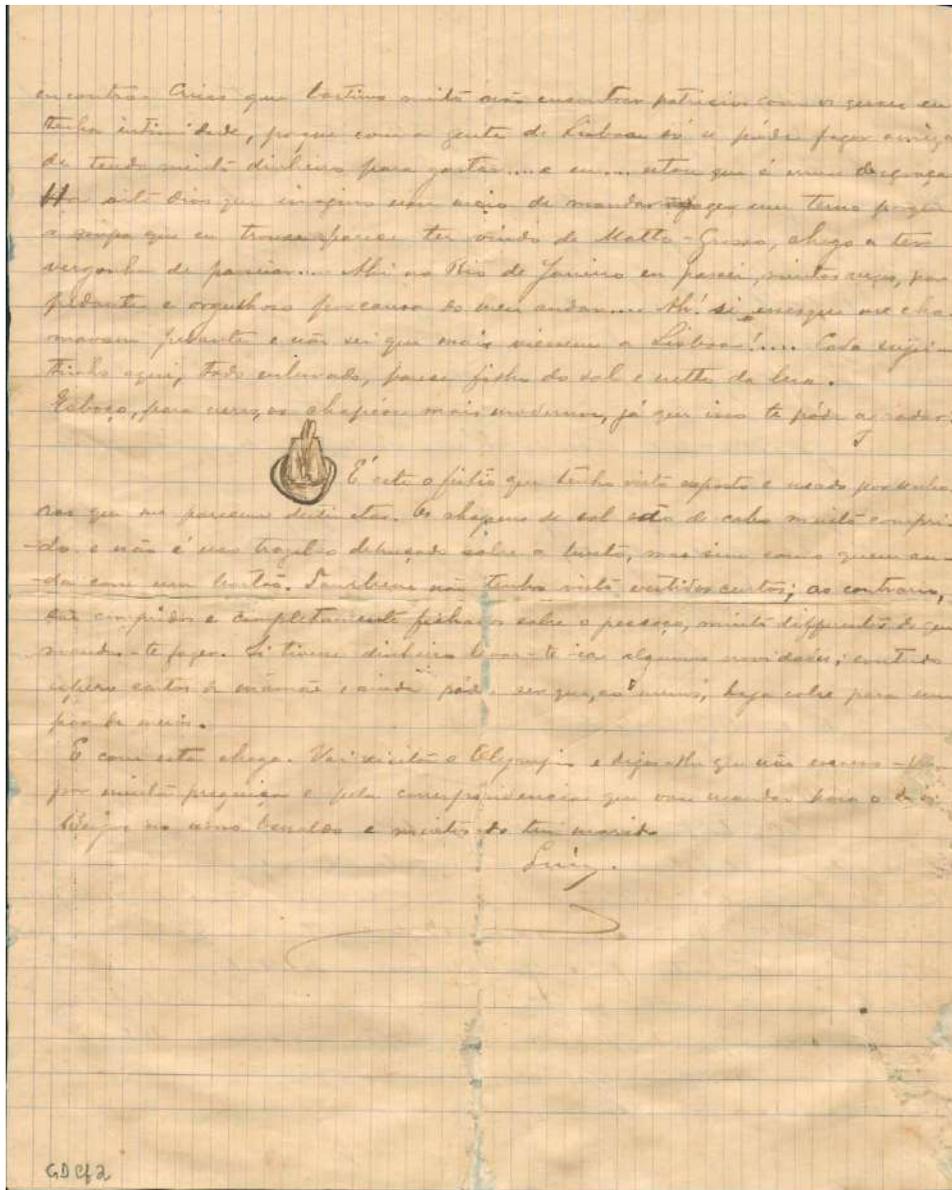
- 69 É este o feitio que tenho visto exposto e usado por senhoras que me parecem distintas. Os chapéus de sol são de cabo muito comprido e não é uso trazel-o desbruçado sobre o busto, mas sim como quem anda como um bastão. Também não tenho visto vestidos curtos, ao contrario, são compridos e completamente fecha[d]os sobre o pescoço, muito differentes do que
- 105 mandas-te fazer. Si tivesse dinheiro, levar-te-ia algumas novidades; contudo espero cartas de mããe e ainda pôde ser que, ao menos, haja cobre para um
- 110 par de meias.

É com esta chega. Vai visitar o Olympio e digas-lhe que não escrevo-[lbe] por muita preguiça e pela correspondencia que vou mandar para o [ilegível]. Beijos no Oswaldo e muitos do teu marido.

Luiz.

&lt;GD cf 2&gt;

<sup>69</sup> Desenho feito por Gonzaga Duque para evidenciar o tipo de chapéu de sol usado por “senhoras distintas” em Portugal.



<sup>68</sup> Há uma vírgula riscada pelo redator.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 17
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Lisboa
Data:	26.07.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe a saudade do filho Oswaldo, a lembrança dos credores, um certo desgosto com a vida no Rio de Janeiro, relato breve sobre o uso de chapéus, joias, vestidos na sociedade portuguesa e sobre as saudades infundas também da esposa.</p>	

Bahia, 26 de Julho de 89.  
 Julinha,  
 Recibi ha dias a tua cartinha, e, se me não engano,  
 foi escripta em resposta a que te enviei da Bahia.  
 Ao recebê-la tive a "grã immensa": desejava no-  
 ticias tuas e, por isso, vivia afficto. Felizmente as  
 noticias sempre vierão, e bem que vierão! Cho-  
 rei ao ler o que me dizias do nosso Oswaldo tal é  
 a saudade que d'elle sinto. Não ha muito tempo  
 estive neste hotel uma familia em cuja compa-  
 nhia achava-se um menino louro da idade do nosso  
 filho, pois eu furtava-me de ir para mesa ás  
 [horas] em que essa familia comia, unicamente  
 para diminuir o meu soffrimento não o vendo; e  
 si o via cobria-lhe o rostinho de beijos e, muitas oc-  
 casões, de lagrimas mal disfarçadas. Calculas que  
 soffrimento! Fiquei triste ao saber que tua  
 mãe ainda não decidiu a venda do terreno, e com  
 tristeza augmentou com a associaçã de idéas que  
 por esse motivo se me apresentaram: Lembrei dos  
 meus credores, ou, melhor, das minhas dividas;  
 das minhas infelicidades na ingrata carreira  
 que abracei; e tive um odio surdo do Rio de Ja-  
 neiro. Todo quanto ahi me aconteceu de infeliz  
 passou por minha memoria como um pesadelo  
 -lo lento. E, sobre tudo, o local em que mora

[fól. 1r]

[Lis]b[oa], 26 de Julho de 89.

Julinha,

Recibi ha dias a tua cartinha, e, se me não engano,  
 foi escripta em resposta a que te enviei da Bahia.  
 5 Ao recebê-la tive a [le]grã immensa; desejava no-  
 ticias tuas e, por isso, vivia afficto. Felizmente as  
 noticias sempre vierão, e bem que vierão! Cho-  
 rei ao ler o que me dizias do nosso Oswaldo tal é  
 a saudade que d'elle sinto. Não ha muito tempo  
 10 estive neste hotel uma familia em cuja compa-  
 nhia achava-se um menino louro da idade do nosso  
 filho, pois eu furtava-me de ir para mesa ás  
 [horas] em que essa familia comia, unicamente  
 para diminuir o meu soffrimento não o vendo; e  
 15 si o via cobria-lhe o rostinho de beijos e, muitas oc-  
 casões, de lagrimas mal disfarçadas. Calculas que  
 soffrimento. [espaço] Fiquei triste ao saber que tua  
 mãe ainda não decidiu a venda do terreno, e essa  
 tristeza augmentou com a associaçã de idéas que  
 20 por esse motivo se me apresentaram: Lembrei dos  
 meus credores, ou, melhor, das minhas dividas;  
 das minhas infelicidades na ingrata carreira  
 que abracei; e tive um odio surdo do Rio de Ja-  
 neiro. Todo quanto ahi me aconteceu de infeliz  
 25 passou por minha memoria como um pesadelo  
 -lo lento. E, sobre tudo, o local em que mora [mas]

depois dos factos ultimamente succedidos, pare-  
 ceu a mim tremenda infelicidade. Quando me  
 lembro que para ahi voltarei a occupar a mesma  
 casa e com os mesmos vizinhos desanimos. Compre-  
 hendes? Com certeza pensas do mesmo modo.  
 Mas lancemos um véo sobre isto.  
 Sabes quem esteve aqui no hotel e seguio ha dias  
 para Paris? O <Doutor> Luiz Brandão e a mulher, a  
 filha da D. Maria Gomes. Imaginas tu que  
 só depois d'elle partiram foi que eu soube quem  
 era. No primeiro dia eu os via á mesa, mas eram  
 tão desasados, tão mal educados, que eu desfarcei  
 o meu brasileirismo e não me dei a conhecer  
 como patricio. Meu padrao, porém, fallou  
 Dr Brandão, já porque o conhecia, já por ver  
 que são collegas. Eu não os procurei, mas o typo  
 d'aquella mulher recordava-me álguem, alguma  
 pessoa que eu tinha conhecido não sabia aonde.  
 Dias depois de irem para Paris, lembrei-me,  
 á mesa, de perguntar a meu padrao como se  
 chamava aquella collega. Disse-me o nome e accen-  
 sentou que era morador em Friburgo. De repent.  
 lembrei que a D. Maria Gomes tinha um genro  
 medico, doente do peito, morador em Nova Fribur-  
 go, e pôde então comprehender porque motivo a  
 mulher me fazia recordar de alguem que eu

[fól. 1v]

[depois] dos factos [u]ltimamente succedidos, pare-  
 ceu a [mim] tremenda infelicidade. Quando me  
 lembro que para ahi voltarei a occupar a mesma  
 casa e com os mesmos vizinhos desanimos. Compre-  
 hendes? Com certeza pensas do mesmo modo.

Mas lancemos um véo sobre isto.

Sabes quem esteve aqui no hotel e seguio ha dias  
 [pa]ra Paris? O <Doutor> Luiz Brandão e a mulher, a  
 [f]ilha da Dona Maria Gomes. Imaginas tu que  
 só depois d'elle partiram foi que eu soube quem  
 era. No primeiro dia eu os via á mesa, mas eram  
 tão desasados<sup>70</sup>, tão mal educados, que eu desfarcei  
 o [m]eu brasileirismo e me não<sup>71</sup> dei a conhecer  
 como patricio. Meu padrao, porém, fallou  
 Dr Brandão, já porque o conhecia, já por ver  
 que são collegas. Eu não os procurei, mas o typo  
 d'aquella mulher recordava-me álguem, alguma  
 pessoa que eu tinha conhecido não sabia aonde.

Dias depois de irem para Paris, lembrei-me,  
 á mesa, de perguntar a meu padrao como se  
 chamava aquella collega. Disse-me o nome e accen-  
 sentou que era morador em Friburgo. De repente  
 lembrei que a Dona Maria Gomes tinha um genro  
 medico, doente do peito, morador em Nova Fribur-  
 go, e pôde então comprehender porque motivo a  
 mulher me fazia recordar de alguem que eu

<sup>70</sup> “DESASADO part. passado de “desásar”. § Pouco geitoso, pouco destro; descuidado, negligente.”, cf. Bluteau (1789, p. 391).

<sup>71</sup> Em “me não dei a conhecer”, temos a evidência da interpolação do advérbio “não” entre o clítico “me” e a forma verbal “dei”.

tinha conhecido.... Era o retrato da D. Maria  
 Gomes em um rosto de mulher nova. E o d.<sup>to</sup> Brandão  
~~parece~~, segundo informou a meu padrasto padece  
 do peito. Traziam duas creanças, um d'ellas já talu-  
 dinha, regulando uns três, quatro, ou cinco annos.  
 Que considerancia, hein? Temos aqui um patricio  
 nosso, estudante de medicina em Coimbra. Ha treze  
 annos que está em Portugal e tem um desejo extraor-  
 dinario de voltar ao Rio. É muito nosso amigo e não  
 nos abandona. Temos estado verdadeiramente afflictos  
 com <sup>o silencio</sup> ~~a falta de cartas~~ de mãe. Estamos sem dinheiro  
 para despezas maiores e nada de cartas. Tenho agora  
 uma rectificação a fazer. Mandei-te um desenho dos  
 chapéus usados, mas houve um engano. Aquella forma  
 é de chapéus para viagens, chapéus de móla. A que se  
 usa em passeio é semelhante a do teu chapéu, ao da  
 Judith e ainda ha outra mais moderna: que se pare-  
 ce com <sup>um</sup> chapéu chinês e é feito de gaze ou panno trans-  
 parente: é lindo este chapéu. O uso de joias está sen-  
 do banido da boa sociedade. Achei muito chic  
 numa senhora portuense que esteve aqui uma ma-  
 tinée de flanela leve, creme com listas cõr de ginja  
 madura. A flanela encarnada, viva, está muito em  
 moda para vestidos de campo, e as saias são compridas,  
 saias curtas ~~são~~ tenho-as visto no corpo de mulheres  
 de baixa classe. A quantidade de enfeites de ren-

GD 92

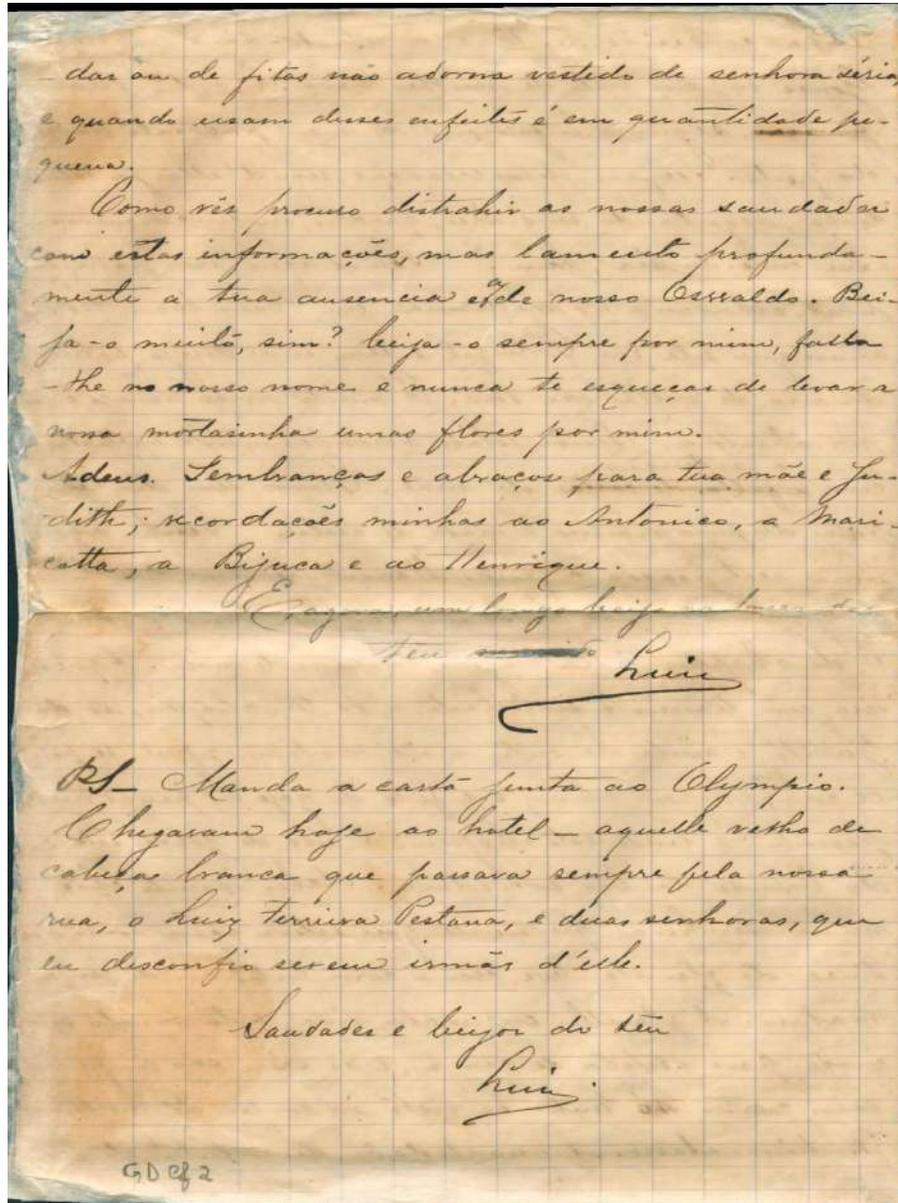
[fól. 2r]

tinha conhecido... Era o retrato da Dona Mari[a]  
 Gomes em um rosto de mulher nova. E o doutor Brandão  
 55 ~~[parece]~~<sup>72</sup>, segundo informou o meu padrasto padece  
 do peito. Traziam duas creanças, um d'ellas já talu-  
 dinha, regulando uns três, quatro, ou cinco annos.  
 Que coincidência, hein? Temos aqui um patricio  
 nosso, estudante de medicina em Coimbra. Ha treze  
 60 annos que está em Portugal e tem um desejo extraor-  
 dinario de voltar ao Rio. É muito nosso amigo e não  
 nos abandona. Temos estado verdadeiramente afflictos  
 com a falta de cartas <↑o silencio> de mãe. Estamos sem dinheiro  
 para despezas maiores e nada de cartas. Tenho agora  
 65 uma rectificação a fazer. Mandei-te um desenho dos  
 chapéus usados, mas houve um engano. Aquella forma  
 é de chapéus para viagens, chapéus de móla. A que se  
 usa em passeio é semelhante a do teu chapéu, ao da  
 Judith e ainda ha outra mais moderna: que se pare-  
 70 -ce como <↑um> chapéu chinês e é feito de gaze ou panno trans-  
 parente: é lindo este chapéu. O uso de joias está sen-  
 do banido da boa sociedade. Achei muito chic  
 numa senhora portuense que esteve aqui uma ma-  
 tinée de flanela leve, creme com listas cõr de ginja<sup>73</sup>  
 75 madura. A flanela encarnada, viva, está muito em  
 moda para vestidos de campo, e as saias são compridas,  
 saias curtas só tenho-as visto no corpo de mulheres  
 de baixa classe. A quantidade de enfeites de ren-  
 <GD cf2>

<sup>72</sup> GD rasurou o item “parece”.

<sup>73</sup> “GINJA, s.f fruto de caroço [...] de cõr vermelha. [...]”, cf. Bluteau (1789, p. 660).

Ginja **substantivo feminino 1** Rubrica: angiospermas. fruto da ginjeira (*Prunus cerasus*), muito semelhante à cereja, de cor amarelada ou mesmo vermelha, arroxeadada ou quase negra, conforme as inúmeras variedades, e híbridos de polpa tenra, ger. de sabor agridoce ou ácido, e esp. us. em doces, refrescos e bebidas, como o marasquino; ginja-galega. (HOUAISS, 2009).



<sup>74</sup> O autor faz, provavelmente, referência à sua filha Dinorah, falecida em virtude da febre amarela, cf. Fonseca (2015, p.39).

[fól. 2v]

80 -das ou de fitas não adorna vestido de senhora séria,  
e quando usam desses enfeites é em quantidade pe-  
quena.

85 Como vês procuro distrahir as nossas saudades  
com estas informações, mas lamento profunda-  
mente a tua ausência e <↑a> ele nosso Oswaldo. Bei-  
ja-o muito, sim? beija-o sempre por mim, falla-  
-lhe no nosso nome e nunca te esqueças de levar a  
nossa mortasinha<sup>74</sup> umas flores por mim.  
Adeus. Lembranças e abraços para tua mãe e Ju-  
dith; recordações minhas ao Antonico, a Mari-  
cotta, a Bijuca e ao Henrique.

90 E, agora, um longo beijo na [ilegível]

Teu ~~marido~~<sup>75</sup>

Luiz

95 *PostScriptum* \_ Manda a carta junta ao Olympio.  
Chegaram hoje ao hotel \_ aquelle velho de  
cabeça branca que passava sempre pela nossa  
rua, o Luiz Ferreira Pestana, e duas senhoras, que  
eu desconfio serem irmãs d'elle.

100 Saudades e beijos do teu

Luis.

<GD cf2>

<sup>75</sup> O item lexical “marido” está riscado, ao que parece, pelo próprio punho do autor, tendo em vista a tinta da caneta que parece ser a mesma de escritura da missiva.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 18
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Lisboa
Data:	09.08.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe o seu exaspero pela ausência de cartas da esposa, as saudades do filho que havia feito aniversário, detalhes do seu retorno de Lisboa, apesar da pouca quantia de dinheiro a ele enviada pela mãe.</p>	

Lisboa 9 de Agosto de 1889.

Julinha

Exaspero-me, e ai do coração amante que não desespera em tão longa ausencia!, exaspero-me com o teu silencio. Até hoje apenas uma carta tua me veio ter as mãos... Que fazes, pequenina ingrata? Esquecês-te-me? Bem eu sabia que assim aconteceria. Julgas-te viuva, viuvinha chic, cubiçada, ... U. Assim são as mulheres. E o nosso Oswaldo? Rui<sup>77</sup> me de saudades no dia 4 deste mez ao lembrar que elle, o nosso louro filhinho, fazia annos.

Agora já não preciso das tuas cartas, estamos a partir e para isto espero resposta ao telegramma que hoje passei. Supponho que mamãe deira impressionar-se muito com o telegramma, mas que fazer? O dinheiro que nos mandou foi pouco e estamos afflictos para irmos, particularmente <sup>eu</sup> que já vou odiando esta insipida vida de Lisboa.

Não te rógo um obsequio porque sei que unicamente basta pedir-t'o para que <sup>th'o</sup> dêes fiel cumprimento. Olha, dá um pulo até a rua dos Voluntarios e dize a mamãe que esteja tranquilla, nada nos aconteceu e si isto

GD 2

[fól. 1r]

Lisboa 9 de Agosto de 1889.

Julinha

Exaspero-me, e ai do coração amante que não desespera em tão longa ausencia!, exaspero-me com o teu silencio. Até hoje apenas uma carta tua me veio ter as mãos... Que fazes, pequenina ingrata? Esquecês-te-me? Bem eu sabia que assim aconteceria. Julgas-te viuva, viuvinha chic, cubiçada<sup>76</sup>... Assim são as mulheres. E o nosso Oswaldo? Rui<sup>77</sup> me de saudades no dia 4 deste mez ao lembrar que elle, o nosso louro filhinho fazia annos.

Agora já não preciso das tuas cartas, estamos a partir e para isto espera resposta ao telegramma que hoje passei. Supponho que mamãe deira impressionar-se muito com o telegramma, mas que fazer? O dinheiro que nos mandou foi pouco e estamos afflictos para irmos, particularmente <↑eu> que já vou odiando esta insipida vida de Lisboa.

Não te rógo um obsequio porque sei que unicamente basta pedir-t'o para que <↑lh'o> dêes fiel c[um]primento. Olha, dá um pulo até a rua dos Voluntarios e dize a mamãe que esteja tranquilla, nada nos aconteceu e si isto

<sup>76</sup> Provavelmente, "cobiçada".

<sup>77</sup> Provavelmente, "Rui-me de saudades".



Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 19
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Lisboa
Data:	11.08.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe o recebimento de cartas da esposa, a volta de Lisboa para o Brasil através do pacote 14 ou 20 ainda em agosto a partir do Vale tefográfico a ser enviado pela sua mãe, o que poderá levá-lo a tão somente chegar, em setembro, ao Brasil.</p>	

Lisboa, 11 de Agosto de 89. GD cf2

Julinha,

Recebo neste instante duas cartas, uma do Mendes, que me envias, e outra tua escripta a 22 do mez p. p. Já te havia escripto uma carta a qual envio conjuntamente, e por ella poderás ver como eu sentia o teu silencio, mas, em vista das cartas recebidas, peço-te desculpa: não tinhas a menor culpa. Ri-me e chorei com o que me dizes do nosso Oswaldo. Na realidade, onde eu estou é na Cebola, não duvides; isto aqui é de uma monotonia tal, de uma insipidez tão profunda que chamo-a de Cebola é uma verdade. Não posso imaginar o desejo que tenho em ir-me embora; nutro sempre a esperança de ir a Paris, ao menos por três dias, mas hoje vejo que é impossível e por isto abomino esta terra de tolos. A nossa não é muito melhor, mas enfim eu ahí tenho os meus entes queridos e isto basta. Não respondo ao Mendes por falta de Tempo e... com sinceridade, e de paciencia. Quando chegar ao Rio isto farei. Si mamãe mandar-nos o vale telegraphico devemos embarcar no paquete de 14 ou 20 deste mez. Si nos mandar pelo correio só poderemos ir para os fins de Setembro, o que nos causa um verdadeiro transtorno, porque nada temos comprado

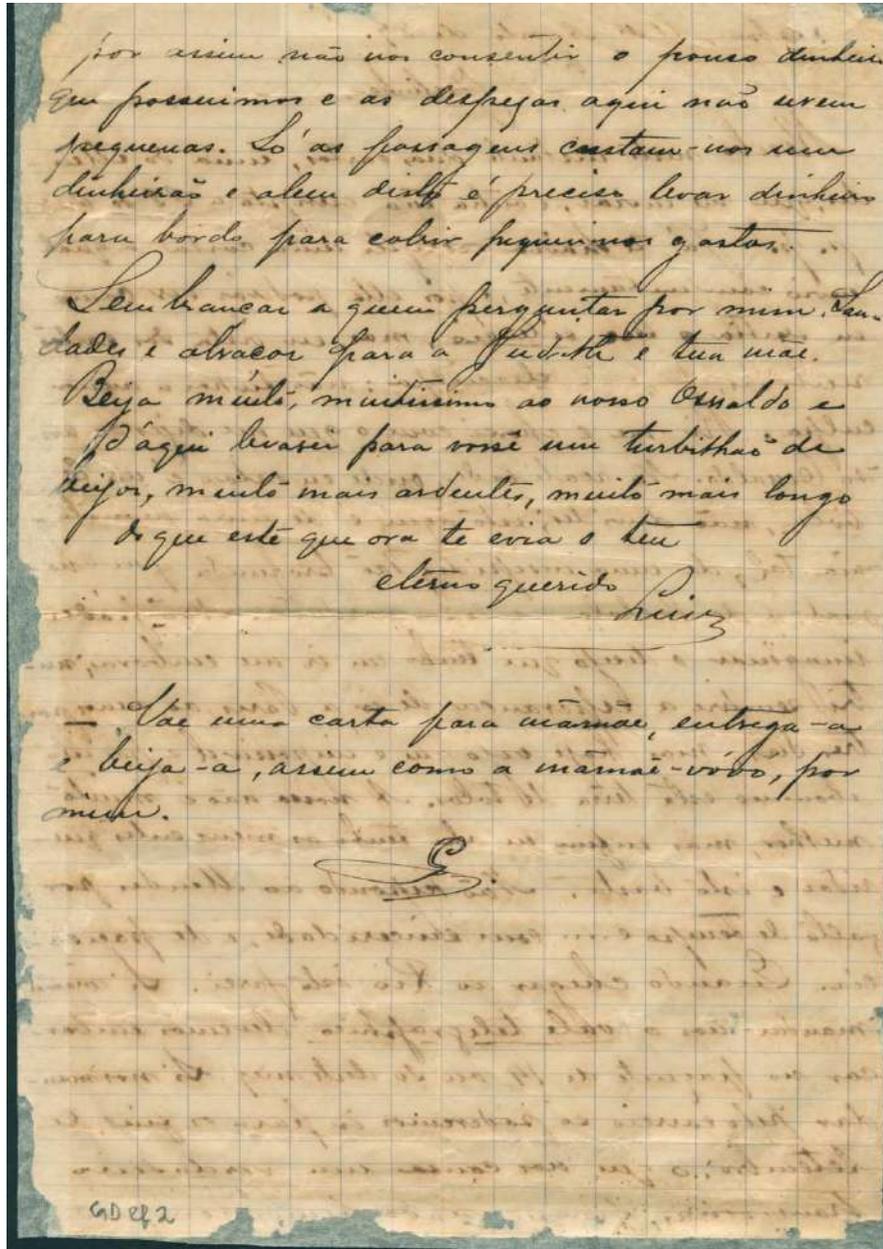
[fól. 1r]

Lisboa, 11 de Agosto de 89.

&lt;GD cf2&gt;

Julinha,

Recebo neste instante duas cartas, uma do Mendes, que me envias, e outra tua escripta a 22 do mez passado próximo Já te havia escripto uma carta a qual envio conjuntamente, e por ella poderás ver como eu sentia o teu silencio, mas, em vista das cartas recebidas, peço-te desculpas: não tinhas a menor culpa. Ri-me e chorei com o que me dizes do nosso Oswaldo. Na realidade, onde eu estou é na Cebola, não duvides; isto aqui é uma monotonia tal, de uma insipidez tão profunda que chamo-a de Cebola é uma verdade. Não podes imaginar o desejo que tenho em ir-me embora; nutro sempre a esperança de ir a Paris, ao menos por três dias, mas hoje vejo que é impossível e por isto abomino esta terra de tolos. A nossa não é muito melhor, mas enfim eu ahí tenho os meus entes queridos e isto basta. Não respondo ao Mendes por falta de Tempo e... com sinceridade, e de paciencia. Quando chegar ao Rio isto farei. Si mamãe mandar-nos o vale telegraphico devemos embarcar no paquete de 14 ou 20 deste mez. Si nos mandar pelo correio só poderemos ir para os fins de Setembro; o que nos causa um verdadeiro transtorno, porque nada temos comprado



[fól. 1v]

por assim não nos consentir o pouco dinheiro  
que possuímos e as despesas aqui não serem  
pequenas. Só as passagens custam-nos um  
dinheirão e além disto é preciso levar dinheiro  
para bordo para cobrir pequenos gastos.

Lembranças a quem perguntar por mim. Sa-  
dades e abraços para a Judith e tua mãe.

Beija muito, muitíssimo ao nosso Oswaldo e  
d'aqui levarei para vossê um turbilhão de  
beijos, muito mais ardentes, muito mais longo  
do que este que ora te envia<sup>79</sup> o teu

eterno querido

Luiz

— Vae uma carta para mamãe, entrega-a  
e beija-a, assim como a mamãe-vóvo, por  
mim.

Gonzaga

&lt;GD cf 2&gt;

<sup>79</sup> Provavelmente, “envia”.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 20
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Lisboa
Data:	27.08.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe a sua impaciência por voltar ao Brasil considerando não só a saudade da esposa e do filho, mas também o desinteresse por manter-se em Portugal.</p>	

Lisboa, 27 de Agosto de 89.

Julinha,

Deixei de escrever por esses dias, paguêti que d'aqui partiam, mas, em compensação, não tenho recebido cartas tuas. Continuo a sofrer intensas saudades tuas e a ter medo do teu esquecimento; de mais, a monotonia desta cidade tambem continua a nos adoentar o espirito. O que nos tem valido é a alegria do Neves que de volta de Paris tem nos procurado sempre e feito alguns passeios comnosco... Si isto no fora estaríamos obsecados... empanturrados de estupidéz, de son-ron costumario da existencia burguez. Nem sequer ha theatros. O Trindade, depois de representar mais de 50 vezes o Gato-Preto, isto é pouco mais ou menos o tempo da nossa estada aqui, fechou; o da Avenida servido com uma companhia italiana de péssimos [cartazes] é uma tortura para os nossos ouvidos, até para mim que sou surdo, o Colyseu está a arrebentar e ha duas semanas que representa as mesmas peças que levou a representar ha tres semanas passadas. Um horror! Falla-se na próxima abertura do Theatro Dona Maria II e do S. Carlos, o primeiro em mei ados do mez próximo e o segundo em

[fól. 1r]

Lisboa, 27 de Agosto de 89.

Julinha,

Deixei de escrever por esses dias porqueli que d'aqui partiram, mas em compensação, não  
 5 tenho recebido cartas tuas. Continuo a sofrer intensas saudades tuas e a ter medo do teu esquecimento; de mais, a monotonia desta cidade tambem continua a nos adoentar o espirito. O que nos tem valido é a alegria do Neves que de volta de Paris tem nos procurado sempre e  
 10 feito alguns passeios comnosco... Si isto no<sup>80</sup> fora estaríamos obsecados... empanturrados de estupidéz, de vou-vou costumario da existencia burgueza. Nem sequer ha theatros. O Trindade, depois de representar mais de 50 vezes o Gato-Preto,  
 15 isto é pouco mais ou menos o tempo da nossa estada aqui, fechou; o da Avenida servido com uma companhia italiana de péssimos [cartazes] é uma tortura para os nossos ouvidos, até para mim  
 20 que sou surdo, o Colyseu está a arrebentar e ha duas semanas que representa as mesmas peças que levou a representar ha tres semanas passadas. Um horror! Falla-se na próxima abertura do Theatro Dona Maria II e do São Carlos, o primeiro  
 25 em mei ados do mez próximo e o segundo em

<sup>80</sup> Provavelmente, "não".

fins do mesmo mez. Por esse tempo contamos  
 estar em viagem para o Brasil se nos mada-  
 rem as passagens. Para matar as lentas horas  
 do meu triste exilio arranjei uma caixeta de  
 tintas e vou pintando conforme a telha quer.  
 Não recebi nenhuma carta do Olympio e  
 muito menos dos meus companheiros do Dia,  
 tambem não lhes tenho enviado mais correspon-  
 dencias porque, pelas duas que mandei, paguei  
 por ti duplo.....

As saudades que sinto por ti e por meu fi-  
 lho são cruéis, nem as pôdes calcular. E se  
 tivéssemos dinheiro bastante para passagens  
 ha muito tempo que teriamos embarcado. Meu  
 padrao que está completamente bom, tem  
 enorme vontade de partir para o Brasil,  
 porque aqui a vida é impossível, alem de  
 estupidificante é de uma antipathia incal-  
 culavel.

Peço-te que vás a casa de mamãe e dê  
 lhe, nella, e em minha avó, abraços muito  
 apertados. Chego, nestas occasiões, a ter lagri-  
 mas; não sei que occulto presentimento me  
 persegue acordando-me infelicidades que  
 jamais passaram por minha mente. Á noite  
 são sonhos e longos sonhos que me per-

[fól. 1v]

fins do mesmo mez. Por esse tempo contamos  
 estar em viagem para o Brasil se nos mada-  
 rem as passagens. Para matar as lentas horas  
 do meu triste exilio arranjei uma caixeta de  
 tintas e vou pintando conforme a telha quer:

30

Não recebi nenhuma carta do Olympio e  
 muito menos dos meus companheiros do Dia,  
 tambem não lhes tenho enviado mais correspon-  
 dencias porque, pelas duas que mandei, paguei  
 por te duplo...

35

As saudades que sinto por ti e por meu fi-  
 lho são cruéis, nem as pôdes calcular. E se  
 tivéssemos dinheiro bastante para passagens  
 ha muito tempo que teriamos embarcado. Meu  
 padrao que está completamente bom, tem  
 enorme vontade de partir para o Brasil,  
 porque aqui a vida é impossível, alem de  
 estupidificante é de uma antipathia incal-  
 culavel.

40

45

Peço-te que vás a casa de mamãe e dê  
 lhe, nella, e em minha avó, abraços muito  
 apertados. Chego, nestas occasiões, a ter lagri-  
 mas; não sei que occulto presentimento me  
 persegue acordando-me infelicidades que  
 jamais passaram por minha mente. Á noite  
 são sonhos e longos sonhos que me per-

50

seguem com um cortejo de dissabores, du-  
 rante o dia pensamentos doentios, eivados duma  
 tristeza cuja causa devo occultar-te para não  
 ferir o teu amor próprio. Seja como fôr. Si estes  
 sonhos e esses pensamentos são visões da reali-  
 dade, aceito-a, resignadamente, porque não é  
 mais uma gotta de fêl que augmentará o sup-  
 plício á quem já de todo perdeu a noção da  
 tranquillidade e da alegria. Supponho-os falsas,  
 creê, mas, ainda assim, torturam-me a  
 alma.  
 Um beijo longo em meu filho, lembranças  
 e abraço para tua mãe e Judith e a sin-  
 ceridade das minhas saudades num beijo ar-  
 dente do teu Luiz.

GD cf 2.

[fól. 2r]

seguem com um cortejo de dissabores, du-  
 rante o dia pensamentos doentios, eivados duma  
 tristeza cuja causa devo occultar-te para não  
 ferir o teu amor próprio. Seja como fôr. Si estes  
 sonhos e esses pensamentos são visões da reali-  
 dade, aceito-a, resignadamente, porque não é  
 mais uma gotta de fêl que augmentará o sup-  
 plício á quem já de todo perdeu a noção da  
 tranquillidade e da alegria. Supponho-os falsas,  
 creê, mas, ainda assim torturam-me a  
 alma.  
 Um beijo longo em meu filho, lembranças  
 e abraço para tua mãe e Judith e a sin-  
 ceridade das minhas saudades num beijo ar-  
 dente do teu

Luiz.

&lt;GD cf 2&gt;

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 21
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Lisboa
Data:	16.09.1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe sobre o desejo intenso de regressar ao Brasil e pedindo auxílio financeiro a sua mãe sob a justificativa de morte por infecção caso permanecesse em Lisboa.</p>	

Lisboa 16 de Sept. de 89.

Julinha

Dá-me a honra de ser portador desta o nosso primo, o Excm. Sr. Dr. Luiz Brandão, e eu, aproveitando a sua partida para a nossa patria, corro apressadamente a penna sobre estas linhas com o intuito de dar-te novas minhas.

Rôlo por esta estupida cidade de "marmore e de granito" (é a chapa do patriotismo, cá dessa gente) como um excluido, ou um exilado. Ha momentos em que tenho desejos de ir-me fugitivamente, abandonando meu padasto; pois, ao geito em que isto vae, só sahiremos d'aqui em principios de Outubro. Sem martyrio!

Rôgo-te o especial obsequio de fallar com mamãe informando-a de nosso estado. Si nos deixa aqui por mais tempo, morro de infecção estupidificante.

Abraços para a Judith e tua mãe. Muitos e muitos beijos no nosso Oswaldo e tu recebas a saudade profunda que me atormenta n'um caloroso beijo do teu sempre amante

Luiz

GD ef 2

[fól. 1r]

Lisboa, 16 de Setembro de 89.

Julinha

Dá-me a honra de ser portador desta o nosso primo, o *Excelentíssimo Senhor Doutor* Luiz Brandão, e eu, aproveitando a sua partida para a nossa patria, corro apressadamente a penna sobre estas linhas com o intuito de dar-te novas minhas.

Rôlo por esta estupida cidade de "marmore e granito" (é a chapa do patriotismo, cá dessa gente) como um excluido, ou um exilado. Ha momentos em que tenho desejos de ir-me fugitivamente, abandonando meu padasto; pois, ao geito em que isto vae, só sahiremos d'aqui em principios de outubro. Que martyrio!

Rôgo-te o especial obsequio de fallar com mamãe informando-a de nosso estado. Si nos deixa aqui por mais tempo, morro de infecção estupidificante.

Abraços para a Judith e tua mãe. Muitos e muitos beijos no nosso Oswaldo e tu recebas a saudade profunda que me atormenta n'um caloroso beijo do teu sempre amante

Luiz

&lt;GD cf 2&gt;

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 22
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	27 (a noite)
Data:	1889.
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) relatando-lhe o envio de 100 reis para a sua ida a Paris que veio da mamãe-vovó um pouco tarde, porque pretende usar o dinheiro, ao que tudo indica, para retornar ao Brasil, relata-lhe acerca da sua imensa tristeza que o assola em terras d'além mar em função das saudades infindas da esposa, filho (Oswaldo), mãe e avó. Retoma, ao final da carta, o diálogo com a esposa, ao lhe perguntar pelos seus credores ("Morreram?").</p>	

Lisboa 27 (á noite) de 1889.

Julinha,

Escrevo-te esta ás pressas e para aproveitar o pa-  
quete que sai amanhã; é muito tarde e eu es-  
toun a cabeceiar de sonno, no entanto, para te  
escrever, hei de vencer a sonnéca e mostrar-te,  
por mais de uma vez, que jamais me esquecerei  
de ti. Acabamos, ha algumas horas, de rece-  
ber uma carta de mamãe em que mamãe-vó  
mandava-nos 100 \$ fortes para ajudar a nossa ida  
á Paris, infelizmente o dinheiro veio tarde, ago-  
ra elle nos representa um recurso para scater a  
monotonia desta cidade. Meu padraço propôs-me  
que eu fosse só a Exposição, demorando-me uns  
5 ou 6 dias, mas não aceitei - 1.º para não  
fazer-o sentido em vêr que eu o abandonava; 2.º  
por considerança a quantia disponível muito  
escassa e ter medo de voltar de Paris com as mãos  
abauando e os olhos vazios... Temos, os dois, com  
o dinheiro que ora dispomos é impossível.

Vês tu que causa tristissima! Estou afflictissimo  
por ir-me embora, isto aqui nos estup[?]difica.  
De mais são profundas as saudades que  
tenho sentido de ti e do nosso Oswaldo, ga-  
ranto-te que não ha um só dia em que

GD 892

[fól. 1r]

Lisboa 27 (á noite) de 1889.

Julinha,

Escrevo-te esta ás pressas e para aproveitar o pa-  
quete que sai amanhã; é muito tarde e eu es-  
5 -toun a cabeceiar de sonno, no entanto, para te  
escrever, hei de vencer a sonnéca e mostrar-te,  
por mais de uma vez, que jamais me esquecerei  
de ti. Acabamos, ha algumas horas, de rece-  
ber uma carta de mamãe em que mamãe-vó  
10 mandava-nos 100 reis fortes para ajudar a nossa ida  
á Paris, infelizmente o dinheiro veio tarde, ago-  
ra elle nos representa um recurso para ma[ta] a  
monotonia desta cidade. Meu padraço propôs-me  
que eu fosse só a Exposição, demorando-me uns  
15 6 ou 8 dias, mas não aceitei - 1.º para não  
fazer-o sentido em vêr que eu o abandonava; 2.º  
por considerar a quantia disponível muito  
escassa e ter medo de voltar de Paris com as mãos  
abauando e os olhos vazios... Irmos, os dois, com  
20 o dinheiro que ora dispomos é impossível.

Vês tu que causa tristissima! Estou afflictissimo  
por ir-me embora; isto aqui nos estup[?]difica.  
De mais são profundas as saudades que  
tenho sentido de ti e do nosso Oswaldo, ga-  
25 ranto-te que não ha um só dia em que  
<GD cf 2>

não pense em vossês, em minha mãe e  
 minha avó.  
 E, si duvidas, poderás mais tarde perguntar  
 ao Nunes, o filho da viúva Leal Nunes, que  
 voltou de Paris e aqui tem estado connosco.  
 Sempre e sempre fallo nos meus e de tal  
 forma que elle e outros companheiros chegam  
 a considerar uma sentimentalidade minha.  
 No dia 4 de Agosto e no dia 15, duas datas  
 que nós queremos, porque representam felicidades  
 nossas, estive acabrunhado; uma fria tristeza  
 encasim-me a alma, fiquei absorto n'uma  
 serie de pensamentos que vojavam por minha  
 mente melancolisada como borboletas brancas  
 de saudades em longiuo remanso ante visto  
 nas brumas de um sonho. Ah! minha rosa  
 franzina! como são cruéis as saudades!..... E  
 tu me dizes que choras! Choras? Eu creio, ape-  
 zar de seres mulher. Eu bem sei que me amas,  
 mas debes ter a certeza de eu te idolatro.  
 Ah! não sabes? Não pôde ainda comprehender  
 o procedimento do Dia. Escrevi duas corres-  
 pondencias e até agora nem cartas nem jor-  
 naes... Que amigos!  
 E por fallar em am[ig]os. Fui ingrato para

[fól. 1v]

não pense em vossês, em minha mãe e  
 minha avó.

30 E, si duvidas, poderás mais tarde perguntar  
 ao Nunes, o filho da viúva Leal Nunes, que  
 voltou de Paris e aqui tem estado connosco.  
 Sempre e sempre fallo nos meus e de tal  
 forma que elle e outros companheiros chegam  
 a considerar uma sentimentalidade minha.

35 No dia 4 de Agosto e no dia 15, duas datas  
 que nós queremos, porque representam felicidades  
 nossas, estive acabrunhado; uma fria tristeza  
 en[?]adiu-me a alma, fiquei absorto n'uma  
 serie melancolisada como borboletas brancas  
 de saudades em longiuo remanso ante visto  
 nas brumas de um sonho. Ah! minha rosa  
 franzina! como são cruéis as saudades!... E  
 tu me dizes que choras! Choras? Eu creio, ape-  
 zar de seres mulher. Eu bem sei que me amas,  
 Mas debes ter a certeza de eu te idolatro.<sup>81</sup>

45 Ah! não sabes? Não pôde ainda comprehender  
 o procedimento do Dia. Escrevi duas corres-  
 pondencias e até agora nem cartas nem jor-  
 naes... Que amigos!

E por fallar em ami[g]os. Fui ingrato para  
 <GD cf 2>

<sup>81</sup> Caberia a inserção da preposição “de” no seguinte trecho: “Mas debes ter a certeza de eu <que> te idolatro”

com o Edmundo, o bom, o meu querido Ed  
 mundo. Tu sabes quanto eu o estimo, pois bem  
 até hoje ainda não lhe escrevi uma linha. Mas  
 o aborrecimento em que vivo perdoa-me a falta.  
 Olha, si elle aparecer por ahi dije lhe que me  
 recordo muito delle e que se não escrevo -lhe é...  
 mais por tristeza que por preguiça.  
 No mais, tu sabes: lembranças a quem pergun-  
 tar por mim.

Saudades e abraços para Judith e tua mãe,  
 muitos, muitos, milhares de beijos no Oswald.  
 E tu, meu bogary do sertão, recebe nos lábios  
 um beijo ardente do teu  
 Luiz.

Admira-me o Olympio não me ter escripto.  
 A respeito dos jornaes é desnecessário que  
 os mande porque estamos a seguir para ahi.  
 Se me quizeres escrever consulta com mamãe  
 porque - si ella mandar-nos o dinheiro da  
 viagem seguimos apenas o [r]ecebamos, e neste caso  
 a tua carta virá tarde; mas si ella mandar  
 nos dinheiro para ir a Paris (!!!!!?)<sup>82</sup> então  
 poder escrever na mesma occasião, mas previno  
 -te que, se isto acontecer (Impossivel) pouco

[fól. 2r]

50 com o Edmundo, o bom, o meu querido Ed  
 mundo. Tu sabes quanto eu o estimo, pois bem  
 até hoje ainda não lhe escrevi uma linha. Mas  
 o aborrecimento em que vivo perdoa-me a falta  
 olha, si elle aparecer por ahi dije lhe que me  
 55 recordo muito delle e que se não escrevo-lhe é...  
 mais por tristeza que por preguiça.

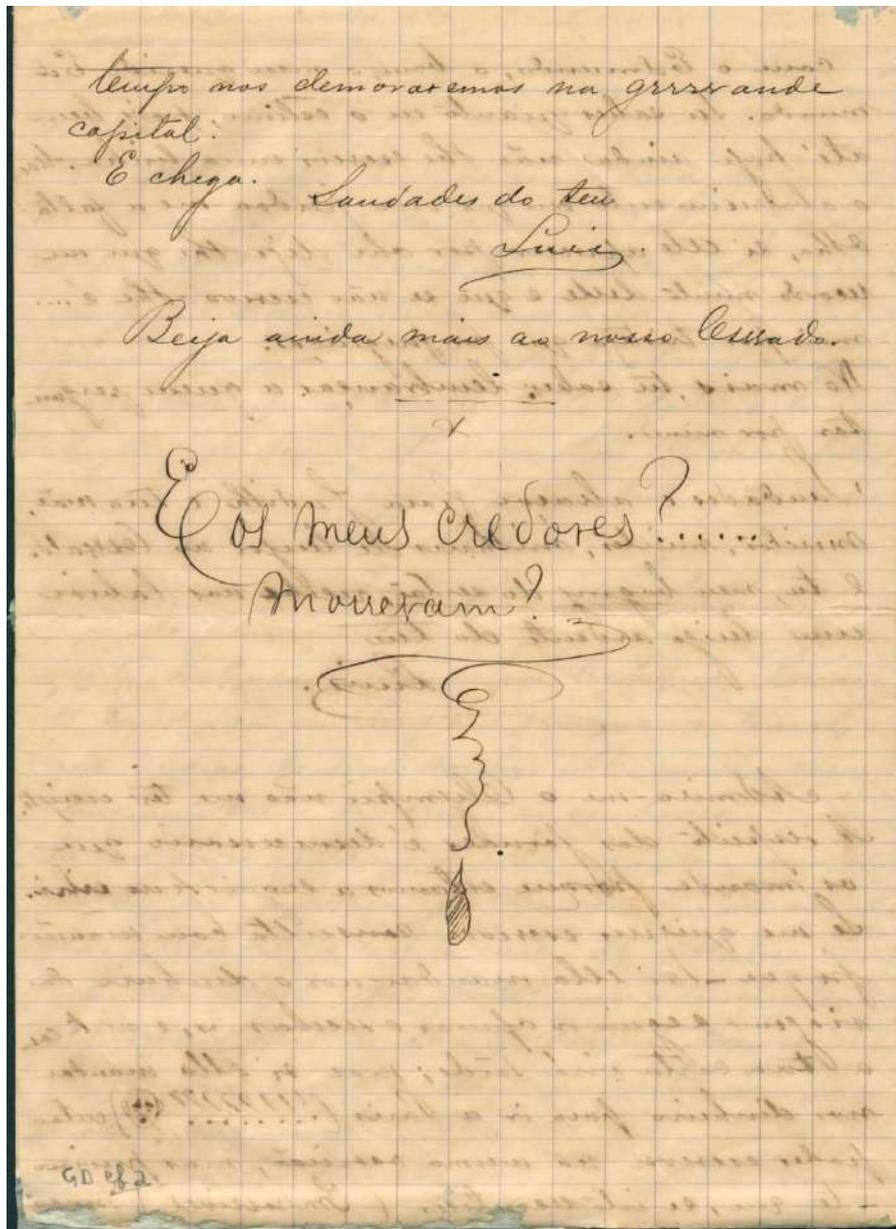
No mais, tu sabes: lembranças a quem pergun-  
 tar por mim.

60 Saudades e abraços para Judith e tua mãe,  
 muitos, muitos, milhares de beijos no Oswaldo  
 e tu, meu bogary do sertão, recebe nos lábios  
 um beijo ardente do teu

Luiz.

Admira-me o Olympio não me ter escripto.  
 A respeito dos jornaes é desnecessário que  
 65 os mande porque estamos a seguir para ahi.  
 Se me quizeres escrever consulta com mamãe  
 porque - si ella mandar-nos o dinheiro da  
 viagem seguimos apenas o [r]ecebamos, e neste caso  
 a tua carta virá tarde; mas si ella mandar  
 70 nos dinheiro para ir a Paris (!!!!!?)<sup>82</sup> então  
 poder escrever na mesma occasião, mas previno  
 -te que, se isto acontecer (Impossivel) pouco

<sup>82</sup> Nesse trecho, ao fazer referência ao dinheiro para a sua ida a Paris, o redator faz uma série de exclamações, seguidas de interrogações e de um desenho de um rosto um tanto quanto “perplexo”.



[fól. 2v]

tempo nos demoraremos na grrrande<sup>83</sup>  
capital.

75 E chega.

Saudades do teu  
Luiz.

Beija ainda mais ao nosso Oswaldo.

80

X

E os meus credores?...  
Morreram?

&lt;GD cf 2&gt;

<sup>83</sup> Provavelmente, “grande”.

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 23
Tipologia textual:	Carta familiar
Local:	Rio de Janeiro
Data:	22.07.1906
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	43 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Filho
Relação social entre remetente e destinatário:	pai - filho
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 4
Número de fólios:	2 fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve ao filho pedindo-lhe mais atenção ao fato de a vida estar passando e, necessariamente, ele precisa tornar-se mais responsável para seguir por ela com algum êxito.</p>	

Rio, 22 de Julho de 1906 (Após um telegrama que passei às  
12 h. da manhã)

Meu filho

A alegria e o consolo, que me deste com  
a carta que o Emiliano me entregou, foram subs-  
tituídos na manhã de hoje por uma tristeza cuja  
intensidade não podes avaliar.

Senti-me acabrunhadíssimo. Que aspiras, meu fi-  
lho? Não comprehendes que perto de tí, a te guiar,  
está um grande, um bom, um generoso amigo de  
teu pae, que tem a responsabilidade de te haver  
levado para um longínquo logar afim de te fazer  
homem, de te conduzir na conquista de uma posição  
social? Não percebes que do teu esforço, esfor-  
ço de accordo com a tua idade, é que virá o bom  
resultado dessa conquista?

Que aspiras tu?

Não és uma creança, és homem, tens idade para  
assim te considerares. Mas, por isso mesmo, é que  
se faz necessario o sacrificio de todas as pretensões  
nocivas a esse desejado fim. O que foste fazer  
não foi passeiar, angariar amigos, digo camarada-  
gens de palestra e de bailes, mostrar elegância

GD of 4

[fól. 1r]

Rio, 22 de Julho de 1906 (Após um telegrama que passei às  
12 h. da manhã)

Meu filho

5 A alegria e o consolo, que me deste com  
a carta que o Emiliano me entregou, foram subs-  
tituídos na manhã de hoje por uma tristeza cuja  
intensidade não podes avaliar.

10 Senti-me acabrunhadíssimo. Que aspiras, meu fi-  
lho? Não comprehendes que perto de tí, a te guiar,  
está um grande, um bom, um generoso amigo de  
teu pae que tem a responsabilidade de te haver  
levado para um longínquo logar afim de te fazer  
homem, de te conduzir na conquista de uma posição  
social? Não percebes que do teu esforço, esfor-  
ço de accordo com a tua idade, é que virá o bom  
resultado dessa conquista?

Que aspiras tu?

20 Não és uma creança, és homem, tens idade para  
assim te considerares. Mas, por isso mesmo, é que  
se faz necessario o sacrificio de todas as pretensões  
nocivas a esse desejado fim. O que foste fazer  
não foi passeiar, angariar amigos, digo camarada-  
gens de palestra e de bailes, mostrar elegância

<GD cf 4>

e habilidades de snob. Separaste-te da tua família, sahiste do meio dos teus passatempos e dos teus ócios, para uma vida austera, na qual devias recuperar todo o longo, o immenso tempo perdido. Era uma regeneração, assim devias comprehender. E quando te foste, apesar da saudade da separação, eu tive a alegria de uma esperança. Nunca me senti tão feliz como nesse dia, porque me pareceu que ias para a gloriosa conquista de um honroso futuro!

Eis que me desilludes. Os sonhos que me alentaram ameaçaram desabar com o castello douro das minhas esperanças. Pela tua carta, pelas cartas do Dario, pelas informações do Emiliano e por teu telegrama, comprehendendo o que se dá contigo. É a ociosidade desses longos annos de abandono o que, em ti, se rebella. Dê-me a consciencia dizer te isso, porque sinto-lhe remorsos, sou muito culpado de tanto e, mais do que culpado, sou infeliz, infelicissimo com esta responsabilidade..... Deshabitua-te dos estudos, perdeste a energia para lutar como as suas dificuldades, e agora julgas-te victima de um rigor excessivo. Mas, como venceres o molde falso da tua índole? como arrancares de ti a influencia perniciosa da ociosidade do teu passado? como esforçares te por impôr ao teu cérebro o que elle tem preguiça de

GD 484

[fól. 1v]

25 e habilidades de snob. Separaste-te da tua família, sahiste do meio dos teus passatempos e dos teus ócios, para uma vida austera, na qual devias recuperar todo o longo, o imenso tempo perdido. Era uma regeneração, assim devias compreender. E quando te foste, apesar da saudade, da separação, eu tive a alegria de uma  
30 esperança. Nunca me senti tão feliz como nesse dia, porque me pareceu que ias para a gloriosa conquista de um honroso futuro!

Eis que me desilludes. Os sonhos que me alentaram ameaçaram desabar com o castello douro das minhas esperanças. Pela tua carta, pelas cartas do Dario, pelas informações do Emiliano e por teu telegrama, comprehendendo que se dá contigo. É a ociosidade desses longos anos de abandono o que, em ti, se rebella. Dê-me a consciencia dizer te isso, porque sinto-lhe remorsos, sou muito culpado de tanto e, mais do que culpado, sou infeliz, infelicissimo com esta responsabilidade... Deshabitua-te dos estudos, perdeste a energia para lutar como as suas dificuldades, e agora julgas-te victima de um rigor excessivo. Mas, como venceres o molde falso da tua índole? como arrancares de ti a influencia perniciosa da ociosidade do teu passado? como esforçares te por impôr ao teu cérebro o que elle tem preguiça de

&lt;GD cf 4&gt;

[fól. 2r]

adquirir? Certo que não será valsando em bailes nem pa-  
lestrando<sup>84</sup> em rodas de camaradas, que isso conseguirás.  
50 É preciso remodelar o teu espírito, dar-lhe outra dire-  
-ção. E para o conseguires é necessário um longo sacri-  
-fício, uma existência de asceta<sup>85</sup>, uma dedicação de fanático.  
Atende ao exemplo dos que, aqui, através privações, até  
55 mesmo miserias, chegaram á posse de elevados grãos aca-  
-demicos. Pensa nisto. Pensa e diga-me se, acaso, serás  
tu menos inteligente que alguns desses. Volta-te para  
o exemplo do teu primo Augusto, repara a lucta que elle  
travou com a pobreza e o desamparo para attingir  
60 a metade do seu curso de engenharia.  
O que ahí tens a fazer é unicamente obedecer ao nosso  
amigo Dario, porque nessa obediência colherás os resulta-  
-dos que me alentaram, ha dois mezes apenas! Ah! eu te  
Julguei outro, eu te imaginei esforçado na lucta!... Illu-  
65 di-me. Sim, iludi-me, porque esse viver livremente  
de que falar á tua Mãe não é mais do que a somma  
capaz do teu esforço, quero dizer, a liberdade que alme-  
-jas será o estudo á vontade, á mercê das disposições  
de momento... Pobre de ti, meu filho! Que virás a  
70 ser?... Um amanuense<sup>86</sup> chronico, desprotegido, sem ao  
menos <contar> habilidades materiaes de calligraphia! Mais do  
que isso não serás. Não tens padrinhos, não tens a vivaci-  
<GD cf 4>

adquirir? Certo que não será valsando em bailes nem pa-  
lestrando em rodas de camaradas, que isso conseguirás.  
É preciso remodelar o teu espírito, dar-lhe outra dire-  
-ção. E para o conseguires é necessário um longo sacri-  
-fício, uma existência de asceta, uma dedicação de fanático.  
Atende ao exemplo dos que, aqui, através privações, até  
mesmo miserias, chegaram á posse de elevados grãos aca-  
-demicos. Pensa nisto. Pensa e diga-me se, acaso, serás  
tu menos inteligente que alguns desses. Volta-te para  
o exemplo do teu primo Augusto, repara a lucta que elle  
travou com a pobreza e o desamparo para attingir  
a metade do seu curso de engenharia.  
O que ahí tens a fazer é unicamente obedecer ao nosso  
amigo Dario, porque nessa obediência colherás os resulta-  
-dos que me alentaram, ha dois mezes apenas! Ah! eu te  
Julguei outro, eu te imaginei esforçado na lucta!... Illu-  
di-me. Sim, iludi-me, porque esse viver livremente  
de que falar á tua Mãe não é mais do que a somma  
capaz do teu esforço, quero dizer, a liberdade que alme-  
-jas será o estudo á vontade, á mercê das disposições  
de momento..... Pobre de ti, meu filho! Que virás a  
ser?... Um amanuense chronico, desprotegido, sem ao  
menos <sup>contar</sup> habilidades materiaes de calligraphia! Mais do  
que isso não serás. Não tens padrinhos, não tens a vivaci-

GD cf 4

<sup>84</sup> A letra “n” na sílaba “tran” do item “palestrando” parece ter sido escrita por cima de outro.

<sup>85</sup> “Asceta” (Derivação por extensão de sentido): pessoa que se consagra a exercícios espirituais de autodisciplina, cf. Houaiss (2009).

<sup>86</sup> AMANUENCE, s. m. o que escreve o que outrem dicta, escrevente, cf. Bluteau (1789, p. 71)

da de de espirito dos metthodicos nem o methodo, a pachorra,  
 as pequeninas habilidades dos bons empregados. Vegetarás  
 nos baixos empregos, apagar-te-ás na vida como um mello.  
 Pobre de ti, meu filho!... Que mais? Serás... Que serás na  
 existencia?... Não, Reage contra a indolência adquirida aqui,  
 no abandono de tua energia, na inercia da tua vontade. Rea-  
 ge. Esforça-te. Faze o sacrificio de uns mezes a mais, bane  
 de ti pretensões de arte, repele excessos de sentimentalismo, re-  
 solve-te a ir onde dever chegar ainda que te esqueças do  
 mundo que te cerca, ainda que te transformes num casmurro.  
 É preciso este sacrificio. Se o fizeres terás meio caminho  
 andado, ganharás o habito do estudo, porque tudo na vida  
 depende do habito. Não te illudas com as facilidades appa-  
 rentes dos que passam por talentos, não te facies com o  
 gozo de viver dos futeis. Arranca-te de veleidades lite-  
 rarias e de presunções de independencia. Faze-te pura  
 e simplesmente estudante de preparatorios, que tem pressa  
 de os concluir porque a idade já vae passando.  
 É o que te devo dizer neste momento em que tenho o coração  
 afflicto. Ainda conservo um resto de esperanza, está em ti a  
 duração delle. Tua Mãe commigo teme pelo teu futuro. Tem pie-  
 dade della, porque..... Quem sabe, meu filho, o que será o dia  
 de amanhã?.....  
 E Deus que te proteja. Ainda tenho fé para escrever esta frase,  
 que t'a envio com os olhos para o céu e te beijando com lagrimas.  
 Teu pae  
 Luiz

[fól. 2v]

- 75 dade de espirito dos metthodicos nem o methodo, a pachorra,  
 as pequeninas habilidades dos bons empregados. Vegetarás  
 nos baixos empregos, apagar-te-ás na vida como um mello.  
 80 Pobre de ti, meu filho!... Que mais? Serás... Que serás na  
 existencia?... Não. Reage contra a indolência adquirida aqui,  
 no abandono de tua energia, na inercia da tua vontade. Rea-  
 ge. Esforça-te. Faze o sacrificio de uns mezes a mais, bane  
 de ti pretensões de arte, repele excessos de sentimentalismo, re-  
 solve-te a ir onde dever chegar ainda que te esqueças do  
 mundo que te cerca, ainda que te transformes num casmurro.  
 É preciso este sacrificio. Se o fizeres terás meio caminho  
 andado, ganharás o habito do estudo, porque tudo na vida  
 depende do habito. Não te illudas com as facilidades appa-  
 rentes dos que passam por talentos, não te facies com o  
 gozo de viver dos futeis. Arranca-te de veleidades lite-  
 rarias e de presunções de independencia. Faze-te pura  
 e simplesmente estudante de preparatorios, que tem pressa  
 de os concluir porque a idade já vae passando.  
 90 É o que te devo dizer neste momento em que tenho o coração  
 afflicto. Ainda conservo um resto de esperanza, está em ti a  
 duração delle. Tua mãe commigo teme pelo teu futuro. Tem pie-  
 dade della porque... Quem sabe, meu filho, o que será o dia  
 de amanhã?...  
 95 E Deus que te proteja. Ainda tenho fé para escrever esta frase,  
 que t'a envio com os olhos para o céu e te beijando em lagrimas.

Teu pae  
 Luiz

&lt;GD cf 4&gt;

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 24
Tipologia textual:	Carta de amizade
Local:	Sem local
Data:	05.03.1907
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	44 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Amigo e Compadre
Relação social entre remetente e destinatário:	amigo - amigo
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 4
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à um compadre e amigo mostrando-se muito feliz pelo seu restabelecimento.	

Meu caro Compadre e Amigo

Aqui tenho estado para me informar da sua saúde e isso por me não possível ir á sua casa<sup>87</sup>. Hoje dearam-me a alegre noticia <sup>de</sup> que o meu compadre já se acha restabelecido e de novo entregue aos seus trabalhos clinicos. Muiissimo me satisfiz esta nova.

Deixo-lhe um abraço nestas linhas e, com elle, todo o jubilo da minha alma ao saber que a sua saúde é verdadeiramente saúde, e a sua actividade volta a endireitar homens, pois quem os cura endireita-os, e a cultivar fomos ... Bem se comprehende que não se-rá para tentar a innocencia das Evas.

Do Compadre e Amigo  
G. Duque

5-III-907  
GD Cp 23

[fól. 1r]

Meu caro Compadre e Amigo

Aqui tenho estado para me informar da sua saúde e isso por me não possível ir á sua casa<sup>87</sup>. Hoje deixam-me a alegre noticia <↑de> que o meu compadre já se acha restabelecido e de novo entregue aos seus trabalhos clinicos. Muiissimo me satisfiz esta nova.

10 Deixo-lhe um abraço nestas linhas e, com elle, todo o jubilo da minha alma ao saber que a sua saúde é verdadeiramente saúde, e a sua actividade volta a endireitar homens, pois quem os cura endireita-os, e a cultivar fomos ... Bem se comprehende que não se-rá para tentar a innocencia das Evas.

do Compadre e amigo

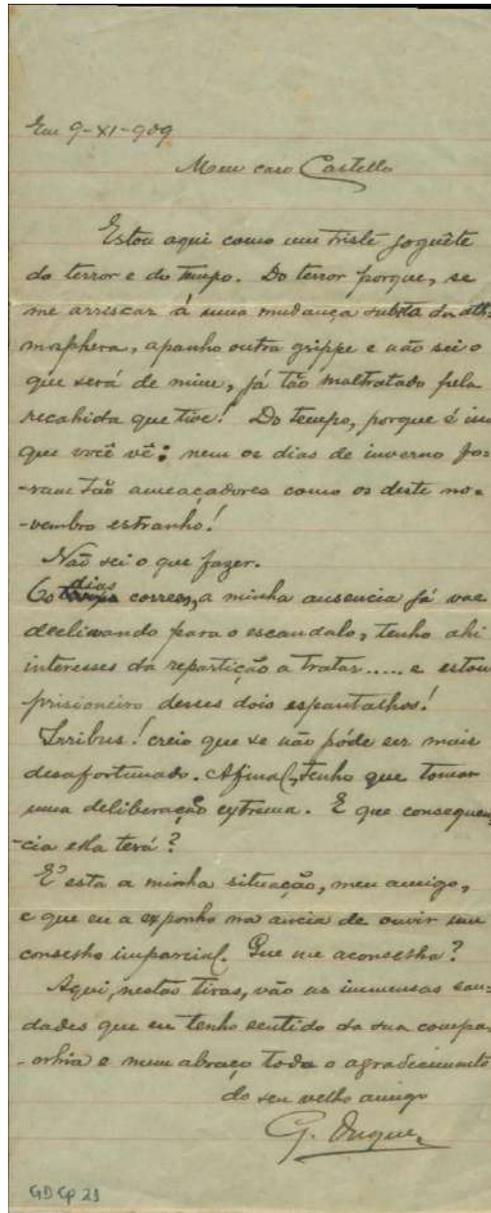
Gonzaga Duque

20 5 - III - 907

&lt;GD Cp 23&gt;

<sup>87</sup> Provavelmente, "me não <foi> possível ir á sua casa".

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 25
Tipologia textual:	Carta de amizade
Local:	Sem local
Data:	09.11.1909
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	46 anos
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Castello (amigo)
Relação social entre remetente e destinatário:	amigo - amigo
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 21
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo: Gonzaga Duque escreve ao amigo Castello sobre o seu estado de saúde em função de uma gripe e de seus interesses políticos.	



[fól. 1r]

Em 9 - XI - 909

Meu caro Castello

Estou aqui como triste joguete  
do terror e do tempo. Do terror porque, se  
5 me arriscar á uma mudança subita da ath-  
mosphera, apanho outra grippe e não sei o  
que será de mim, já tão maltratado pela  
recalhida que tive! Do tempo, porque é isso  
que você vê: nem os dias de inverno fo-  
10 ram tão ameaçadores como os deste no-  
vembro estranho!

Não sei o que fazer.

Os <↑dias> correm, a minha ausencia já vae  
[declinando] para o escandalo, tenho ahí  
15 interesses da repartição a tratar... e estou  
prisioneiro desses dois espantalhos!  
Irribus!<sup>88</sup> creio que se não póde ser mais  
desafortunado. Afinal, tenho que tomar  
20 uma deliberação extrema. E que conseque-  
cia ella terá?

É esta a minha situação, meu amigo,  
e que eu a exponho na ancía de ouvir um  
conselho imparcial. Que me aconselha?  
Aqui, nestas tiras, vão as immensas sau-  
25 dades que eu tenho sentido da sua compa-  
nhia e meu abraço todo o agradecimento  
do seu velho amigo

Gonzaga Duque

&lt;GD cp 21&gt;

<sup>88</sup> Irribus: “interj. O mesmo que arre! cebolório! irra! irrório! (AULETE p. 117 *apud* GONZAGA DUQUE, 1996 [1914])”, cf. Glossário da Obra *Horto de Mágoas (Contos)*, ao

explicar o seu uso no seguinte contexto: “- Irribus! Isto não é uma mulher, é um folhetim-romance!”

Acervo:	<i>Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)</i>
Ordenação do documento:	Carta 26
Tipologia textual:	Carta de amizade
Local:	Lisboa
Data:	10.09.9
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	-
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo-esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	XX fólios
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
<p>Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa (Julia) sobre a insatisfação com a estadia em Portugal, o que foi amenizado através da pintura que passou a fazer. Na sequência, passa a um relato fomentado por uma visita feita por ele, acompanhado do seu padraсто, a uma quinta em Olivais. Por fim, ressalta a saudade extrema da esposa e do filho Oswaldo.</p>	

Lisboa, 10 de Setembro de 9.

Julinha,

Ha, seguramente, vinte e tantos dias que não recebemos cartas de mããe e isto nos afflige muitissimo, pois estamos doidos para voltar ao Brazil. Eu, por mim, confesso-te com a máxima [s]inced[ridade] vivo num terrivel abatimento moral. Nada ha que me distraia; [ilegível] são [ilegível] hães, nem p[ilegível], [ilegível] palestras. tudo isto consegue unicamente [an]gmenta[?] a [m]inha penosa nostalgia, fazer cresc[er] de modo assustador a tristeza cinzenta que subjuga, e vence, e aniquila. Para matar as aborridas<sup>89</sup> horas deste exilio comprei uma caixêta de tintas e tu sabes q[ue] a pintura foi, e será a minha musa co[n]soladora, mas nem assim logrei disfar[çar] o enfado. Uma manhã sahi com meu pa[dra]sto e alguns camaradas a visitar um[?] quinta em Olivaes; d'ahi trouxe uma pequ[ena] impressão de paisagem, melancol[ica] trecho d'estrada batida de sol, e ainda hoje não sei si era paisagem ou minh'a [ilegível] que reunia[mos] tons tristes deixados pelos pinceis na tela... Palavra, que não sei [ilegível] nobre nem rico, tenha a formosura de um príncipe de lenda. Meu pae sab[ia] disso procurou intimidar o jovem official e fazer o meu casamento o mais breve possivel para impedir qualquer passo que lhe viesse desgostar. Preveni do ocorrido ao meu amado e nas vesp[er]as do meu casamento desaparecia, para todo o sempre, da casa de meus paes, em companhia do eleito do meu coração. Isto foi ha cincoenta e seis annos e por ~~este~~ <↑esse> tempo ainda o senhor não sonhava nascer.

— E o official, esse jovem?...

— Alli está.

Ella apontou [para] o velho que cochilava deante do brazeiro.

— E têm sido felizes? Nenhum arrependimento veio atormentar a sua consciencia?

— Oh! felizes! O que é a felicidade senão a satisfação dos nossos desejos? Sempre considerei-me muito feliz, apezar de não ter as regalias que possuia em casa de meus paes, mas tinha ao meu lado o meu querido, trabalhamos juntos, vivemos sempre como dois amantes; a nossa velhice ainda não apagou o entusiasmo dos nossos corações. Tenho saudades das minhas irmãs e de minha mãe e podia hoje, se não fosse a cruel

GDQ2

[fól. 1r]

Lisboa, 10 de Setembro de 9.

Julinha,

Ha, seguramente, vinte e tantos dias que não recebemos cartas de mããe e isto nos afflige muitissimo, pois estamos doidos para voltar ao Brazil. Eu, por mim, confesso-te com a máxima [s]inced[ridade] vivo num terrivel abatimento moral.

- 5 Nada ha que me distraia; [ilegível] são [ilegível] hães, nem p[ilegível], [ilegível] palestras. tudo isto consegue unicamente [an]gmenta[?] a [m]inha penosa nostalgia, fazer cresc[er] de modo assustador a tristeza cinzenta que subjuga, e vence, e aniquila. Para matar as aborridas<sup>89</sup> horas deste exilio comprei uma caixêta de tintas e tu sabes q[ue] a pintura foi, e será a minha musa co[n]soladora, mas nem assim logrei disfar[çar] o enfado. Uma manhã sahi com meu pa[dra]sto e alguns camaradas a visitar um[?] quinta em Olivaes; d'ahi trouxe uma pequ[ena] impressão de paisagem, melancol[ica] trecho d'estrada batida de sol, e ainda hoje não sei si era paisagem ou minh'a [ilegível] que reunia[mos] tons tristes deixados pelos pinceis na tela... Palavra, que não sei [ilegível] nobre nem rico, tenha a formosura de um príncipe de lenda. Meu pae sab[ia] disso procurou intimidar o jovem official e fazer o meu casamento o mais breve possivel para impedir qualquer passo que lhe viesse desgostar. Preveni do ocorrido ao meu amado e nas vesp[er]as do meu casamento desaparecia, para todo o sempre, da casa de meus paes, em companhia do eleito do meu coração. Isto foi ha cincoenta e seis annos e por ~~este~~ <↑esse> tempo ainda o senhor não sonhava nascer.

— E o official, esse jovem?...

— Alli está.

Ella apontou [para] o velho que cochilava deante do brazeiro.

— E têm sido felizes? Nenhum arrependimento veio atormentar a sua consciencia?

- 25 — Oh! felizes! O que é a felicidade senão a satisfação de nossos desejos? Sempre considerei-me muito feliz, apezar de não ter as regalias que possuia em casa de meus paes, mas tinha ao meu lado o meu querido, trabalhamos juntos, vivemos sempre como dois amantes; a nossa velhice ainda não apagou o entusiasmo dos nossos corações. Tenho saudades das minhas irmãs e da minha mãe e podia hoje, se não fosse a cruel

&lt;GD cf 2&gt;

<sup>89</sup> “ABORRIDO, adj. cheio de aborrecimento, desgostoso de tudo, enfadado. § Couza a que se tem aborrecimento, odiada, nojosa, que causa tédio, rabugem.”, cf. Bluteau (1789, p. 7)

exigencia de meu pae, viver com todos os meus, mas, ainda assim, não troco  
 por elles o meu velho amante e essa rude pobreza que o senhor testemunha.»  
 Concluida a historia as senhoras divergiram sobre esta felicidade. Umam achava-  
 ram-na banal, outras riam-se da <sup>sabugosa</sup> abnegação da velhinha e ainda outras,  
 caladas, impressionadas, fixavam os olhos nas rochas da Corsega que ia desapa-  
 recendo lentamente do horizonte, sob um grande manto de nevas roxas, a  
 cor das saudades e das [esperanças] mortas.

Ahi tens, meu bagory do sertão, a historia da felicidade do amor. É a dedi-  
 cação eterna e obscura. Quem ama não precisa de testemunhas, não necessita do  
 mundo. É isto é vulgar? Oh! é raro, é rarissimo. Eu não sei si é devido ao  
 meu egoismo, egoismo causado pela tristeza do meu infeliz nascimento, pelo iso-  
 lamento em que passei os primeiros tempos da minha infancia, que faço-me  
 questão de amor um ideal irrealizavel. Talvez seja. Mas o certo é que julgo-me  
 um dos poucos homens que sabem amar. É agora, que aqui estou em terra estranha,  
 só, independente, senhor da minha vontade e sem a menor respon[sabi]lidade  
 com os outros. O, pa vige, e lei tã de...

Eu li, ha pouco tempo, um conto de Guy de Maupassant sobre a felicidade  
 do amor. Escuta, que eu o resumirei; escuta que é uma lição: Em um das raris-  
 simas manhãs de verão em que, pela limpidez do ceu, o vulto rochoso da Corsega  
 apparece aos olhos dos moradores de uma parte do sul da França, achavam-se  
 numa praia de banhos, um grupo de senhoras e um rapaz que muito viajara.  
 Admiradas as senhoras de <↑verem>, ao longe, desenharem-se a rocha dessa ilha quasi  
 italiana pela sua posição geographica mas franceza pelo coração de seu povo, en-  
 tretiveram calorosa palestra sobre esse phenomeno e, ali palavra á palavra, ca-  
 hiram em discussão sobre os habitos dos habitantes, d'aquella ilha. O moço via-  
 jado tomou, então, a palavra e contou a seguinte e tocante historia, que eu resu-  
 mo: "Viajando pela Corsega fui bater á porta de uma choupana para pedir  
 agasalho. Era noite. Mal acabara de dar signal de sua presença, a porta abriu-  
 se e uma sympathica velhinha recebeu-o bondosamente. No pobre interior,  
 junto ao fogo, estava um velho todo curvado, muito surdo, que o cumprimentou

GBQ 2

[fól. 1v]

- 30 exigencia de meu pae, viver com todos os meus, mas, ainda assim, não [troco]  
 por elles o meu velho amante e essa rude pobreza que o senhor testemunha."  
 Concluida a historia as senhoras divergiram sobre esta felicidade. Umam achava-  
 ram-na banal, outras riam-se da <↑abnegação> da velhinha e ainda outras,  
 caladas, impressionadas, fixavam os olhos nas rochas da Corsega que ia desapa-  
 recendo lentamente do horizonte, so[h] um grande manto de nevas roxas, a  
 cor das saudades e das [esperanças] mortas.

- Ahi tens, meu bagory do sertão, a historia da felicidade do amor. É a dedi-  
 cação eterna e obscura. Quem ama não precisa de testemunhas, não necessita do  
 mundo. E isto é vulgar? Oh! é raro, é rarissimo. Eu não sei si é devido ao  
 meu egoismo, egoismo causado pela tristeza do meu infeliz nascimento, pelo iso-  
 lamento em que passei os meus primeiros tempos da minha infancia, que possuo nesta  
 questão de amor um ideal irrealizavel. Talvez seja. Mas o certo é que julgo-me  
 <↑um dos> unicos homens que sabem amar. E, agora, que aqui estou em terra estranha,  
 só, independente, senhor da minha vontade, e sem a menor respon[sabi]lidade  
 [ilegível]mos. [E], as vezes, é tão tarde...
- 45 Eu li, ha pouco tempo, um conto de Guy de Maupassant sobre a felicidade  
 do amor. Escuta, que eu o resumirei; escuta <↑o> que é uma lição: Em um das raris-  
 simas manhãs de verão em que, pela limpidez do ceu, o vulto rochoso da Corsega  
 apparece aos olhos dos moradores de uma parte do sul da França, achavam-se  
 numa praia de banhos, um grupo de senhoras e um rapaz que muito viajara.
- 50 Admiradas as senhoras de <↑verem>, ao longe, desenharem-se a rocha dessa ilha quasi  
 italiana pela sua posição geographica mas franceza pelo coração de seu povo, en-  
 tretiveram calorosa palestra sobre esse phenomeno e, ali palavra á palavra, ca-  
 hiram em discussão sobre os habitos dos habitantes, d'aquella ilha. O moço via-  
 jado tomou, então, a palavra e contou a seguinte e tocante historia, que eu resu-  
 mo: "Viajando pela Corsega fui bater á porta de uma choupana para pedir  
 agasalho. Era noite. Mal acabara de dar signal de sua presença, a porta abriu-  
 se e uma sympathica velhinha recebeu-o bondosamente. No pobre interior,  
 junto ao fogo, estava um velho todo curvado, muito surdo, que o cumprimentou  
 <GD cf 2>

e, como não podia conversar, continuou a [ch]chilar diante do brazeiro. Foi a velhinha  
 quem fez, portanto, as honras á visita. Perguntou ella, ao recém-chegado, donde era filho  
 De França, do povoado de xxx, na provincia de xxx. Respondeu-lhe o moço.  
 Um sorriso triste e saudoso dilata[ou] lábios da velhinha e uma lagrima bri-  
 lhou nos seus embaciados olhos. Perguntou-lhe o moço se conhecia alguém naquella  
 provincia. Ella disse que sim, deu-lhe um nome de familia e disse que eram  
 seus parentes.  
 — E o seu nome?  
 Chamo-me Bertha, meu senhor, e sou filha do general G.  
 Mas, Bertha, a filha do general G. ~~estagnou~~ o moço — desapareceu ha qua-  
 renta e tantos annos da casa de seus paes. É o que ouvi contar na minha infan-  
 cia.  
 — Exactamente, meu filho, sou contes como isto foi. Eu era moça, formosa, rica e ins-  
 truida. Meu pae desejava casar-me com um parente nosso, muito rico e fidalgo, e  
 eu, como a minha mãe tinha escolhido a sua fôrça official de hussardo, e  
 a verdade mia é a que perseguirá nestas linhas. De dia a dia o coração meu soffria por  
 te sentir distante, e a alma mia chorava por não ter-te ao lado. Envelheço ~~rapidamente~~  
 e envelheço como um condenado cuja consciencia não dorme. Imagina que me acho  
 tão disfigurado que, aqui no hotel, dizem-me, ha dias, 30 annos de idade! E não  
 sorria, fallo sério. Bem sei que em parte concorreram para essa prematura velhi-  
 ce, os desgostos, innumerados que foram! soffridos na minha propria terra, mas teve  
 ella força maior nas saudades que me angustiam, na duvida que rastejando morde  
 -me o espirito, ~~no~~ <sup>nesses</sup> apartamento impremeditado em que me vejo. Comprehendes a  
 minha situação? Si me acreditas, debes comprehendel-a; e, creias, que o unico dia  
 de felicidade que nessa terra poderia ter será aquelle em que chegar ás nossas mãos  
 o dinheiro para a passagem de volta. Viajar sem os que nos são [charros]  
 serve apenas para os espiritos chárros, para os desgraçados que nunca comprehen-  
 deram o amor, a <sup>poesia</sup> ~~poesia~~ do coração. Tenho visto aqui mesmo, no hotel em que  
 estou, muitos homens casados que viajam sós e passam alegres, como si o meno[r]  
 vislumbre de saudades <sup>me</sup> ~~toldassem~~ <sup>me</sup> ~~almas~~ <sup>me</sup> ~~quando a mim, sólo-me, sinto-me~~  
 <GD cf 2>

[fól. 2r]

- 60 e, como não podia conversar, continuou a [ch]chilar diante do brazeiro. Foi a velhinha quem fez, portanto, as honras á visita. Perguntou ella, ao recém-chegado, donde era filho De França, do povoado de xxx, na provincia de xxx. Respondeu-lhe o moço. Um sorriso triste e saudoso dilata[ou] lábios da velhinha e uma lagrima brilhou nos seus embaciados olhos. Perguntou-lhe o moço se conhecia alguém naquella
- 65 provincia. Ella disse que sim, deu-[l]he um nome de familia e disse que eram seus parentes.  
 — E o seu nome?  
 — chamo-me Bertha, meu senhor, e sou filha do General G.  
 — Mas, Bertha, a filha do General G. — retorquiu o moço — desapareceu ha qua-  
 renta e tantos anos da casa de seus paes. É o que ouvi contar na minha infancia.
- 70 — Exactamente, meu filho, vou contar como isto foi. Eu era moça, formosa, rica e ins-  
 truida. Meu pae desejava casar-me com um parente nosso, muito rico e fidalgo com[ou]  
 nós, mas o [m]eu coração tinha escolhido um jovem official de hussardo<sup>90</sup>, o que não  
 verdade mia é a que perceberás nestas linhas. De dia a dia o coração mais soffre por  
 te sentir distante, a alma mais chora por não ter te ao lado. Envelheço [ra]pidamen-  
 te; envelheço como um condenado cuja consciencia não dorme. Imagina que me acho  
 75 tão disfigurado que, aqui no hotel, deram-me, ha dias, 30 annos de idade! E não  
 não sorria, fallo sério. Bem sei que em parte concorreram para essa prematura velhi-  
 ce, os desgostos, innumerados que foram! soffridos na minha propria terra, mas teve  
 ella força maior nas saudades que me angustiam, na duvida que rastejando morde  
 80 -me o espirito, ~~no~~ <sup>nesses</sup> apartamento impremeditado em que me vejo. Comprehendes a  
 minha situação? Si me acreditas, debes comprehendel-a; e, creias, que o unico dia  
 de felicidade que nessa terra poderia ter será aquelle em que chegar ás nossas mãos  
 o dinheiro para a passagem de volta. Viajar sem os que nos são [charros]  
 85 serve apenas para os espiritos chárros, para os desgraçados que nunca comprehen-  
 deram o amor, a <sup>poesia</sup> ~~poesia~~ do coração. Tenho visto aqui mesmo, no hotel em que  
 estou, muitos homens casados que viajam sós e passam alegres, como si o meno[r]  
 vislumbre de saudades <sup>me</sup> ~~toldassem~~ <sup>me</sup> ~~almas~~ <sup>me</sup> ~~quando a mim, sólo-me, sinto-me~~  
 <GD cf 2>

<sup>90</sup> Provavelmente, “hussard” (francês).

tão só, tão abandonado! E dizes me que á não sei quantas mil leguas maritimas  
 de distancia, possuo minha esposa, meu filho?! Que agonía!  
 E tu?... Esta interrogação é a do meu espirito. E tu?... Não posso du-  
 vidar da tua lealdade, da tua amabilidade, dos teus nobres sentimentos de mulher  
 honesta. Não posso nem devo. Mas, perdo-me, tenho tanta pratica do mundo,  
 vi e vejo tanta maldade, tanta ingratidão que...  
 É melhor não concluir. Nem [illegível] não é assim? E tu és um  
 anjo. Para mim sempre foste, se [illegível] mo [illegível] resignada, clemente e sancta.  
 Ao revêr a nossa existência de q[uatro] anos, agora que ella surge-me ni-  
 tida como um contorno d'estatua g[illegível] agora que eu a vejo com todo o amor e  
 cuidado, sinto remorsos por ter, ás v[ezes] esquecido a delicadeza, o carinho, a idola-  
 tria que te devia. Olha, si tod[os] [illegível] dessem encontrar uma esposa como tu és,  
 e soubessem ser dedicados, o mundo seria uma canção edylica, um mar sempre  
 azul e sempre quieto. Mas ai[nda] bem que a fortuna nos traz nem sempre  
 estimada. E quando o perdemos quando d'elle nos afastamo[s] [é que] o [se]  
 [illegível], temo ser te infiel, e vivo com a tua imagem como os martyres viviam  
 com a de Christo. Farás o mesmo? Aposto em como já me esqueceste. Fazes  
 bem. Acostumei-me as infelicidades e para que a obra do meu destino se-  
 ja completa falta me unicamente que a minha esposa me esqueça, is-  
 to é, que [rompa-se] o meu coração. Oh! o meu destino é cruel!  
 Ponhamos ponto aos delirios desta alma soffredora.  
 Saudades e abraços para Judith e tua mãe. Mil beijos no meu Oswaldo  
 e um ardente beijo nos teus labios... (mentirosos?) que te envia entre  
 saudades e amor o teu eterno amante  
 Luiz.

[fól. 2v]

tão só, tão abandonado! E dizes me que á não sei quantas mil leguas maritimas  
 de distancia, possuo minha esposa, meu filho?! Que agonía!

- 90 E tu?... esta interrogação é a [illegível] do meu espirito. E tu?... Não posso du-  
 vidar da tua lealdade, da tua ami[za]de, dos teus nobres sentimentos de mulher  
 honesta. Não posso nem devo. Mas, perdo-me, tenho tanta pratica do mundo,  
 vi e vejo tanta maldade, tant[illegível] [illegível]zes, tantas ingratições que...  
 95 É melhor não concluir. Nem [illegível] não é assim? E tu és um  
 anjo. Para mim sempre foste, se [illegível] mo [illegível] resignada, clemente e sancta.  
 Ao revêr a nossa existência de q[uatro] anos, agora que ella surge-me ni-  
 tida como um contorno d'estatua g[illegível] agora que eu a vejo com todo o amor e  
 cuidado, sinto remorsos por ter, ás v[ezes] esquecido a delicadeza, o carinho, a idola-  
 tria que te devia. Olha, si tod[os] [illegível] dessem encontrar uma esposa como tu és,  
 100 e soubessem ser dedicados, o mundo seria uma canção edylica, um mar sempre  
 azul e sempre quieto. Mas ai[nda] bem que a fortuna nos traz nem sempre  
 estimada. E quando o perdemos quando d'elle nos afastamo[s] [é que] o [se]  
 [illegível], temo ser te infiel, e vivo com a tua imagem como os martyres viviam  
 com a de Christo. Farás o mesmo? Aposto em como já me esqueceste. Fazes  
 105 bem. Acostumei-me as infelicidades e para que a obra do meu destino se-  
 ja completa falta me unicamente que a minha esposa me esqueça, is-  
 to é, que [rompa-se] o meu coração. Oh! o meu destino é cruel.

Ponhamos ponto aos delirios desta alma soffredora.

- 110 Saudades e abraços para Judith e tua mãe. Mil beijos no meu Oswaldo  
 e um ardente beijo nos teus labios... (mentirosos?) que te envia entre  
 saudades e amor o teu eterno amante.

Luiz.

&lt;GD cf 2&gt;

## Considerações finais

Nesta Dissertação, trazemos à cena a personalidade de GD (o GD noivo/marido, genro/cunhado e amigo), captada através da conservadora edição fac-similar e semidiplomática de suas cartas pessoais, o que nos permitiu a descrição panorâmica de alguns de seus traços paleográficos.

Alcançamos os objetivos aos quais nos propusemos não só em relação à edição fac-similar e semidiplomática de vinte e seis cartas pessoais de GD (SPINA, 1977), cf. apresentamos no capítulo 4 desta Dissertação, mas também no que se refere à descrição, no capítulo 3, de alguns dos traços paleográficos (*morfologia das letras, ângulo, ductus, módulo e peso*), à luz de Núñez Contreras (1994). Este trabalho dissertativo está assegurado e apoiado na Teoria da sociolinguística histórica consubstanciado também nas questões da *autoria, autenticidade e validade social e histórica* à luz de Hernández-Campoy & Schilling (2012) para o levantamento e a discussão da relevância das cartas pessoais de GD como genuínas fontes do PB escrito dos séculos XIX e XX, cf. capítulo 2. Em relação ao trabalho de edição das cartas (capítulo 4), optamos pela fac-similar e semidiplomática (SPINA 1977), comprometendo-nos por trazê-las conservadoramente à comunidade acadêmica (Capítulo 2, item 2.2), como já observado por Santos & Rumeu (2019), Rumeu & Souza (2019) e Rumeu (2013) em distintas e diversificadas amostras do PB oitocentista e novecentista.

Certificamo-nos de que as cartas autógrafas pessoais em análise são autógrafas, ainda que tenhamos evidenciado letras cujas formas são alógrafas (capítulo 3, item 3.1), o que especializa o punho de GD em relação à *autoria* das cartas. No que diz respeito à análise dos traços paleográficos das missivas de GD, chamou-nos atenção a destreza do redator, ao assumir distintas formas de assinar as suas cartas, dependendo de quem fosse o seu destinatário (se sua noiva/esposa, se um familiar ou se um amigo). Já no que se refere à *autenticidade* da amostra, observamos o PB escrito em sua expressão vernacular e variável a partir dos seguintes traços linguísticos: (a) o uso da ênclise em contexto prescritivo de próclise, (b) a não concordância verbal, (c) a variação entre formas de *tu* e *você* e (d) a alternância entre futuro simples e futuro perifrástico (ir + infinitivo). A *validade social e histórica* das cartas pessoais de GD está também consubstanciada no fato de nos ter sido possível o levantamento da história de vida do redator, o que nos permitiu caracterizá-lo, no capítulo 1, a partir da análise dos seus perfis social e

profissional (itens 1.1 e 1.2), como um brasileiro (carioca) escolarizado que, apesar de não ter concluído o ensino superior, manteve-se em intenso contato com os modelos de língua escrita através das suas atividades profissionais como jornalista, crítico de artes plásticas, ficcionista, escritor, abolicionista, cf. Fonseca (2015, p. 34-46; 118). Por fim, a metodologia empregada permite entender que as vinte e seis cartas aqui editadas, sendo vinte e duas oitocentistas e quatro novecentistas, podem impulsionar futuras análises acerca de diversificados fatos variáveis do PB escrito entre os anos de 1884 e 1909.

Gonzaga Duque nos surpreende cada vez mais com a sua singular habilidade de lidar com a pena.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, UFPE, Editora Universitária; 1994.

AGUILAR, R. C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indianos del siglo XVI. OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (Ed.) *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Tübingen: Narr., 1998. p. 219-242.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2ª ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5v.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757.

BLUTEAU, R. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Oficina Simão Thaddeo Ferreira. 1789. Tomos I e II.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012 [1982]. [Edição do Kindle]

CUNHA, C. A. *Questão da Norma culta*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

DIAS, E. Correspondências entre Joachim Le Breton e a corte portuguesa na Europa. O nascimento da Missão Artística de 1816. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: v. 14, n. 2. p. 301-313 jul.- dez. 2006.

ELSPASS, S. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.

ESPINDOLA, A. F. Memória e Documento: o diário de Gonzaga Duque. *Crítica Cultural (Critie)*, Palhoça, SC, v. 7, n. 1, p. 83-95, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.19177/rcc.v7e1201283-95> Acesso em: 29 mar. 2022.

ESPINDOLA, A. F. *Gonzaga Duque – Vida na Arte: uma concepção artístico-filosófica*. (Tese de Doutorado), Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2009.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. (Orgs.) *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*. Coimbra: Almedina, 2008.

FONSECA, B. O. *Gonzaga Duque e Revoluções Brasileiras: um olhar para a História do Brasil*. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GILISSEN, L. L. Exepertise des écritures médiévales. *Recherche d'une méthode avec application a un manuscrit du siècle: le lectionnaire de Lobbes*, codex Bruxelensis 18018, Gand, Ed. Scientifiques Story-Scientia, 1973.

GONÇALVES, C. D. Gonzaga Duque e a fotografia. *Resgate*. Campinas: Vol. XVIII, Nº. 19 - jan./jul. 2010. p. 87-103. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645680> Acesso em: 29 mar. 2022.

GONZAGA DUQUE, L. *Horto de mágoas: contos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996 [1914].

GUIMARÃES, J. C.; LINS, V. L. *Outras impressões: crônicas, ficção, crítica, correspondência, 1882-1910*. Rio de Janeiro: Editora Faperj/Contracapa, 2011.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. (2012). The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford, Wiley-Blackwell, p. 63-79.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

IANNONE, C. A. A Vida de Gonzaga Duque. In: DUQUE, G. *Mocidade Morta*. São Paulo: Editora Três, 1973.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*, Volume I: Internal Factors, Blackwell, Oxford, 1994.

LIMA, A. X.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. Experiências metodológicas em constituição de corpora: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *História do português brasileiro: corpus diacrônicos do português brasileiro*. 1ªed. São Paulo: Contexto, 2019, v. 2, p. 68-91.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, C. R. S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ. 2005. p. 45-66.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. A identificação dos perfis socioculturais dos redatores de *corpora* históricos: encaminhamentos metodológicos. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20 - Especial, p. 147-168, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23272> Acesso em: 14 abr. 2023.

MARCOTULIO, L. L.; LOPES, C. R. S.; BASTOS, M. J. M.; OLIVEIRA, T. L. *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: Method and Interpretation*, Blackwell, Oxford. 2003.

MURICY, A. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, vol. 1. São Paulo: Perspectiva, 1987.

NUÑEZ CONTRERAS, L. *Manual de paleografia: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Cátedra; 1994.

OLIVEIRA, J. M.; OLINDA, S. R. M. A trajetória do futuro perifrástico na Língua Portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 7, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/992>. Acesso em: 14 abr. 2023.

OLIVEIRA, J. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ORNATO, E. Statistique et paléographie: peut-on utiliser le rapport modulaire dans l'expertise des écritures médiévales? *Scriptorium*, Tome 29 n° 2, 1975. pp.198-234

PAREDES SILVA, V. L. P. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PESSANHA, E. D. F. *Gonzaga Duque: um flâneur brasileiro*. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PETRUCCI, A. *Lezioni di storia della scrittura latina. Corso Istituzionale di Paleografia*. Roma: Università di Roma, 1985.

ROCHA, C. A. M.; ROCHA, C. E. P. M. *Dicionário de locuções e expressões em língua portuguesa*. Edição do Kindle. 2012.

ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [1982].

RUMEU, M. C. B.; SOUZA, A. L. P.; SOUSA, E. Q.; ALCANTARA, I. R.; MARTINS, G. V.; DINIZ, J. S.; SANTOS, M. A.; SILVA, N. F.; ALVES, N. G.; CARDOSO, N. D.; FIGUEIREDO, R. Amostras históricas do português escrito nos séculos XIX e XX: orientações metodológicas. *LaborHistórico*. Rio de Janeiro, v. 5 (Especial, 2): pp. 329-363, jul. – dez 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.24452> Acesso em: 14 abr. 2023.

RUMEU, M. C. B.; SOUZA, A. L. P. Um testemunho da produção escrita brasileira no século XIX (1858): a validade social e histórica das cartas familiares destinadas ao Barão de Cocais. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 5 (Especial, 2): 363- 380, jul. | dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.29799> Acesso em: 29 mar. 2022.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Itaca/FAPERJ, 2013.

SANTOS, M. A.; RUMEU, M. C. B. Traços paleográficos de receitas culinárias novecentistas: uma análise no âmbito da Crítica Textual. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 81-97, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v21i1p81-97> Acesso em: 14 abr. 2023.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1977.

VERMEERSCH, P. F. *Notas de um estudo sobre A Arte Brasileira, de Gonzaga Duque*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.